

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**A DINÂMICA DA VIOLÊNCIA CRIMINAL NO ESPAÇO  
URBANO DE SANTA MARIA-RS**

**ELIANE MELARA**

**ORIENTADOR: PROF. DR. OSCAR ALFREDO SOBARZO MIÑO**

**PORTO ALEGRE, ABRIL DE 2008**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A DINÂMICA DA VIOLÊNCIA CRIMINAL NO ESPAÇO  
URBANO DE SANTA MARIA-RS**

**ELIANE MELARA**

**Orientador: Prof. Dr. Oscar Alfredo Sobarzo Miño**

**Banca Examinadora:**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Encarnação Beltrão Sposito (PPG em Geografia/UNESP)**

**Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich (PPG em Geografia/UFRGS)**

**Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares (PPG em Geografia/UFRGS)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia como requisito para obtenção do Título de Mestre em Geografia.

**Porto Alegre, Abril de 2008**

Melara, Eliane

A dinâmica da violência criminal no espaço urbano de Santa Maria-RS / Eliane Melara - Porto Alegre : UFRGS/PPGEA, 2008.

[181 f.] il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS - BR, 2008.

1. Geografia. 2. Violência. 3. Criminalidade. 4. Organização do Espaço Urbano. 5. Santa Maria-RS. I. Título.

---

Catálogo na Publicação  
Biblioteca Geociências - UFRGS  
Renata Cristina Grun CRB10/1113



*Dedico este trabalho em memória da minha professora Vanda Ueda pelo apoio, pela confiança que depositou em mim, e pelo carinho com que me recebeu na Pós-graduação. Agradeço por você ter feito parte da minha vida, pela orientação e amor que me dedicou durante as orientações no mestrado e também durante as conversas amistosas... com certeza você estará sempre comigo, nos meus pensamentos e no meu coração...*

## Agradecimentos

---

*Tenho muito a agradecer... muitas pessoas fizeram parte desta difícil e satisfatória caminhada...*

*Primeiramente tenho que agradecer a uma pessoa muito especial, minha querida professora Vanda Ueda, que apesar de não estar mais entre nós, deixou saudades e muitas ações a serem seguidas...*

*Agradeço ao meu orientador que me ajudou muito na elaboração deste trabalho, as críticas e sugestões foram imprescindíveis para a construção do mesmo...*

*Meus pais, João e Zelinda Melara merecem todo reconhecimento pelo constante apoio, carinho e tolerância que me é dedicado deste o primeiro dia da minha vida...*

*Minha querida irmã e meu querido cunhado, Adriane Melara e Fabio Soares Pires, por estarem sempre presentes, ajudando nas tarefas da dissertação e alegrando minha vida...*

*Ao meu namorado, Vinicius Félix e toda sua família, principalmente minha querida sogra, Luci Félix, os quais me proporcionam os melhores momentos nesta árdua e feliz caminhada... Vini... te amo!*

*Meus amigos (as) Circe Dietz, Ângela Klein, Antônio José Bertuzzi, Jodival Maurício da Costa, Gutemberg Vilhena Silva, Luciléia Gilles, Mauricio Scherer, Nola Gamalho, Gracieli Trentin, Maria Medianeira dos Santos, Eléia Righi, Virgínia Mota, Rodrigo Aguiar, Eliane Tibola, Fernando Erthal, Zélia Zagheto, Waldomiro da Silva Olivo... os quais estiveram presentes em muitos momentos nestes dois últimos anos, cada qual teve sua importância, seja nos momentos de lazer, nas conversas sobre a dissertação, nas discussões acadêmicas, nas alegrias, nos momentos tristes, nas caminhadas, nos almoços, nos trabalhos de campo, nas fofocas, nas festas...*

*Minha madrinha e esposo, Rosa Melara e Vagner, os quais sempre me deram o maior apoio para seguir os caminhos da academia...*

*Agradeço a todos os professores que, de alguma forma, contribuíram para minha formação profissional...*

*Agradeço ao Programa de Pós-graduação da UFRGS por ter apostado nas minhas qualidades enquanto pós-graduanda, e, espero ter atingido os objetivos esperados...*

*Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro indispensável para a realização das atividades desenvolvidas no decorrer da pesquisa...*

*Agradeço a todos que de alguma forma estiveram ou estão relacionados com a minha vida.... àqueles que me ajudaram e que gostam de mim...*

*“Hipocrisia ou ingenuidade acreditar que a lei é feita para todo mundo em nome de todo mundo; que é mais prudente reconhecer que ela é feita por alguns e se aplica a outros; que em princípio ela abriga a todos os cidadãos, mas se dirige principalmente às classes mais numerosas e menos esclarecidas que, ao contrário do que acontece com as leis políticas ou civis, sua aplicação não se refere a todos da mesma forma; que nos tribunais não é a sociedade inteira que julga um de seus membros, mas uma categoria social encarregada da ordem sanciona outra fadada à desordem.”*

*Michel Foucault*

## **Resumo**

---

Propôs-se nesta pesquisa trabalhar a temática da violência, delimitando como objeto de estudo a violência criminal no espaço urbano. A pesquisa tem como objetivo analisar geograficamente a dinâmica da violência criminal no espaço urbano de Santa Maria-RS, por meio da espacialização dos dados criminais, considerando a organização sócio-espacial da cidade. Desse modo, realizou-se um mapeamento de crimes por bairro, constatando que a zona central, a zona norte e a zona oeste apresentaram as maiores taxas de criminalidade. Na contextualização desta pesquisa analisou-se que a violência “visível” pode influenciar o modo de vida das pessoas e a organização do espaço urbano, assim como o medo da violência faz com que muitas pessoas modifiquem seus hábitos. Em Santa Maria, verifica-se que a organização do espaço urbano de forma segregada, em certos casos, pode exercer influência no processo da criminalidade. Além disso, constatou-se que a visibilidade da violência é mais notória sobre as pessoas de baixo poder aquisitivo, sendo menos perceptível entre a população maior renda. Contudo, tem-se a clareza de que a prática de crimes pode estar vinculada a qualquer estrato social.

### **Palavras-chave:**

Violência – Criminalidade – Organização do Espaço Urbano

**Abstract**

---

The object of this research is to work with the violence issue, bounding as the study object the urban space violence. The research has the objective of analyze geographically the dynamics of criminal violence in the urban space of Santa Maria RS, by means of the spacial treatment of the related considering the social-space of this city. In such way we have traced the criminal cartographic distribution on every neighborhood which came into the conclusion that the central zone, the north zone and the west zone presented the highest rates of crimes. In this context, we have seen that the “visual” violence can interfere in the people lifestyle and urban space organization, in such a way that violence leads people to change their habits. In Santa Maria we saw that the organization of the urban space is done in a segregational way, and some cases can even influence the criminality. We also have determined that the violence is more often related to the poor people, being less related to the rich. We also checked that criminal act can be related to any social class.

**Key words:**

Violence – criminality - urban space organization



**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Localização da área urbana do município de Santa Maria-RS	18
Figura 2: Foto da área urbana do município de Santa Maria-RS	19
Figura 3: Divisão dos bairros da cidade de Santa Maria	20
Figura 4: Organograma representando os procedimentos metodológicos utilizados para realização da pesquisa	23
Figura 5: Gráfico representando o número de homicídios entre 2000 e 2005	50
Figura 6: Gráfico representando o número de lesões corporais entre 2000 e 2005	51
Figura 7: Distribuição da população por bairro da cidade de Santa Maria	64
Figura 8: Áreas de ocupação clandestina	67
Figura 9: Distribuição por bairro dos responsáveis pelo domicílio que apresentam uma renda mensal superior a 15 salários mínimos	69
Figura 10: Distribuição por bairro dos responsáveis pelo domicílio que apresentam uma renda mensal inferior a 2 salários mínimos	70
Figura 11: Distribuição por bairro dos responsáveis pelo domicílio que apresentam mais de 15 anos de estudo	74
Figura 12: Distribuição por bairro dos responsáveis pelo domicílio que apresentam menos de 3 anos de estudo	75
Figura 13: Distribuição por bairro dos domicílios ligados à rede geral de esgotos	78
Figura 14: Distribuição por bairro dos domicílios que não estão ligados à rede geral de esgoto	79
Figura 15: Distribuição por bairro dos domicílios que possuem mais de 4 banheiros	81
Figura 16: Distribuição por bairro dos domicílios que não possuem banheiro	82
Figura 17: Quantidade de ocorrências criminais registradas nos anos de 1998 e 2003	86

Figura 18: Distribuição por bairro do número total de ocorrências criminais registradas no ano de 2003	87
Figura 19: Distribuição dos moradores por bairro que possuem menos de 29 anos	90
Figura 20: Distribuição por bairro do número de ocorrências vinculadas ao tráfico e consumo de entorpecentes	93
Figura 21: Distribuição por bairro dos responsáveis pelo domicílio que não possuem rendimento mensal	96
Figura 22: Organização do tráfico de drogas no Brasil e suas conexões com o exterior (SOUZA, 1996).	98
Figura 23: Organização do tráfico de drogas em Santa Maria	100
Figura 24: Distribuição por bairro das ocorrências vinculadas ao número de furtos simples	105
Figura 25: Distribuição por bairro das ocorrências vinculadas ao número de furto qualificado	107
Figura 26: Distribuição por bairro das ocorrências vinculadas ao número de roubos	110
Figura 27: Distribuição por bairro das ocorrências vinculadas ao número de agressões	116
Figura 28: Distribuição por bairro da densidade de moradores por domicílio	118
Figura 29: Distribuição por bairro das ocorrências vinculadas ao número de homicídios	122
Figura 30: Distribuição por bairro dos presos albergados, de acordo com o bairro de origem	126
Figura 31: Gráfico representando o total de crimes cometidos pelos presos albergados	129
Figura 32: Gráfico representando o total de crimes cometidos pelos presos albergados provenientes do bairro Salgado Filho e do bairro Nova Santa Marta	130
Figura 33: Localização dos bairros Juscelino Kubitschek e Nova Santa Marta na cidade de Santa Maria	137
Figura 34: Foto da Vila Rigão – pavimentação precária e falta de bueiros	138
Figura 35: Foto da Vila Prado – pavimentação precária e falta de bueiros	139

Figura 36: Foto da Vila Jokey Club – pavimentação precária	139
Figura 37: Foto da Vila Cohab Santa Marta – infra-estrutura urbana satisfatória	140
Figura 38: Foto do Colégio Marista, na Vila Pôr-do-Sol	146
Figura 39: Foto da Vila Sete de Dezembro – ruas encontram-se pavimentadas	146
Figura 40: Foto da Vila Alto da Boa Vista – precárias condições de infra-estrutura urbana	147
Figura 41: Foto da Vila Marista I – precárias condições de infra-estrutura urbana	147
Figura 42: Organograma representando uma síntese da disposição da criminalidade na cidade de Santa Maria	157

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de homicídios, lesões corporais, roubos e furtos a cada 100 mil habitantes	52
Tabela 2: População rural e urbana de Santa Maria	60
Tabela 3: Número de habitantes por bairro	63
Tabela 4: Número de Ocupações Clandestinas por Bairro	65
Tabela 5: Situação do escoamento de esgoto em relação ao total de domicílio de cada bairro	77
Tabela 6: Distribuição dos óbitos por causas externas no grupo de 20 a 29 anos segundo algumas causas – 2005 (%)	89
Tabela 7: Número de ocorrências vinculadas ao tráfico e consumo de entorpecentes	92
Tabela 8: Distribuição de óbitos por causas externas (2005)	117
Tabela 9: Número de homicídios a cada 100 mil habitantes das capitais do Brasil	120
Tabela 10: Número de presos por bairro	125
Tabela 11: Idade e nível de instrução dos presos albergados	132
Tabela 12: Cidades beneficiadas pelo PAC	148
Tabela 13: Características que representam situação de risco pessoal e social da criança e do adolescente	156

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Locais beneficiados pelo PAC em Santa Maria	66
-------------------------------------------------------	----

---

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>1. VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE</b>	<b>25</b>
1.1. Definição	25
1.2. Fonte de dados	32
1.3. O Mito da Marginalidade	34
1.4. As Prisões	38
<b>2. VIOLÊNCIA CRIMINAL NO ESPAÇO URBANO</b>	<b>43</b>
2.1. A Influência da Violência na Organização do Espaço Urbano	43
2.2. O Tráfico de Drogas no Espaço urbano	53
<b>3. O ESPAÇO URBANO DE SANTA MARIA, CARCATERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS E DE INFRA-ESTRUTURA URBANA</b>	<b>59</b>
<b>4. ANÁLISE DA VIOLÊNCIA CRIMINAL NO ESPAÇO URBANO DE SANTA MARIA.</b>	<b>84</b>
4.1. Tráfico e Consumo de Entorpecentes	89
4.2. Análise das Ocorrências Criminais Contra o Patrimônio	99
4.2.1. Furto Simples	103
4.2.2. Furto Qualificado	106
4.2.3. Roubos	108
4.3. Análise das Ocorrências Criminais Contra a Pessoa	113
4.3.1. Agressões	114
4.3.2. Homicídios	117

4.4. Espacialização da Origem dos Presos de Santa Maria	124
5. A DINÂMICA DA CRIMINALIDADE NO BAIRRO JUSCELINO KUBITSCHEK E NO BAIRRO NOVA SANTA MARTA	136
5.1. O bairro Juscelino Kubitschek	138
5.2. O bairro Nova Santa Marta	143
6. SÍNTESE DA DINÂMICA CRIMINAL NO ESPAÇO URBANO DE SANTA MARIA	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS	168
BIBLIOGRAFIA	176

## INTRODUÇÃO

---

O interesse pela temática da *violência* teve início ainda na graduação quando foram realizadas algumas pesquisas no espaço urbano de Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS). Objetivava-se um estudo sobre a questão da infra-estrutura dos bairros da cidade, fazendo um levantamento de dados por vila através de trabalho de campo baseado em observações e entrevistas. Destinou-se para realização dessa pesquisa os bairros Camobi e Salgado Filho,<sup>1</sup> dois bairros bem diferenciados em relação às condições sócio-econômicas e de infra-estrutura.

Dentre os problemas levantados nos bairros, resumidamente pode-se dizer que o bairro Camobi, apesar de ser um bairro onde a maioria dos moradores apresentou um nível de renda alto, a maior problemática vinculou-se a destinação dos esgotos, já que o bairro ainda não está ligado à rede geral de esgotos da cidade, pois sua localização distante do centro dificulta esse serviço. No bairro Salgado Filho, embora existam muitos problemas de ordem infra-estrutural, principalmente nas áreas ocupadas irregularmente – um baixo grau de instrução e um baixo nível de renda –, a principal preocupação dos moradores não estava relacionada a essas questões. O tema mais comentado pelos moradores foi à problemática da violência no bairro. Segundo os entrevistados, roubos e agressões ocorriam freqüentemente no local.

Desse modo, adicionou-se às leituras que estavam direcionadas para temáticas ligadas ao espaço urbano e questões de infra-estrutura urbana, também bibliografias sobre a violência. O estudo desta temática foi de tamanha significância que ao escrever o projeto para o mestrado optou-se por dar continuidade a esse trabalho de compreensão da violência, enfocando a sua incidência no espaço urbano. Como os estudos iniciaram na cidade de Santa Maria, elegeu-se este espaço para dar seqüência à pesquisa. Além disso, os estudos urbanos sobre violência na maioria dos casos destinam-se a cidades de grande porte, logo, a importância de estudar o tema numa cidade de porte médio, cuja dinâmica espacial da criminalidade, em teoria, pode se organizar de modo diferenciado.

---

<sup>1</sup> No decorrer deste trabalho observar-se-á a localização desses dois bairros.

A violência é um fenômeno que afeta a sociedade numa escala global. As grandes metrópoles do Brasil sofrem com essa problemática, entretanto as cidades médias também vêm apresentando significativos níveis de criminalidade.

Segundo Lederman & Loayza (1999), a violência está aumentando em muitos locais do mundo, com destaque para a América Latina, o Caribe e a África Subsaariana. Segundo os autores, existe uma crescente preocupação mundial com a elevada incidência criminal e comportamentos violentos. O interesse por essas questões é justificado pelo fato de que a desenfreada ocorrência de crimes e violências tem efeitos prejudiciais em relação às atividades econômicas e sobre a qualidade de vida de muitos cidadãos. Desta forma, a violência e o crime estão emergindo como prioridade nas políticas nacionais e nas agendas do mundo todo, embora ainda se conheça pouco sobre os fatores econômicos, sociais, institucionais e culturais, as quais são as causas, em alguns países, para maiores taxas de crimes, se comparadas com outros.

No Brasil, um dos fatores de transformação do espaço urbano pode ser representado pela dinâmica da violência criminal nas cidades. As classes mais abastadas da sociedade, em busca de conforto e segurança, buscam moradias mais seguras, localizadas em condomínios fechados.<sup>2</sup> Esse processo vem influenciando na reestruturação do espaço urbano, estimulando a problemática da segregação sócio-espacial. Nesse sentido, Dornelles (1992) expõe que nas cidades vem ocorrendo uma forma de segregação que pode ser comparada a um sistema de *apartheid* não assumido, em que a classe média-alta passa a viver em condomínios e ruas fechadas, sem contato com a realidade.

Fala-se também, que a violência é um argumento utilizado como desculpa para a proteção, quando se trata de justificar a edificação de elevados muros para proteger as pessoas pertencentes às classes de um patamar econômico mais elevado das patologias sociais. Estas patologias muitas vezes são associadas à população desfavorecida pelo meio social e econômico. Pode-se considerar que esta segregação imposta, não deixa de ser um ato de violência contra a sociedade, que não consegue reagir, ou simplesmente não quer pensar nos problemas sociais (BOISTEAU, 2005).

---

<sup>2</sup> Os agentes imobiliários, de certo modo, fazem uso do discurso da violência e do medo para “persuadir” as pessoas a comprar imóveis representados pelos condomínios fechados, utilizando-se, muitas vezes, de dados parcialmente verdadeiros para alcançar seus objetivos.



De acordo com Francisco Filho (2004, p. 27):

O espaço urbano se apresenta como algo complexo, campo onde as relações humanas se estabelecem e cristalizam nas suas formas e nas relações entre elas. É nesse espelhamento entre as ações e sua dinâmica no território que surge uma *geografia* do crime, em que cada ação de quebra da ordem e, conseqüentemente, de um ato de violação dos direitos do cidadão, adquire uma dinâmica e *personalidade* própria, estabelecendo um conjunto de ações que se interligam a outros fenômenos urbanos, interferindo e moldando a percepção que cada indivíduo passa a ter do espaço onde vive, estabelecendo novas texturas e morfologias no crescimento do *tecido urbano*, como conseqüência final de todo o processo.

Conforme Félix (1996), a dinâmica do crime pode ser um dos fatores de transformação e reorganização espacial, e, nesse contexto, infere-se a importância da Geografia para o estudo desta temática. Segundo Félix (1996, p.148):

[...] a Geografia do Crime não é a simples cartografia de áreas ou simples mapeamento da criminalidade. Ela tenta compreender o fenômeno de forma global, investigando a significância de todos os processos que levam ao crime, como os ambientais, os sócio-econômicos, políticos, culturais, etc. para chegar a percepção de áreas de ocorrência.

É nessa contextualização que se propõe trabalhar a temática – violência –, delimitando como objeto de estudo a violência criminal no espaço urbano de Santa Maria. A violência é um tema complexo que envolve uma multiplicidade de definições, contudo, nesta pesquisa dar-se-á um enfoque especial ao estudo da *violência criminal*.

Utilizou-se o termo *criminal* para caracterizar o tipo de violência que será enfocado neste trabalho, sendo que, a expressão *criminal* é derivada da palavra *crime*. Assim, será dada ênfase àqueles *crimes* que constam na Lei (Código Penal). Para a análise da *violência criminal* na cidade, recorreu-se aos dados vinculados principalmente às ocorrências criminais registradas no espaço urbano de Santa Maria, enfocando a sua espacialização nos bairros da cidade. Trata-se de estudar um tipo de violência, denominado neste trabalho como *violência criminal*, já que os crimes instituídos pelo Código Penal não deixam de representar uma modalidade de violência.

Apesar desse estudo estar preocupado com a identificação dos lugares de ocorrência dos crimes, sabe-se da importância de considerar, como colocado por Félix (1996), os processos sociais, econômicos, políticos, os conflitos de classe, as formas de percepção, etc. Nesse sentido, de acordo com Félix (1996), a Ciência Geográfica vem procurando contribuir para a análise da violência. Segundo essa autora:

[...] se a Geografia está ou não conseguindo explicar convenientemente as causas do crime aplicado, ainda é prematuro afirmar. O que parece importante é que ela está investindo tempo e energia na compreensão de tópicos muito explorados por várias ciências, especialmente Sociologia e Criminologia, mas abordados ainda timidamente pela Geografia – como avaliação das variáveis demográficas no estudo da gênese criminal (FÉLIX, 1996, p. 164).

Assim, a problemática desta pesquisa consiste no mapeamento da criminalidade no espaço urbano de Santa Maria, considerando, para a análise dessa espacialização, variáveis sociais, econômicas, de infra-estrutura urbana e questões de percepção. A análise da organização espacial da cidade e dos padrões espaciais da violência, associados a outras dimensões da qualidade de vida urbana, permite uma melhor compreensão do fenômeno.

Deve-se salientar que a organização social e espacial urbana também pode, de certa forma, influenciar na produção de violências. A segregação sócio-espacial e a exclusão social são fatores que podem contribuir para a ocorrência de alguns tipos de violência, como é o caso do tráfico de drogas, onde a pobreza torna-se funcional para o seu funcionamento.

Para a realização desta pesquisa definiu-se como área de estudo o espaço urbano de Santa Maria-RS (Figuras 1 e 2). A proposta vincula-se numa análise sobre a violência criminal nos bairros da cidade. De acordo com a Lei Municipal Nº 2770/86, de 02 de setembro de 1986, a cidade era composta por 24 bairros. Entretanto, no ano de 2006, com a implantação do novo Plano Diretor, de acordo com a Lei Complementar nº 042, de 29 de dezembro de 2006, o espaço da cidade foi dividido em oito Regiões Administrativas e 41 bairros. Optou-se por realizar este trabalho levando em consideração a divisão territorial de 1986, já que a maior parte dos dados pesquisados foram originados de um período temporal anterior ao ano de 2006 (Figura 3).

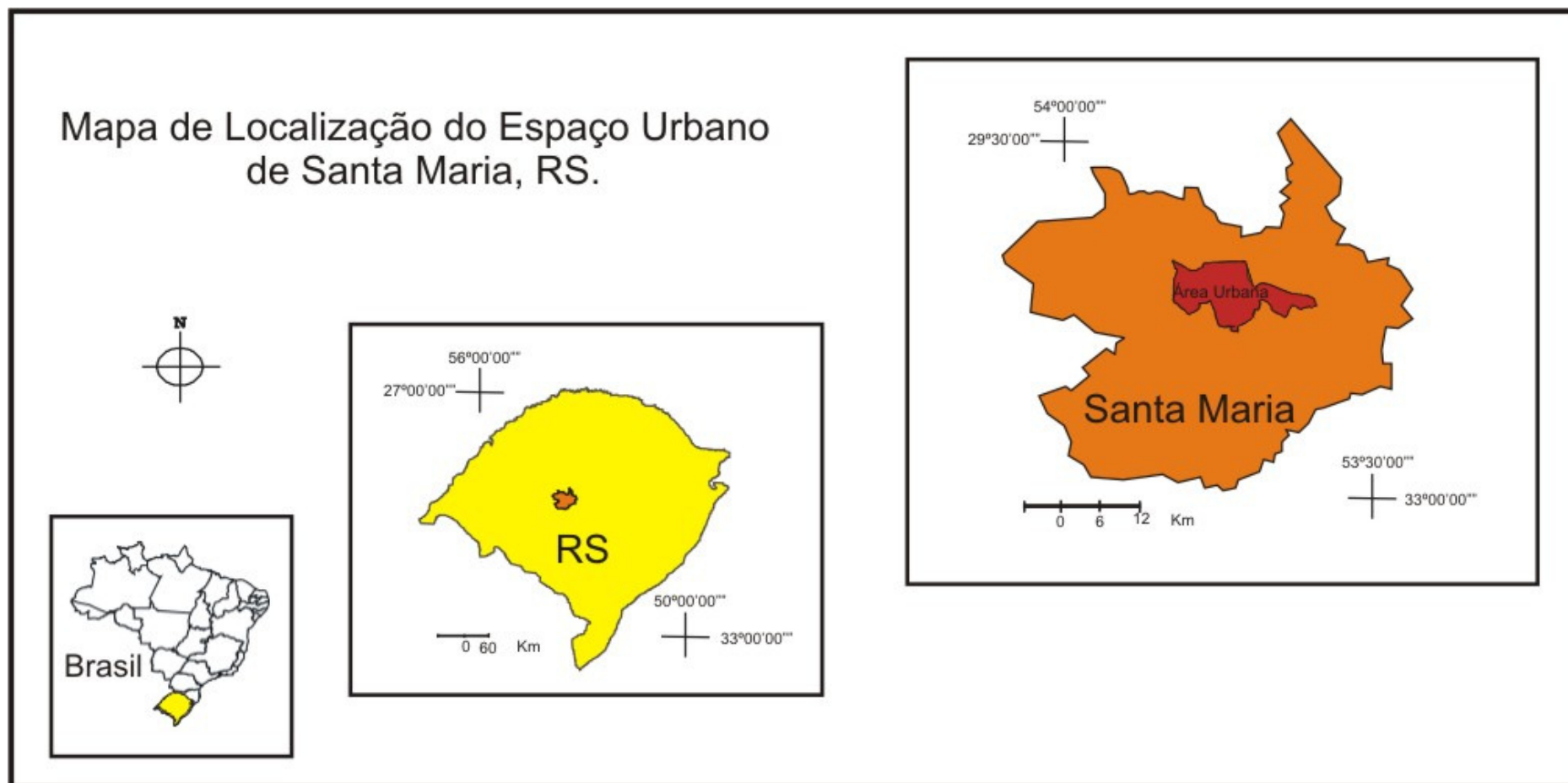


Figura 1: Localização da área urbana do município de Santa Maria-RS  
Org.: MELARA, E., 2008



Foto da Cidade de Santa Maria

Figura 2: Foto da área urbana do município de Santa Maria-RS  
Org.: MELARA, E., 2008

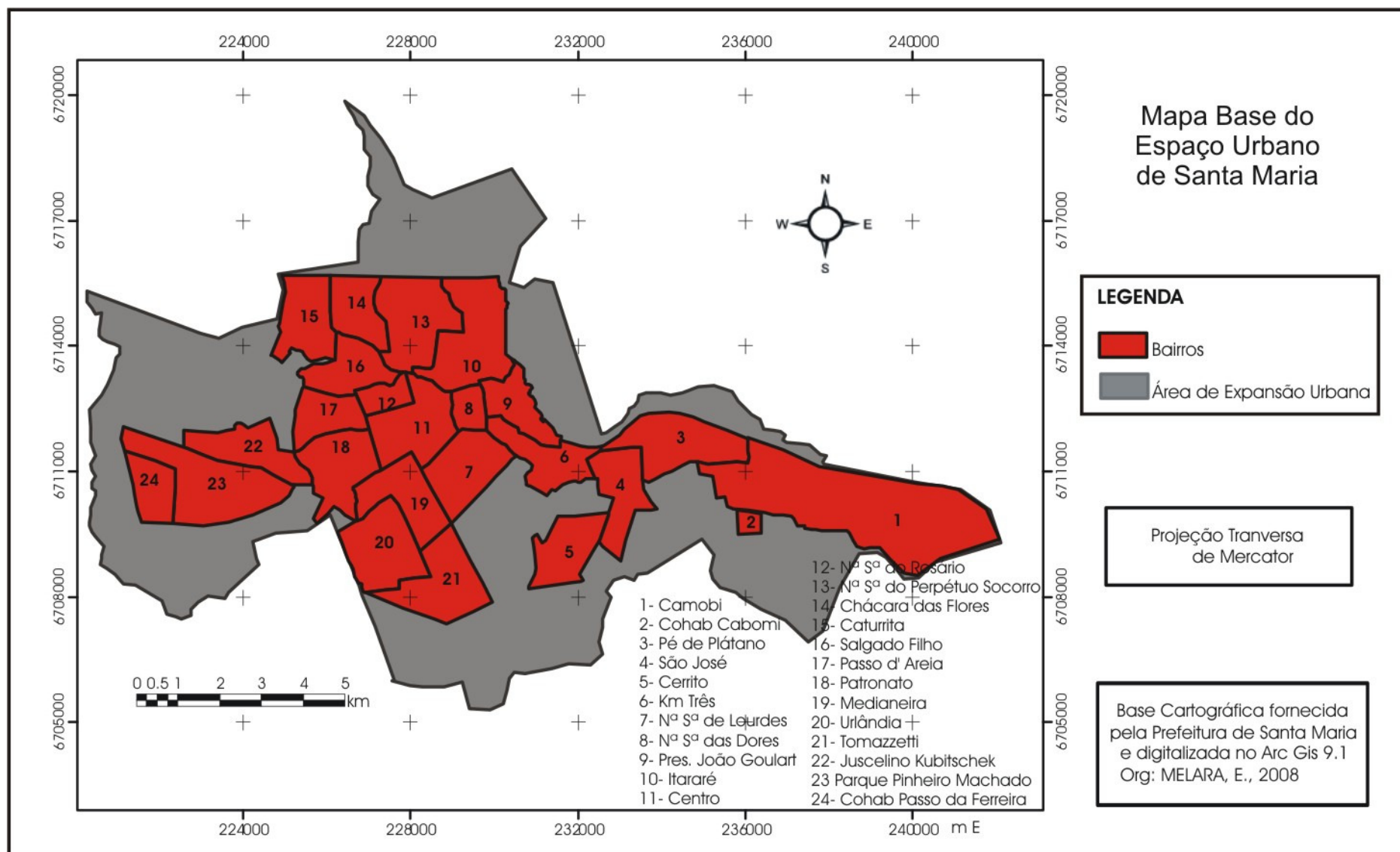


Figura 3: Divisão dos bairros da cidade de Santa Maria

A pesquisa tem como objetivo geral analisar a dinâmica da violência criminal no espaço urbano de Santa Maria-RS, através da espacialização dos dados criminais, considerando a organização espacial da cidade e suas características sociais, econômicas e de infra-estrutura urbana.

Especificamente objetiva-se:

- Caracterizar os bairros da cidade, considerando questões sociais, econômicas e de infra-estrutura.
- Espacializar os dados criminais no espaço urbano de Santa Maria.
- Analisar a dinâmica da criminalidade na cidade, considerando as características sócio-econômicas e de infra-estrutura urbana.

Para realizar este trabalho, foram utilizados os seguintes procedimentos teórico-metodológicos:

- Levantamento de um referencial bibliográfico da problemática em foco, trabalhando temáticas vinculadas à violência e à organização do espaço urbano.

- Levantamento de dados da Brigada Militar, relacionados à quantidade de crimes registrados nos anos de 1998 e 2003. Para a espacialização dos dados foram utilizadas as informações referentes ao ano de 2003. Destacaram-se para este estudo as seguintes modalidades de crimes, vinculados às ocorrências criminais (de acordo com o Código Penal, 1997 – ver Anexo):

a) Contra a pessoa:

- *Homicídio*
- *Lesão corporal (agressões)*

b) Contra o patrimônio

- *Furto simples e furto qualificado*
- *Roubo*

d) Tráfico e consumo de entorpecentes

Em relação a esses dados, é importante destacar a dificuldade de obtê-los. Na Delegacia Policial Regional de Santa Maria (3ª Região Policial) estariam registradas todas as ocorrências criminais da cidade, já que neste local são agrupados os dados das ocorrências criminais de todas as delegacias da cidade. A permissão para acessar os dados era destinada somente aos funcionários da delegacia referida, contudo, os mesmos não possuíam tempo disponível para realizar este levantamento, já que para ter acesso aos endereços das ocorrências, deveria ser

verificada, cada ocorrência no sistema computacional, o que demandaria muito tempo. Dessa forma, depois de uma visita à Brigada Militar, constatou-se que esta instituição possuía o registro das ocorrências por bairro do ano de 1998 até 2003. Eles tinham desenvolvido um programa para mapeamento da criminalidade na cidade, mas devido a problemas de investimentos governamentais, o trabalho não foi continuado após 2003.

Deve-se salientar que a Brigada Militar se dispôs a contribuir para a pesquisa, fornecendo todos os dados que possuíam. Dessa forma, utilizaram-se para o trabalho os dados de 2003, organizados pela Brigada Militar.

- Levantamento de dados fornecidos pela Delegacia Penitenciária Regional de Santa Maria em relação aos presos detidos no Albergue Estadual de Santa Maria.<sup>3</sup>

- Coleta de dados do Censo Demográfico do IBGE de 2000, sobre variáveis demográficas e sócio-econômicas: população, renda, instrução e questões de infraestrutura urbana.

- Elaboração de mapas, gráficos e tabelas, a fim de quantificar e espacializar as informações obtidas, utilizando-se de aplicativos como o Adobe Illustrator CS2, Corel Draw 11 e Arc Gis 9.1.

- Consulta às informações criminais nos principais jornais da cidade: Diário de Santa Maria e A Razão, verificando as reportagens mais importantes sobre a violência na cidade.<sup>4</sup>

- Realização de conversas informais com alguns delegados da cidade, agentes penitenciários e funcionários da Prefeitura Municipal: Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos, Secretaria de Assuntos de Segurança Pública, Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária e funcionários responsáveis pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

- Trabalhos de campo nos bairros Juscelino Kubitschek e Nova Santa Marta, com a realização de conversas informais junto aos moradores.

- Análises e sínteses das questões abordadas e redação dos diversos tópicos da dissertação.

---

<sup>3</sup> Os dados foram fornecidos pela Delegacia da Penitenciária Regional de Santa Maria, sendo dados atuais (maio de 2007), com o foco sobre o endereço dos presos, a fim de verificar de qual bairro o preso é proveniente. Os dados incluem cerca de 317 detentos, considerando também qual o crime cometido por cada um deles.

<sup>4</sup> Verificaram-se reportagens desde 1999 até 2007.

Na Figura 4, visualiza-se um esquema sistematizando os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa.

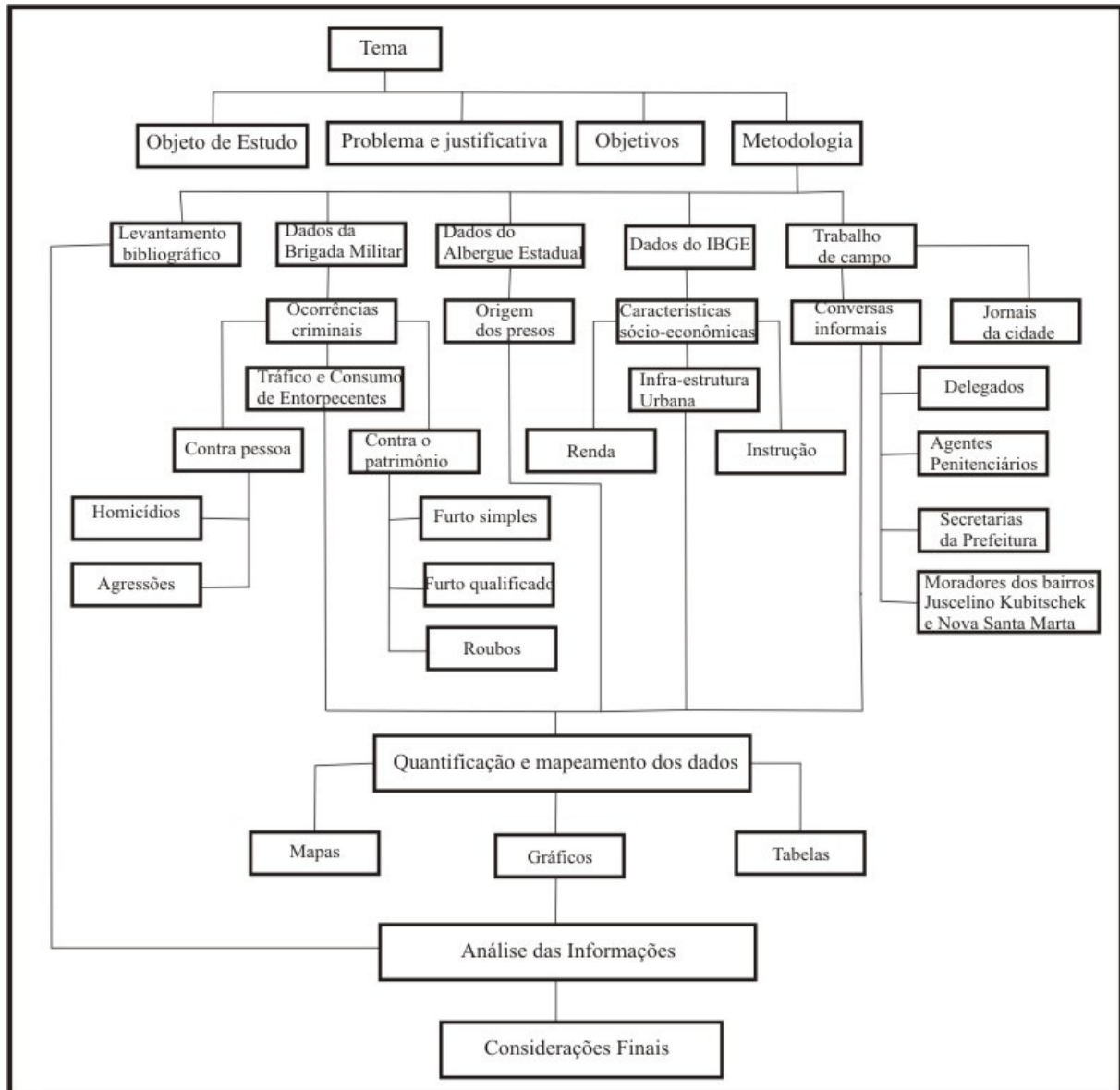


Figura 4: Organograma representando os procedimentos metodológicos utilizados para realização da pesquisa  
Org.: MELARA, E., 2008

A estruturação da dissertação organiza-se em seis capítulos. No primeiro trabalha-se a temática da violência sobre um prisma teórico, comentando questões de definição dos termos violência e criminalidade e sobre a tipologia criminal que ocorre no espaço. Também são abordadas as questões das fontes de dados criminais, relacionadas a ocultação ou distorções das informações. Estuda-se ainda



neste capítulo o assunto relacionado à violência e sua associação com a pobreza, as críticas de muitos teóricos sobre esta proposição, e, seguindo nesta perspectiva, o estudo é direcionado para a questão das prisões.

No segundo capítulo aborda-se sobre a influência da violência no espaço urbano, versando sobre a problemática da propagação do medo e da sensação de insegurança modificando os hábitos das pessoas e a organização do espaço urbano. Comenta-se também acerca da influência da organização espacial urbana no aumento ou na redução da criminalidade.

No terceiro capítulo realiza-se um estudo do espaço urbano de Santa Maria, analisando-se a organização espacial da cidade através da espacialização de informações vinculadas às questões sócio-econômicas e de infra-estrutura urbana.

No quarto capítulo é analisado a dinâmica criminal no espaço urbano de Santa Maria, através da espacialização dos dados criminais. Os dados foram mapeados considerando a divisão de bairros da cidade. Para a realização desta análise foi avaliada a caracterização sócio-espacial da cidade, identificando os tipos de crimes e as possíveis relações com variáveis sócio-econômicas.

O quinto capítulo é dedicado ao estudo dos bairros Juscelino Kubitschek e Nova Santa Marta, em consequência das altas taxas de criminalidade apresentadas e evidenciadas nas análises realizadas no decorrer da pesquisa.

O sexto capítulo apresenta uma síntese da dinâmica criminal na cidade de Santa Maria.

Por último, apresentam-se as considerações finais que sintetizam as análises realizadas durante a pesquisa sobre a dinâmica da violência criminal no espaço urbano de Santa Maria, o diagnóstico dos bairros onde a criminalidade está mais presente, ou mesmo onde a violência é mais visível. Além disso, é avaliado a influência da organização do espaço urbano no processo da violência e a influência da criminalidade na organização espacial das cidades.

## 1. VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE

---

### 1.1. Definição

Odalía (1983) afirma que o ato agressivo, ou mesmo uma ação homicida apresenta-se como uma primeira impressão do que é violência. Contudo, o termo violência abrange um grande número de elementos. Está ligada à privação, e privar significa tirar, destituir, despojar, desapossar alguém de alguma coisa. De acordo com o autor, a violência hoje pode ser considerada como uma forma de expressar o inconformismo radical em relação às imperfeições da sociedade.

Moraes (1981) conceitua que violência está em tudo o que é capaz de imprimir sofrimento ou destruição do corpo humano, bem como o que pode degradar ou causar transtornos à sua integridade psíquica. Segundo o autor, violentar o homem é arrancá-lo da sua dignidade física e mental.

Alguns autores preferem falar em violências, a fim de abarcar todas formas de definição, e fenômenos relacionados à violência:

Uma outra visão, ou discurso *sobre* as violências, seria um discurso analítico, que exige um distanciamento crítico em relação aos valores e juízos que muitas vezes guiam os pesquisadores sem que eles se apercebam disso. Neste discurso analítico, deve-se perceber a pluralidade dos fenômenos que caem dentro do rótulo de “violência”. Por este ponto de vista, é mais adequado falar de *violências*: violência urbana, rural, simbólica, cognitiva, física, instrumental, subjetiva, policial, intrafamiliar, doméstica, de gênero, esportiva, grupal, de massa, militar, bélica, entre muitas outras (CHAGAS RODRIGUES, p. 30-31, 2006).

De acordo com Dornelles (1992), a violência criminal é apenas uma das formas de expressão da violência nas grandes cidades. Segundo o autor, o crime não é um fenômeno igual em todas as sociedades e em todos os momentos da história. A criminalidade no Brasil vincula-se a diversos fatos: fraudes da Previdência Social, péssima distribuição de renda, mortalidade infantil, acidentes de trânsito, entre outros. No entanto, normalmente a mídia, o Estado e a população tendem a relacionar a problemática da violência com a figura do criminoso comum, estereotipando determinados indivíduos como criminosos.

Segundo Boisteau (2005) em cada sociedade o crime se expressa de uma forma diferenciada e é tratado conforme as normas locais. Um ato será percebido como violento ou não violento em função das normas da cidade, do país. Por exemplo, a violência sul-americana, a violência colombiana, a violência francesa, constituem como delitos e ações distintas, cada uma qualificada de acordo com as normas instituídas em cada sociedade, sendo que a reação pública perante o comportamento violento varia de acordo com o espaço no qual se manifesta.

Uma distinção de fundamental importância para este estudo é aquela entre violência e crime. Crime é qualquer infração a lei. É, portanto, um julgamento de uma ação com base em argumentos legais. Considerar a violência como sinônimo de crime é reduzir à discussão apenas àqueles atos que a lei prevê. A violência é uma noção mais ampla e mais sutil. Além disso, a confusão não se justifica também pelo fato de que nem todos os crimes são necessariamente violentos (MELGAÇO, 2005, p.17).

Souza (2005) expõe que a violência é ao mesmo tempo geral e específica e também pode ser trabalhada numa visão de escala. Para o autor, a violência pode estar relacionada a problemas como a pobreza e o desemprego, a falência ou corrupção das/nas instituições de repressão e punição (polícias, instituições prisionais, sistema judiciário), a crise de valores do mundo contemporâneo e de instituições sociais como a família. Todos estes problemas podem ser identificados como violências que geram outras violências, as quais têm uma abrangência nacional e internacional. Segundo o autor esses fatos emergem e operam em escala local e tem a ver com decisões ou processos que vão desde a dinâmica do sistema mundial capitalista até políticas macroeconômicas nacionais.

Luís Eduardo Soares, MV Bill & Celso Athayde (2005), citados por Chagas Rodrigues (2006), analisam que existe uma certa dificuldade de conceituar a violência e analisar os fenômenos e fatos que estão vinculados a ela. Para os autores a palavra violência guarda muitos sentidos diferentes, podendo representar:

[...] agressão física, um insulto, um gesto que humilha, um olhar que desrespeita, um assassinato cometido com as próprias mãos, uma forma hostil de contar uma história desprezível, a indiferença ante o sofrimento alheio, a negligência com idosos, a decisão política que gera consequências sociais nefastas, a desvalorização sistemática dos filhos por seus pais ou das mulheres por seus maridos, as pressões psicológicas exercidas no contexto de

interações opressivas, a orientação econômica que se abate sobre setores da população como um desastre da natureza, e a própria natureza, quando transborda seus limites normais e provoca catástrofes (SOARES, MV BILL & ATHAYDE, 2005, p.245-246 *apud* CHAGAS RODRIGUES, 2006, p. 32).

Violência e crime são termos abrangentes e complexos. Na discussão realizada anteriormente observa-se que existem autores que categorizam crime como algo sancionado pela lei, enquanto que violência, uma expressão mais abrangente. Outros consideram tanto o termo crime, como o termo violência, expressões que agrupam vários significados. Existem autores que utilizam a expressão crime violento, considerando os crimes contra pessoa – agressões e homicídios –, como tais.

Pode-se avaliar que todo crime é uma violência, afetando as pessoas, seja de forma física, moral ou psíquica. Neste trabalho considerou-se como violência alguns tipos de crimes ponderados pela lei, fruto das ocorrências criminais: homicídio, lesão corporal, roubo, furto e tráfico de drogas. É importante colocar que esses crimes, ou, essas violências, muitas vezes são conseqüências de outras violências, e, outras vezes, funcionam como causas para outras formas de criminalidade.

Para Raufer & Haut (1997), a criminalidade está passando por transformações. De uma criminalidade caracterizada por regras e princípios, passou-se progressivamente para uma criminalidade afetiva, instintiva, violenta, e, aparentemente, irracional. Dependendo do tipo de crime, da vítima, do agressor, do local, é difícil interpretar as causas. Essas mudanças nas propriedades da criminalidade têm como conseqüência uma alteração da percepção da sociedade sobre a segurança. Se a delinqüência sempre foi uma preocupação da população, atualmente está no centro dos assuntos que preocupam, tornando-se um elemento recorrente dos discursos políticos e um desafio nas campanhas eleitorais.

Souza (2005) afirma que essa dificuldade de entender a dinâmica criminal se dá pelo fato de que existem tipos de crimes específicos e cada tipo apresenta uma dinâmica própria, em cada espaço no qual se manifesta. De acordo com o autor, é difícil comparar determinados crimes e as circunstâncias de sua ocorrência. O autor exemplifica através de um questionamento: como comparar um crime cometido por um marido ciumento, integrante da classe média-alta, com o roubo praticado por um

adolescente de rua, armado com um caco de garrafa, contra um motorista de um carro parado no sinal fechado?

Para Cerqueira & Lobão (2004) entender os motivos que levam as pessoas a cometer crimes também pode ser considerado como uma questão difícil de compreender. Os autores colocam outro questionamento sobre os motivos que levam as pessoas a cometerem crimes: como explicar, ou entender que, num mesmo espaço, numa mesma comunidade, estejam vivendo na mesma família dois irmãos gêmeos, e, um deles resolve entrar para o mundo do crime, enquanto que o outro prefira seguir o caminho da legalidade?

Mesmo analisando a dificuldade de compreensão das diversas formas que se manifesta à violência, alguns autores tentam organizar uma tipificação da mesma. Moser (2006) coloca que esta tipificação pode ser categorizada como: violência social, econômica, institucional ou política. A violência social refere-se à violência étnica, disputas territoriais, violência entre grupos, violência contra mulher, abuso infantil. A violência econômica é manifestada por um ganho material associado a crimes de rua, roubos, assaltos incluindo mortes, tráfico de drogas entre outros. A violência institucional está vinculada a instituições do estado, bem como à polícia e o sistema judiciário, escolas, hospitais, empresas de vigilância. E a violência política, está relacionada ao poder político, incluindo guerrilhas, conflitos militares, assassinatos políticos, entre outros fatos.

Nessa mesma perspectiva, Odalia (1983) faz uma categorização similar, classificando como: violência institucionalizada (a fome, a miséria, a segregação espacial, a exclusão social, os problemas de trânsito, o desemprego, a discriminação racial, entre outros); violência política (um assassinato político, a invasão de um país por outro, a legislação eleitoral que fraudava a opinião pública, a corrupção, determinadas leis, etc.) e violência revolucionária (que também pode ser considerada política – greves, organização de estudantes.).

Rosenberg (1999) subdivide a violência de duas formas: violência contra si mesmo e violência interpessoal. A violência contra si mesmo está relacionada ao suicídio ou a tentativa de suicídio. A violência interpessoal subdivide-se em violência familiar (abuso de crianças, abuso contra o companheiro e abuso contra pessoa idosa), violência entre jovens, assédio sexual, violência de grupo e violência econômica.

No livro – “Violência e cidade” organizado por Renato Raul Boschi, Oliven (1982) faz algumas considerações sobre a criminalidade no Brasil, relacionando o tipo de infrator com o tipo de crime (crimes institucionalizados na Lei). O autor concluiu que, em geral, cerca da metade dos criminosos é de cor branca, mas existem algumas variações significantes. Segundo Oliven, estelionato, tóxicos e crimes contra a pessoa apresentam maiores concentrações de brancos, indicando forte contribuição negra para o roubo e o furto, carreiras criminais de baixo prestígio. Isso pode ser explicado, por exemplo, pelo fato de que o crime organizado, como o tráfico, a corrupção política, os crimes do colarinho branco, queima de arquivo, entre outros tem os seus dirigentes entre a população mais rica e mais instruída da sociedade, o que acontece com maior frequência entre as pessoas de cor branca. Ao passo que, pequenos furtos e roubos são praticados por pessoas que, na maioria dos casos, são pobres e, muitas vezes, de cor negra.

De acordo com uma pesquisa realizada por Félix (1996) a ocorrência de determinados tipos de crimes em determinadas áreas do espaço geográfico leva em consideração alguns pontos. Segundo a autora, certas manifestações espaciais são similares facilitando a aplicação de estratégias preventivas. Conforme os estudos realizados, foi observado que algumas ocorrências criminais apresentam as maiores taxas de incidência nas áreas centrais das cidades, que os crimes de propriedade tem maior ocorrências nas áreas mais ricas do espaço urbano, que nas áreas mais pobres e nas zonas rurais é mais freqüente a ocorrência de crimes contra pessoa, que a vulnerabilidade do ambiente pode provocar maior atração de crimes.

Num estudo desenvolvido em Chicago, Brown (1982 *apud* FÉLIX, 1996) analisando a dinâmica criminal em espaços diferenciados de acordo com sua tipificação, constatou que os crimes contra a pessoa, o crime desarmado ou crimes de não-profissionais, como o praticado por pessoas pobres, e muitas vezes por negros ou adolescentes criminosos não-profissionais, tendem a ocorrer em locais onde a vítima e o agressor estejam próximos espacialmente, e que sejam pertencentes a uma mesma classe social. Já os crimes contra o patrimônio, o armado, o cometido por brancos, adultos e criminosos profissionais ocorrem em locais mais distantes da residência do criminoso, e normalmente entre pessoas de classe sociais diferentes.

A autora coloca também que, a delinqüência no campo ou em regiões menos desenvolvidas parece ser violenta, no caso de ser mais freqüente o crime de morte,

o praticado contra a pessoa, como para salvar a honra (passionais). Na cidade, a delinqüência é mais planejada e organizada, segundo Félix (1996, p. 152):

Atualmente, a violência praticada nas cidades, em especial nas grandes metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro, é praticada uma violência planejada e intelectual, mas é também extremamente “sanguinária”, como as chacinas e todo tipo de morte provocada por grupos organizados como os de extermínio, de tráfico de drogas etc. Geralmente, nas zonas com maior desenvolvimento urbano-industrial destacam-se as taxas de crimes de propriedade (falsificação, trapaça, roubo, seqüestro, etc).

Pelos estudos de Félix (1996) verifica-se de uma forma geral, os crimes que ocorrem com mais freqüência nas áreas mais pobres, ou nas zonas mais rurais, são crimes contra pessoa. Já nas zonas mais ricas, o crime contra propriedade tem maior evidência. Nas áreas urbanas, destacam-se tanto os crimes contra pessoa, como também os crimes contra propriedade. Em relação vítima e agressor, na maioria dos casos de crimes violentos (contra pessoa) observa-se que este ocorre entre pessoas próximas e da mesma classe social, geralmente de classe baixa. Os crimes de propriedade tendem a ocorrer mais entre pessoas de classe sociais diferentes, e que estão distantes no espaço. Mas essas considerações dependem muito das especificidades dos locais de ocorrência, dos tipos de crimes praticados, das pessoas e bens envolvidos. Como será visto no decorrer da pesquisa, no espaço urbano Santa Maria, os crimes contra propriedade também apresentam números elevados entre as pessoas pobres, que estão próximas e pertencem à mesma classe social, pois a dinâmica criminal nesta cidade obedece a outros padrões de causa para análise.

No estudo da temática da violência muitos autores escrevem sobre o que poderiam ser pensadas como causas da violência. Segundo Cano & Soares (2002 *apud* CERQUEIRA & LOBÃO, 2004, p. 236), é possível distinguir as diversas abordagens sobre as causas do crime:

a) teorias que tentam explicar o crime em termos de patologia individual; b) teorias centradas no *homo economicus*, isto é, no crime como uma atividade racional de maximização do lucro; c) teorias que consideram o crime como subproduto de um sistema social perverso ou deficiente; d) teorias que entendem o crime como uma conseqüência da perda de controle e da desorganização social na

sociedade moderna; e e) correntes que defendem explicações do crime em função de fatores situacionais ou de oportunidades.

Segundo Felix (2002) as grandes cidades tornam-se locais privilegiados para desencadear desintegração dos laços sociais, caracterizada por diferenças, intrigas, ostentações e iniquidades, assim como pelo anonimato e perda de identidade. Nessa perspectiva, Mello Jorge *et al* (1997) consideram que a ocorrência de homicídios nos espaços urbanos pode estar relacionada com alguns fatores existentes nesses locais, como: a concentração populacional elevada, muitas pessoas dividindo o mesmo espaço, desigualdades sócio-econômicas entre as pessoas, iniquidade na saúde, impessoalidade nas relações, alta competição entre os indivíduos e grupos sociais, fácil acesso a armas de fogo, violência policial, abuso de álcool, impunidade, tráfico de drogas, estresse social, baixa renda familiar, formação de quadrilhas, entre outros fatores.

Em relação à densidade populacional, Francisco Filho (2004) expõe que um aspecto perceptível da característica do comportamento urbano está relacionado a um ambiente com altas taxas de ocupação territorial. Têm-se indivíduos convivendo com outros indivíduos em grande número e muito próximos uns dos outros. Este fato gera uma certa tensão que estabelece um comportamento característico do homem urbano. Nesta análise, podemos falar não somente de prédios localizados um do lado do outro, ou das favelas, com barracos sobrepostos uns por cima dos outros, mas também do excesso de pessoas num mesmo espaço. Mães, irmãos, padrastos, todos dividindo o mesmo cômodo, cozinhando, dormindo, descansando no mesmo local. Associados a falta de espaço, tem-se a falta de emprego, de comida, locais insalubres, e inicia um processo de tensão que, muitas vezes, pode desencadear atos criminosos, como uso abusivo de drogas e álcool, agressões ou até homicídios.

Em muitas periferias pobres, ou mesmo em muitas favelas, o ambiente favorece um tipo de tensão, uma vez que se observa ao redor uma triste visibilidade: casas mal acabadas, lixo jogado pelos “becos”, não existe calçamento, poeira quando tem muito sol, e lama quando chove, o esgoto corre a céu aberto, agressões e tiroteios ocorrem freqüentemente.



## **1.2. Fontes de dados**

Muitos pesquisadores utilizam, freqüentemente, fontes de dados para a realização de seus estudos. Nas pesquisas direcionadas para questões de violência urbana também é importante a utilização de dados. Por isso, faz-se necessário que saibamos das limitações que estas fontes trazem para a realização de pesquisas, muitas vezes contornando para determinados resultados, os quais não são de todo verdadeiros.

Félix (1996) afirma que, em muitos casos, as pessoas não registram os crimes dos quais formam vítimas, seja por descrença na instituição, falta de provas, não considerar o fato importante ou medo de represália. Conforme a autora, os registros criminais podem limitar o objetivo da investigação para uma pequena proporção da criminalidade, podendo direcionar interpretações de que sejam os “pobres” os maiores criminosos.

A autora coloca também que:

[...] Os registros estatísticos variam no tempo-espço e estão condicionados aos procedimentos policiais e políticos e às regras de interpretação. Desse modo, uma multiplicação de delitos pode significar mais esforços por parte da polícia ou maior eficiência dos tribunais, ao invés de aumento real (FÉLIX, 2002, p. 98).

Segundo a autora a decisão de efetuar um registro de ocorrência criminal varia conforme o estrato social e cultural dos envolvidos e a tipologia criminal. Os crimes vinculados à violência doméstica, por exemplo, raramente são comunicados, especialmente quando a vítima e/ou o agressor são de classe média-alta, visto que estas pessoas estão preocupadas com a preservação da reputação antes de efetuar uma ocorrência desse tipo. Já os crimes que envolvem prejuízos materiais, exceto os de pequena relevância, como furtos simples, são conhecidos e registrados, principalmente quando há cobertura de seguros.

Acrescentando ao assunto, Raufer & Haut (1997) afirmam que certos crimes são subestimados pelas vítimas, por razões vinculadas ao medo das represálias, ao pudor, em relação às violências sexuais ou a uma verdadeira ausência de vontade. Numerosas infrações não são reveladas porque o prejuízo econômico sofrido é mínimo. Certas pessoas não revelam as infrações das quais foram vítimas porque

não têm mais confiança nas autoridades, pois não crêem mais na eficácia das forças de polícia ou as instituições judiciais. Algumas pessoas consideram determinados delitos não importantes, como por exemplo, algazarras noturnas, degradações, por isso estes não são reportados a polícia.

Cardia, Adorno & Poletto (2003) afirmam que as estatísticas de homicídios podem apresentar problemas. Segundo os autores, os dados produzidos pelo Ministério da Saúde e os produzidos pelas Secretarias Estaduais da Segurança Pública são bem diferenciados, fazendo com que a consulta a cada um deles tende a se obter resultados distintos, contribuindo na dificuldade do tratamento objetivo e preciso das informações.

Segundo esses autores, os dados do Ministério da Saúde têm como fonte primária de informação o registro do atestado de óbito. Essa fonte de informação permite conhecer a causa da morte e as características sociais da(s) vítima(s), entretanto não é possível ter acesso às informações relacionadas ao(s) agressor(es). Em relação aos dados fornecidos pela Secretaria de Estado da Segurança Pública foram verificadas pelos autores muitas outras limitações. Por exemplo, a questão das elevadas “cifras negras”, a intervenção de critérios burocráticos de avaliação e desempenho administrativo, as negociações paralelas entre vítimas, agressores e autoridades, a implementação de determinadas políticas de segurança pública que, conjuntamente, privilegiam a contenção de uma outra modalidade delituosa (CARDIA, ADORNO & POLETO, 2003).

Ainda na visão desses autores os registros das ocorrências criminais são as informações mais completas, visto que podem reunir elementos sobre o tipo de crime, possível agressor, vítima e o local onde aconteceu o crime. No entanto, existe uma enorme dificuldade de acesso a essas informações, já que para aceder aos dados é preciso consultar um a um os Boletins de Ocorrência e os Inquéritos Policiais instaurados. Esse fato se traduz num impedimento para os pesquisadores, em função do trabalho manual que deve ser dedicado para verificar cada ocorrência, e, soma-se a isso, as dificuldades de acesso à fonte, pois em muitas delegacias somente os funcionários da instituição são autorizados para fazer esse procedimento, que demanda muito tempo para sua realização, e muitas vezes, esses não têm disponibilidade para isso.

Melgaço (2005) acrescenta que é preciso ter em mente que a polícia, muitas vezes, age a partir de estereótipos na hora de abordar um suspeito, dando maior

visibilidade aos crimes relacionados à população pobre e negra. Segundo o autor, as estatísticas super-representam crimes cujas vítimas são de bairros ricos e sub-representam aqueles nos quais as vítimas são de bairros pobres, ao mesmo tempo em que super-estimam a quantidade de agressores relacionados com estereótipos de pobreza e sub-estimam os praticantes de crimes da classe média-alta.

Pode-se inferir que existem diferenças entre os diversos tipos de crimes contra o patrimônio, por exemplo, o volume de dinheiro e o valor dos crimes de colarinho branco são bem superiores aos roubos e furtos comuns e cotidianos praticados pela população de classe média-baixa. Assim como nos outros crimes, existem muitas diferenças que devem ser pensadas, por exemplo, crimes contra pessoa, no caso agressões. Podem ocorrer muitas agressões, mas essas são diferentes conforme o grau de prejuízos físicos e morais, as causas, os envolvidos – quem são as vítimas e agressores, de qual classe social – os motivos etc.

Nesta pesquisa, a utilização de dados sobre violência criminal fez-se necessária para construção da mesma. A maior parte das informações é oriunda das ocorrências criminais. Entretanto, como foi verificado no texto apresentado, sabe-se das limitações desses dados, não podendo considerá-los como uma fonte conclusiva para o trabalho.

### ***1.3. O Mito da Marginalidade***

Normalmente os grupos mais pobres são facilmente estigmatizados como suspeitos de atos de vandalismo e banditismo. A violência, em muitos casos, é relacionada a uma classe caracterizada como “os pobres”.

Zaluar (1999) nos dá um exemplo sobre porque não se pode concluir que a miséria leva à violência. Segundo a autora os níveis salariais no Sudeste da Ásia são incrivelmente baixos, os operários não têm direito trabalhistas como os operários brasileiros e, no entanto, os níveis de crimes violentos não aumentaram como no Brasil. Outro exemplo que a autora coloca é em relação à Europa: na Inglaterra e na França do século XIX quando a miséria era uma realidade visível nas ruas de suas cidades, a taxa de homicídio não passava de dois por cada 100 mil habitantes.

Em relação a isso, Zaluar (1999) coloca que essa associação entre pobreza e crime existe há muito tempo. As instituições ligadas à polícia e à justiça sempre

direcionaram suas acusações para estereótipos criados contra as pessoas da classe baixa. Segundo a autora muitos crimes são praticados por pessoas da classe média-alta, mas é pouco o conhecimento sobre tais fatos. As atividades criminosas organizadas, ligadas ao tráfico de drogas ilegais, aos assaltos profissionais e seqüestros, enriquecem muito uns poucos, os quais transferem seus milhões para algum dos muitos paraísos fiscais da economia globalizada. Mas, como as investigações não estão direcionadas para este tipo de criminoso é difícil saber, ou não se quer saber, onde os muitos milhões arrecadados nos crimes de elevado valor econômico no Brasil foram parar, ao passo que, muitos jovens pobres, além de não lucrarem com o negócio, perdem a placidez na vida, em conflitos com outros traficantes, ou com a polícia.

Segundo Félix (1996) justifica-se a tese de associação entre pobreza e a criminalidade pelo fato de determinadas variáveis criminológicas concentrarem-se ou apresentarem maior visibilidade em regiões de baixo nível sócio-econômico. Conforme a autora, essa tese é muito contestada em razão das distorções nos dados oficiais e a própria ação das agências oficiais de controle e repressão do crime. Os delitos contra a propriedade cometidos por indivíduos de classe baixa são tratados pelos tribunais com mais severidade que os cometidos pela classe média-alta.

Foucault (1994) lembra que o delinqüente se distingue do infrator pelo fato de não ser tanto o seu ato criminoso, mas sim, a sua vida, a sua condição sócio-econômica, o que mais o caracteriza. Conforme o autor, as estatísticas, a polícia, o sistema judiciário, em muitos casos, procuram mais por delinqüentes do que por infratores, a prisão, o processo, depende da classe social.

Muitos autores vêm trabalhando esta idéia como “o mito da marginalidade”. Em muitos casos as periferias das cidades são estigmatizadas como locais insalubres e violentos. As favelas são os territórios urbanos que mais sofrem com esse estigma. De acordo com Souza (2005) muitas pessoas, sejam da classe alta, média ou até mesmo da classe baixa, criam estereótipos em relação os moradores favelados. Apresentam uma ideologia que esses seriam economicamente parasitários, culturalmente desajustados, pois, muitos deles, recém-chegados do campo, vivenciaram pouco a pouco a cidade e não se adaptariam muito bem à vida urbana, e politicamente perigosos porque, potencialmente subversivos. Segundo Souza

(2005), contrariando estas hipóteses, vários estudos realizados na década de 1970<sup>5</sup>, concluem que: os moradores das favelas não podem ser considerados parasitários, porque são imprescindíveis à economia urbana, como mão-de-obra abundante e barata: de operários, porteiros, empregadas domésticas, auxiliar de pedreiro, etc.; não é possível caracterizá-los como desajustados, pois na verdade se adaptam rapidamente as grandes cidades e acabam conhecendo-a até melhor que os integrantes da classe designada como “os ricos”; e não é plausível afirmar que sejam revoltados politicamente, pois muitos deles trocam votos e apoio político por benefícios materiais ou promessas, e acabam votando em candidatos e partidos conservadores, contra seus próprios interesses e objetivos.

Perlman (1977, p. 235) coloca que:

[...] os estereótipos vigentes quanto à marginalidade social, cultural, econômica e política são claramente desmentidos pela realidade. Existem fortes evidências a comprovar que os favelados não são marginais, mas de fato integrados na sociedade, ainda que num modo que vai contra os seus próprios interesses. Certamente não se encontram separados do sistema, ou à sua margem, mas estão a ele estreitamente ligados de uma forma muitíssima assimétrica. Contribuem para o seu árduo trabalho, suas elevadas esperanças, e sua lealdade, mas não tiram proveito dos bens e serviços do sistema. Eu sustento que os moradores da favela não são econômica e politicamente marginais, mas são explorados e reprimidos; que não são social e culturalmente marginais, mas são estigmatizados e excluídos de um sistema social fechado. Não são passivamente marginais em termos de suas próprias atitudes e comportamento, ao contrário, estão sendo ativamente marginalizados pelo sistema e pela política oficial.

O que não é comentado pela mídia é que a maior parte das vítimas da violência são pessoas da classe baixa. Por exemplo, em relação ao tráfico de drogas, muitos são os jovens pobres que perdem suas vidas na disputa por bocas de fumo, ou em confrontos com a polícia. Além disso, pode-se comentar também das pessoas que convivem na mesma área que os traficantes, como por exemplo, muitos moradores das favelas, avaliando que, em muitos casos o comportamento da maioria dos favelados se opõe ao praticado no tráfico, mas, mesmo assim precisam conviver com a criminalidade desencadeada pelo tráfico de drogas.

---

<sup>5</sup> PERLMAN, J. O mito da Marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 (1977); KOWARICK, L. A espoliação urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 (citados por SOUZA, 2005).

Existem muitos casos que as diferenças sociais, a falta de emprego, a segregação sócio-espacial podem ser fatores indutores de determinadas violências. Francisco Filho (2004) nos coloca uma pergunta: Será que a violência é algo pertencente a uma classe própria do fenômeno urbano ou é a materialização de um processo que começa com a sociedade altamente segregada e excluída do espaço urbano, passa pela pobreza e termina na agressão ao indivíduo, num processo de causa e consequência?

Nessa perspectiva, Guareschi *et al* (2005, p. 50) afirma que:

Conforme Soares (1999), pobreza e desigualdade podem ou não estar associados à violência, pois tudo depende do tipo de violência, do contexto intersubjetivo e cultural do qual falamos. Esta perspectiva aponta para o conceito de vulnerabilidade social, que tem como um de seus efeitos o rompimento da ligação hegemônica arbitrária realizada entre pobreza e violência. A noção de vulnerabilidade social remete a uma situação de desvantagem social, que diz respeito à articulação de recursos materiais e simbólicos para dar conta de uma demanda social, cultural, econômica, que tem como desdobramento possível a produção de um sujeito “exposto ao risco”; é entendida como uma posição de fragilidade ou desvantagem de sujeitos ou grupos frente ao acesso às condições de promoção e garantia de seus direitos de cidadania.

Desta forma torna-se inviável a relação pobreza e criminalidade, pois existe todo um processo de exclusão do ser humano, antes que esse torne-se um “pobre violento”, além de que a visibilidade dos fatos violentos caem normalmente sobre os mesmos estereótipos, isto é, “os pobres”. A segregação sócio-espacial urbana pode se caracterizar como um tipo de violência, o desemprego também pode ser considerado um tipo de violência, desvios de verbas públicas realizadas por políticos milionários, o controle do tráfico que está nas mãos de pessoas que detêm o poder político e econômico, entre outros, representam diferentes formas de violência, que podem desencadear outras formas de expressão da criminalidade.

Muitas violências se manifestam, ou apresentam maior visibilidade nas áreas mais pobres, ou entre as pessoas de classe baixa. Por exemplo, a violência gerada pelo tráfico de drogas envolve também muitas pessoas da classe média-alta, entretanto, na mídia, é focado o tráfico nas favelas, como se esse problema começasse ali e terminasse ali mesmo. São “violências maiores” que vêm gerando outras formas de violência, que são praticadas por pessoas de classe baixa, a qual

segue estigmatizada pela mídia e pela sociedade, como pessoas violentas. Além disso, estas acabam sofrendo outro tipo de violência, quando são encarceradas nos presídios. São o resultado de um processo de exclusão de um sistema que não abre espaço para todos.

#### **1.4. As prisões**

As prisões são instituições criadas para o encarceramento dos excluídos pelo sistema. Como comenta Streck (1999), o sistema capitalista atual vigente, ao mesmo tempo em que cria os excluídos, utiliza-se das prisões para puni-los, segregá-los, enfim, excluí-los definitivamente num sistema institucional fechado.

No seu livro “Vigiar e Punir”, Foucault (1994) fala da história das prisões. Segundo o autor a prisão surgiu para controlar a sociedade e as pessoas. Objetivava-se repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seus comportamentos, constituir sobre eles um saber que se acumula e que se centraliza.

De acordo com o autor, os mecanismos punitivos teriam como papel trazer mão-de-obra adicional e constituir um tipo de escravidão. Com o feudalismo, e numa época em que a moeda e a produção estão pouco desenvolvidas, a punição estava relacionada aos castigos corporais, sendo o corpo na maior parte dos casos o único bem acessível – os suplícios. A manufatura penal aparecia com o desenvolvimento da economia do comércio. Mas com o sistema industrial exigia-se um mercado de mão-de-obra livre, dessa forma, o trabalho obrigatório diminuiria no século XIX nos mecanismos de punição e seria substituído por uma detenção com fim corretivo – as prisões.

A prisão moderna se caracteriza pela privação da liberdade e quantificação temporal. Segundo Alencar (2002) este tipo de instituição surge sem dar significância à discussão sobre que espaço é este e suas implicações impostas na forma de vida das pessoas que transgrediram a lei, a importância foi dada em relação ao tempo. De acordo com a autora a pena de prisão é um produto da sociedade capitalista:

[...] no capitalismo, o trabalhador é considerado livre; ele oferecerá no mercado a sua mercadoria – sua força de trabalho. Como toda mercadoria, é o tempo que determinará o valor dela (ele a vende por hora, dia, semana ou mês). Assim, o que se constitui em bem do trabalhador, e aparece como possibilidade dele “acumular” ou ascender socialmente, é o seu trabalho. Se ele é pago pelo tempo de trabalho, ao ser sentenciado à pena de prisão é suprimido dele esse tempo para vender sua força de trabalho. É assim que a punição recai sobre o tempo, porque este é valor, o bem que o trabalhador possui (ALENCAR, 2002, p. 31).

Segundo a autora as prisões surgiram para alojar aquele grupo de indivíduos que se encontravam fora do mercado do trabalho e das regras da sociedade. Eram caracterizados como homens pobres, vagabundos, doentes, criminosos, camponeses expulsos de suas terras e prioritariamente, os loucos. Atualmente, nas prisões brasileiras, observa-se que o trabalho não é muito valorizado, mas ainda são presas as pessoas, que, como diz a autora, estão “fora do mercado de trabalho e do convívio social”, na sua maioria, pessoas pobres.

Como também mencionado por Foucault, duas pessoas de classes sociais diferentes podem praticar um determinado crime, contra o patrimônio, por exemplo, analisando que esses aconteceriam em instâncias diferenciadas no que se refere ao volume de dinheiro e valor do bem roubado, sendo o crime praticado pela pessoa de classe média-alta tenha efeitos muito mais graves sobre a sociedade, entretanto, dificilmente o praticante desse crime seria acusado ou preso, ao passo que o criminoso da classe designada como “pobre”, mesmo sendo o bem roubado de pouco valor a prisão sempre se faz necessária. Dessa forma analisa-se que as instituições de segurança e de justiça, e mesmo a sociedade, estão julgando a pessoa que praticou crime e a classe social a qual pertence, e não o ato criminoso.

Nesta perspectiva Foucault (1994, p. 243) afirma que é:

Hipocrisia ou ingenuidade acreditar que a lei é feita para todo mundo em nome de todo mundo; que é mais prudente reconhecer que ela é feita por alguns e se aplica a outros; que em princípio ela abriga a todos os cidadãos, mas se dirige principalmente às classes mais numerosas e menos esclarecidas que, ao contrário do que acontece com as leis políticas ou civis, sua aplicação não se refere a todos da mesma forma; que nos tribunais não é a sociedade inteira que julga um de seus membros, mas uma categoria social encarregada da ordem sanciona outra fadada à desordem.

Nesse sentido, Streck expõe que:



[...] Paulo Sérgio Pinheiro, analisando a crise do sistema penitenciário brasileiro, diz que é fácil apontar os usuários habituais das prisões no país: os clientes das prisões, dos internatos, dos orfanatos, dos reformatórios, dos manicômios são as classes populares, o proletariado e o subproletariado. E acentua: “Para um observador que de repente desembarcasse no Brasil, poderia parecer que, exceto raríssimas exceções de alguns pequenos burgueses encarcerados, a delinqüência é atributo de uma só sociedade. Dados resultantes de pesquisa realizada pela procuradora da República, Ela Castilho, dão conta de que, de 1986 a 1995, somente 5 dos 682 supostos crimes financeiros apurados pelo Banco Central resultaram em condenações em primeira instância na Justiça Federal. A pesquisa revela, ainda, que nove dos 682 casos apurados pelo Banco Central também sofreram condenações nos tribunais superiores. Porém – e isso é de extrema relevância – nenhum dos dezenove réus condenados por crime do colarinho branco foi para a cadeia. A pesquisa ressalta que o número de 682 casos apurados é extremamente pequeno em face dos milhares de casos de crimes de colarinho branco que ocorrem todo ano no país (STRECK, 1999, p. 461).

Nesta contextualização Wacquant (2001) coloca que, nos Estados Unidos, por exemplo, existe o que se pode chamar de uma criminalização da pobreza. Para o autor, a criminalidade não está relacionada apenas aos incivilizados que se multiplicam em um bairro, dando visibilidade à violência, acarretando assim sua decadência, mas também considera que o declínio econômico e a segregação sócio-espacial que alimentam os distúrbios de rua, desestabilizando a estrutura social local e minando as oportunidades de vida das populações. “[...] é esta suposta ‘explosão’ de ‘violência urbana’ dos jovens caídos numa suposta e recente ‘delinqüência de exclusão’ que motiva – ou serve de pretexto para – a deriva para o tratamento penal da miséria” (WACQUANT, 2001, p. 69).

Contrariamente à imagem cor-de-rosa projetada pelas mídias nacionais e suas dóceis sucursais no exterior, os americanos desafortunados tampouco podem se apoiar no mercado de trabalho para melhorar suas condições de vida. [...] os índices de desemprego ultrapassam 30 a 50% nos bairros segregados das grandes cidades (WACQUANT, 2001, p. 79).

Neste sentido, Bicudo (1994) afirma que a condenação penal é caracterizada por uma pena criminal vazia de conteúdo, sendo um procedimento injusto, que visa sobretudo o aniquilamento físico e psíquico do encarcerado. O sistema carcerário

brasileiro é caracterizado pela superlotação, no qual, muitas vezes os presos são espancados ou mortos covardemente pela polícia ou pelos seus companheiros de cela. Nesse contexto, as rebeliões são freqüentes e a atuação das tropas de choque também, agredindo e atirando nos presos. Desta maneira é importante salientar que, a cadeia não educa, não socializa, apenas destrói e aniquila. Quando o preso tem a oportunidade de se inserir na sociedade novamente, encontra-se ainda mais marginalizado, enfrenta o preconceito, e normalmente volta à prática criminal, facilitando sua reincidência à prisão. Sobre isso Foucault (1994, p. 234) acrescenta que “as prisões não diminuem as taxas de criminalidade, pelo contrário, podem aumentá-las, multiplicá-las, transformá-las, a quantidade de crimes e criminosos permanece instável, ou, ainda pior, aumenta.”

Assim, é preciso pensar sobre a constituição da penalidade moderna, onde o tempo se destaca como um fator essencial para se pensar a própria instituição. Alencar (2002) afirma que não é preciso muitas argumentações para saber que as pessoas que cumprem pena, ao saírem da prisão, dificilmente conseguem se reintegrar ao mercado de trabalho.

O que entra em questão com a pena de prisão é uma sentença geralmente infinita, porque a pessoa que cumpre pena não terá mais “oportunidade” de vender seu “bem”, sua “mercadoria”. [...] A forma de penalidade moderna é o tempo de prisão, esse tempo que é tempo de vida perdido (ALENCAR, 2002, p. 37).

De acordo com Wacquant (2001), os EUA optaram pela criminalização da miséria, assim como o Brasil. Contudo, o autor coloca que existem países que estão buscando alternativas para solucionar este problema.

A Europa está numa encruzilhada, confronta com uma alternativa histórica entre, de um lado, há um tempo, o encarceramento dos pobres e o controle policial e penal das populações desestabilizadas pela revolução do trabalho assalariado e o enfraquecimento da proteção social que ela requer e, de outro lado, a partir de agora, a criação de novos direitos do cidadão – tais como o salário de subsistência, independentemente da realização ou não de um trabalho, a educação e a formação para a vida, o acesso efetivo à moradia para todos e a cobertura médica universal –, acompanhada de uma reconstrução efetiva das capacidades sociais do Estado. [...] Dessa escolha depende o tipo de civilização que ela pretende oferecer a seus cidadãos (WACQUANT, 2001, p.151).

O aprisionamento das classes menos favorecidas social e economicamente também é evidenciado nesta pesquisa. Os dados pesquisados e analisados permitem observar que, na cidade de Santa Maria, os detentos, na sua grande maioria, são provenientes de bairros caracterizados por uma quantidade elevada de pessoas com um baixo nível de renda e um baixo nível de instrução, o que assinala sua condição sócio-econômica. Também são caracterizados por estarem desempregados ou empregados em profissões de baixos salários. Na cidade de Santa Maria é percebido que a visibilidade dos crimes é dada sobre as classes menos favorecidas do espaço urbano. As prisões da sociedade brasileira, assim como a prisão de Santa Maria tende a ser direcionada para as classes classificadas como os “pobres”, como já explicitado por Foucault (1994). As prisões, as normativas do Código Penal, as instituições de justiça foram criadas por uns e aplicadas a outros, ao invés de atingir toda sociedade brasileira. Como colocado por Wacquant (2001), existe uma criminalização da pobreza.

## 2. VIOLÊNCIA CRIMINAL NO ESPAÇO URBANO

---

### 2.1. A Influência da Violência na Organização do Espaço Urbano

No Brasil, como no mundo inteiro, parece que o medo é um traço cada vez mais marcante da vida contemporânea. Entretanto, é importante salientar que as ações violentas se caracterizam por ser cada caso diferente do outro. Em alguns lugares o medo se associa principalmente à criminalidade comum, isto é, assaltos, furtos, agressões domésticas, enquanto em outros também pode estar vinculada ao terrorismo ou à violência de raiz religiosa ou étnica (SOUZA, 2005).

Dependendo do país, estado ou cidade, as ações violentas são mostradas pela mídia como sendo causadas pelas classes menos favorecidas economicamente, o que tende a ser tomado como verdade pelo senso comum, sendo que somente algumas pessoas tendem a filtrar os acontecimentos que lhes são reportados. Um trabalho desenvolvido pelo Instituto de Criminologia de Paris explora esta questão do medo, da mídia e a distorção dos fatos. Segundo Raufer & Haut (1997) a televisão regularmente é desacreditada e criticada quando trata do assunto violência. A forma como a mídia expõe os problemas das periferias pobres pela televisão contribui para veicular uma imagem negativa das cidades, acentuando o sentimento de exclusão e de temor sentido pela população. Fazendo passar as atividades legais que acontecem nos bairros pobres para fatos excepcionais, construindo uma imagem distorcida destas zonas falando sobre fatos como: violência, *gangs*, droga, guetos, circulação de armas, etc. Aquelas pessoas que possuem como único meio de informação este tipo de veículo informacional tendem a sentir mais medo, por acreditar no que lhes é passado.

Glassner (2003) – escritor norte-americano – em seu livro “Cultura do Medo”, faz algumas colocações importantes a respeito desta questão. Segundo o autor, o mundo ocidental, o americano, os EUA estão vivendo numa cultura do medo. O autor constata que em muitos casos existe uma propagação do medo e da violência, que nem sempre ocorrem. Está sendo investido muito dinheiro – público e/ou privado – no combate de uma violência, sem ter certeza do alcance da problemática da violência. Nessa perspectiva, o autor coloca um exemplo: nos Estados Unidos,

enquanto são gastas fortunas para proteger crianças de perigos que poucas delas enfrentam (pedofilia, por exemplo), aproximadamente 11 milhões de crianças não tem seguro saúde, 12 milhões estão subnutridas e as taxas de analfabetismo estão aumentando.

O medo da violência é um assunto relevante que vem sendo discutido atualmente. Nas cidades, muitos atores da sociedade vêm utilizando-se do discurso da violência para aumentar o seu poder econômico. Não que a violência nas cidades não exista, mas, muitas vezes, o discurso do medo e da violência vem sendo colocado na sociedade de uma forma exacerbada, e sendo utilizado para chegar a determinados objetivos. Os agentes imobiliários e a mídia são exemplos de atores econômicos que podem desenvolver o potencial de disseminar o medo.

No espaço urbano a expressão do medo torna-se mais visível, modificando a estrutura espacial e os modos de vida das pessoas. Conforme Souza (2005, p. 102):

[...] A “cidade do medo”, a “fobópole”, é, precisamente” a grande cidade. Antes símbolo de civilização, de passeios ao ar livre em praça em parques e em meio a monumentos e chafarizes, de concentração de cultura e “civilização”, as grandes cidades vão se tornando lugares onde, cada vez mais, o mais sensato parece ser ficar em casa, assistindo a um vídeo na segurança (cada vez mais relativa) do lar. Muros, cercas eletrificadas, guaritas com vigias armados, cancelas para fechar ruas (não só ruas particulares, mas até mesmo logradouros públicos!), câmeras de TV: quem pode, faz da residência um verdadeiro *bunker*, ou passa a morar em um “condomínio exclusivo”, ou vai para o “interior”, para uma cidade menor, em busca de “paz” e “tranqüilidade”. Como se tudo isso adiantasse...

Para Francisco Filho (2004, p. 6-7) os moradores das grandes metrópoles, estão divididos diariamente entre duas questões:

Quem vive nas grandes metrópoles, atualmente, depara-se no dia-a-dia com uma situação aparentemente paradoxal: se por um lado viver em áreas urbanas é ter a garantia de acesso a toda uma estrutura de apoio à vida, por outro lado há a sensação de que as condições geradas nessa estrutura sufocam e oprimem cada cidadão num constante estado de agressão. Vêm à tona discussões sobre *qualidade de vida* nos centros urbanos, e percebe-se que essa qualidade, dependendo dos valores em jogo, é muito relativa. Numa sociedade segregada social, econômica e espacialmente, o acesso à *qualidade de vida*, num primeiro momento, está diretamente relacionado à classe a que pertence cada cidadão e, conseqüentemente, sua capacidade de *compra* das benesses que a

cidade oferece. Em princípio, se o cidadão tem acesso a uma boa educação, a um sistema de saúde eficiente, dispõe de toda uma infra-estrutura de lazer, tem uma fonte de renda estável, pode-se afirmar que tem uma boa *qualidade de vida*. O que acontece, na realidade, é que essas benesses presentes nas grandes cidades não garantem que cada cidadão não fique exposto a uma situação diária de *stress* e angústia. Certamente muitos fatores contribuem para isso, mas a exposição à violência é, sem dúvida, um dos maiores fatores que contribuem para a queda da *qualidade de vida* nas grandes cidades. A violência faz com que não se desfrute das qualidades que um grande centro oferece, e os cidadãos vão aos poucos se encastelando em seus refúgios, cada vez mais transformados em fortalezas, que os afastam da sociedade e os transformam, por conseguinte, em portadores de atitudes segregacionistas. Talvez seja nisso que os cidadãos urbanos se transformaram: numa massa de indivíduos segregados em seus mundos, isolados em ilhas, como por exemplo, os condomínios.

Analisa-se que a violência e o medo são alguns fatores que influenciaram e influenciam essa nova reestruturação das cidades representadas pelos condomínios fechados. Além deles, percebe-se outras formas segregacionistas no espaço urbano, tais como: os *shopping centers*, as favelas, as grades, os muros, os sistemas de segurança são características dessa nova cidade. E a mídia tende a agravar essa condição do medo, mostrando todos os dias nos noticiários atos violentos, dando uma maior visibilidade da violência existente (FRANCISCO FILHO, 2004).

Segundo Glassner (2003) em algumas pesquisas realizadas durante três décadas, verificou-se que as pessoas que obtêm a maioria das informações apenas sob um prisma televisivo apresentam maior tendência do que outras de acreditar que o lugar onde vivem é inseguro. Ao mesmo tempo em que, tendem a acreditar que os índices de criminalidade estão aumentando e superestimar a probabilidade de se tornar vítimas da violência.

Nesse contexto, essas pessoas tendem a se proteger mais, comprando mais fechaduras, alarmes e armas. Tendem a aceitar e inclusive a apoiar medidas repressivas como o aumento das prisões, a inserção da pena de morte, de sentenças mais duras, medidas que não reduzem o crime, mas, por outro lado, não deixam de dar votos aos políticos (GLASSNER, 2003).

Para Rifiotis (1999), citado por Chagas Nogueira (2006), diante das reportagens apresentadas pela mídia, cria-se uma impressão de que a violência está aumentando, contudo, o que está crescendo, principalmente, é a visibilidade dos

fenômenos associados a ela. Rifiotis (1999) no texto sobre violência policial, considerando o caso da Favela Naval (Diadema, São Paulo) realizou um estudo sobre matérias publicadas após a divulgação do caso pela Rede Globo de Televisão, no dia 31 de março de 1997, nos jornais Folha de São Paulo (FSP) e O Estado de São Paulo (OESP), constatando que:

Tomando como referencial o caso da Favela Naval identificamos uma matriz que circunscreve o seu leitor-modelo: a ambigüidade. A sua indignação frente à “violência policial” mostrada na televisão não é um princípio, mas uma afirmação parcial que depende de um operador que é a condição de “trabalhador” da vítima. “Conferente” ou “mecânico” (sic), a vítima fatal não é apenas um cidadão morto pela polícia. Simbolicamente, opera-se a identificação da premissa das “classes perigosas” e a construção da imagem da favela com um lugar onde se desenrola mais um drama; a rua Naval passa a ser a Favela Naval. É a “violência policial” passa a ser vista como uma fonte sem controle se deslocando contra a população pobre. O que de veras já vinha acontecendo há anos. Trata-se, portanto, de uma indignação modulada. O mesmo se pode afirmar da volúpia punitiva que a acompanha: condenação expeditiva. É a operação simbólica de construção ao mesmo tempo da inocência da vítima, mas também a resposta ao leitor-modelo que se pergunta contra quem os policiais agiram, distinguindo se eram ou não criminosos. Pressupondo que a prática policial tenha como atribuição definir a culpabilidade, que cabe à justiça. É a imagem do suspeito que é tratado como criminoso, sem respeito ao princípio da inocência pressuposta até que a justiça estabeleça a condenação (RIFIOTIS, 1999, p. 39).

Analisando o exposto pelo autor percebe-se que, muitas vezes, a imprensa tem a tendência de estereotipar a ação policial, condenando a violência desencadeada por ela, dando visibilidade a determinados fatos, em detrimento de outros. Ao mesmo tempo, essa ação policial desmedida contra a população pobre é justificada quando ela é direcionada para criminosos “suspeitos”, já que os moradores das favelas normalmente são tratados como suspeitos dos crimes que ali acontecem. É como se determinados instrumentos da mídia e a visão de determinadas pessoas da sociedade não soubessem diferenciar, por exemplo, um integrante de uma quadrilha do tráfico de um trabalhador assalariado que mora na favela. E, mesmo que tivessem a capacidade de efetuar essa diferenciação, será que saberiam analisar a contexto pelo qual levou determinado morador a se integrar a uma quadrilha do tráfico?

O medo e a necessidade de proteção crescente estão se refletindo no espaço, transformando todo o desenho das cidades. Segundo Félix (1996) os espaços urbanos estão se modificando, diminuindo a acessibilidade. Por um lado, as classes mais abastadas da sociedade utilizam-se de meios para proteção das patologias sociais, sendo que uma dessas patologias está relacionada a violência. Surgem, desse modo, modalidades residenciais que tentam oferecer o máximo de segurança com guaritas, circuitos fechados de TV, porteiros eletrônicos, especialmente na forma de condomínios fechados. Por outro lado, deve-se analisar que, quanto mais difícil for o acesso, mais aprimoradas serão as técnicas utilizadas para a prática dos crimes.

Sobre a organização do espaço urbano Souza (1996) afirma que, em muitos casos, o discurso da segurança está presente na produção do espaço urbano, no qual se manifestam novas tendências da produção imobiliária, com novos estilos arquitetônicos, um novo paradigma urbanístico e uma nova cultura urbana. Analisando esse assunto Souza (1996, p. 54) acrescenta que:

Os condomínios exclusivos são o símbolo máximo do que se pode designar como auto-segregação, o qual representa o contraponto da segregação induzida (que se refere basicamente aos loteamentos irregulares das periferias urbanas e às favelas; no caso, a segregação é induzida pela pobreza, pelo menor poder aquisitivo, que força uma parcela considerável da população a morar em espaços quase desprovidos de infra-estrutura, negligenciados pelo estado e até mesmo insalubres).

Complementando esta análise, observa-se que os condomínios fechados materializam a busca pessoal por afastamento, já que são construídos com base no mercado consumidor caracterizado por um poder aquisitivo elevado e são destinados, principalmente, àqueles que podem pagar pelo conforto e por uma suposta “segurança”, incentivando o auto-isolamento do restante da sociedade. Já as populações mais pobres são segregadas pela sociedade para áreas mais carentes de infra-estrutura, situação que agrava as disparidades sociais, pois se soma às condições econômicas desfavoráveis, ao desemprego e aos baixos níveis de instrução dessa população.

Evidencia-se ainda que, a reprodução do espaço urbano de forma segregada pode ser analisada como um problema não só para o presente, mas também para o



futuro. Corrêa (1995) coloca que a segregação residencial pode ser vista como um meio de reprodução social, e neste sentido o espaço social age como um elemento condicionador sobre a sociedade. Assim, enquanto o lugar de trabalho constitui-se o local da produção, as residências e os bairros, constituem-se no local da reprodução. Para Corrêa, a segregação residencial significa não apenas um meio de privilégios para a classe dominante, mas também um meio de controle e reprodução social para o futuro.

Nessa contextualização, Caldeira (2000) afirma que o principal instrumento desse novo padrão de segregação espacial são os chamados “enclaves fortificados”. Trata-se de espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho. Segundo a autora os enclaves fortificados – prédios de apartamentos, condomínios fechados, conjunto de escritórios ou *shopping centers* – constituem o centro de uma nova maneira de organizar a segregação, a discriminação social e a reestruturação econômica.

Em relação aos enclaves fortificados e aos condomínios fechados Caldeira (2000, p.258-259) considera que:

Os condomínios fechados são a versão residencial de uma categoria mais ampla dos novos empreendimentos urbanos que chamamos de enclaves fortificados. Eles estão mudando consideravelmente a maneira como as pessoas vivem, consomem, trabalham e gastam seu tempo de lazer [...] Os enclaves fortificados incluem conjuntos de escritórios, shopping centers, e cada vez mais outros espaços que tem sido adaptados para se conformarem a esse modelo, como escolas, hospitais, centros de lazer e parques temáticos. Todos os tipos de enclaves fortificados partilham algumas características básicas. São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõe as regras de inclusão e de exclusão. São flexíveis: devido ao tamanho, às novas tecnologia de comunicação, organização do trabalho e aos sistemas de segurança, eles são espaços autônomos, independentes do seu entorno, que podem ser situados praticamente em qualquer lugar. Em outras palavras, em contraste com formas anteriores de empreendimentos comerciais e residenciais, eles pertencem não a seus arredores imediatos, mas a redes invisíveis.

Ueda (2006) acrescenta que os condomínios fechados constituem um novo fenômeno urbano, principalmente nas cidades globais. As principais características desses empreendimentos são: estar rodeados ou cercados por muros, formando barreiras físicas; os acessos a eles são restritos – impedindo a entrada de “estranhos”, o que reforça ainda mais a segregação social urbana; estão localizados normalmente próximos a bairros pobres, portanto as diferenças sociais e iniquidade social são evidenciadas. A autora acrescenta também que existe uma tendência nacional em relação aos novos empreendimentos imobiliários, em que o fenômeno dos condomínios fechados (verticais ou horizontais) começou a proliferar em diversos estados brasileiros. Percebemos que nos últimos anos este tipo de empreendimento tem aumentado nas cidades gerando interesse de diversos setores, empresas e população. Esses novos empreendimentos imobiliários vão criar uma nova paisagem, segregada e fragmentada, uma vez que estão fortemente isolados.

Apesar de esta reestruturação estar presente, em especial nas grandes cidades, nas cidades de porte médio também é possível verificar tais transformações. De acordo com Sposito, nas cidades médias<sup>6</sup> este processo de segregação sócio-espacial vem se intensificando, apesar de não apresentar grandes proporções como nas metrópoles.

Em relação a isso, Nunes (2005) acrescenta que nas cidades médias observa-se uma segregação diferenciada, visto que, as classes pobres estão mais distantes espacialmente das classes altas em relação às metrópoles. Nas grandes cidades, muitas vezes, um condomínio fechado localiza-se ao lado de uma favela, isto é, existe segregação, mas as classes encontram-se muito próximas, o que não acontece normalmente nas cidades médias. O resultado disso é a formação de uma multidentalidade e um distanciamento de bairros populares e bairros de classe média e alta: relação complexa entre pobreza urbana e concentração espacial de riqueza.

Nas cidades médias do Rio Grande do Sul, como Santa Maria, aquele modelo centro-periferia ainda se faz presente, no qual o centro concentra os serviços e a população de classe média-alta, e na periferia encontram-se as pessoas das classes mais baixas. Observa-se deste modo uma segregação sócio-espacial entre a área

---

<sup>6</sup> Sobre a discussão de cidades médias consultar: Soares (1999, 2000), Amorim Filho (2001); Sposito (2001, 2006); Andrade e Serra (2001); Costa (2002).

central e a periferia da cidade. Em Santa Maria – área de estudo desta pesquisa –, existem atualmente cinco condomínios fechados, localizados em bairros mais periféricos<sup>7</sup>, podendo considerar que é um fenômeno pouco representativo no espaço citadino.

Nas cidades de porte médio a incidência criminal também é uma realidade. De acordo com os dados da Secretaria da Segurança Pública – DATASEG<sup>8</sup>, fazendo uma comparação entre os dados de 2000 e 2005 observa-se que os números de crimes contra pessoas (homicídios e lesões corporais) aumentaram no período. Obviamente a população também teve um determinado aumento considerando o mesmo espaço de tempo, então se deve considerar esta variável na análise dessas informações. Os gráficos seguintes demonstram os dados criminais relacionados a crimes contra pessoa, de cinco cidades médias do Rio Grande do Sul: Caxias do Sul, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande e Santa Maria. Na Figura 5, têm-se os dados referentes ao número de homicídios de 2000 e 2005.

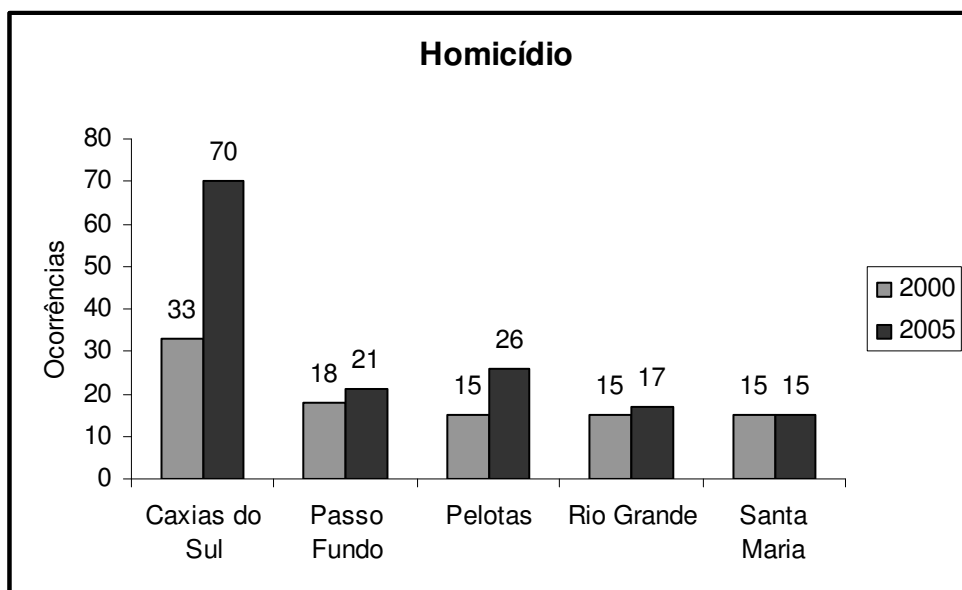


Figura 5: Gráfico representando o número de homicídios entre 2000 e 2005  
Org.: MELARA, E., 2008

<sup>7</sup> De acordo com a entrevista realizada junto ao responsável pela Diretoria de Análises de Projetos e Vitorias da Prefeitura Municipal de Santa Maria, existem 5 condomínios fechados na cidade: dois no bairro Camobi, um no bairro Cerrito, um no bairro Tomazzetti e um no bairro N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Perpétuo Socorro.

<sup>8</sup> DATASEG (Dados da Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul). A Secretaria da Justiça e da Segurança, através do Departamento de Relações Institucionais, mantém o sistema de consultas às estatísticas de segurança pública chamado DATASEG. Nele são divulgados os dados referentes às ocorrências criminais registradas e os índices previstos na Lei nº 11.343/99 (<http://www.ciosp.rs.gov.br>).

Observa-se no gráfico que na cidade de Caxias do Sul, o número de homicídios é superior ao das outras cidades, e o aumento deste tipo de crime do ano de 2000 para o ano de 2005 é visível. Nas outras cidades o número de homicídios é inferior se comparado a Caxias do Sul, além disso, os números de homicídios de 2000 para 2005 não apresentaram um aumento expressivo, com exceção de Pelotas, onde os homicídios quase dobraram no período.

Na Figura 6 verificam-se os dados vinculados a lesões corporais de 2000 e 2005.

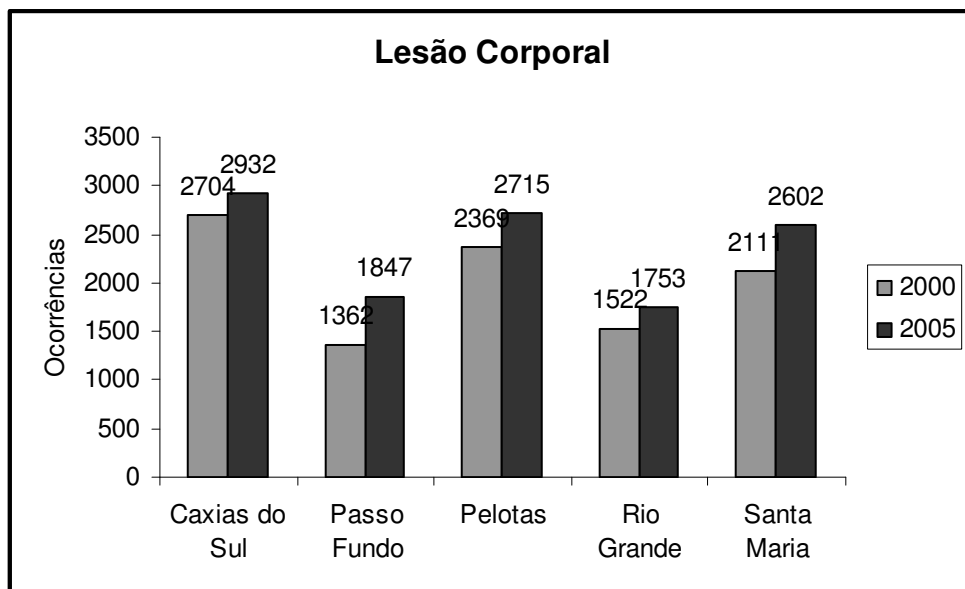


Figura 6: Gráfico representando o número de lesões corporais entre 2000 e 2005  
Org.: MELARA, E., 2008

Observa-se pelo gráfico que os números são bem elevados em todas as cidades estudadas, e percebe-se ainda que apresentam uma tendência de aumento em todas as cidades.

Na Tabela 1 verificam-se os dados de 2005 dos crimes contra pessoa e de crimes contra a propriedade – homicídios, lesões corporais, roubos e furtos – nas mesmas cidades, observando o total de ocorrências a cada 100 mil habitantes.

Como já foi comentado Caxias do Sul se sobressai em relação às outras cidades quando se fala em número de homicídios. Em relação às lesões corporais todas as cidades apresentam números elevados deste tipo de crime, sendo Caxias

Tabela 1: Número de homicídios, lesões corporais, roubos e furtos a cada 100 mil habitantes

Cidades	Pop. Total*	Homicídios		Lesões Corporais		Roubos		Furtos	
		Total	Por 100 mil hab.	Total	Por 100 mil hab.	Total	Por 100 mil hab.	Total	Por 100 mil hab.
<i>Caxias do Sul</i>	404.187	<b>70</b>	<b>17,31</b>	2.932	725,40	2.553	<b>631,63</b>	9.291	2.298,68
<i>Passo Fundo</i>	185.279	21	11,33	1.847	<b>996,87</b>	975	526,23	5.356	<b>2.890,77</b>
<i>Pelotas</i>	342.513	26	7,59	2.715	792,67	2.088	609,61	7.375	2.153,20
<i>Rio Grande</i>	195.392	17	8,7	1.753	897,17	1.088	526,82	4.068	2.081,96
<i>Santa Maria</i>	266.042	15	5,6	2.602	978,04	1.280	481,12	6.833	2.568,39

Fonte: DATASEG (Dados da Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul).

\* Estimativa Censo para 2005, IBGE

do Sul e Santa Maria as que apresentam as maiores taxas. Em relação ao número de roubos, Caxias do Sul também se destaca, e em relação aos furtos, todas as cidades apresentaram um número elevado deste tipo de crime, sendo novamente as cidades de Caxias do Sul e Santa Maria que se sobressaíram nestes dados.

Muitos autores colocam que o aumento do número de assaltos e furtos, em muitos casos, pode estar relacionado ao tráfico e consumo de drogas, pois muitas pessoas roubam ou furtam para sustentar o vício. Esse fato poderia explicar em parte o elevado número de roubos e principalmente de furtos nestas cidades. No decorrer do texto se falará mais especificamente do caso de Santa Maria, onde essa realidade está presente.

Observa-se que a cidade de Caxias do Sul apresentou um número elevado na taxa de homicídios com 17,31 mortes a cada 100 mil habitantes, mas se compararmos esse número, por exemplo, com a cidade de Porto Alegre, verifica-se que o número de homicídios de Caxias do Sul não é muito representativo, já que Porto Alegre apresentou uma taxa de 40,5 homicídios a cada 100 mil habitantes. Outros exemplos podem ser citados referindo-se a elevados números de homicídios: Curitiba apresenta uma taxa de 32,2 mortes a cada 100 mil habitantes, São Paulo, 52,6, Rio de Janeiro, 62,8 Vitória, 80,2 e Recife, 90,0 homicídios. Isso mostra que as cidades de porte médio do Rio Grande do Sul ainda representam um local onde a criminalidade, em especial a relacionada a homicídios, é inferior a das grandes metrópoles.<sup>18</sup>

## **2.2. O Tráfico de Drogas no Espaço Urbano**

O que se detecta é que os discursos da violência e do medo vêm influenciar a produção do espaço urbano, aumentando as disparidades sócio-espaciais já existentes. É importante colocar que o medo não afeta somente a classe média e alta da sociedade, as quais procuram formas de moradias seguras para residir. O medo afeta também os moradores das favelas e das periferias pobres. Em algumas favelas nem sempre os traficantes – moradores de favelas – respeitam os outros moradores.

---

<sup>18</sup> Dados retirados do livro “O mapa da violência” de Waiselfsz (2004).

Em se tratando do tráfico de drogas, Francisco Filho (2004) coloca sobre a relevância que esse mercado tem na organização do espaço urbano. Embora sua visibilidade esteja centrada nas áreas mais pobres das cidades, sabe-se que esse crime envolve pessoas de todas as classes sociais, seja para o consumo ou para a produção e venda da droga.

De acordo com o autor, a violência tem o potencial de influenciar na cotidianidade das pessoas, na organização dos seus horários e nas formas como se previnem da violência. Conseqüentemente, estas ações podem alterar a organização do espaço urbano, o que se torna cada vez mais segregado, encarcerando as pessoas em busca da segurança. Contudo, é importante saber que não é somente a ação criminal que provoca alterações nesse espaço, vários fatores contribuem para a produção e organização espacial das cidades, fatores sociais, espaciais, econômicos, históricos e políticos. É importante comentar que esta organização espacial urbana, construída pelos diversos fatores citados, também contribui para aumentar ou reduzir a problemática da criminalidade. Um exemplo disso refere-se à questão do tráfico de drogas, o qual, escolhe espaços segregados da cidade para sua inserção e funcionamento.

Sobre os motivos pelos quais as pessoas envolvem-se com o tráfico, Fernandez & Maldonado (1999) afirmam que uma dessas razões pode ter origem individual ou psíquica, como é o caso do sentimento de ambição, o ganho fácil, a inveja, entre outras causas, que também podem estar ligadas às razões de origem social, e vice-versa. As causas de cunho social seriam de natureza conjuntural/estrutural, ligadas a fatores como pobreza, desemprego e ignorância.

De acordo com Francisco Filho (2004):

O tráfico de drogas tem se revelado como a base para a deflagração de inúmeros processos que geram a violência urbana. Na sua base está a existência de uma enorme demanda pelo *produto*, nas suas várias formas. As cidades, como grandes centros consumidores, criam um mercado que favorece a estruturação de uma rede de fornecimento altamente organizada, em que o fluxo do produto segue um caminho que vai do produtor ao consumidor, obedecendo os mesmos princípios a que está submetido qualquer bem de consumo com grande demanda. A diferença, nesse caso, está na não participação do Estado como órgão regulador, uma vez que se trata de algo ilícito. O vácuo do Estado, porém, é preenchido por uma estrutura de dominação que visa o comércio através de regras próprias, fazendo uso da força e da intimidação com o objetivo de garantir o território e, portanto, a perpetuação do *processo produtivo*

em que o tráfico está inserido. Apesar de possuir um forte componente territorial, o tráfico de drogas não é o responsável único pela violência urbana, mas dele derivam outras formas de violência que corroboram para o agravamento do *estado de violência* generalizado a que as grandes metrópoles estão expostas.

Para Souza (2000, p. 53):

Embora tráfico de drogas e a criminalidade urbana violenta não sejam sinônimos – pois nem o tráfico precisa sempre e em todas as instâncias da violência nem a criminalidade violenta, naturalmente, se reduz aos crimes vinculados com o tráfico –, é indiscutível que a dinâmica da violência urbana passou, nas duas últimas décadas, a estar fortemente marcada pelos efeitos diretos (guerra entre quadrilhas e entre estas e a polícia, "balas perdidas") e indiretos (empréstimo de armamentos de traficantes para criminosos comuns, delitos praticados por viciados etc.) do tráfico de tóxicos.

No Brasil, não somente as metrópoles enfrentam essas questões; nas cidades de porte médio a dinâmica do tráfico de drogas segue uma lógica semelhante à das grandes cidades. Francisco Filho (2004) acrescenta que existe uma ligação do tráfico, como grande organizador de um estado de violência, e os delitos comuns que ocorrem nos espaços urbanos. Pessoas ligadas às classes pobres praticam pequenos furtos e roubos para sustentar o vício. Criminosos mais profissionais promovem assaltos mais refinados e perigosos em busca de recursos que possam alimentar a compra de armas e drogas no atacado.

Dentro do território urbano essa organização tende a se segregar e ocupar espaços que garantam sua ação, estabelecendo uma rede em que cada agente possui uma função definida dentro da estrutura criminosa. No tráfico, por exemplo, a venda de drogas está organizada em uma rede que vai dos grandes traficantes internacionais, responsáveis pelo abastecimento no atacado de grandes regiões, aos "aviões", que distribuem a droga nas favelas (SOUZA, 1996).

Conforme Souza (1996), a estrutura do tráfico de drogas no Brasil concerne em dois subsistemas interconectados. O primeiro pode ser chamado de subsistema importação/exportação/atacado. Esse subsistema está relacionado aos verdadeiros grandes traficantes (importadores e atacadistas): agentes envolvidos com a lavagem de dinheiro, com o financiamento de negócios escusos, com o transporte de drogas, os funcionários de portos e aeroportos, policiais corruptos, etc.



Diante do crescimento do negócio ilícito no mundo, constata-se que o tráfico de drogas é um negócio que vem movimentando grandes somas em dinheiro. Segundo Fernandez & Maldonado (1999) o tráfico de drogas é considerado um dos grandes negócios no *ranking* mundial, perdendo apenas para o setor de petróleo e para a indústria automobilística. Conforme os autores, este negócio movimenta anualmente algo em torno de US\$ 750 bilhões. Esse subsistema é em grande parte responsável pelo abastecimento dos traficantes que operam no varejo, através do fornecimento de drogas e também de armas.

Em relação ao segundo subsistema vinculado ao varejo, Souza (1996) explicita que o papel das quadrilhas tem suas bases de apoio logístico, muitas vezes, nas favelas ou em outros espaços segregados das cidades. De acordo com Zaluar (1994) na microfísica do empreendimento da droga tem sempre a ponta da rede que termina nas favelas. A quadrilha de traficantes assaltantes se forma em torno de um traficante que é o dono da mercadoria e traz a droga para o local, o qual está no controle do capital e tem poder sobre a boca-de-fumo.

Assim, segundo Souza (1996) o subsistema do varejo pode envolver uma multiplicidade de atores, numa estrutura hierárquica:

- dono: o qual controla a (s) boca(s)-de-fumo;
- olheiro: que avisa sobre a aproximação da polícia;
- aviões: entregadores da droga ao cliente;
- soldados: que fazem a segurança da boca-de-fumo;
- gerentes: que administram o movimento das bocas-de-fumo para o “dono”;
- pessoas (também mulheres): que embalam a droga para a revenda.

Levando em conta escalas mais abrangentes na análise, percebe-se a natureza desigual do tráfico de drogas. Redes locais controladas pelos donos da boca-de-fumo. Esses pontos estão conectados a redes nacionais e internacionais, abarcando os financiadores e todos aqueles que não moram nas favelas, mas que são os principais beneficiados do tráfico. De acordo com Zaluar (1994) a pobreza é funcional para o tráfico de drogas, o qual devora os jovens das favelas como mão-de-obra barata e descartável, os quais acabam tendo, muitas vezes, uma vida curta, interrompida pela violência do tráfico.

Segundo Francisco Filho (2004), da mesma forma em que o poder aquisitivo da população pode desencadear uma segregação das classes em enclaves urbanos, a situação de uma auto-segregação, um baixo poder aquisitivo associado a outras

dimensões sociais pode levar a uma situação de segregação induzida. É nesse cenário, que o tráfico encontra campo propício para sua atuação. Já o grande traficante, caracterizado por um elevado poder aquisitivo, que representa o subsistema do atacado, muitas vezes habita as áreas nobres da cidade, misturando-se aos cidadãos de classe alta que moram em condomínios luxuosos que possuem, inclusive, proteção do Estado. Na classe mais baixa podemos encontrar as pessoas que moram nas periferias pobres ou favelas, representadas pelo subsistema do varejo, responsáveis pela distribuição direta da droga, que habitam os enclaves pobres das áreas urbanas.

Souza (2000) comenta sobre essa estrutura do tráfico de drogas que termina nas favelas, podendo ser considerada a ponta da rede do tráfico, a qual gera um clima de tensão nos moradores das favelas, devido aos conflitos entre quadrilhas e entre traficantes e policiais. As favelas são os locais utilizados para o preparo e venda das drogas, e pelas condições de falta de infra-estrutura e ausência do Estado, tornam-se territórios marginais ligados ao mito da violência. O medo da violência está presente tanto nas pessoas que moram nestes locais, como nas pessoas que estão fora deste território, estas sabem que as ações de criminosos partem desses enclaves. Por conta desse mito, as favelas e os bairros periféricos são pensados pelos cidadãos como lugares perigosos, que devem ser evitados.

De acordo com Francisco Filho, um dos reflexos dessas atividades criminosas está nas transformações na organização do espaço urbano:

A segregação do espaço urbano espelha e evidencia a grande diferença com que as classes sociais têm acesso à riqueza, empurrando para as periferias e áreas de risco uma extensa população que vive às margens do processo produtivo legal. O termo *legal*, nesse caso, se refere às condições de trabalho em que o cidadão está inserido regularmente no mercado formal, com vínculo empregatício, participação no sistema previdenciário e, conseqüentemente, com acesso aos serviços prestados pelo Estado, ainda que parcos. As classes ditas *excluídas*, apesar de não estarem regularmente inseridas na estrutura *legal*, participam ativamente da vida econômica através do que se convencionou chamar de *mercado informal*. São trabalhadores sem vínculo empregatício, vendedores ambulantes e donos de pequenos negócios, geralmente empurrados para a informalidade em conseqüência do desemprego. Essa realidade se reflete no espaço urbano através das áreas periféricas carentes de infra-estrutura e das favelas, exemplo máximo desta cruel realidade. Normalmente são espaços com ocupação desordenada, altamente adensada e com uma morfologia própria que os diferencia da chamada *cidade legal*. Da mesma forma que

essa segregação cria uma *geografia* típica das cidades, também seu congênere cria uma *geografia do crime*, em que a violência, segregada e especializada, se manifesta através da ocupação de enclaves urbanos, como é o caso da relação favela/tráfico, ou se dispersa por todo o território da cidade, em ações que objetivam determinadas práticas, como é o caso do roubo e furto de veículos. Em todos os casos temos uma cidade em que seus cidadãos vivem com medo, balizando suas vidas pelo elemento *segurança*, dando um novo formato à morfologia da cidade que tem o medo como um forte referencial (FRANCISCO FILHO, 2004, p. 36-37).

Constata-se que as áreas segregadas pela sociedade são escolhidas, muitas vezes, como locais para o funcionamento do tráfico de drogas. Dessa forma, a visibilidade da violência gerada por esse negócio recai sobre os locais ocupados por pessoas de classe baixa, nas periferias pobres e favelas. Verifica-se que a organização espacial da cidade de forma segregada influencia na propagação do tráfico e, conseqüentemente, na geração de violência. Em Santa Maria, a pesquisa vai revelar que essa constatação se faz presente, já que a organização espacial da cidade intervém no funcionamento do negócio da droga e, conseqüentemente, exerce influência nas ocorrências de determinados tipos de violências.

### **3. O ESPAÇO URBANO DE SANTA MARIA, CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS E DE INFRA-ESTRUTURA URBANA**

---

Conforme Belém (1989) Santa Maria originou-se de um acampamento militar. Esse acampamento cumpria o Tratado de Santo Ildefonso, assinado em 1777, dessa forma uma Comissão Demarcadora de Limites da América Meridional, formada por membros da Espanha e de Portugal, em 1787, montou um acampamento na margem ocidental do Arroio Santa Maria, atual bairro Passo d' Areia, dando ao lugar o nome de Rincão de Santa Maria. Esse ponto era estratégico para tropas militares garantirem a segurança do território. O acampamento ficou conhecido por Acampamento de Santa Maria, que mais tarde foi chamado de Acampamento de Santa Maria da Boca do Monte. "Boca do Monte" foi um apelido que os espanhóis deram ao local, por se localizar na entrada da serra de São Martinho.

No ano de 1857, Santa Maria é elevada à vila, começando a se desenvolver como cidade. Segundo Belém (1989):

- em 1857 observa-se a ampliação do sistema viário;
- em 1858 tem-se o primeiro traçado do perímetro urbano da cidade;
- em 1865 começou-se a desenvolver o núcleo central da cidade, com a demarcação de terrenos e requerimento de loteamentos;
- em 1881 a iluminação a querosene chega à cidade;
- em 1885 a rede ferroviária é construída, ligando Santa Maria a importantes cidades do Rio Grande do Sul, como Porto Alegre.

Segundo Bolfe (1997), Santa Maria apresentou uma população majoritariamente urbana a partir de 1950. Em 2000, 95% da população era urbana (Tabela 2). Atualmente a cidade tem uma população de 266.042 habitantes.<sup>19</sup> Além disso, segundo o IBGE (1991), estima-se que a cidade possua uma população flutuante de 14.000 pessoas que permanecem no local com o objetivo de estudar ou prestar serviço militar.

---

<sup>19</sup> Estimativas do IBGE para 2005.

Tabela 2: População rural e urbana de Santa Maria

<b>Ano</b>	<b>Total</b>	<b>Urbana</b>	<b>%</b>	<b>Rural</b>	<b>%</b>
1950	83.001	47.904	57	35.097	43
1960	120.975	85.014	69	36.961	31
1970	156.929	124.288	79	32.641	21
1980	181.685	154.919	85	27.006	15
1990	217.392	196.347	90	21.237	10
2000	243.392	230.464	95	12.419	5

Fonte: Bolfe (1997).

Bolfe (1997), na sua dissertação de mestrado, escreve sobre a expansão urbana da cidade, explicitando que esta se deu no sentido leste-oeste. Conforme a autora, um dos motivos desta expansão se dar na direção leste-oeste, deve-se a questões de geomorfologia, isto é, a Encosta da Serra Geral ao norte e os morros à sudeste impediram e impedem a ocupação. Outros motivos desta expansão vinculam-se aos seguintes fatos: ao leste foi criada a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 1960; a Base Aérea e o Aeroporto Civil, em 1970 no bairro Camobi; e ao oeste, implantou-se o Distrito Industrial a partir de 1975, onde foram estabelecidos conjuntos habitacionais, como o da Cohab Santa Marta, no bairro Juscelino Kubitschek, e a Cohab Passo da Ferreira (Tancredo Neves)<sup>20</sup>, visando a fixação de mão-de-obra para as indústrias.

Como se comentou anteriormente sobre a expansão da cidade no sentido leste, uma das causas foi a implantação da Base Aérea no bairro Camobi. Nesse sentido, de acordo com Bolfe (2003), é importante acrescentar que Santa Maria ocupa o segundo lugar no Brasil em unidades militares, formado pela 3ª Divisão de Exército, 6ª Brigada de Infantaria Blindada e Base Aérea, com mais de 10.000 famílias ligadas ao contingente militar, numa área de 741.518 hectares. Conforme a autora este fato está relacionado ao interesse estratégico militar do país, que envolveu a criação de Santa Maria.

Como já enunciado, outro motivo da expansão para leste relaciona-se à implantação da Universidade Federal de Santa Maria. De acordo com Bolfe (2003), até 1960 Santa Maria possuía o título de “Metrópole Escolar do Rio Grande”, a partir desse período passou a ser chamada de “Cidade Universitária” em função da criação da UFSM, a primeira universidade federal do interior do país, que no ano de

<sup>20</sup> Neste Trabalho será utilizada a denominação deste bairro como Tancredo Neves (denominação mais usual na cidade de Santa Maria).

2002 contava com 37 cursos de graduação e 59 habilitações, 47 cursos de pós-graduação e 12 cursos de ensino médio e tecnológico.

De acordo com a autora, além do grande destaque à UFSM, têm-se outros cursos superiores importantes para a cidade, em instituições privadas: o Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), a Faculdade Metodista (FAMES), a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), entre outras.

Essas informações permitem observar a tendência ao fortalecimento de Santa Maria como um pólo educacional, favorecendo sua atração regional e inter-regional:

Para demonstrar a atração regional de Santa Maria face ao fluxo de população estudantil para o vestibular 2003, no qual foram inscritos 26.002 candidatos, sendo que 22.320 são de origem de 415 municípios do total de 427 municípios gaúchos. Além do Estado, inscreveram-se 3.693 (14%), candidatos de outros estados da Nação e 9 de outros países (BOLFE, 2003, p. 176).

Uma outra característica interessante da cidade de Santa Maria vincula-se a questão hospitalar. Segundo Bolfe (2003) a cidade atende e pacientes de muitas cidades do Rio Grande do Sul. São sete hospitais da cidade, totalizando até fevereiro de 2002, 752 leitos, destes 245 são conveniados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mas 122 leitos são destinados aos militares, pois dos sete hospitais, três são destinados para pacientes ligados ao Exército e à Base Aérea.

No setor econômico, Santa Maria caracteriza-se pelo seu potencial comercial e de prestações de serviços. Conforme Bolfe (2003, p. 178-179):

[...] as primeiras impressões sobre o comércio de Santa Maria foram relatadas pelo cientista francês Auguste Saint-Hilaire, enquanto viajava a pesquisa no RS, em 1821. Em 1830 chegaram em Santa Maria imigrantes alemães que incrementaram o comércio e em 1870 chegaram os italianos que se destacaram como comerciantes na produção de produtos coloniais. [...] Em 1960, com a construção da UFSM, o comércio aumentou e logo após, com a instalação da base aérea de Santa Maria, no bairro Camobi, concentrando populações com níveis de renda mais elevados, solicitam um comércio de melhor qualidade. [...] Até 1999 foram registrados, segundo a Secretaria Municipal de Indústria e Comércio da Prefeitura Municipal – SMIC/PM 6.408 empresas comerciais.

Em relação à indústria, Bolfe (2003) escreve que estas começaram a se desenvolver apenas em 1970, quando houve melhorias na infra-estrutura para a indústria, principalmente com a criação do Distrito Industrial à oeste da cidade. Têm-se 760 empresas industriais em Santa Maria, tendo destaque para o setor alimentício, de móveis e empresas de Metalurgia. Segundo Bolfe (2003), a Secretaria Municipal de Indústria e Comércio da Prefeitura Municipal (SMIC/PM), constatou que, em 2000, havia na cidade: no comércio 6.498 empresas; prestação de serviços, 4.963 empresas e indústria, 760 empresas. De acordo com Beber (1998), citado por Bolfe (2003, p 181):

[...] examinando as análises de Antonio Filho Alonso, da Fundação de Economia e Estatística do RS – FEE – observa que o caso de Santa Maria é único, ressaltando que sua economia centrou-se nas atividades do setor de serviços, enfraquecendo a indústria em relação ao Estado (RS).

Pode-se perceber a disposição dos bairros de Santa Maria, onde o espaço se caracteriza por apresentar uma expansão urbana no sentido leste-oeste. A área central possui uma grande densidade demográfica, fato que pode ser justificado quando se analisa que é nesta área que está concentrado o centro financeiro, comercial e de prestação de serviços da cidade. Segundo Bolfe (2003), a verticalização da área central da cidade, com a construção de edifícios, favoreceu e favorece o adensamento da população no local. Na Tabela 3 e na Figura 7 pode-se verificar a distribuição da população por bairro.

É importante colocar que a cidade de Santa Maria apresenta uma quantidade elevada de ocupações clandestina.<sup>21</sup> Segundo informações da Secretaria Municipal de Habitação e Regularização Fundiária, existem atualmente na cidade, mais de 67 áreas de ocupações clandestinas. A maior delas era representada pela ocupação Nova Santa Marta, que possui, atualmente, cerca de 25 mil pessoas e localiza-se ao

---

<sup>21</sup> Neste trabalho o estudo das ocupações não legalizadas foi de fundamental importância. Nesse sentido, foram utilizadas as expressões: ocupações ilegais, ocupações irregulares, ocupações clandestinas, etc. Essas expressões foram usadas para caracterizar as áreas que foram ocupadas sem o consentimento da Lei, contudo não se quer neste trabalho reforçar que existe uma ilegalidade, apenas diferenciar das ocupações legalizadas, não considerando estas um abuso, mas sim uma necessidade perante as injustiças sócio-espaciais vigentes nas cidades.

norte do bairro Juscelino Kubistchek, entretanto com o novo Plano Diretor da cidade, esta ocupação foi regularizada.<sup>22</sup>

Segundo Bolfe (2003, p. 167):

A problemática que envolve a questão da moradia e da regularização fundiária é um fato muito antigo em Santa Maria, chamada “cidades das invasões” devido às várias ocupações que se estendem desde a década de 60 e 70.

Tabela 3: Número de habitantes por bairro

<b>Bairros</b>	<b>Habitantes</b>
Camobi	13.334
Caturrita	3.076
Centro	29.330
Cerrito	815
Chácara das Flores	3.486
Cohab Camobi	2.460
Cohab Passo da Ferreira	11.714
Itararé	10.123
Juscelino Kubistchek	12.606
Km Três	4.678
Medianeira	11.903
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> das Dores	6.109
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> de Lourdes	12.896
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> do Perpétuo Socorro	6.360
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> do Rosário	7.185
Parque Pinheiro Machado	11.334
Passo d' Areia	7.745
Patronato	10.563
Pé de Plátano	2.913
Presidente João Goulart	6.015
Salgado Filho	14.178
São José	3.815
Tomazzetti	6.803
Urlândia	4.952
<b>Total</b>	<b>229.031</b>

Fonte: Censo do IBGE do ano de 2000.

<sup>22</sup> Sobre o bairro Nova Santa Marta falar-se-á no capítulo 5 deste trabalho.



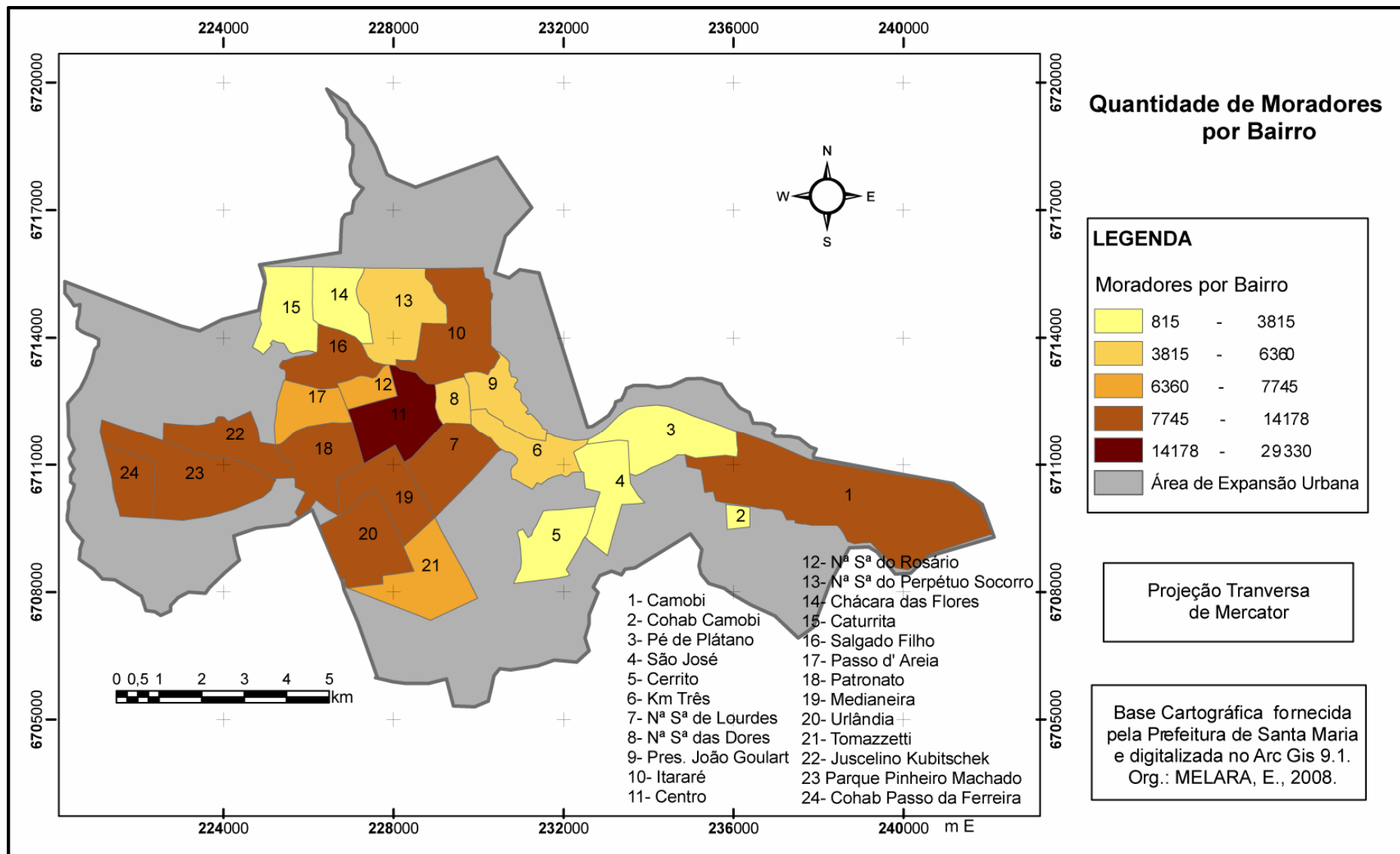


Figura 7: Distribuição da população por bairro da cidade de Santa Maria

Na Tabela 4, tem-se a distribuição das ocupações clandestinas por bairro, onde se observa que a maioria dos bairros possui áreas com este tipo de ocupação, as quais se caracterizam por uma população de baixa renda e por precárias condições de infra-estrutura. Contudo, verifica-se que os bairros mais periféricos da cidade são aqueles que apresentam um maior número de ocupações irregulares.

Tabela 4: Número de Ocupações Clandestinas por Bairro

<b>Bairros</b>	<b>Número de ocupações clandestinas</b>
Camobi	4
Caturrita	4
Centro	2
Cerrito	5
Chácara das Flores	3
Cohab Camobi	0
Cohab Passo da Ferreira	4
Itararé	4
Juscelino Kubistchek	3
Km Três	4
Medianeira	1
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> das Dores	0
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> de Lourdes	0
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> do Perpétuo Socorro	2
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> do Rosário	1
Parque Pinheiro Machado	4
Passo d' Areia	2
Patronato	4
Pé de Plátano	1
Presidente João Goulart	3
Salgado Filho	4
São José	2
Tomazzetti	4
Urlândia	4
<b>Total</b>	<b>67</b>

Fonte: Secretaria do Município de Habitação e Regularização Fundiária.

Essas áreas estão sendo mapeadas pela Secretaria do Município de Habitação e Regularização Fundiária, visto que, muitas destes locais poderão ser beneficiadas pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).<sup>23</sup> Uma das metas deste

<sup>23</sup> No site <http://www.brasil.gov.br/pac/> podem-se encontrar informações sobre este programa federal.

programa refere-se a investimentos na infra-estrutura urbana, destinados a urbanização e saneamento de áreas periféricas das cidades. O programa objetiva beneficiar 39 municípios no Rio Grande do Sul, dos quais Santa Maria seria beneficiada com 138 milhões de reais. Tem-se a finalidade de favorecer várias áreas da cidade, diversas vilas e bairros poderão ser beneficiados com o PAC, tratando-se de áreas de ocupação clandestina que apresentam sérios problemas vinculados ao meio ambiente, ou seja, são ocupações em áreas de risco ou encostas de rios (Quadro 1). Verifica-se que poderão ser cerca de 27 locais beneficiados, sendo que existe um total de 67 áreas na cidade vivendo esta problemática.

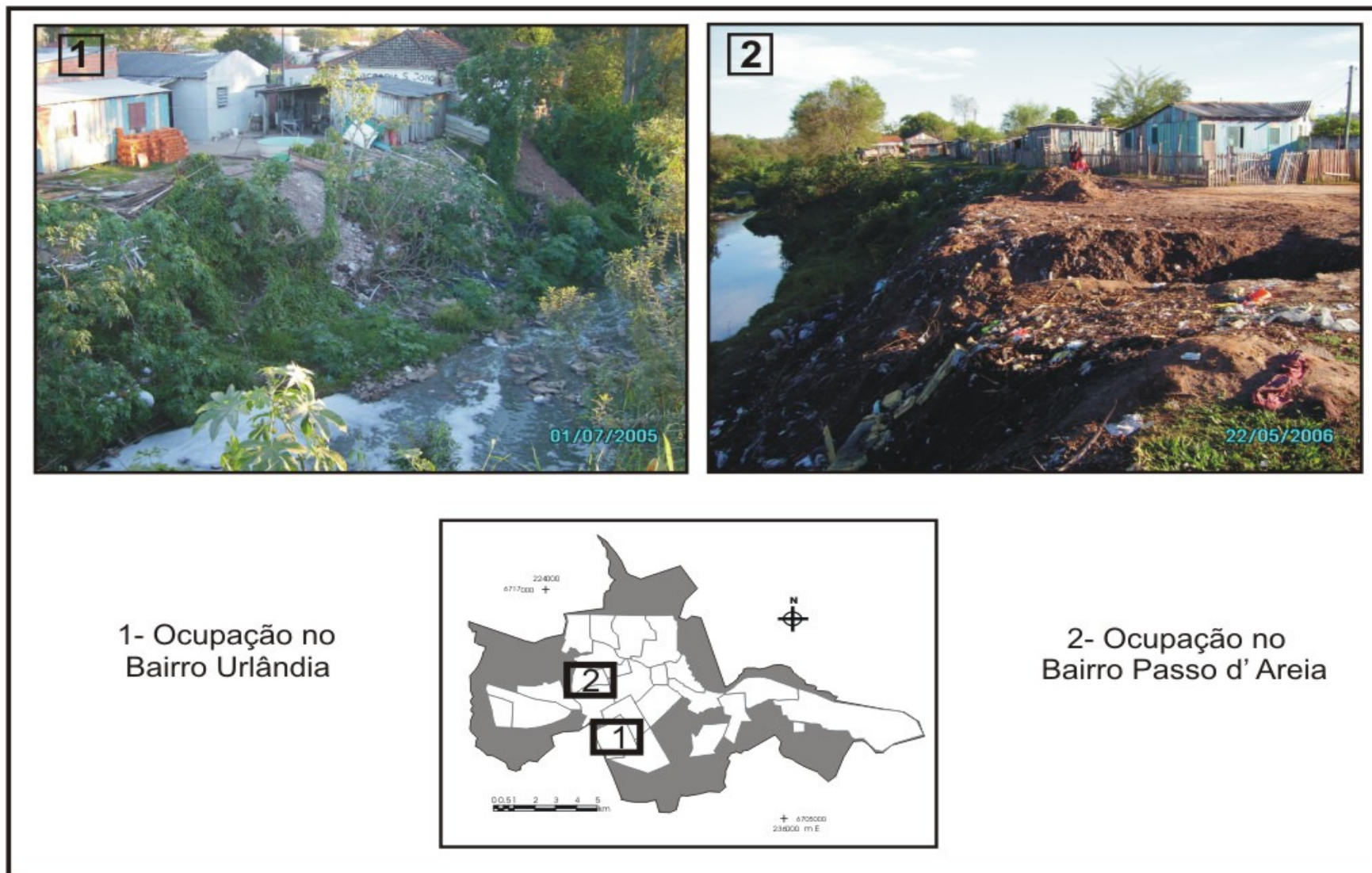
Quadro 1: Locais beneficiados pelo PAC em Santa Maria

<b>Bairros</b>	<b>Vilas/áreas</b>
Caturrita	Bela União
Chácara das Flores	São Rafael, Cerro Azul
Itararé	N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> Aparecida
Juscelino Kubitschek	Ocupação BR-287 Jokey Club, Caramelo, Rigão
Nova Santa Marta	
Km 3	
Medianeira	
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> de Lourdes	Nonoai
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> do Perpétuo Socorro	
Parque Pinheiro Machado	Ocupação BR-287, Ecologia
Passo d' Areia	Oliveira
Patronato	Renascença, Lídia, Arco Íris
Presidente João Goulart	Schirmer
Salgado Filho	Brenner, Kenedy, Brasília Carolina, Km 2
Urlândia	Santos, Lorenzi, Urlândia

Fonte: Jornal da Prefeitura Municipal de Santa Maria.

Na Figura 8, observa-se duas fotos representando áreas deste tipo de ocupação, a primeira localiza-se no bairro Passo d' Areia e a segunda no bairro Urlândia – áreas que podem ser beneficiadas pelo PAC.<sup>24</sup> Nas fotos percebe-se a precariedade que vive as pessoas que moram nestes locais, a falta de saneamento básico é visível.

<sup>24</sup> Estas fotos foram fornecidas por funcionários da Prefeitura Municipal de Santa Maria envolvidos com o PAC.



Analisando a organização do espaço de Santa Maria, utilizando os dados do IBGE, observou-se que este segue o modelo “centro-periferia”, no qual a área central concentra a população de maior poder aquisitivo, com adequadas condições de infra-estrutura e prestações de serviços. A periferia se caracteriza pela ocupação de uma população de baixa renda e com várias carências ligadas ao saneamento básico. Nas ocupações irregulares, localizadas principalmente na periferia, as condições sociais, econômicas e de infra-estrutura são ainda mais precárias. Desse modo, verifica-se que a cidade de Santa Maria apresenta uma organização espacial representada por uma segregação no espaço urbano. Para tanto, utilizou-se dos dados do IBGE para realizar uma caracterização da cidade em termos sociais, econômicos e de infra-estrutura urbana.

Na Figura 9 tem-se um mapeamento da localização dos domicílios de altos ingressos, nos quais o responsável recebe mais que 15 salários mínimos. Verifica-se que na área central concentra-se um maior número de pessoas que possuem esse nível de renda, destacando-se principalmente o bairro Centro, o qual concentra 45% dos responsáveis pelo domicílio da cidade que apresentam uma renda superior a 15 salários mínimos. O bairro N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Lourdes também se destacou concentrando mais de 11% de moradores da cidade com este nível de renda. Com finalidade de comparação, a Figura 10 mostra um mapeamento localizando a concentração de pessoas com um nível de renda baixo. Percebe-se que a população de baixa renda, ou seja, a maior porcentagem de moradores responsáveis pelo domicílio com uma renda de até dois salários mínimos concentra-se na periferia da cidade. Verifica-se que os bairros Salgado Filho, Juscelino Kubitschek, Parque Pinheiro Machado e Urlândia apresentaram as maiores porcentagens de população com este nível de renda.

Para entender a organização espacial da cidade de Santa Maria e alguns dos motivos pelos quais essa concentração de moradores com elevado poder aquisitivo está presente principalmente no centro da cidade torna-se importante ter conhecimento da obra da professora Lilian Hahn Mariano da Rocha (1993). Na sua dissertação de mestrado faz uma análise sobre a propriedade fundiária controlada pelos grandes proprietários da cidade de Santa Maria, definindo seu espaço de atuação e a estrutura da propriedade, buscando verificar os tipos de

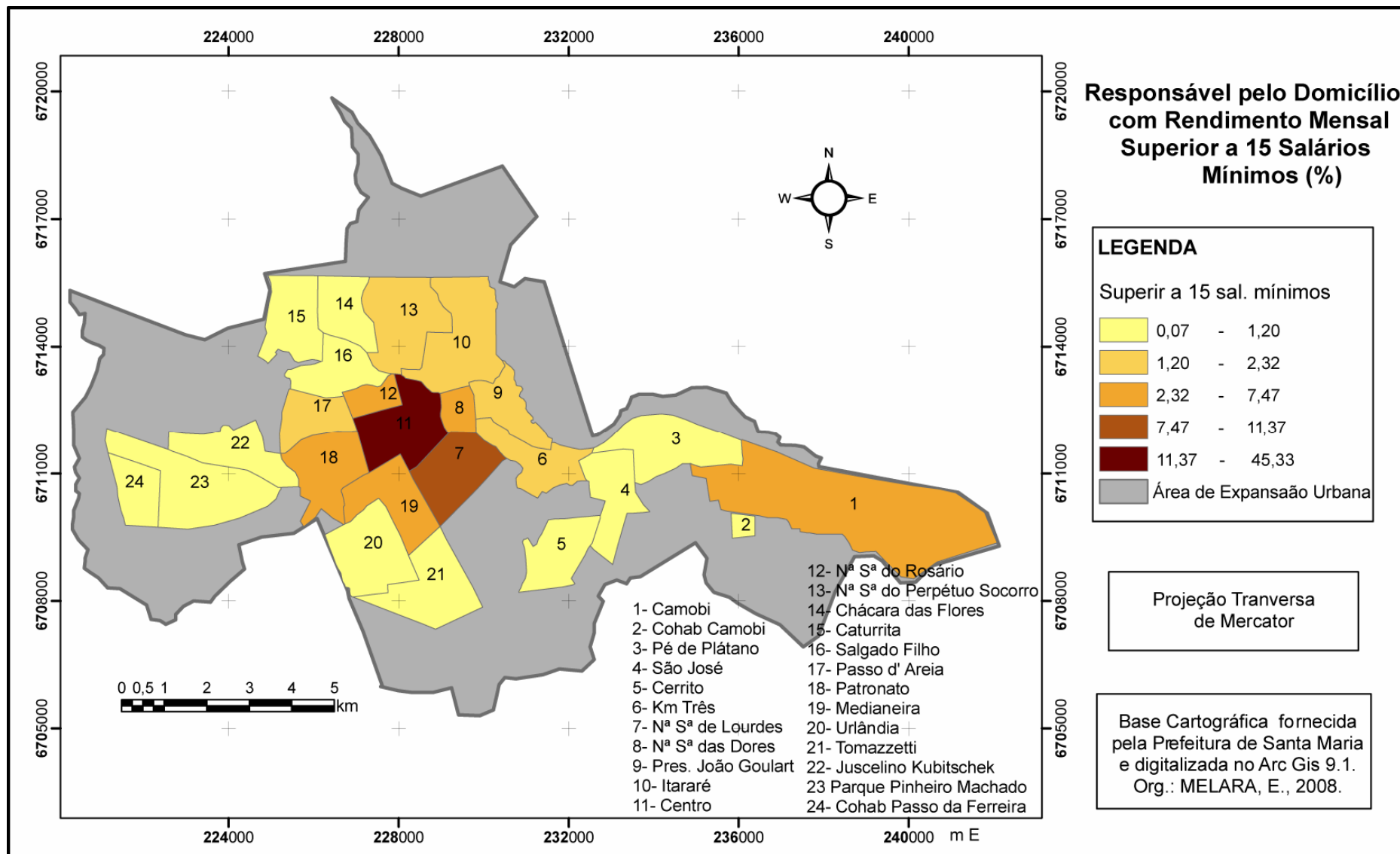


Figura 9: Distribuição por bairro dos responsáveis pelo domicílio que apresentam uma renda mensal superior a 15 salários mínimos

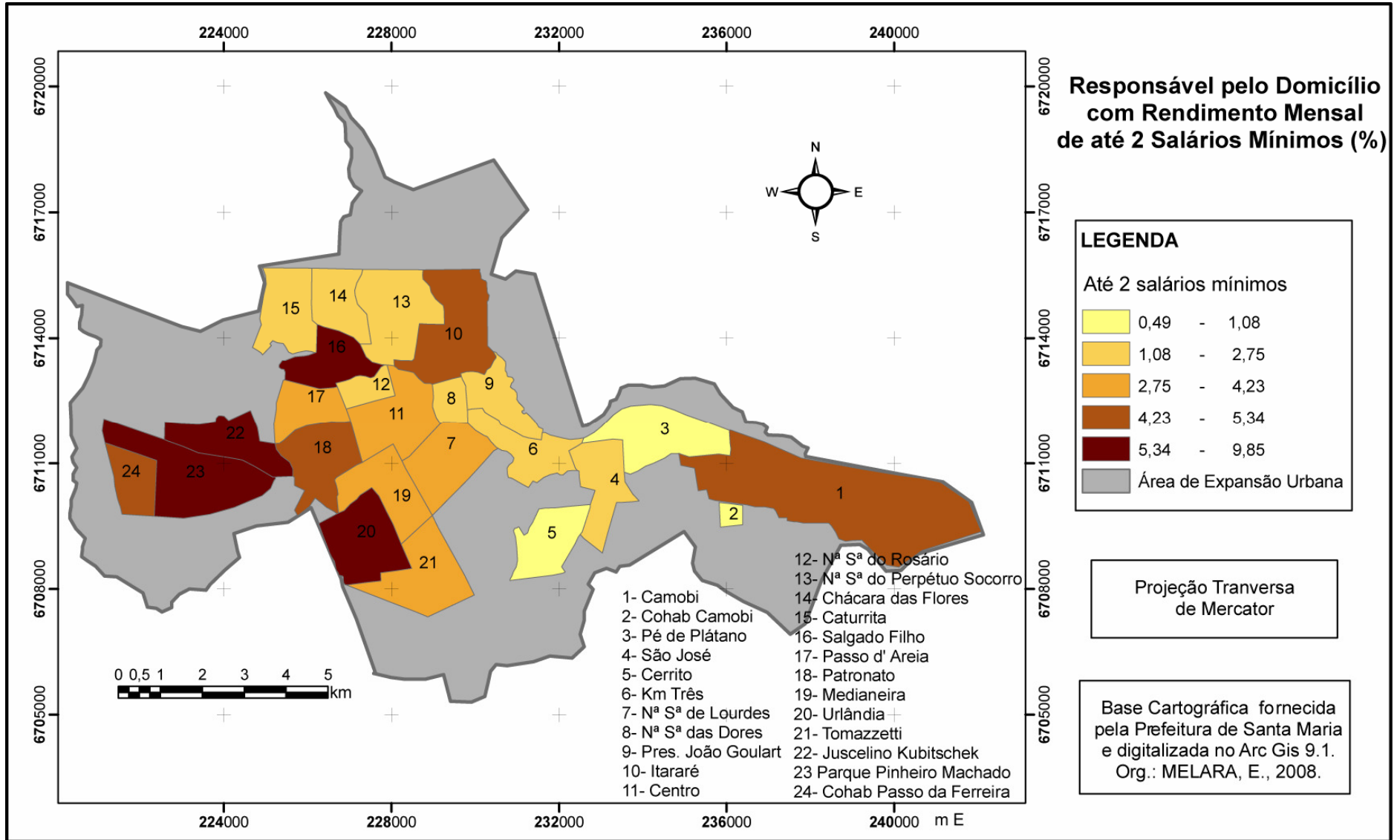


Figura 10: Distribuição por bairro dos responsáveis pelo domicílio que apresentam uma renda mensal inferior a 2 salários mínimos

proprietários que residem na cidade de Santa Maria, bem como a dinâmica de atuação desses proprietários no espaço. É essa dinâmica que facilita a compreensão da organização do espaço urbano de Santa Maria, sua organização de classes, e, também, até que ponto esta organização espacial pode estar relacionada com a criminalidade.

De acordo com a autora, os proprietários rurais tiveram uma importante influência na organização espacial da cidade, concentrando na área central suas moradias, os serviços comerciais, financeiros e de prestação de serviços:

Os grandes proprietários rurais, que hoje, além de possuírem terras, também exercem ou exerceram outras atividades da cidade, especialmente ligada a medicina, que atualmente são proprietários de clínicas e centros clínicos especializados; e também participaram ou participam da vida social e política, ocupando cargos de diretorias de diversos órgãos públicos, especialmente ligados a UFSM, associações, direções de clubes. Na política ocuparam e ocupam cargos como vereador, prefeito, como também já foram governadores, senadores, deputados estaduais e federais. [...] Na cidade são estes fazendeiros proprietários (ou filhos destes) proprietários de grande parte dos lotes urbanos localizados no centro da cidade, bem como inúmeros outros bairros. Além disso, pertence a esta classe um grande número de imóveis comerciais (ROCHA, 1993, p.77-78).

De acordo com Rocha (1993), a organização do espaço decorre da existência de diferentes grupos sociais, que se apresentam de modo diferenciado quanto a classe social pertencente, gerando diferentes processos e formas espaciais. Nesse contexto, Corrêa (1995, p. 8) coloca que:

As áreas residenciais segregadas representam papel ponderável no processo de reprodução das relações de produção, no bojo do qual se reproduzem as diversas classes sociais e suas frações: os bairros são locais de reprodução dos diversos grupos sociais.

Nesse sentido, a localização intra-urbana atual dos proprietários rurais segue um padrão de estrutura centro-periferia, onde “o centro é o local de residência da grande parcela dos proprietários rurais (74,5%), os quais controlam uma área de 79% da cidade. O centro é o local de residência da elite urbana que, em grande parte, é a elite fundiária [...]” (ROCHA, 1993, p 108).

Para reforçar esta idéia de centro “rico”, a autora mostra que:



Do total de proprietários rurais que moram na cidade de Santa Maria (742), 113 ou seja, 15,2% são grandes proprietários; destes 85% residem no centro da cidade. (2% no Bairro Dores, 4% no Lourdes, 0,8% no Medianeira, 3% no Rosários, 0,8% no Salgado Filho, 0,8% no Km 3, 0,8% no Urlândia, 4% no Patronato) A classe dos grandes proprietários, quando analisada em relação ao total de proprietários fundiários residentes no centro da cidade, apresenta 17% deste total, e junto com as duas outras classes (pequenos e médios fazendeiros) controla 79% das áreas. A elevada concentração de terras em mãos de proprietários rurais que, por sua vez, residem no centro da cidade, traduz-se em uma efetiva concentração também da renda fundiária neste espaço urbano (ROCHA, 1993, p. 114).

Segundo Rocha (1993), a estrutura urbana de Santa Maria é uma estrutura do tipo centro-periferia, que é demonstrada pela distribuição espacial vinculada a questão da renda. Essa estrutura centro-periferia é reforçada pela questão da elite fundiária estar mais localizada na área central da cidade, pois, conforme a autora 25% da população urbana ocupa o centro da cidade, contudo, este concentra 74,5% dos proprietários rurais residentes em Santa Maria.

A centralidade do centro é fortalecida e magnificada por esta elite fundiária, sendo também o centro de negócios. No centro, trabalha o maior número de pessoas distribuídas nos três setores (indústria, comércio e prestação de serviços) (ROCHA, 1993, p. 125).

O espaço urbano de Santa Maria apresenta-se de forma segregada, sendo que as características das áreas centrais distinguem-se das características das áreas periféricas, considerando uma segregação do espaço, entre centro e periferia. É relevante comentar sobre a segregação induzida, representada pelas ocupações ilegais que tem sua disposição principalmente nas áreas periféricas da cidade. Sobre a organização desigual do espaço Corrêa (1995, p. 8) afirma que:

[...] o espaço urbano, especialmente o da cidade capitalista, é profundamente desigual: a desigualdade constitui-se em característica própria do espaço urbano capitalista. Em segundo lugar, por reflexo social e porque a sociedade tem a sua dinâmica, o espaço urbano é complexo, com ritmos e natureza diferenciados.

Além de concentrar as pessoas com maior nível de renda, serviços comerciais e financeiros, a área central da cidade também reúne as pessoas que apresentam um alto grau de instrução. De acordo com a Figura 11 pode-se observar que o bairro Centro reúne mais de 44% dos responsáveis pelo domicílio da cidade com mais de 15 anos de estudo e o bairro N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Lourdes concentra 11% dos responsáveis pelo domicílio com este nível de instrução. De modo geral observa-se que a população com um elevado nível de instrução localiza-se na área central da cidade, com exceção do bairro Camobi à leste que também pode ser incluído nesta categoria. Percebe-se que os mesmos bairros que apresentaram uma população com níveis de renda elevados também apresentam população com altos níveis de escolaridade.

A título de comparação, na Figura 12 construiu-se um mapa mostrando os dados referentes à porcentagem de responsáveis pelo domicílio que possuem até três anos de estudo. Nesse mapa se observa que praticamente os mesmos bairros que apresentaram uma quantidade elevada de pessoas com baixa renda também se destacam por possuírem uma quantidade maior de pessoas, em relação à cidade, com um baixo grau de instrução. O bairro Salgado Filho apresentou um maior número de responsáveis pelo domicílio com baixo grau de escolaridade. Os bairros Juscelino Kubitschek, Parque Pinheiro Machado, Patronato, Urlândia e Camobi também apresentaram um número considerável de pessoas com este nível de instrução, se comparados com os outros bairros da cidade.

Pelo que se observa nas Figuras 11 e 12, pode-se reforçar ainda mais esta idéia de estrutura urbana centro-periferia de Santa Maria, onde na área central localizam-se as pessoas com um maior poder aquisitivo e com maiores níveis de escolaridade. Sendo que a periferia concentra as pessoas de baixa renda e com um baixo grau de instrução.

Para reforçar estas considerações, foram analisadas as questões relativas à infra-estrutura da cidade, verificando-se que as áreas centrais possuem, na sua maior parte, condições satisfatórias de infra-estrutura urbana, ao contrário da periferia, que apresenta muitas carências neste sentido. Quanto à questão do esgotamento sanitário, percebe-se que os domicílios ligados à rede geral ou pluvial de esgotamento concentram-se principalmente na área central da cidade.

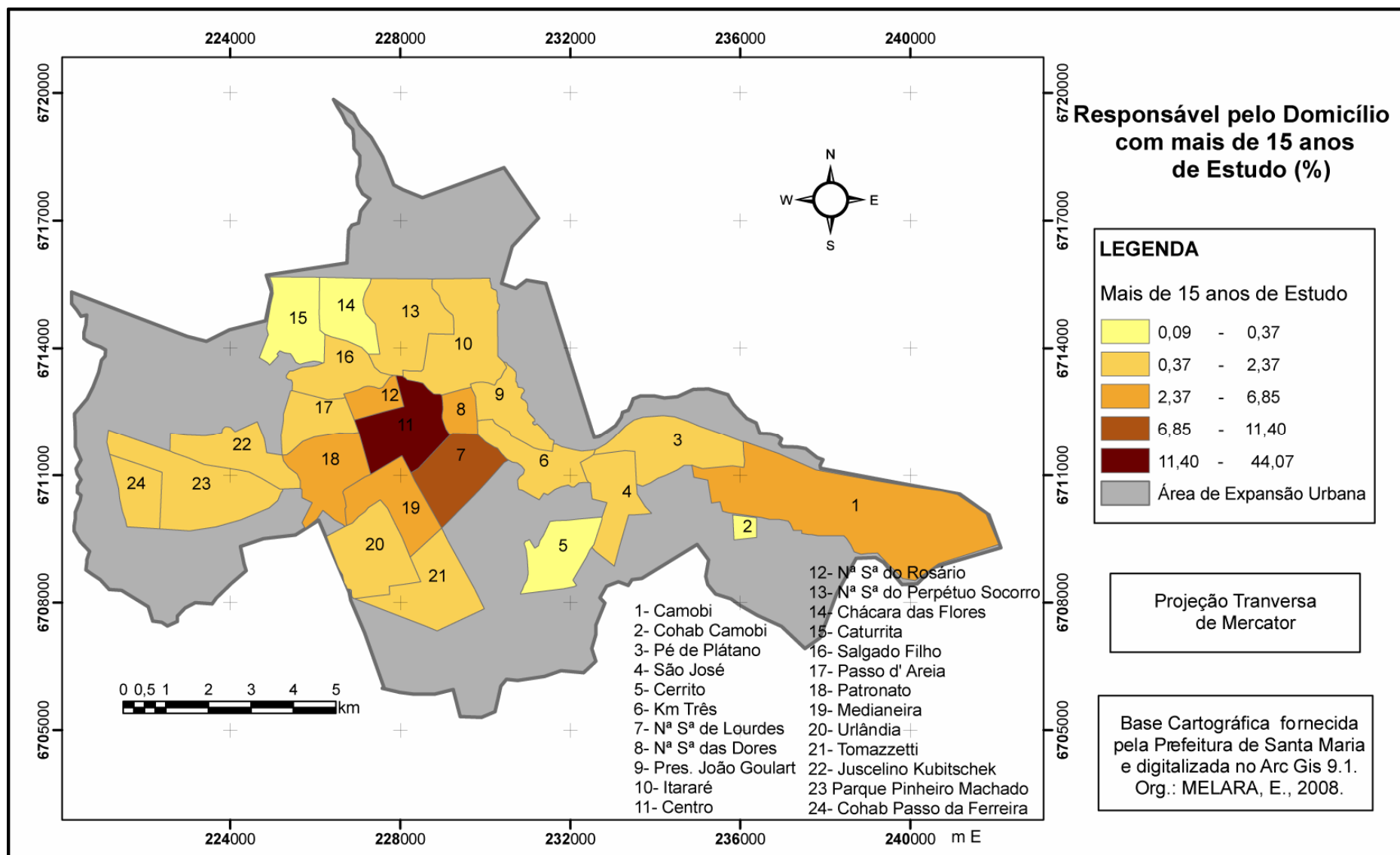


Figura 11: Distribuição por bairro dos responsáveis pelo domicílio que apresentam mais de 15 anos de estudo

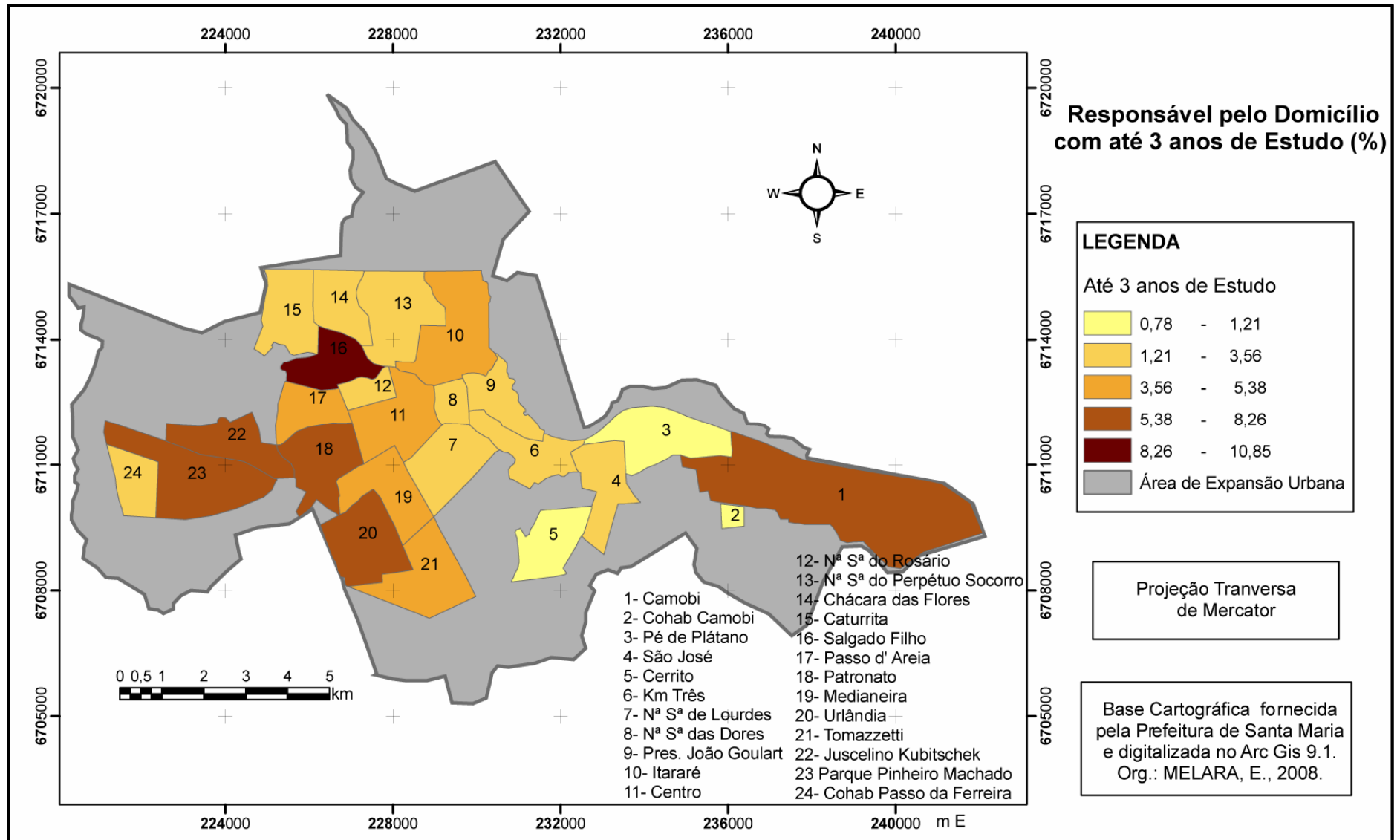


Figura 12: Distribuição por bairro dos responsáveis pelo domicílio que apresentam menos de 3 anos de estudo

Na Tabela 05 e Figuras 13 e 14, tem-se os dados relacionados ao escoamento de esgoto da cidade. Na Tabela 05 estão os dados brutos referentes ao escoamento do esgoto, enquanto que, nos mapas estão os dados em forma de porcentagem.

Na Figura 13 é mostrada a espacialização dos dados relacionados aos domicílios que possuem rede geral de esgoto. Verifica-se, na Tabela 05 que, no bairro Centro praticamente todas as residências possuem rede geral de esgoto, de 10.512 domicílios, 10.121 estão ligados à rede, representando mais de 98% dos domicílios que possuem rede geral de esgoto. Os bairros Medianeira e Cohab Passo da Ferreira (Tancredo Neves), apresentam grande parte dos seus domicílios ligados à rede geral de esgoto. Denota-se que a maioria dos bairros que possuem maior quantidade desse serviço localizam-se na área central da cidade, com exceção do bairro Tancredo Neves.

Na Figura 14, tem-se a espacialização dos domicílios que não estão ligados à rede geral ou pluvial de esgotos e/ou não utilizam fossas sépticas para o escoamento do mesmo. São domicílios que despejam seus dejetos em fossas rudimentares, rios, valas ou outros locais inapropriados, prejudicando a própria saúde, das pessoas próximas e prejudicando o meio ambiente

Como já foi explicitado, a periferia da cidade, além de possuir uma maior quantidade de pessoas de baixa renda, apresenta ainda inúmeras carências no que tange a questão da infra-estrutura urbana, e umas destas carências vincula-se ao escoamento do esgoto sanitário. Em muitas áreas periféricas da cidade ainda não foi construída a rede geral de esgotos, e, como a maior parte das pessoas que moram nestas áreas caracterizam-se por apresentar um reduzido rendimento salarial mensal, muitas vezes não possuem condições econômicas para construção de fossas sépticas para o escoamento do esgoto, utilizando-se, deste modo, de formas inadequadas para essa finalidade. Nas áreas de ocupações clandestinas, localizadas principalmente na periferia, a situação torna-se ainda mais alarmante, enfrentando freqüentes problemas com valas abertas e esgoto correndo a céu aberto.

De acordo com o mapa (Figura 14), os bairros Chácara das Flores, Itararé, Juscelino Kubitschek, Parque Pinheiro Machado, Urlândia, Camobi, Tomazzetti, Pé de Plátano e Cohab Camobi são aqueles que concentram as maiores porcentagens de domicílios que enfrentam essa problemática do escoamento de esgoto.

Os domicílios, onde a população apresenta uma renda considerável, e que, não estão ligados à rede geral utilizam outras formas de escoamento do esgoto, muitos fazem uso da fossa séptica, que também é uma forma adequada para o escoamento desse tipo de material. No bairro Camobi, por exemplo (Tabela 05), muitas residências servem-se desta técnica, já que este bairro possui um contingente populacional considerável de pessoas com um nível de renda elevado, apresentando, deste modo, condições financeiras favoráveis para construção dessas fossas. Por ser um bairro muito distante do centro, o que requer grandes investimentos para a construção da rede geral de esgotos, ainda não foi possível a sua implantação no local.

Tabela 5: Situação do escoamento de esgoto em relação ao total de domicílio de cada bairro

<b>Bairros</b>	<b>Nº Total de Domicílios</b>	<b>Nº de Domicílios com Rede Geral ou Pluvial de Esgoto</b>	<b>Nº de Domicílios com utilização de Fossas Sépticas</b>	<b>Nº de Domicílios sem Rede Geral ou Pluvial de Esgoto</b>
Camobi	3.889	659	2.451	762
Caturrita	857	198	401	230
Centro	10.512	10.121	290	96
Cerrito	224	2	129	81
Chácara das Flores	930	349	192	376
Cohab Camobi	676	182	363	126
Cohab Passo da F.	3.363	3.303	29	29
Itararé	2.874	1.477	667	730
Juscelino Jubistchek	3.696	1.600	1.334	737
Km Três	1.418	792	471	152
Medianeira	3.597	3.105	304	179
Nª Sª das Dores	1.952	1.630	130	182
Nª Sª de Lourdes	3.931	2.575	833	524
Nª Sª do Perpétuo S	1.878	1.728	35	155
Nª Sª do Rosário	2.233	2.049	88	89
P. Pinheiro Machado	3.346	764	1.851	693
Passo d' Areia	2.280	1.810	228	201
Patronato	2.997	2.398	359	216
Pé de Plátano	797	237	380	167
P. João Goulart	1.705	708	684	275
Salgado Filho	4.056	3.112	220	676
São José	1.079	170	741	161
Tomazzetti	1.815	282	1.153	358
Urlândia	2.765	1.086	1.067	594
<b>Total</b>	<b>62.870</b>	<b>40.319</b>	<b>13.695</b>	<b>7.789</b>

Fonte: Dados do IBGE, Censo 2000.

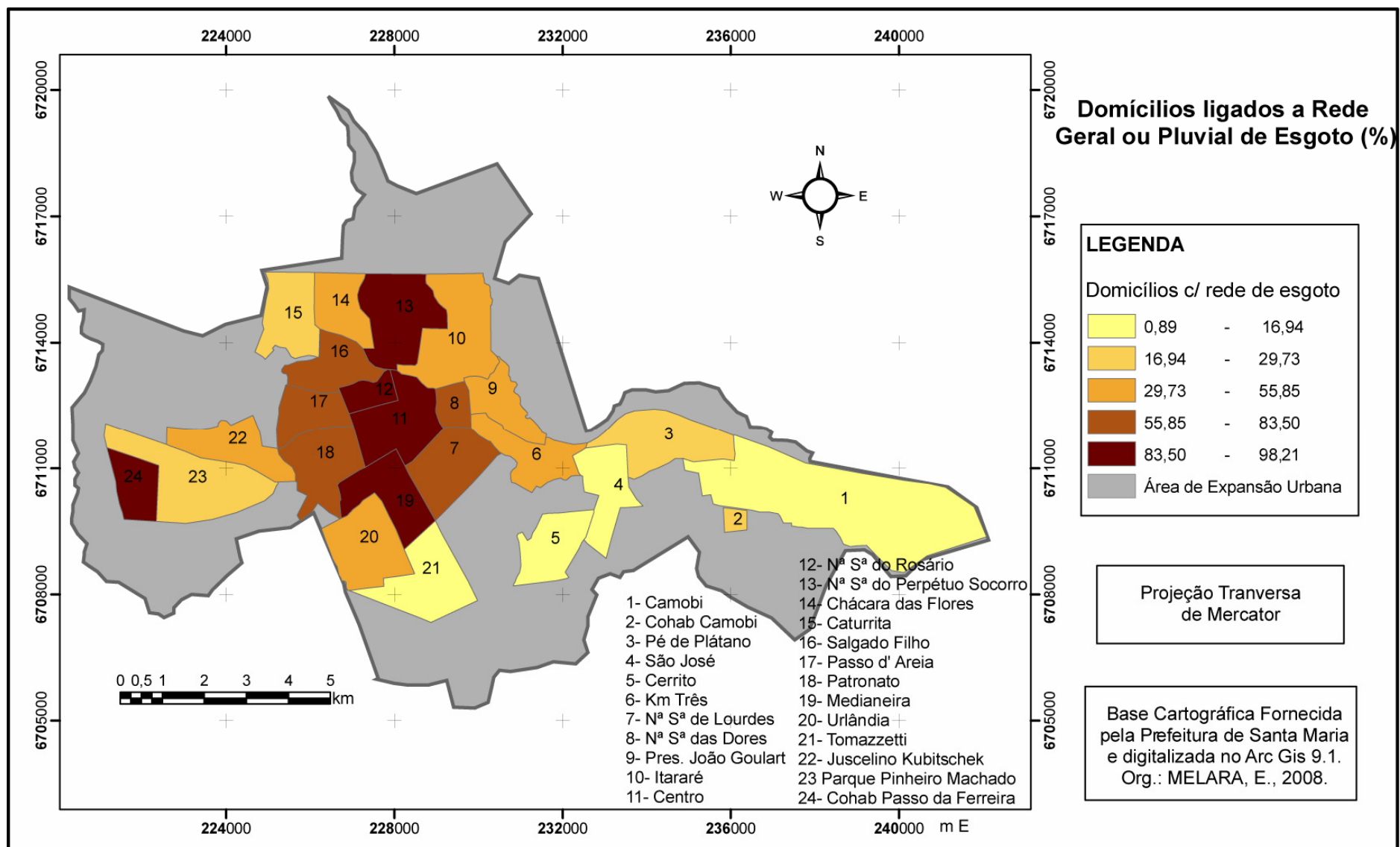


Figura 13: Distribuição por bairro dos domicílios ligados à rede geral de esgotos

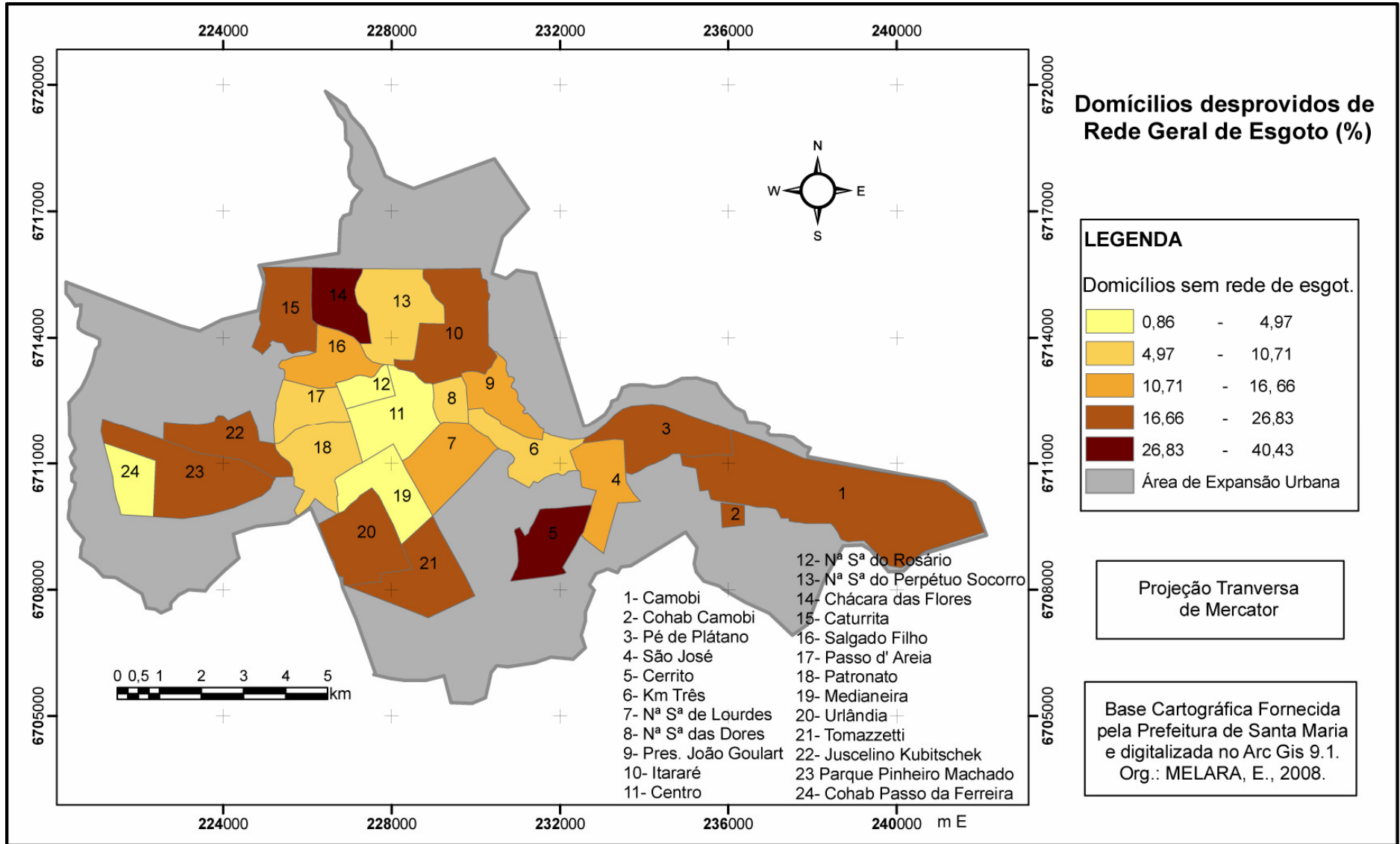


Figura 14: Distribuição por bairro dos domicílios que não estão ligados à rede geral de esgoto



Também com a finalidade de comparação e análise do centro e da periferia da cidade, realizou-se um mapeamento dos domicílios que não possuem banheiros e uma espacialização daqueles domicílios que possuem mais que quatro banheiros. Este aspecto reflete tanto questões econômicas dos domicílios, como também problemas ambientais, já que nas residências que possuem mais de quatro banheiros fica claro que seus moradores são pessoas com um alto poder aquisitivo e vivem em condições satisfatórias de infra-estrutura urbana. Já nas residências que não possuem banheiro é evidente que as pessoas não possuem condições financeiras para construção do mesmo.

De acordo com a Figura 15, a área central concentra a maior quantidade de domicílios com mais de quatro banheiros. Os bairros Centro, Medianeira, N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Lourdes, N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Rosário, Patronato, Km Três e Camobi destacaram apresentando as maiores porcentagens de domicílios com esse tipo de característica. Observando o mapa percebe-se que é na área central que existe o maior número de residências com este conforto, reforçando ainda mais as proposições de que esta é uma área que concentra as pessoas da classe média-alta.

Na Figura 16, verifica-se a espacialização das residências que não possuem banheiros. O maior número destes domicílios que não dispõem desta estrutura localizam-se nos bairros Cerrito, Chácara das Flores, Itararé, Salgado Filho, Parque Pinheiro Machado, Passo d' Areia, Tomazzetti e Pé de Plátano. Pelo mapa identifica-se que são os bairros periféricos onde há uma ocorrência maior desta problemática.

Fazendo uma análise histórica, econômica e social do espaço urbano de Santa Maria, identifica-se que a cidade apresenta uma estrutura centro-periferia, onde a disposição de suas residências apresenta-se de forma segregada. Apesar do bairro Centro, ou mesmo da área central ser um local de grande circulação de pessoas de todas as classes sociais, visto que é nesta área da cidade que se concentram os serviços e o comércio, são os proprietários de residências e estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços que residem no local, sendo que muitos desses proprietários são ou foram proprietários fundiários ou são filhos de proprietários.

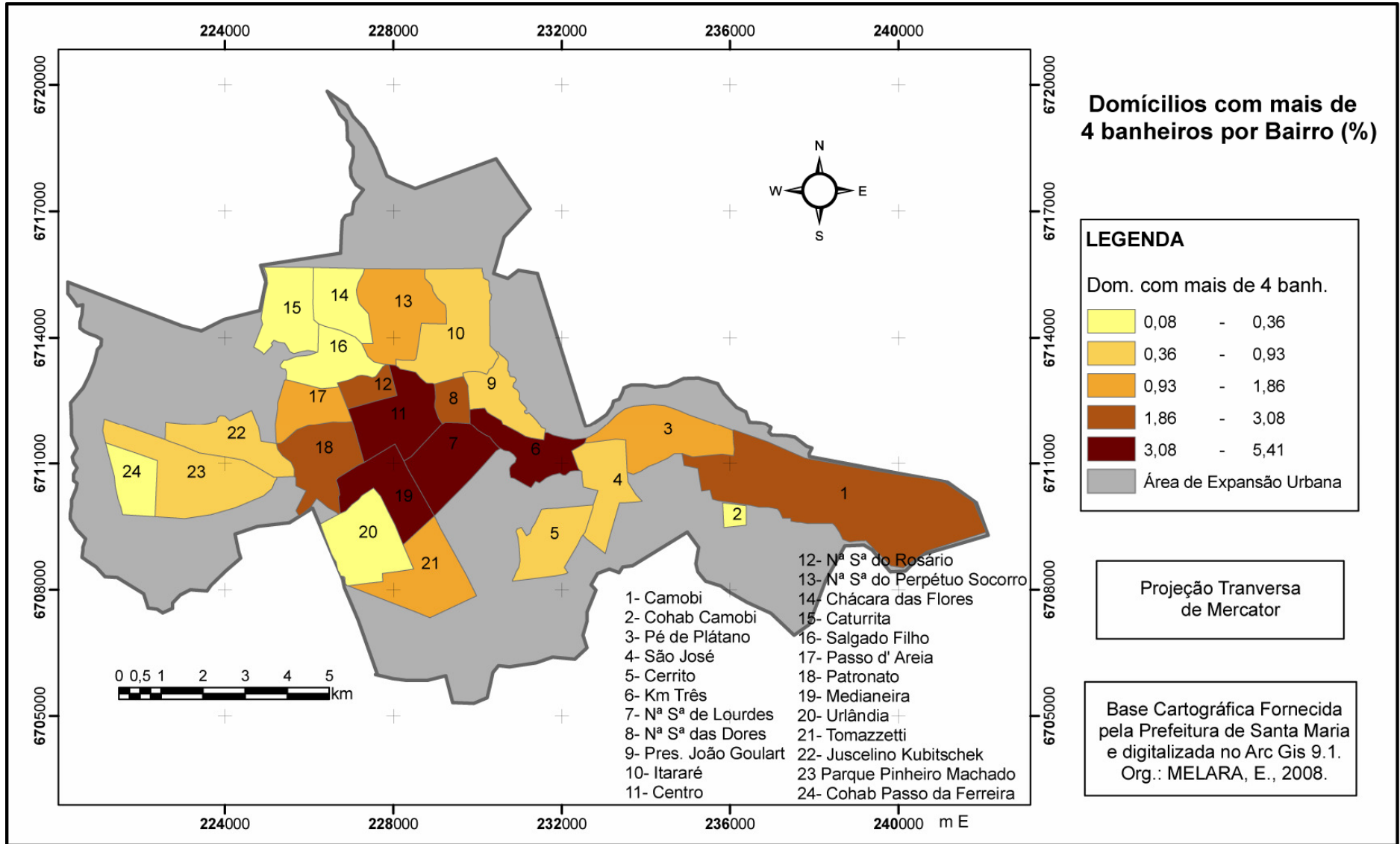


Figura 15: Distribuição por bairro dos domicílios que possuem mais de 4 banheiros

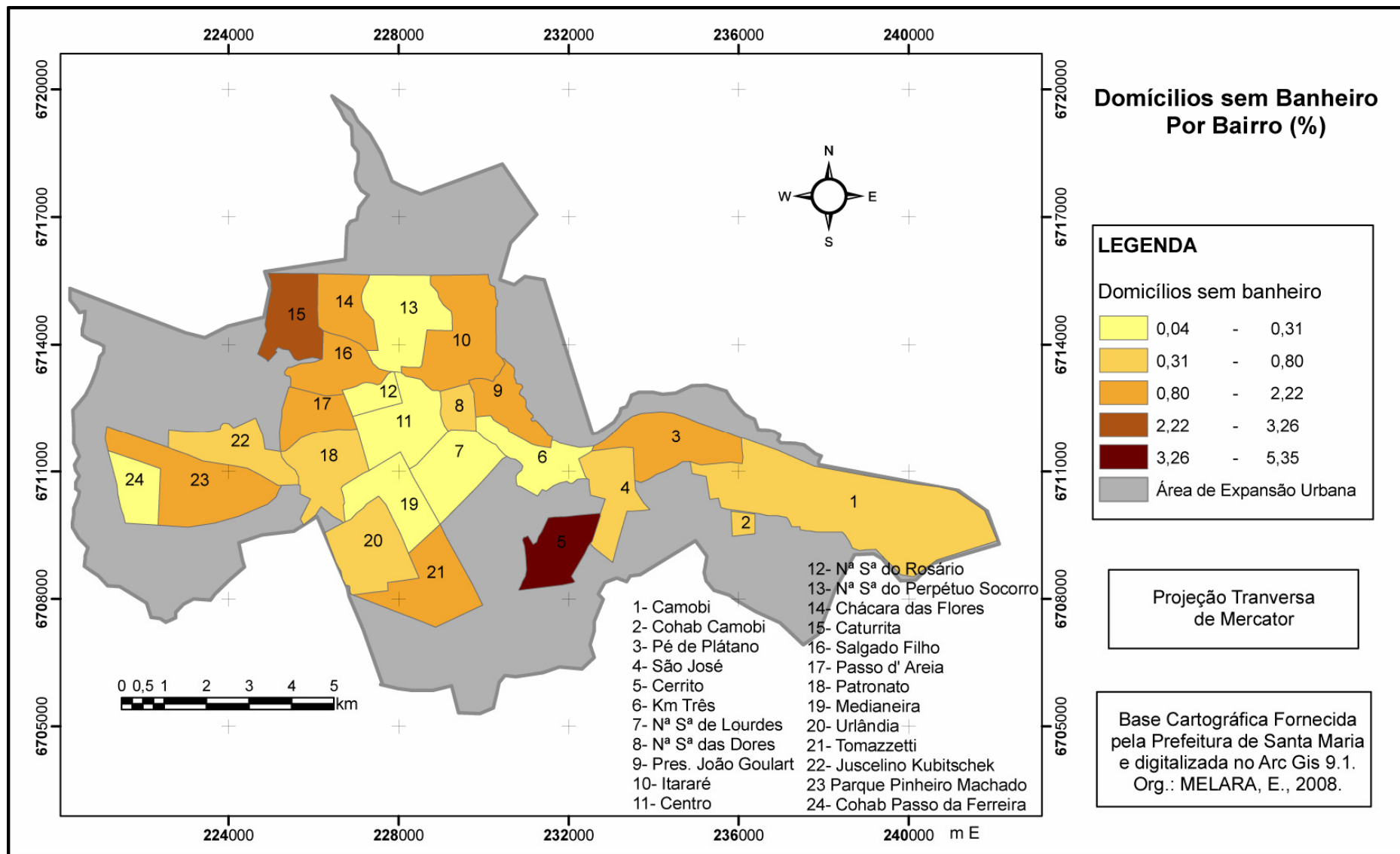


Figura 16: Distribuição por bairro dos domicílios que não possuem banheiro

As pessoas de menor poder aquisitivo ocupam as áreas mais periféricas da cidade e para ter acesso aos serviços e comércio, normalmente precisam se deslocar para o centro da cidade. Além disso, nessas periferias há inúmeras carências de infra-estrutura e serviços básicos, como a do escoamento do esgoto, calçamentos, iluminação pública, segurança e saúde. Soma-se a isso, a grande quantidade de ocupações clandestinas na periferia da cidade, com pessoas vivendo na mais absoluta miséria, em casebres, em meio ao lixo e esgoto que corre a céu aberto.

Analisando que 95% da população santamariense é urbana e que, muitas pessoas não dispõem dos meios econômicos para aceder ao mercado formal de terras, são obrigados a ocupar as áreas mais periféricas da cidade, onde o terreno apresenta-se mais barato pelas precárias condições de infra-estrutura urbana. Nessas áreas localizam-se, principalmente, pessoas que apresentam um baixo poder aquisitivo, as quais, muitas vezes, estão desempregadas ou empregadas em ocupações de baixos salários ou no mercado informal.

Depois de analisar a organização do espaço urbano de Santa Maria e fazer uma caracterização dos bairros da cidade, com questões relacionadas à renda, ao nível de instrução e a infra-estrutura, utilizando-se principalmente de dados do IBGE (2000), tem-se o propósito de analisar a dinâmica da violência criminal nesse espaço. Objetiva-se mapear os crimes na cidade, analisando se essa espacialização pode ou não estar relacionada com as variáveis sócio-econômicas e de infra-estrutura apresentadas.

#### **4. ANÁLISE DA VIOLÊNCIA CRIMINAL NO ESPAÇO URBANO DE SANTA MARIA**

---

Como já foi colocado, este estudo está focalizado na espacialização por bairro dos crimes: homicídios e lesões corporais (crimes contra pessoa), roubos, furto simples e furto qualificado (crimes contra o patrimônio), e os crimes ligados ao tráfico e consumo de entorpecentes. Além disso, realizou-se o mapeamento da origem dos presos por bairro. Neste capítulo tem-se o propósito de realizar a espacialização dos dados criminais e verificar se existem possíveis relações com as características sócio-econômicas do espaço urbano de Santa Maria.

Francisco Filho (2004) destaca a importância da análise de padrões sociais, econômicos e demográficos inseridos no espaço urbano para o entendimento da dinâmica criminal. Segundo o autor, esses padrões estão vinculados aos níveis de renda, infra-estrutura e educação, os quais podem estar associados a outras questões da qualidade de vida, como por exemplo, os conflitos sociais e a falta de segurança.

Os espaços segregados, relacionados a uma segregação induzida, estão ligados a uma questão imobiliária, pois aquelas pessoas das classes baixas não possuem condições para ter acesso aos solos urbanos mais valorizados, sendo que a periferia pobre das cidades surge como uma alternativa, mesmo não sendo o desejado. A ação midiática, cada vez mais, vem dando visibilidade à relação entre essas áreas pobres e o processo de violência. Contudo, deve ser analisado que a segregação é apenas um dos fatores causadores da violência nessas áreas, entre tantos outros (FRANCISCO FILHO, 2004).

De acordo com a bibliografia pesquisada, pode ou não existir uma relação entre variáveis sócio-econômicas e criminalidade. Cerqueira & Lobão (2004) afirmam que em muitos estudos analisados por eles essa correlação pode ser negativa. Coelho e Paixão (1988 *apud* CERQUEIRA & LOBÃO, 2004) criticaram a importância de fatores sócio-econômicos na determinação da criminalidade, em detrimento de variáveis mais relacionadas à eficácia do sistema de justiça criminal, principalmente no que diz respeito à polícia.

Cerqueira & Lobão (2004) numa de suas pesquisas evidenciaram que existem algumas variáveis que podem definir o tipo e a quantidade de crime, e a sua

ocorrência em determinado espaço. Os autores destacam as seguintes variáveis: desigualdade de renda, renda esperada no mercado de trabalho legal (que depende da taxa de ocupação), densidade demográfica, poder da polícia e valor da punição.

Conforme Francisco Filho (2004) a organização do espaço urbano atual se caracteriza por expulsar as populações mais carentes para áreas periféricas, através de um intenso processo de ocupação das periferias, formando densos bairros carentes de infra-estrutura e de assistência do Estado nas suas necessidades mais básicas. O autor identificou esse processo na sua área de estudo, a região metropolitana de Campinas, destacando que:

Os crimes, por conseguinte, assumem características próprias conforme a realidade urbana dessas áreas em contraste com as áreas centrais, dotadas de infra-estrutura e todo o tipo de serviços. Os crimes contra a pessoa, por exemplo, tendem a ocorrer com maior frequência nas áreas periféricas, enquanto os crimes contra o patrimônio têm sua ocorrência aumentada nas áreas centrais, onde a riqueza está concentrada. Esses dados, perceptíveis por aqueles que habitam e vivem na cidade, estão relacionados com a estratificação urbana, imposta por um processo que segrega as populações segundo sua capacidade econômica e as isola em territórios que apresentam uma certa homogeneidade. Como consequência, o crime absorve essas características e desenvolve uma especialização e acaba por se adequar a cada território (FRANCISCO FILHO, 2004, p. 66-67).

Em Santa Maria, a dinâmica criminal também segue uma lógica similar ao estudo realizado por Francisco Filho (2004), visto que a área central, de modo geral, possui características diferenciadas da periferia. Dessa forma, determinados crimes tendem a ocorrer mais no centro e outros mais na periferia, sendo que cada cidade tem as suas especificidades, não podendo considerar uma mesma lógica de espacialização criminal para todos os espaços urbanos. A cidade de Santa Maria, apesar de seguir alguns padrões de distribuição dos crimes, também apresenta as suas particularidades que serão trabalhadas ao longo do texto.

Na Figura 17, apresentam-se os dados das ocorrências criminais de 1998 e 2003, ambos fornecidos pela Brigada Militar. Pelo gráfico pode-se observar que houve um crescimento no número de crimes em Santa Maria em todas as modalidades pesquisadas. Os crimes que ocorrem mais frequentemente são as agressões e os furtos qualificados, o primeiro praticamente dobrou sua ocorrência de 1998 para 2003 e o segundo quase triplicou.

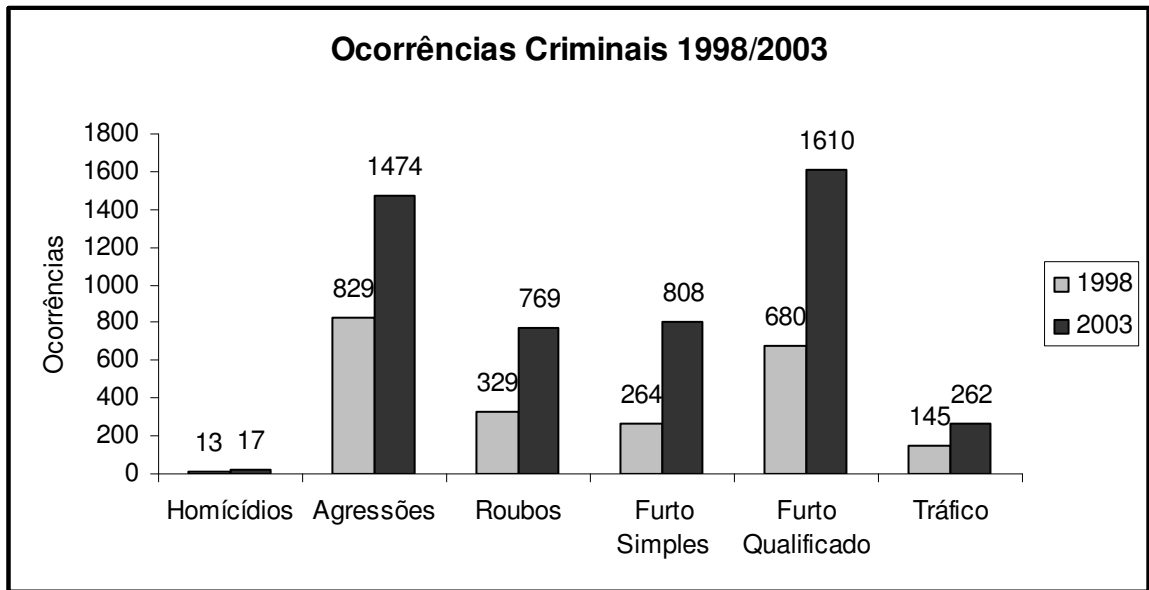


Figura 17: Quantidade de ocorrências criminais registradas nos anos de 1998 e 2003  
Org.: MELARA, E., 2008

Na Figura 18 realizou-se uma espacialização considerando o total de das ocorrências pesquisadas neste estudo, isto é, a soma do total de ocorrências vinculadas a homicídios, lesões corporais, roubos, furtos simples e furtos qualificados e os crimes vinculados ao consumo e tráfico de drogas ocorridos no ano de 2003 na cidade de Santa Maria. O número total de ocorrências foi espacializado por bairro, sendo que os dados foram trabalhados a cada 1000 habitantes.

Verifica-se no mapa que os bairros Centro e Juscelino Kubitschek destacam-se com taxas mais elevadas de criminalidade variando entre os números de 27,37 a 33,47 crimes a cada 1000 habitantes. Pelo mapa identifica-se que os bairros Camobi, N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores, Patronato e Tancredo Neves também apresentam números elevados de ocorrências.

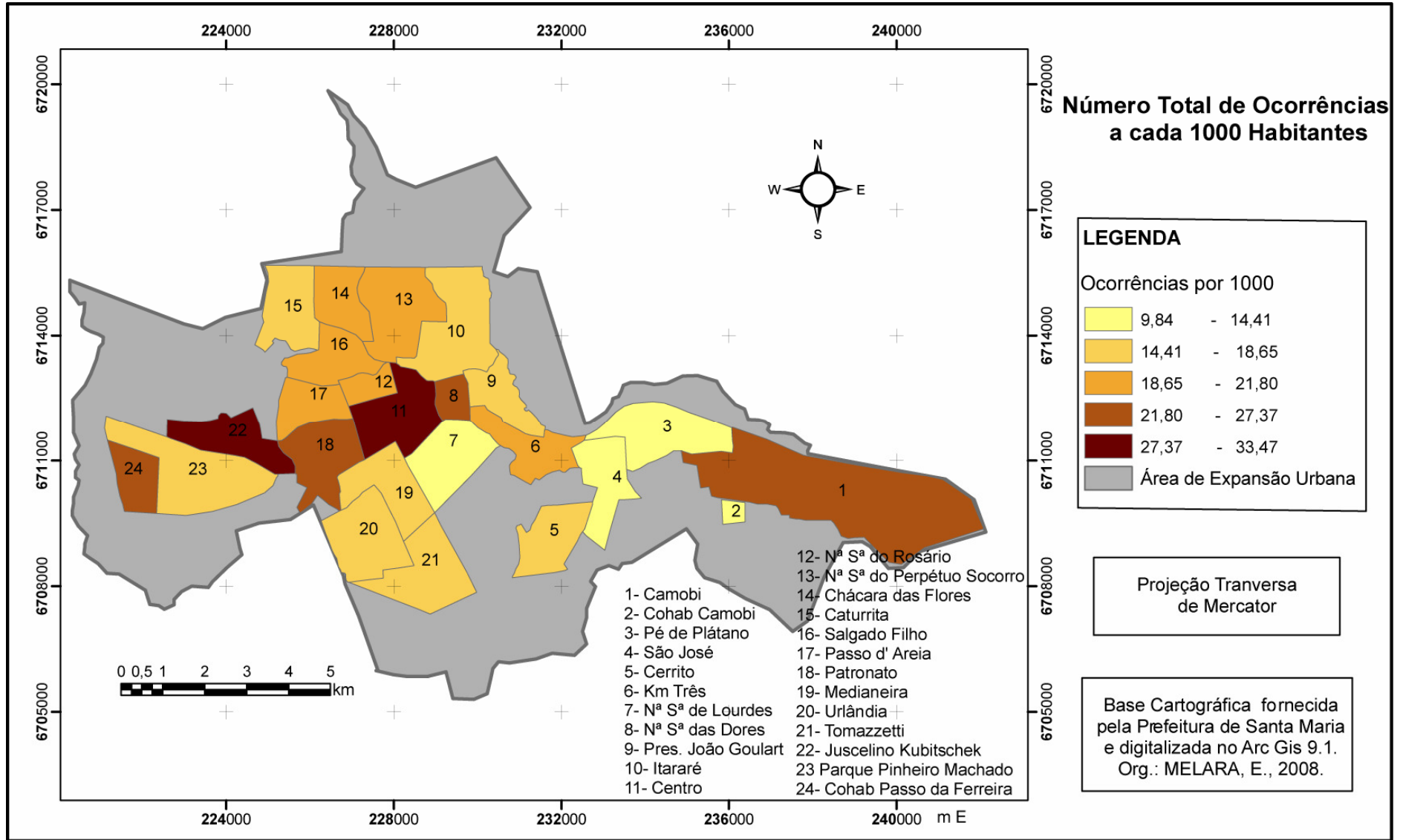


Figura 18: Distribuição por bairro do número total de ocorrências criminais registradas no ano de 2003



No bairro Centro, pode-se afirmar que a alta concentração de crimes mostra uma tendência similar à da maioria das cidades. O bairro, como já visto anteriormente, concentra a maior parte dos estabelecimentos comerciais, de prestação de serviços, financeiros e de lazer da cidade, apresentando os maiores níveis de circulação de pessoas na cidade.

Na Figura 19, construiu-se um mapa com a espacialização dos bairros onde existe maior porcentagem de pessoas com idade inferior a 29 anos, faixa etária que, segundo as estatísticas policiais, concentra a maior parte das ocorrências de crimes. Pode-se observar que os bairros Centro, Juscelino Kubitschek, Camobi, N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores, Patronato e Tancredo Neves, os quais apresentaram taxas representativas de criminalidade, também apresentam um número elevado de pessoas com idade inferior a 29 anos.

Essa situação, mesmo sem apontar as causas da violência, demonstra que existe uma certa relação da prática de crimes com as pessoas jovens. Nesse mesmo sentido, deve-se acrescentar que no Albergue Estadual de Santa Maria, a maior parte dos presos possui entre 18 e 29 anos de idade.<sup>31</sup>

Segundo dados do Ministério da Saúde a violência aumentou contra os jovens, a taxa era de 21,3 homicídios a cada 100 mil habitantes, e chegou a 48,6 atualmente. Observando que a média de homicídios do Brasil é 27,1 a cada 100 mil habitantes, consideram-se esses índices elevados (SIM/DATASUS<sup>32</sup>).

De acordo com o IBGE<sup>33</sup>, em 2005, realizou-se uma distribuição dos óbitos segundo as causas externas no grupo de 20 a 29 anos. Os óbitos causados por acidentes de trânsito alcançaram 26,3%, os óbitos vinculados a homicídios contemplaram 52,9%, suicídios 5,5% e outras causas somaram 15,3% das mortes. Entre os homens dessa faixa etária, o homicídio representa 55,1% das mortes, enquanto que nas mulheres alcança 33,0% (Tabela 6). Observa-se, dessa forma, que os homicídios são a principal causa de morte entre os jovens do sexo masculino.

---

<sup>31</sup> No subcapítulo 4.4 será trabalhada a questão dos presos albergados de Santa Maria.

<sup>32</sup> SIM – Sistema de Informações sobre mortalidade – e DATASUS – banco de dados do Sistema Único de Saúde, acesso em dezembro de 2007.

<sup>33</sup> [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1043&id\\_pagina](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1043&id_pagina) (Acesso em dezembro de 2007).

Tabela 6: Distribuição dos óbitos por causas externas no grupo de 20 a 29 anos segundo algumas causas – 2005 (%)

<b>Causas</b>	<b>Total</b>	<b>Homem</b>	<b>Mulher</b>
Acidentes de trânsito	26,3	24,8	39,7
Homicídios	52,9	55,1	33,0
Suicídios	5,5	5,0	10,5
Outras causas	15,3	15,1	16,8
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE (ver nota de rodapé 18).

Os dados verificados referem-se à questão da violência vinculada aos homicídios, e, embora Santa Maria não possua índices elevados desse tipo de crime, pode-se inferir, considerando os dados apresentados, que os outros tipos de criminalidade também podem estar relacionados à população jovem.<sup>34</sup>

Para melhor explicar a dinâmica da criminalidade na cidade de Santa Maria, realizou-se o mapeamento de cada tipo de crime especificado neste trabalho, pois cada um deles se distribui diferentemente no espaço urbano e possui características diferenciadas quanto causas e conseqüências.

#### **4.1. Tráfico e Consumo de Entorpecentes**

Concluiu-se que seria conveniente começar a análise da espacialização das ocorrências criminais pelos crimes vinculados ao tráfico e consumo de drogas, pois nos trabalhos de campo realizados na cidade de Santa Maria, pode-se perceber que deste tipo de crime decorrem outros. Na Tabela 7 verificam-se os números brutos e também as taxas de crimes a cada 1000 habitantes. Observando os dados brutos denota-se que um maior número de ocorrências estão concentradas nos bairros Centro (58 ocorrências), Salgado Filho (36) e N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Rosário (25). Contudo, considerando a população total dos bairros, as taxas de crimes a cada 1000 habitantes, o bairro N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Perpétuo Socorro fica entre os três primeiros juntamente com os bairros Salgado Filho e N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Rosário.

<sup>34</sup> No decorrer do trabalho poderá ser constatada esta afirmação.

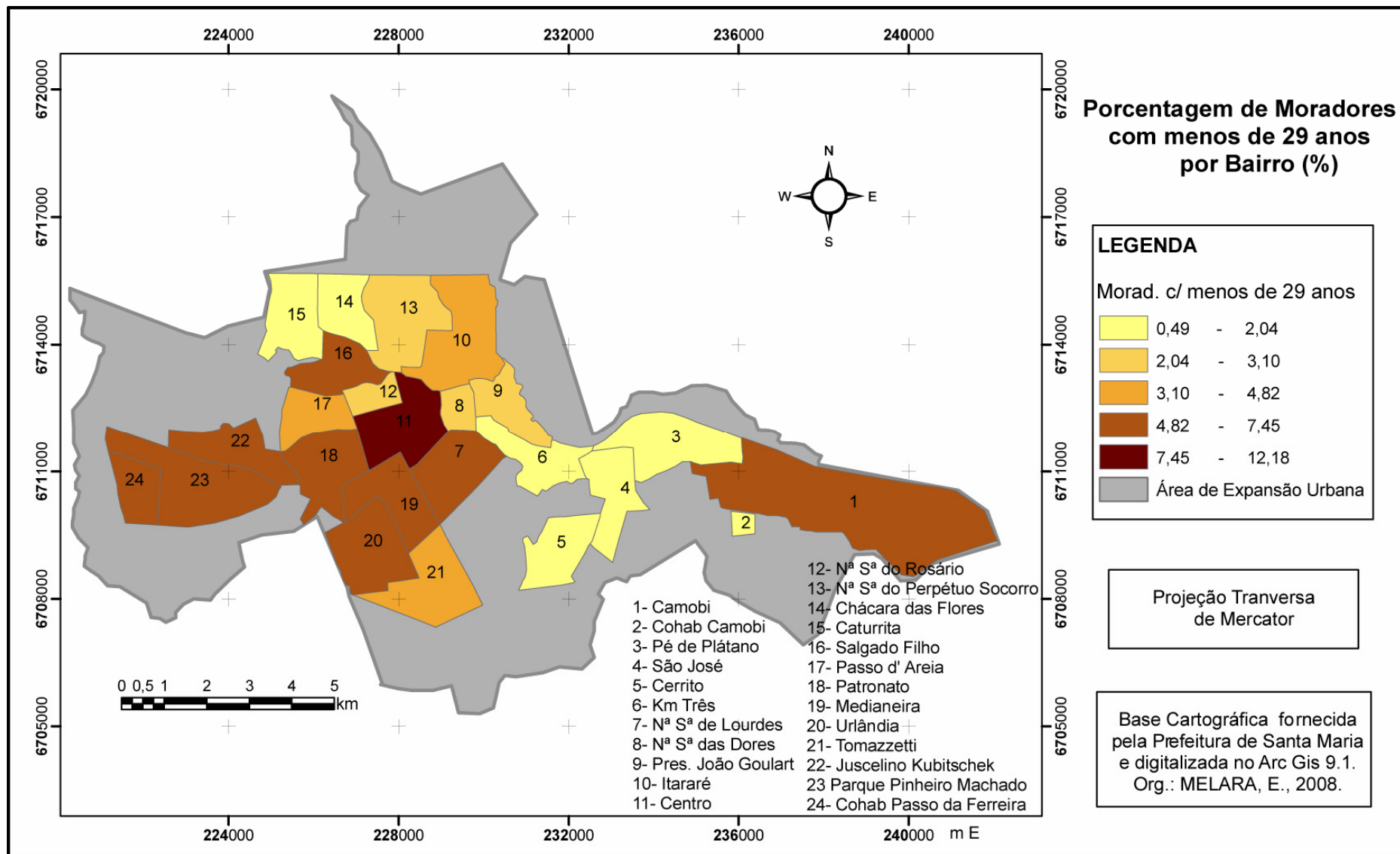


Figura 19: Distribuição dos moradores por bairro que possuem menos de 29 anos

Um dos motivos da quantidade elevada de ocorrências de tráfico no Centro está relacionada ao local ser caracterizado por áreas de lazer e casas noturnas, atraindo pessoas de todos os bairros da cidade. Dessa maneira, a circulação de traficantes e consumidores de drogas no Centro da cidade poderia ser considerada um fenômeno constante.

Na Figura 20 tem-se o mapeamento dos dados relativos, isto é das taxas de crimes, expressando que a maior concentração de ações criminais vinculados às drogas localiza-se na porção norte da cidade, tendo destaque os bairros Salgado Filho, N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Rosário e N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Perpétuo Socorro. Pode-se dizer que a zona central e noroeste da cidade apresentaram números mais elevados desta modalidade criminal.

Como se pode perceber, o tráfico e o consumo de entorpecentes distribui-se por toda a cidade, embora tenha maior destaque na quantidade de ocorrências deste tipo de crime um conjunto de bairros pertencentes ao setor norte. Depois de realizadas algumas pesquisas em Santa Maria, com entrevistas junto aos delegados da cidade e análise de algumas reportagens, verificou-se que a zona norte da cidade é identificada como o principal local do tráfico de drogas, em especial o bairro Salgado Filho.

Numa entrevista feita com o delegado da Delegacia de Furtos, Roubos, Entorpecentes e Capturas<sup>35</sup> foi possível ter acesso e compreender algumas informações sobre a dinâmica do tráfico e consumo de drogas no espaço urbano de Santa Maria. Segundo o delegado, não é recomendado confiar totalmente nos registros de ocorrências criminais, pois o tráfico e o consumo de entorpecentes são crimes de muita mobilidade.

Nos registros de ocorrências e nos jornais a zona norte da cidade, por exemplo, é apontada como o local onde o tráfico e consumo de drogas é mais evidente, concorda-se que é uma informação verdadeira, entretanto, muitas pessoas que vão até a zona norte da cidade procurando drogas, seja para consumo ou para revenda, são presas no local com porte de drogas, sendo que, muitas destas pessoas não residem nesta área, mas foram surpreendidas com a droga neste local.

---

<sup>35</sup> Entrevista realizada em outubro de 2007 na cidade de Santa Maria.

Tabela 7: Número de ocorrências vinculadas ao tráfico e consumo de entorpecentes

<b>Bairros</b>	<b>Habitantes</b>	<b>Números Brutos</b>	<b>Nº a cada 1000 hab</b>
Camobi	13.334	5	0,37
Caturrita	3.076	2	0,65
Centro	29.330	<b>58</b>	1,97
Cerrito	815	0	0,00
Chácara das Flores	3.486	7	2,00
Cohab Camobi	2.460	1	0,40
Cohab Passo da Ferreira	11.714	8	0,68
Itararé	10.123	6	0,59
Juscelino Kubistchek	12.606	18	1,42
Km Três	4.678	7	1,49
Medianeira	11.903	8	0,67
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> das Dores	6.109	5	0,81
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> de Lourdes	12.896	7	0,54
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> do Perpétuo Socorro	6.360	17	<b>2,67</b>
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> do Rosário	7.185	<b>25</b>	<b>3,47</b>
Parque Pinheiro Machado	11.334	3	0,26
Passo d' Areia	7.745	11	1,42
Patronato	10.563	17	1,60
Pé de Plátano	2.913	0	0,00
Presidente João Goulart	6.015	3	0,49
Salgado Filho	14.178	<b>36</b>	<b>2,56</b>
São José	3.815	0	0,00
Tomazzetti	6.803	10	1,46
Urlândia	4.952	5	0,50

Fonte: Brigada Militar, 2003; Censo do IBGE, 2000.

Além disso, de acordo com afirmações do Delegado, a droga é proveniente de outras cidades do Brasil e até mesmo de outros países. Já foram apreendidas cargas vindas do Paraguai, da Argentina, de Porto Alegre etc. Conforme o Delegado, como Santa Maria se localiza no centro do Estado do Rio Grande do Sul, torna-se rota para o tráfico. Soma-se se a isso a dificuldade de prender os grandes traficantes, seja porque utilizam códigos que dificultam as ações de monitoramento telefônico, seja porque, em função do seu poder, ameaçam aos policiais que os combatem. Normalmente registram-se as ocorrências daqueles que consomem a droga e prendem-se os pequenos traficantes, que são, na sua maioria, pessoas de classe baixa.

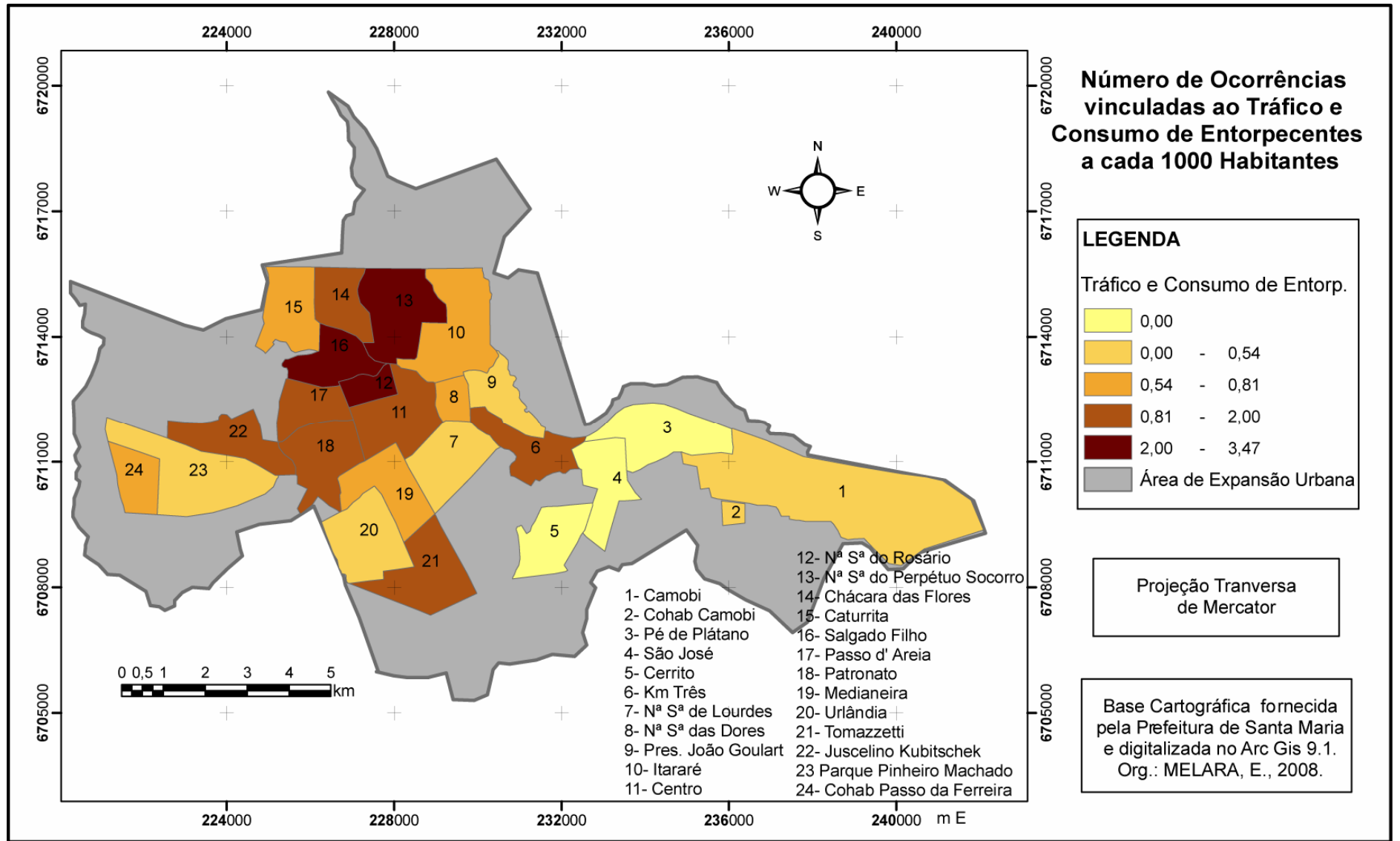


Figura 20: Distribuição por bairro do número de ocorrências vinculadas ao tráfico e consumo de entorpecentes

O tráfico e o consumo de drogas são ações criminais que influenciam na ocorrência de outros tipos de crimes, como por exemplo, roubos e furtos. Muitos consumidores não possuem condições financeiras para comprar a droga, por isso, tornam-se pequenos traficantes, e/ou roubam ou furtam aparelhos de som, aparelhos de vídeo e eletrodomésticos. Para trocar por droga, uma vez que muitos traficantes são também receptores de produtos roubados. De acordo com o delegado da Delegacia Regional de Santa Maria<sup>36</sup>, *“o tráfico de drogas é o crime que mais coloca pessoas no Presídio Regional de Santa Maria, quem consome drogas acaba envolvido em furtos para conseguir dinheiro e manter o vício”*.

Segundo o delegado da Polícia Federal de Santa Maria, o problema ainda é a zona norte, onde a maconha é a droga mais comercializada, entretanto o interesse pela cocaína cresceu bastante nos últimos anos.<sup>37</sup> O crack<sup>38</sup> é outra droga que vem sendo bastante utilizada pelos consumidores. Conforme uma reportagem do jornal A Razão (20 julho de 2005) a primeira apreensão de crack na cidade foi na Vila Prado, no bairro Juscelino Kubitschek. Atualmente as porções norte e oeste da cidade seriam os locais onde a droga é comercializada em maior volume.

Apesar dos bairros localizados nas porções centro e noroeste da cidade apresentarem números mais elevados de crimes vinculados ao tráfico e consumo de drogas, considera-se que este crime distribui-se por toda a cidade, já que existe uma grande mobilidade da droga, não sendo possível verificar relação com renda, nível de instrução ou infra-estrutura urbana.

Entretanto, analisando as entrevistas dadas pelos delegados e as notícias jornalísticas, é possível afirmar que os traficantes<sup>39</sup> se localizam especialmente na zona norte e oeste da cidade, caracterizadas por serem áreas periféricas, onde moram pessoas de classe baixa, com baixos níveis de instrução e com carências na infra-estrutura urbana. Na Figura 21, construiu-se um mapa demonstrando os bairros da cidade onde existe maior porcentagem de responsáveis pelo domicílio que vivem sem rendimento mensal, constatando-se que o bairro Salgado Filho e o bairro

---

<sup>36</sup> Entrevista com o delegado da Delegacia Regional de Santa Maria, realizada em 27 de junho de 2003 pelo jornal Diário de Santa Maria.

<sup>37</sup> Entrevista realizada pelo jornal A Razão, em 20 de julho de 2005.

<sup>38</sup> O crack é uma droga feita a partir de sobras de pasta de cocaína e é fumado em cachimbo.

<sup>39</sup> Esses traficantes caracterizam-se por serem pequenos traficantes e traficantes intermediários (estes últimos estão na hierarquia do tráfico entre os grandes traficantes – pessoas com muito dinheiro, subsistema atacado –, e os pequenos traficantes – pessoas normalmente de classe baixa. Os traficantes intermediários são classificados, segundo Souza (1996), como “os donos da boca de fumo”, no subsistema de varejo.

Juscelino Kubitschek, localizados na zona norte e zona oeste da cidade, respectivamente, são os bairros que se destacaram nesses números.

A busca de locais mais pobres para o mercado da droga é explicitada em muitas pesquisas (SOUZA, 1996; ZALUAR, 1994, 2004, FRANCISCO FILHO, 2004). As favelas do Rio de Janeiro e de São Paulo são conhecidas nacionalmente por abrigar traficantes intermediários, pequenos traficantes e consumidores de drogas, que escolhem esses locais para o negócio da droga, já que são territórios onde a interferência do Estado e a presença da polícia é praticamente nula.

Além disso, nesses locais pode-se encontrar muitas pessoas desempregadas ou trabalhando no mercado informal, ou em ocupações formais de baixíssimos salários, à procura de qualquer tipo de atividade para sobreviver, ou que estão em busca de uma atividade mais rentável. Nesses casos, muitas vezes, o tráfico de drogas aparece como uma alternativa. Muitos jovens pobres, sem perspectivas de emprego em busca de poder e respeito dentro da favela, tornam-se traficantes perigosos e violentos, disputando bocas de fumo com outros jovens, e, muitas vezes, esses confrontos acabam em mortes de traficantes e/ou de pessoas inocentes que residem nas favelas.

Em Santa Maria o processo não é exatamente igual ao das grandes cidades, mas percebe-se que o tráfico caminha pela mesma lógica. Os traficantes “intermediários” utilizam-se desses locais na cidade de Santa Maria, onde pessoas com um baixo grau de instrução e de classes pobres se interessam em trabalhar com o negócio da droga, como pequenos traficantes, os quais, em muitos casos, traficam para poder pagar seu próprio consumo da droga. É importante comentar que tanto no Rio de Janeiro, como em Santa Maria, os consumidores de drogas e os traficantes abrangem todas as classes sociais, seja exercendo o papel de grande traficante, traficante intermediário, pequeno traficante ou de consumidor de droga, mas as punições exercidas pelas instituições de segurança estão direcionadas, normalmente para os traficantes intermediários, para os pequenos traficantes e consumidores pertencentes, na maior parte dos casos, às classes de baixo poder econômico.



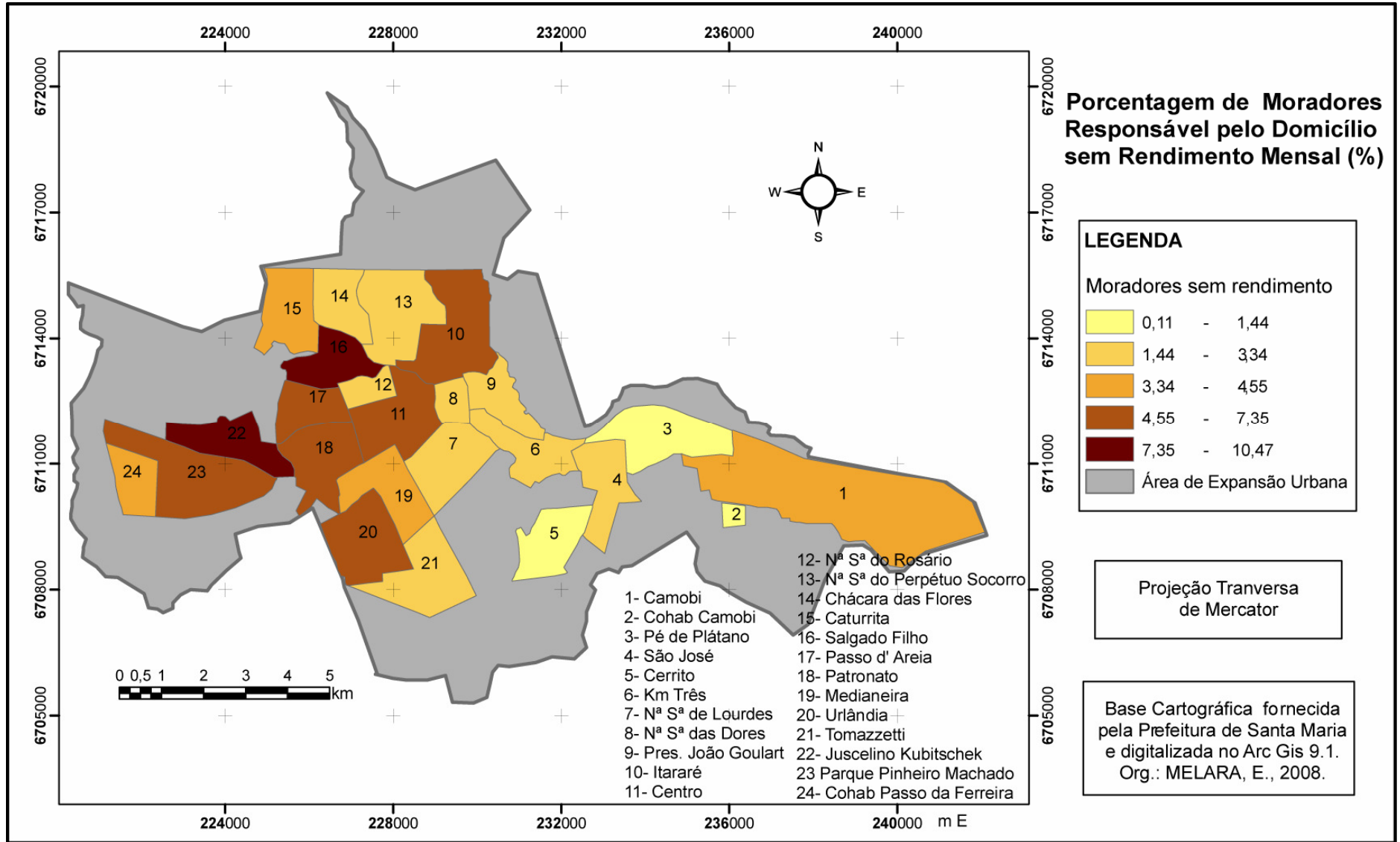


Figura 21: Distribuição por bairro dos responsáveis pelo domicílio que não possuem rendimento mensal

No esquema (Figura 22) elaborado por Souza (1996) observam-se as redes do crime organizado, e mais especificamente, as redes do tráfico de drogas possuem pontos que conectam fluxos em todo o mundo, sendo que estas redes se sobrepõem, podendo ser analisadas em diferentes escalas.

Nesse esquema, quando o autor analisa o funcionamento do tráfico numa escala global e identifica alguns países latino-americanos como produtores de drogas. O Brasil, apesar de ser produtor e consumidor de drogas, nessa análise global do tráfico funciona como um país intermediário, transferindo a droga dos países produtores para os países consumidores. Esses são representados principalmente pela Europa, Japão e pelos Estados Unidos.

Analisando numa escala nacional, observa-se os pontos conectores detentores do poder, os quais controlam e dinamizam as redes, considerados por Souza (1996) como o subsistema “atacado” do tráfico de drogas, no qual os “parceiros” e os “facilitadores”, representados pelos agentes envolvidos na lavagem de dinheiro e por funcionários corruptos, isto é, aquelas pessoas pertencentes aos segmentos de médio e alto poder aquisitivo. Considera também outro subsistema no esquema do tráfico – o “varejo” –, representando a ponta dessa rede, no qual muitos jovens pobres fazem o serviço “pesado” do tráfico, arriscando serem presos, morrer ou matar. Eles são chamados pelo autor, seguindo uma hierarquia decrescente de poder no esquema local do tráfico, como: donos da boca de fumo, gerentes, soldados, embaladores, aviões, olheiros, revendedores, usuários-revendedores, que, em muitos casos, estão alocados nas áreas mais pobres das cidades – nas favelas no caso das grandes cidades.

Considerando o esquema numa escala local, tem-se, por exemplo, o funcionamento do tráfico numa favela. Percebe-se a natureza desigual do tráfico de drogas. Redes locais controladas por comando dos donos das bocas-de-fumo. Os pontos dessas redes estão conectados a redes nacionais e internacionais, abarcando os financiadores e todos aqueles que não moram nas favelas, mas que são os principais beneficiados do tráfico.

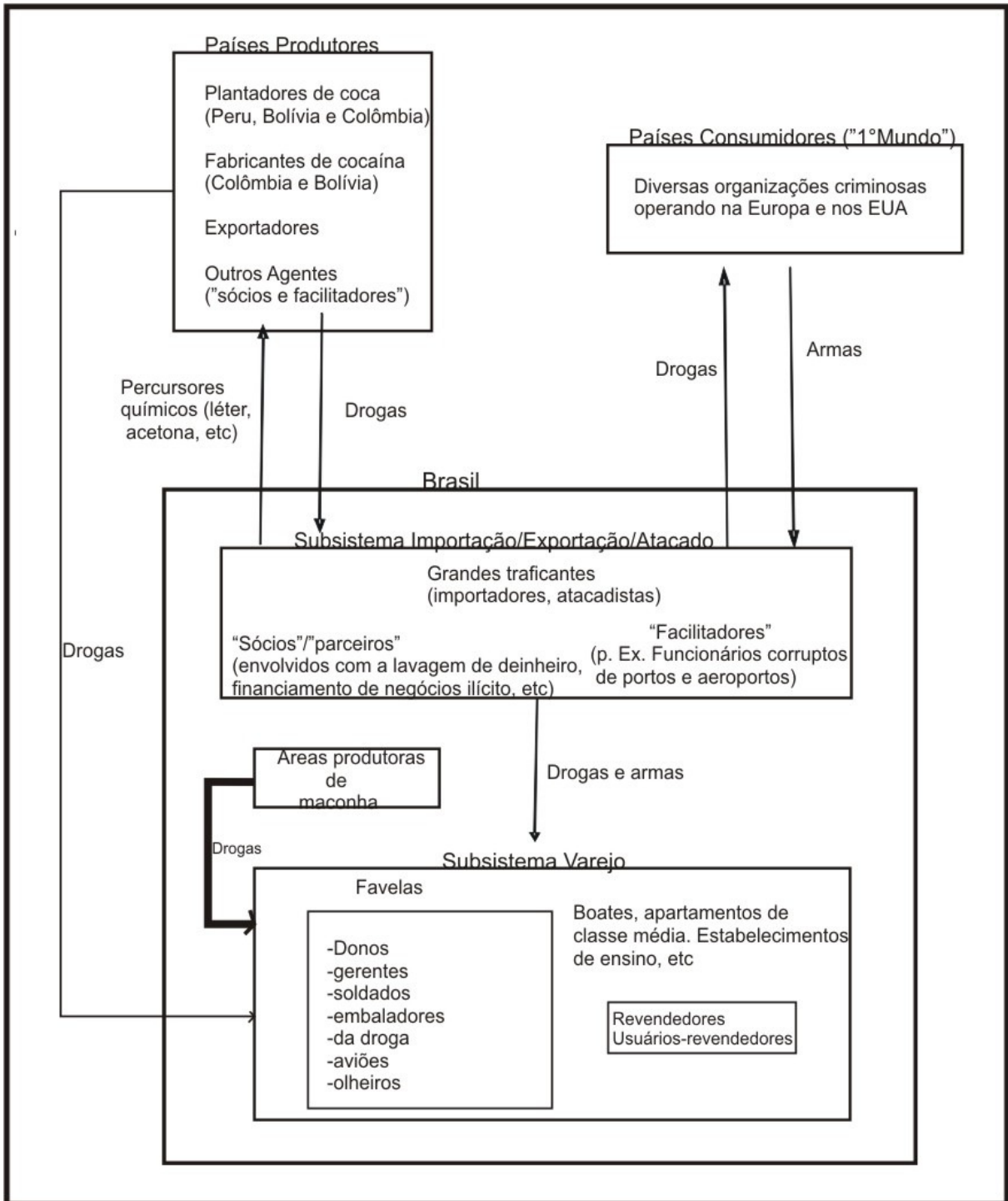


Figura 22: Organização do tráfico de drogas no Brasil e suas conexões com o exterior (SOUZA, 1996)  
 Org.: MELARA, E., 2007

Nessa perspectiva elaborou-se um esquema (Figura 23) mostrando o funcionamento do tráfico de drogas em Santa Maria, adaptando a questão do varejo e do atacado, trabalhada por Souza (1996), analisado numa visão local. Como já foi mencionado, a droga entra na cidade pela intermediação de grandes negociantes (atacado), os quais, são representados pelos grandes traficantes, provavelmente pessoas com alto poder aquisitivo, e que, dificilmente, são presas pela polícia. Sendo que a droga provém de vários locais, tanto nacionais como internacionais (Porto Alegre, Paraguai, etc).

Em relação ao subsistema do varejo, têm-se os traficantes intermediários (segundo Souza [1996] os donos da boca de fumo), moradores, principalmente, na zona norte da cidade e mais especificamente no bairro Salgado Filho, os quais fornecem a droga para os pequenos traficantes e também para os consumidores. Muitos consumidores de drogas, para sustentar o vício, acabam se tornando pequenos traficantes ou praticando outros tipos de crimes, como por exemplo, furtos e assaltos.

Na maioria dos casos de prisão por tráfico de drogas está relacionado a pequenos traficantes, que também podem ser consumidores de drogas. Segundo o Código Penal, àqueles que são apenas consumidores de drogas não são podem ser presos, apenas é registrada ocorrência do acontecido.

#### **4.2. Análise das Ocorrências Criminais contra o Patrimônio**

Os crimes contra o patrimônio são uma das maiores causas de insegurança e medo de quem vive nas cidades. Medo de andar nas ruas com objetos de valor, seja um valor simbólico ou econômico. Além disso, deve-se lembrar que certas modalidades de crimes sempre trazem consigo uma dose de violência contra a pessoa seja de forma direta, como os seqüestros, ou pequenas agressões no caso de resistência da vítima, ou indireta, pela ansiedade e medo de perder um bem adquirido à custa de muito trabalho (FRANCISCO FILHO, 2004).

Conforme Félix (2002) as ocorrências de crimes contra o patrimônio podem estar relacionadas às desigualdades sociais, econômicas e espaciais do espaço urbano:

[...] a falta de condições de satisfação das necessidades básicas (alimento, moradia, emprego), aliada à convivência com a desigualdade social, que torna a violência o único meio de expressão aos que já vivem *à margem da sociedade*. Desse modo, os desníveis sociais assumem o papel de desencadeante de atos criminosos e os centros urbanos, particularmente, o cenário dos conflitos, já que é neles que a pobreza convive mais estreitamente com a riqueza. É nessa perspectiva, que o aumento no número de furtos, roubos, roubos seguidos de morte (latrocínio) e outras formas de crime contra o patrimônio está sendo avaliado (FÉLIX, 2002, p. 22).

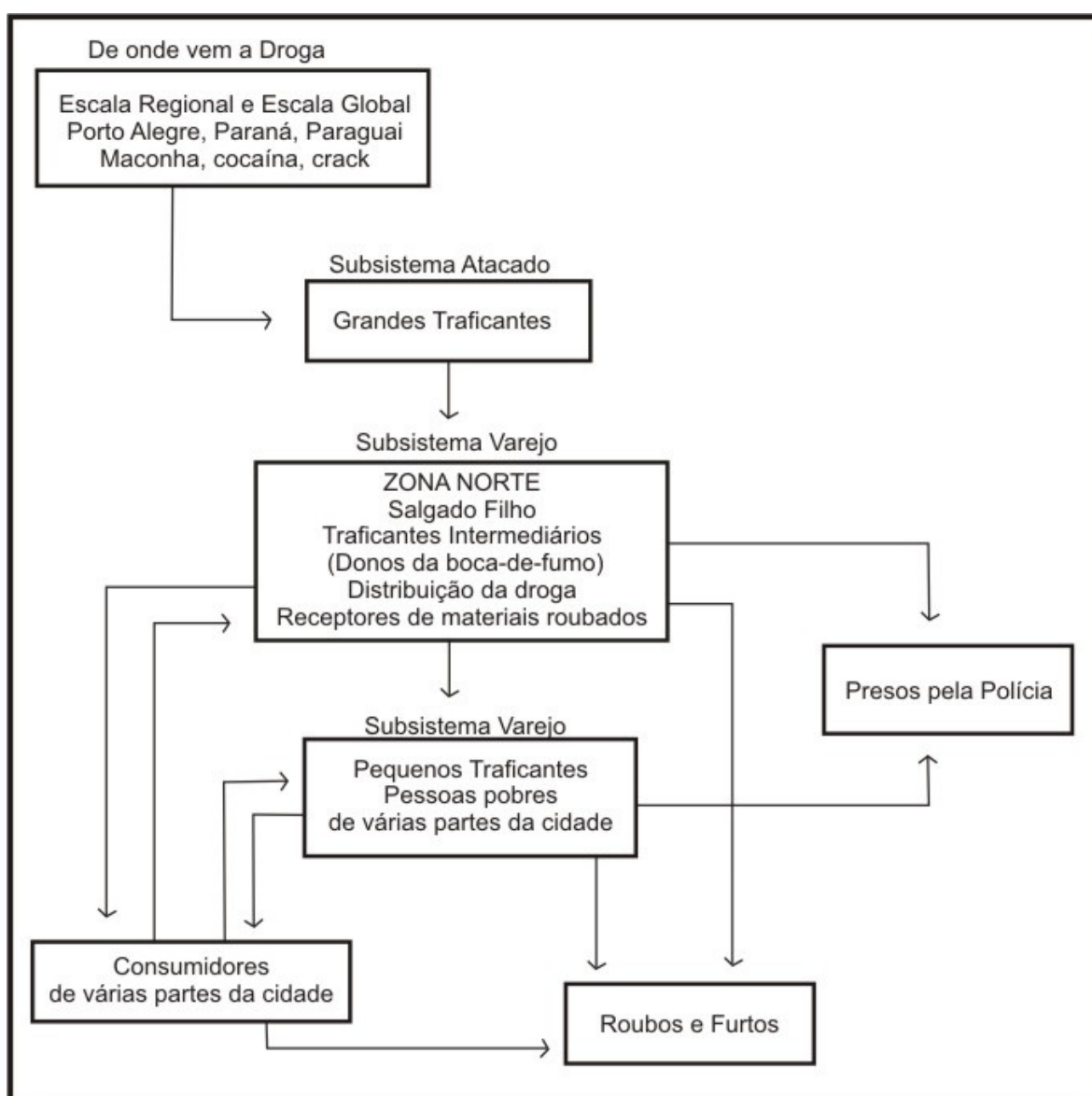


Figura 23: Organização do tráfico de drogas em Santa Maria  
Org.: MELARA, E., 2007

A autora ainda coloca que, nos crimes contra o patrimônio, não existe ligação entre os envolvidos, pois a ação se dá entre desiguais, especialmente no aspecto econômico. Os crimes contra a propriedade envolvem valores materiais, que normalmente estão concentrados em vizinhanças específicas, isto é, locais representados por uma população com um elevado nível sócio-econômico.

No caso de Santa Maria, os crimes contra o patrimônio também têm maior evidência nas áreas onde o poder aquisitivo é mais elevado, entretanto, alguns bairros de classe baixa, como o bairro Juscelino Kubitschek<sup>40</sup>, também apresentam altas taxas desse tipo de crime. Como já foi comentado no Capítulo 1, as pessoas de classe média-alta possuem bens materiais de valor e normalmente registram a ocorrência de roubo ou furto desses bens, enquanto que as pessoas de classe baixa, na maioria das vezes, não registram ocorrência de um bem roubado em vista do seu pequeno valor econômico. Dessa forma, as estatísticas acabam identificando as áreas de classe média-alta como aquelas em que há maior ocorrência de crimes contra o patrimônio.

Para Francisco Filho (2004) as ocorrências contra o patrimônio também estão relacionadas às desigualdades sociais, pois a vigência de um sistema econômico excludente, que segrega muitas pessoas com baixos níveis de renda e instrução para áreas periféricas das cidades, acabam gerando fatores indutores no processo da criminalidade. Segundo o autor, vive-se numa sociedade onde valor do ser humano é medido pelo que ele consome ou acumula, nessa perspectiva é importante estabelecer as relações de causa e efeito entre os crimes contra o patrimônio e as variáveis sócio-econômicas envolvidas no processo.

Deve-se considerar que os crimes contra o patrimônio ocorrem tendo como alvo valores ou bens, e não a pessoa, então é certo afirmar que existe uma “tendência” de relacionamento deste tipo de crime aos setores em que há atrativos para tais atos criminosos. A condição de renda passa a ser, neste caso, um elemento de atração, desde que esta seja elevada. Mas existem situações que fogem a regra, como é o caso, principalmente do bairro Juscelino Kubitschek, pois, apesar de não ser um bairro com renda elevada, os crimes contra o patrimônio ocorrem freqüentemente no local.

Na análise da criminalidade, Francisco Filho (2004) salienta que a educação se apresenta de duas formas distintas na perspectiva da violência no espaço urbano.

---

<sup>40</sup> No Capítulo 5 falar-se-á do bairro Juscelino Kubitschek mais especificamente.

Primeiro como um fator indutor da violência, no caso dos baixos níveis de escolaridade; segundo como um fator de atração para os crimes contra o patrimônio, se forem analisadas as classes de maior nível educacional, que são, geralmente, as classes com maior acesso à renda. No entanto, sabe-se que existem muitos casos de pessoas com um nível de instrução elevado, e um alto poder aquisitivo, que praticam crimes contra a pessoa e contra o patrimônio. Por exemplo, os crimes contra pessoa relacionados à queima de arquivo, envolvendo mortes de políticos; e crimes contra o patrimônio, relacionados a grandes assaltos, chefiados por pessoas de alto *status* econômico e intelectual.

Segundo Francisco Filho (2004), as questões econômicas possuem um peso acentuado, visto que uma condição social pode levar a outra. O autor afirma que a dificuldade de acesso à renda pode levar as pessoas à informalidade e à exclusão social. Um baixo nível de educação, portanto, também pode condicionar a uma baixa condição econômica, e vice-versa. Baixos níveis de renda e de escolaridade podem acarretar a segregação de pessoas para áreas periféricas, e muitas vezes com problemas de infra-estrutura urbana. Sobre esta questão da qualidade de infra-estrutura urbana das cidades e sua relação com a violência, Francisco Filho (2004, p. 175) afirma que:

A infra-estrutura é um elemento definidor da qualidade do solo urbano, pois aqueles dotados da melhor condição são mais valorizados. A segregação urbana reserva os solos mais valorizados para as classes com maior renda e empurra para as periferias as classes com renda mais baixa, que ocupam os solos de menor valor e, em muitos casos, com problemas de segurança, salubridade e desprovidos de serviços e infra-estrutura. Portanto, o conhecimento de como essas áreas sem infra-estrutura estão correlacionadas com o crime contra o patrimônio é imprescindível para que se possa estabelecer um modelo consistente de potencialidade para ocorrências de crimes. [...] O abandono do Estado na questão da segurança não se resume só à falta de policiamento, mas à não assistência às populações menos favorecidas através dos serviços urbanos e, principalmente, à infra-estrutura básica, composta pelo abastecimento de água, coleta de esgoto e lixo. Estes três níveis de assistência definem se um setor urbano apresenta condições de oferecer qualidade de vida a seus habitantes ou não. ACIOLY (1998) define que “a densidade urbana é um dos mais importantes indicadores e parâmetros de desenho urbano a ser utilizado no processo de planejamento e gestão dos assentamentos humanos”. Quando os espaços se tornam densos e o ambiente insalubre, o valor deste solo cai drasticamente e este é ocupado pelas classes de menor renda, pelos excluídos sociais e por todo um contingente de pessoas que vivem à margem da econômica.

Essas condições “podem favorecer” o surgimento de um espaço que esteja propício ao desenvolvimento da criminalidade - contra o patrimônio ou mesmo contra a pessoa - que pode ocorrer no próprio local ou essa criminalidade pode se deslocar para outras áreas.

#### **4.2.1. Furto Simples**

Analisando a Figura 24 têm-se as ocorrências criminais vinculadas ao furto simples. Verifica-se que os bairros Centro e N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores destacaram-se na ocorrência de furtos simples. A segunda classe estabelecida no mapa com as maiores taxas deste tipo de crime estão explicitadas nos bairros Camobi, Juscelino Kubitschek e bairro Tancredo Neves.

Analisando estes dados em relação à renda (Figura 9), observa-se que os bairros Centro, N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores e Camobi estão entre os bairros onde há uma maior porcentagem de responsáveis pelo domicílio com um nível de renda maior que 15 salários mínimos. Já o bairro Juscelino Kubitschek, e também o bairro Tancredo Neves estão entre os bairros com as maiores porcentagens de responsáveis pelo domicílio sem renda ou com uma renda inferior a dois salários mínimos (Figuras 10 e 21).

Em relação à questão da educação (Figuras 11 e 12), observa-se que no Centro estão localizadas as maiores taxas de responsáveis pelo domicílio com grau de escolaridade superior a 15 anos de estudo. O bairro N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores e Camobi também apresentaram altas porcentagens de pessoas com esse grau de instrução. O bairro Juscelino Kubitschek, ao contrário apresentou baixas taxas de responsáveis pelo domicílio com alto nível de instrução e altas de taxas de responsáveis pelo domicílio com menos de três anos de escolaridade, portanto um baixo nível de instrução.

Em se tratando da questão da infra-estrutura urbana (Figuras 13, 14, 15 e 16) verifica-se que os bairros Centro, N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores e Camobi apresentam elevadas porcentagens de domicílios com mais de quatro banheiros, reforçando a idéia de moradores com elevado nível de renda.



Os bairros Centro e N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores possuem grande parte dos seus domicílios ligados à rede geral de esgoto. No bairro Camobi, por questões já explicadas anteriormente, muitas residências não estão ligadas à rede geral. O bairro Juscelino Kubitschek apresenta carências na sua infra-estrutura urbana com altas taxas de domicílios sem banheiros e sem acesso à rede geral de esgotos.

O bairro Tancredo Neves não apresentou dados significativos de pessoas responsáveis pelo domicílio com alto ou baixo nível de instrução. Apresenta altas porcentagens de domicílios com rede geral de esgoto, e apesar de não possuir altas taxas de domicílios com mais de quatro banheiros, mostra baixas taxas de domicílios sem banheiro. Deste modo, analisa-se que, o bairro possui características sócio-econômicas intermediárias.

Pelo exposto, o elevado número de ocorrências de furtos simples no bairro Centro pode ser considerado uma tendência esperada, uma vez que este concentra inúmeros serviços, estabelecimentos comerciais e locais de lazer, que atraem diariamente uma importante proporção da população de Santa Maria. De acordo com entrevistas realizadas com os delegados da cidade, o tipo de furto simples que mais ocorre vincula-se ao furto de aparelhos de som de carros, que no bairro Centro ocorre freqüentemente em função do elevado fluxo de veículos que passam e estacionam no local.

Numa reportagem realizada pelo jornal Diário de Santa Maria foi feito um levantamento de ocorrências criminais durante 14 dias (10 a 23 de julho de 2007). Segundo a reportagem, das 834 ocorrências registradas na Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento, 470 foram de crimes, entre eles 99 corresponderam a algum tipo de furto. Como apontado, o caso que ocorre com maior freqüência envolve furto de aparelhos de som de veículos, que segundo o delegado da Delegacia de Furtos, Roubos, Entorpecentes e Capturas, aponta a existência de mercado para esse tipo de crime, pois a compra de materiais roubados incentiva os furtos e os roubos.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Reportagem do jornal Diário de Santa Maria, 15 de agosto de 2007.

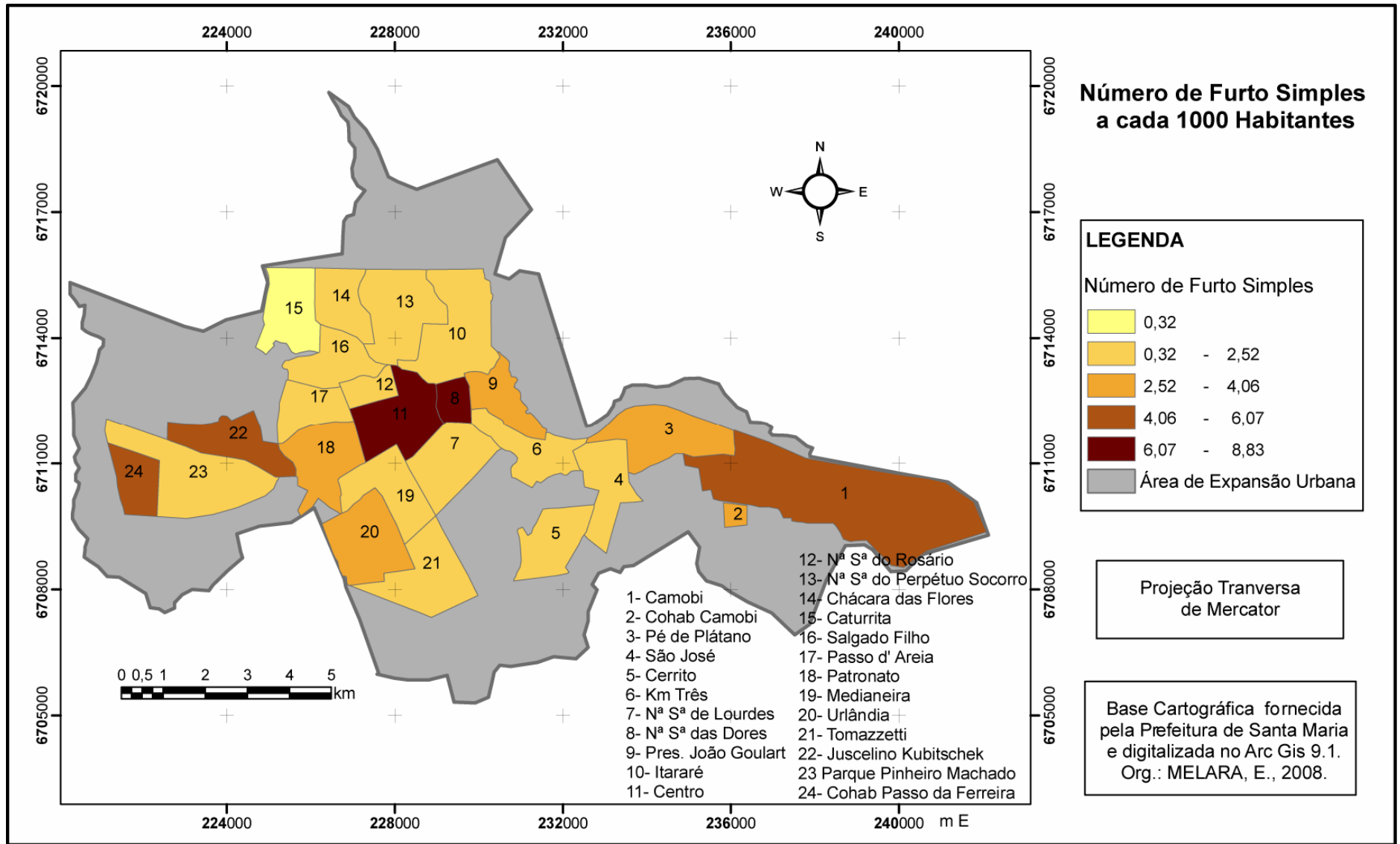


Figura 24: Distribuição por bairro das ocorrências vinculadas ao número de furtos simples

Neste contexto, verifica-se que o furto simples tem as maiores taxas de ocorrência nos bairros onde vivem pessoas com um nível de renda elevado, um alto grau de escolaridade e uma infra-estrutura urbana satisfatória, que pode ser considerado como alvos de furtos. O bairro Juscelino Kubitschek foge a estas considerações. Pelas informações constata-se que o bairro Centro concentra o maior número das ocorrências relacionadas a furtos, sendo este um local de grande mobilidade, circulando pessoas de todas as partes da cidade, pode-se inferir que tanto as vítimas como os agressores<sup>42</sup> podem ou não morar no bairro.

#### **4.2.2. Furto Qualificado**

Verificando a Figura 25, identifica-se que o bairro Juscelino Kubitschek apresentou as maiores taxas de furto qualificado. Na segunda classe apresentada no mapa estão os bairros Centro, Cerrito, Km 3, Camobi e Tancredo Neves, com altas taxas dessa modalidade criminal.

Analisando esse fato em relação à renda e educação, (Figuras 9, 10, 11 e 12) verifica-se que os bairros Centro e Camobi, os quais apresentaram as maiores taxas de responsáveis pelo domicílio com elevado nível de renda e alto grau de instrução, apresentaram altas taxas desse tipo de crime. Entretanto o bairro que mais se destacou pela quantidade de ocorrências de furto qualificado foi o bairro Juscelino Kubitschek, o qual concentra uma população de classe de baixa renda e altas porcentagens de pessoas com um baixo grau de escolaridade.

Os bairros Cerrito, Km 3 e Tancredo Neves apresentam uma baixa taxa de pessoas com um elevado nível de renda. O bairro Tancredo Neves apresenta taxas consideráveis de responsáveis pelo domicílio sem renda ou com uma renda inferior a dois salários mínimos. Já os bairros Cerrito e Km 3, embora não apresentem altas taxas de pessoas com elevado poder aquisitivo, também não apresentam índices elevados de pessoas com um nível de renda baixo.

---

<sup>42</sup> Esta palavra foi utilizada para caracterizar as pessoas que praticam crimes.

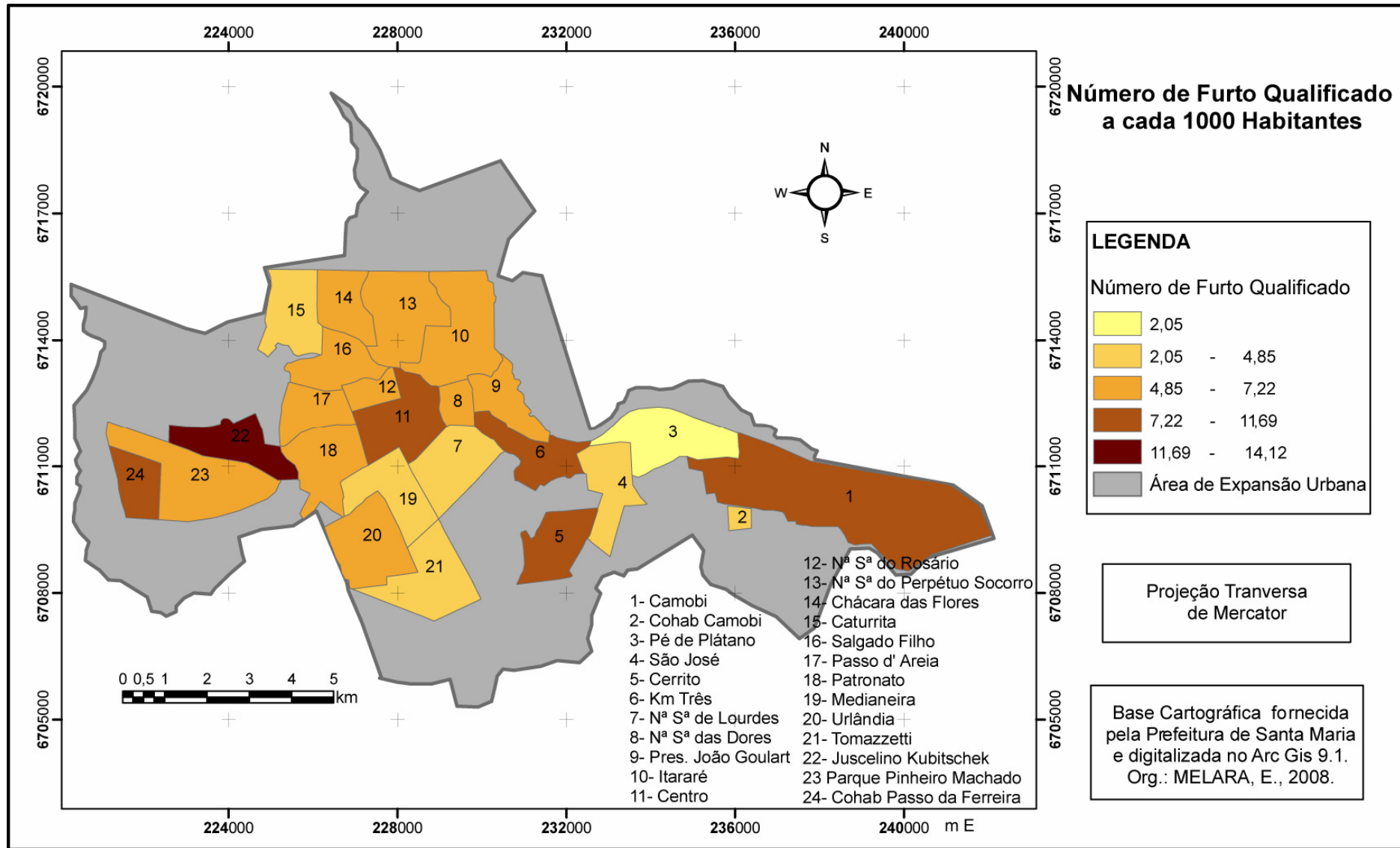


Figura 25: Distribuição por bairro das ocorrências vinculadas ao número de furto qualificado

Considerando a variável educação (Figuras 11 e 12), os bairros Cerrito, Km 3, Camobi e Tancredo Neves não apresentaram taxas elevadas em nenhuma das características ligadas a essa variável. Em relação à questão da infra-estrutura urbana vinculada ao escoamento de esgotos (Figuras 13 e 14), o Centro se caracteriza por uma boa infra-estrutura, juntamente com o bairro Tancredo Neves. O bairro Juscelino Kubitschek apresenta índices elevados de problemas com o esgoto, assim como o bairro Camobi e o bairro Cerrito. O bairro Km 3 apresentou uma taxa intermediária com referência a este aspecto.

Pelo exposto não é possível fazer relação deste crime com qualquer variável sócio-econômica, já que o furto qualificado apresenta altas taxas de ocorrência tanto em bairros onde residem um número elevado de pessoas com um alto padrão de vida, quanto em bairros onde o número de pessoas de baixa renda se destaca. O mesmo ocorre com as variáveis educação e infra-estrutura.

O que chama a atenção nessa análise foi o bairro Juscelino Kubitschek, o qual apresentou números elevados de ocorrência dessa modalidade de crime, visto que, o bairro se caracteriza por moradores com baixos níveis de renda, o que conseqüentemente o caracterizaria por apresentar poucos bens atrativos a serem furtados. Nas suas pesquisas Félix (1996) analisou que os crimes contra o patrimônio tenderiam ocorrer entre pessoas de classes sociais diferentes e que estariam distantes, geograficamente uma da outra. Entretanto, pelo que foi constatado, o bairro Juscelino Kubitschek não segue esta lógica. No capítulo 5 será discutido esse fato mais a fundo.

#### **4.2.3. Roubos**

Analisando esta modalidade de crime, percebe-se que sua incidência é mais evidente nos bairros Centro, Patronato e Passo d' Areia. A segunda classe de maior evidência está nos bairros: N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores, N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Rosário, N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Perpétuo Socorro, Salgado Filho e o bairro Juscelino Kubitschek (Figura 26).

Em relação à renda (Figuras 9, 10 e 21) verifica-se que os bairros Centro, N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores e N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Rosário apresentam um nível de renda elevado. Os bairros Patronato, Passo d' Areia, N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Perpétuo Socorro apresentam uma porcentagem de responsáveis pelo domicílio recebendo mais que 15 salários praticamente igual a

quantidade de responsáveis recebendo menos que 2 salários mínimos. Os bairros Salgado Filho e Juscelino Kubitschek são bairros onde existe um elevado percentual de pessoas com uma baixa renda.

Com referência as outras variáveis educação e infra-estrutura (Figuras 11, 12, 13 e 14) verificou-se que os bairros Centro, N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores e N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Rosário apresentam uma porcentagem representativa de pessoas com um alto nível de instrução, assim como apresentam condições satisfatórias de infra-estrutura urbana. Os bairros Patronato, Passo d' Areia e N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Perpétuo Socorro apresentam características intermediárias, não se destacando nem na quantidade de pessoas com alto grau de instrução e nem mesmo com baixo grau de instrução, assim como nas questões relacionadas à infra-estrutura urbana. Já os bairros Salgado Filho e Juscelino Kubitschek, além de apresentarem uma alta porcentagem de moradores com baixo nível de renda, também apresentaram uma quantidade elevada de pessoas com um baixo nível de instrução e uma quantidade elevada de domicílios com problemas de infra-estrutura e saneamento básico.

Pode-se dizer que existe uma tendência na ocorrência de roubos em locais mais privilegiados economicamente, isto é, com bons indicativos sócio-econômicos e de infra-estrutura.

No trabalho de levantamento de reportagens nos jornais da cidade de Santa Maria, selecionaram-se algumas notícias que exemplificam a ocorrência de assaltos nesses bairros. Em várias reportagens é dada ênfase às ocorrências de assaltos a veículos de transporte coletivo. Segundo a reportagem, através de dados fornecidos pela Polícia Civil, foi construído um mapa de assaltos a ônibus na cidade de Santa Maria no ano de 2004. De acordo com os dados, no bairro Salgado Filho ocorreram sete assaltos a ônibus nesse ano; no bairro Juscelino Kubitschek foram três; na ocupação Nova Santa Marta dois (localizada ao norte do bairro Juscelino Kubitschek) e um no bairro Urlândia.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Reportagem do Diário de Santa Maria (31 de agosto de 2004).

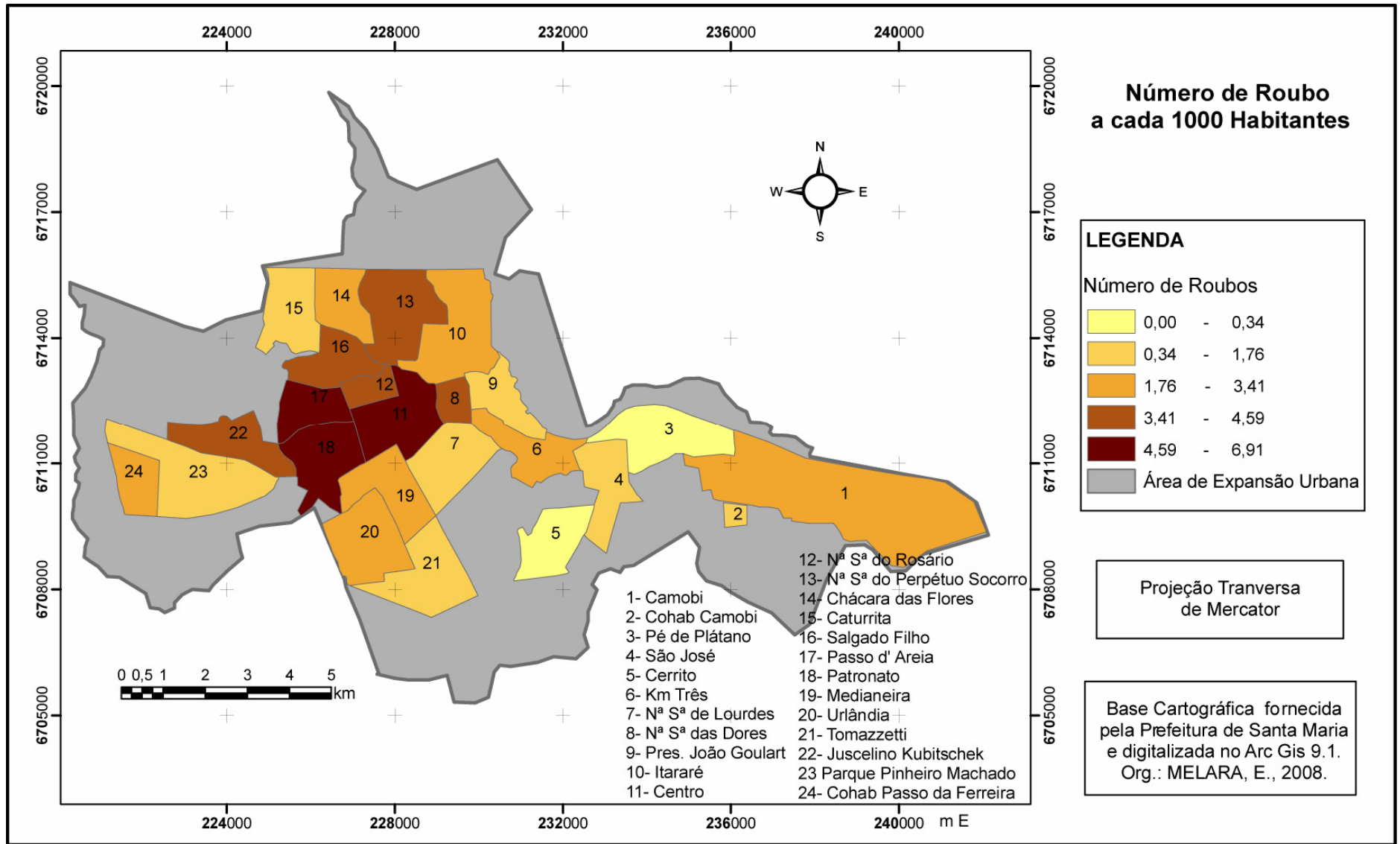


Figura 26: Distribuição por bairro das ocorrências vinculadas ao número de roubos

Numa outra reportagem, dois anos depois, do Diário de Santa Maria (2006), o bairro Nova Santa Marta é apontado novamente como local de assaltos a ônibus, principalmente na vila Alto da Boa Vista, Segundo a reportagem “*15 assaltos foram sofridos pelo ônibus Expresso Medianeira*”, oito somente na região da Nova Santa Marta, dois quais cinco ocorreram no Alto da Boa Vista (vila pertencente a Nova Santa Marta).<sup>44</sup>

Outro tipo de reportagem que chamou a atenção e teve destaque nas notícias, foram os assaltos contra taxistas. Segundo dados da Brigada Militar, as corridas de táxi solicitadas para determinados bairros acarretam perigo. De janeiro até agosto de 2007 foram oito ataques a taxistas por mês, sendo os locais preferidos para a efetivação do assalto os bairros Salgado Filho (Vilas Carolina e Kennedy), Patronato (Vila Lúcia), proximidades do bairro Urolândia, Juscelino Kubitschek (Vila Jôquei Clube) e Passo d’ Areia.<sup>45</sup>

Estas notícias remetem a locais carentes da cidade, dando a entender que nos locais mais pobres esses tipos de assaltos tendem a ocorrer com maior frequência. Contudo, não se pode afirmar que são os moradores dessas áreas que cometem esses crimes. Entretanto, observa-se uma tendência de sua prática estar relacionada a pessoas de baixa renda, pois são crimes de “baixo prestígio”, onde um roubo, normalmente se resume a pequenas quantias em dinheiro. Entende-se, pelo contexto, que esses crimes descritos nas reportagens possam estar ligados ao consumo de droga ou ao consumo de outros bens.

Outra reportagem de relevância para este estudo refere-se ao bairro Patronato. Segundo dados, somente em um mês foram 19 assaltos no bairro; entre as vítimas destacam-se pedestres, mototaxistas e entregadores. As quadrilhas agem, principalmente nas vilas Noal, Lúcia e Arco Íris (as duas últimas são consideradas vilas com baixo poder aquisitivo)”, localizadas no bairro Patronato.<sup>46</sup> Em maio de 2007, a Delegacia de Furtos, Roubos, Entorpecentes e Capturas foi informada de quatro casos de ladrões pedindo resgate por motos que roubaram na área. Inclusive, uma das vítimas afirmou que nos últimos 10 anos, pagou cinco resgates de moto.<sup>47</sup>

Um fato interessante está ocorrendo no bairro Patronato, moradores da vila Noal estão construindo um muro para se separar da vila Natal (área de ocupação

---

<sup>44</sup> Reportagem do Diário de Santa Maria (13 de dezembro de 2006).

<sup>45</sup> Reportagem do Jornal A Razão (22 de agosto de 2007).

<sup>46</sup> Reportagem do Diário de Santa Maria (03 de fevereiro de 2006).

<sup>47</sup> Reportagem do Diário de Santa Maria (21 maio de 2007).



clandestina). Segundo o presidente da associação comunitária da vila Noal, não são os moradores da vila Natal o problema, mas sim as áreas verdes próximas à “invasão”<sup>48</sup> as quais os bandidos utilizam para se esconder.<sup>49</sup>

Esse assunto resultou num artigo publicado durante um evento internacional (VII RAM).<sup>50</sup> De acordo com Souza, Harlos & Marques (2007), os moradores da vila Noal querem evitar o contato com moradores da vila Natal, pois acreditam que esses seriam responsáveis pela violência existente na localidade e edificaram um muro de alvenaria de três metros de altura. Segundo os autores, a vila Noal caracteriza-se por uma população de classe média, dotada de uma considerável infra-estrutura urbana. Já na vila Natal, originada a partir de uma ocupação clandestina, os moradores apresentam uma renda baixa, um baixo grau de escolaridade e inúmeros problemas de saneamento básico, como inexistência de água encanada, rede geral do esgoto e calçamentos.

Observa-se nesse caso um exemplo típico de segregação no espaço urbano de Santa Maria, além da criação de estereótipos taxando os moradores da vila Natal como criminosos. Podem-se inferir duas análises sobre esse fato, a primeira que, quando existem “sobras” no sistema, excluem-se, segregam-se, separam-se. A segunda, também pode ser considerada uma “violência”, uma ação preconceituosa ao taxar todos os moradores da vila como criminosos e construir um muro para aumentar uma segregação que já existe.

Analisando os dados fornecidos pela Brigada Militar e representados na Figura 26 de ocorrências de crimes ligados a roubos, constata-se que a ocorrência deste tipo de crime tem uma tendência de ocorrer com maior frequência nos bairros de classe média-alta.

No entanto, pelas reportagens pesquisadas observa-se que é um crime que ocorre também nos bairros de classe baixa. Nem sempre os bens procurados pelas pessoas que praticam esse crime representam objetos de elevado valor econômico, já que, muitas vezes, são pessoas de classe baixa que praticam pequenos roubos, visando pequenas quantias. Criminosos qualificados, normalmente estão ligados à pessoas de classe média-alta, visando grandes quantias em dinheiro ou bens de elevado valor econômico.

---

<sup>48</sup> Expressão “preconceituosa” utilizada pelo presidente da associação comunitária da Vila Noal para identificar a área ocupada pelos moradores da Vila Natal.

<sup>49</sup> Reportagens do Diário de Santa Maria (7 de dezembro de 2006).

<sup>50</sup> VII RAM – Reunião de Antropologia do Mercosul, ocorrida na UFRGS – Porto Alegre, 2007.

É bom salientar que as reportagens dos jornais deram maior visibilidade aos crimes cometidos em áreas mais pobres, dando a entender que os crimes apresentados seriam praticados por pessoas de classe baixa. Contudo, não se pode desconsiderar que existam assaltos chefiados por pessoas denominadas “ricas”, embora estes crimes não se apresentem visíveis aos olhos da sociedade. Primeiro porque ocorrem em menor quantidade, e, segundo, quando a mídia publica o assunto, os mandantes dos crimes se quer constam na ação criminal, já que quem aparece, normalmente, são as pessoas contratadas para realizar o assalto, que na seqüência podem ser presos.

### **4.3. Análise das Ocorrências Criminais contra a Pessoa**

Estudos e dados evidenciam que os crimes contra a pessoa tendem a ocorrer com mais freqüência entre aqueles de uma mesma classe social, e muitas vezes, dados apontam para áreas periféricas das cidades, representadas por pessoas de classe baixa. Além disso, existe uma tendência de que agressor e vítima estejam próximos no espaço. A violência doméstica é um exemplo de crime contra a pessoa, no qual as pessoas convivem num mesmo espaço e conseqüentemente fazem parte da mesma classe social (FÉLIX, 1996).

Entretanto, não é possível afirmar que os bairros com uma quantidade maior de pessoas que possuem uma renda baixa sejam locais com números mais elevados de ocorrências ligadas aos crimes contra a pessoa. Como já foi estudado, o fato do número de agressões apresentar maiores taxas de ocorrências nos locais pobres do que em locais onde está localizada a classe média-alta, pode estar relacionada à questão de omissão de informações. As pessoas que possuem uma renda elevada, muitas vezes não registram ocorrência de agressões, por vergonha, por preservação da reputação. Já as classes menos favorecidas tentem a registrar este tipo de ocorrência, principalmente no que se refere a violência doméstica.

Felix (2002, p. 53) acrescenta algumas causas para a ocorrência de crimes contra pessoa:

Além das características ambientais (regiões com população de altos índices de jovens, desempregados, populações minoritárias etc),

outros estudos desenvolvidos nos EUA (MURRAY & BOAL, 1979) revelaram que o crime violento é mais freqüente em áreas urbanas caracterizadas por: deterioração física, baixo nível de educação e habilidade vocacional, alta proporções de homens sozinhos, lares desfeitos, mães que trabalham fora de casa, residências super povoadas e “substandardizadas” e uso da terra misto (comercial/residencial). Na Inglaterra, também, grande parte das investigações correlaciona as características estruturais do meio urbano, particularmente dos ambientes pobres e de população migrante, com os altos índices de crimes violentos.

Neste trabalho, realizado no espaço urbano de Santa Maria verificou-se que os crimes contra pessoa evidenciaram-se nos bairros mais periféricos, indo ao encontro das afirmações expostas no estudo de Félix (1996, 2002). Nas áreas periféricas da cidade encontra-se um elevado número de jovens, pessoas com uma renda baixa, com baixo grau de escolaridade e problemas vinculados ao saneamento básico. Como também especificado por Félix, os crimes contra pessoa no espaço urbano de Santa Maria tendem a acontecer entre pessoas da mesma classe social, que, e em muitos casos, estão localizadas próximas no espaço, e que já se conhecem.

Segundo Francisco Filho (2004) deve-se ter em mente que um nível de renda baixo, aliado a outros fatores (culturais, sociais, contextos familiares, etc), pode, em muitos casos, dificultar o acesso a um alto nível de instrução, mas também pode ocorrer ao contrário, baixo nível de instrução pode condicionar a um futuro desprovido de condições econômicas satisfatórias. A dificuldade de acesso à renda e à educação obriga muitas pessoas a ocupar os espaços urbanos de menor qualidade quanto aos serviços, uma vez que a infra-estrutura é um dos fatores que valorizam o solo urbano. Muitas vezes esses espaços tornam-se densos e insalubres e cria-se um clima de tensão, de mal estar social, que pode caminhar para um estado de criminalidade.

#### **4.3.1. Agressões**

Existe uma tendência da ocorrência de agressões ser mais periférica, isto é, ocorrer mais freqüentemente nas áreas de periferia de Santa Maria. Na Figura 27 observa-se que o bairro Juscelino Kubitschek apresentou as maiores taxas de ocorrência de agressões. Na segunda classe estabelecida no mapa verifica-se que a maioria dos bairros que possui elevadas taxas de ocorrência são bairros mais

periféricos. São eles: Pé de Plátano, São José, Cerrito, Caturrita e Tancredo Neves. Os bairros Patronato e Medianeira também entraram nessa classe, sendo esses, mais centrais.

Se analisarmos os bairros onde as ocorrências criminais vinculadas às lesões corporais aparecem com mais evidência, verifica-se que na sua maioria são bairros que apresentam elevados números de pessoas com um baixo padrão econômico e educacional, e onde as carências ligadas à infra-estrutura urbana são mais visíveis.<sup>51</sup>

Segundo informações fornecidas pelas delegacias<sup>52</sup>, os crimes de agressões ocorrem normalmente associados ao uso de álcool ou drogas. À noite e nos fins de semana, muitos jovens, por exemplo, vão para festas, se embriagam ou se drogam, podendo desencadear discussões, que podem evoluir para ocorrências de agressões. Muitos destes atos estão relacionadas a um assunto de gênero, isto é, a uma questão doméstica, nesses casos o uso abusivo do álcool ou drogas pode agravar esta situação.

Sustenta-se ainda uma tendência à agressão, ou mesmo, de crimes contra pessoa estarem relacionados com a densidade populacional num mesmo domicílio. Nas áreas mais pobres da cidade de Santa Maria (ocupações clandestinas), muitas pessoas dividem o mesmo cômodo. Isso gera um clima de tensão, e muitas vezes questões relacionadas à violência doméstica e ao abuso sexual, já que primos, tios, tias, padrastos, filhos, estão sob o mesmo teto e dividem o mesmo espaço. Em relação a isso Francisco Filho (2004, p. 15) argumenta que:

O aspecto mais perceptível da característica do comportamento urbano está relacionado ao ambiente com altas taxas de ocupação territorial; em outras palavras, um ambiente denso, típico das cidades. Esse ambiente, onde temos indivíduos convivendo com outros indivíduos em grande número e muito próximos uns dos outros, gera uma certa *tensão* que estabelece um comportamento típico do homem urbano. As altas densidades criam comportamentos estranhos a nossa *lógica* perceptiva.

---

<sup>51</sup> Ver Figuras 10, 12, 14, 16 e 21.

<sup>52</sup> Entrevistas realizadas com os delegados de diferentes delegacias, realizadas em outubro de 2007.

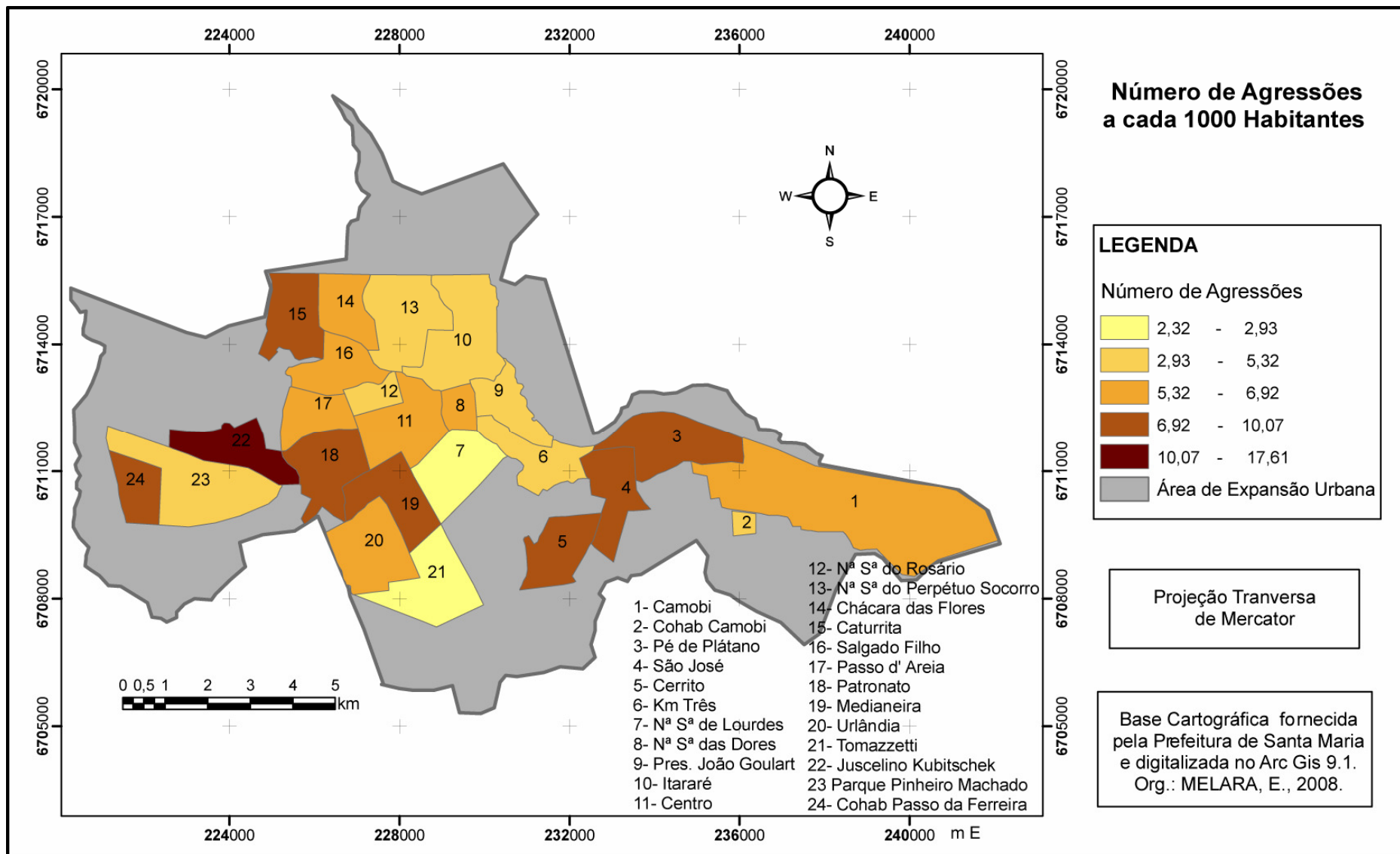


Figura 27: Distribuição por bairro das ocorrências vinculadas ao número de agressões

Com o propósito de conhecer as áreas onde existe um maior número de pessoas por domicílio, mapeou-se os dados referentes a essa condição a partir dos dados do IBGE. Na Figura 28, identifica-se que nas áreas mais periféricas da cidade de Santa Maria esse fenômeno ocorre com mais freqüência, pois nessas áreas as pessoas não possuem condições econômicas favoráveis e, conseqüentemente, precisam ocupar terrenos e moradias mais simples, com um maior número de pessoas por domicílio. Nas áreas de ocupação ilegal, muitas famílias dividem o mesmo cômodo, visto as enormes dificuldades econômicas que enfrentam. Essa condição pode ser considerada um fator desencadeador de discussões, conseqüentes agressões ou até evoluir para possíveis homicídios.

#### 4.3.2. Homicídios

O Ministério da Saúde (Tabela 8)<sup>53</sup> mostra que no país, o homicídio é a principal causa de morte considerando as “causas externas”, sendo que os homens são as maiores vítimas desse crime.

Tabela 8: Distribuição de óbitos por causas externas (2005)

<b>Causas</b>	<b>Total</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Acidentes de Trânsito	28,4	27,7	32,1
Homicídios	<b>37,1</b>	<b>40,8</b>	<b>18,3</b>
Suicídios	6,8	6,4	8,7
Outras Causas	27,7	25,1	40,9
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE (ver nota de rodapé 38).

<sup>53</sup>Estas informações estão disponíveis no site do IBGE: <http://www.ibge.gov.br> (acesso em: dezembro de 2007).

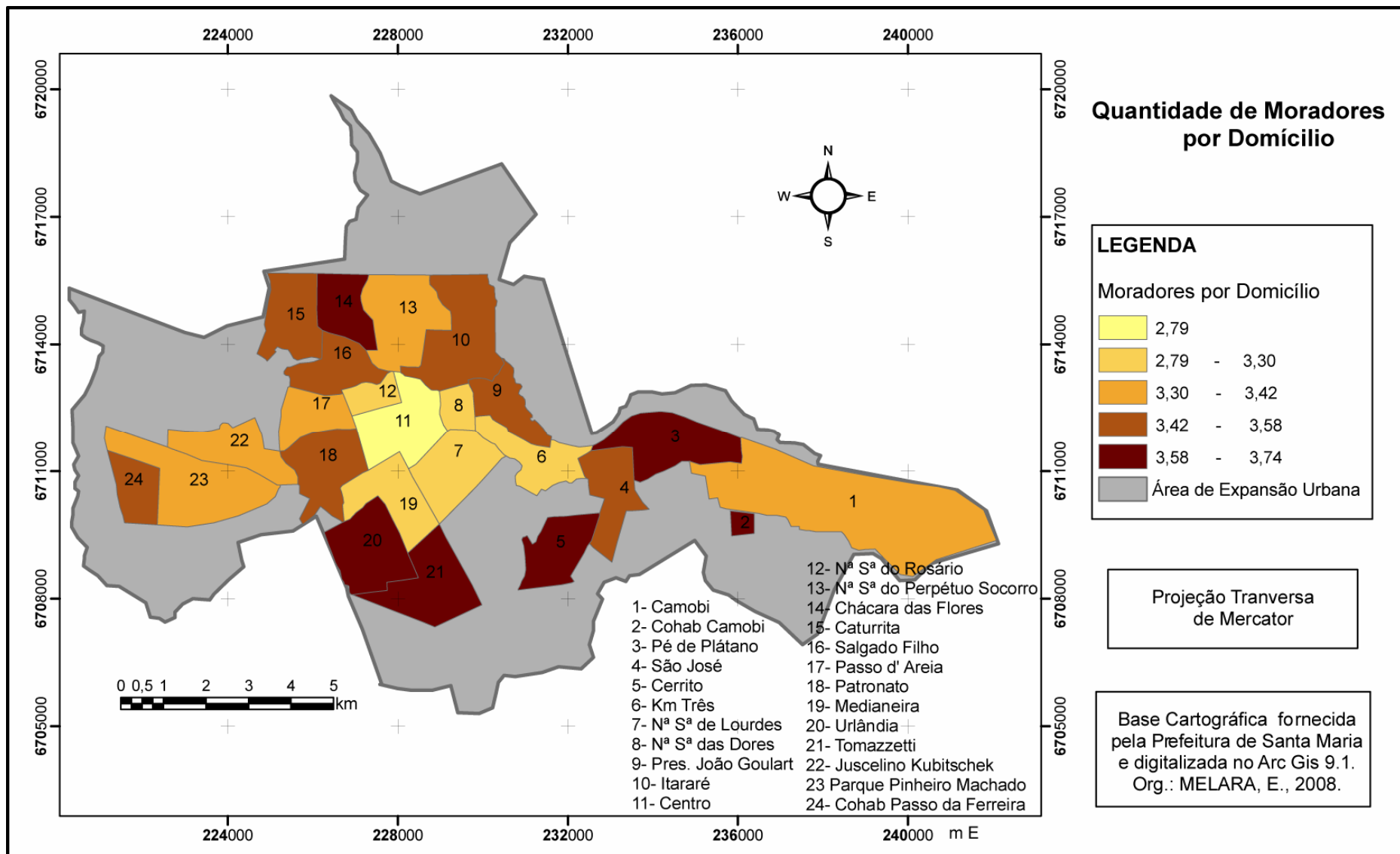


Figura 28: Distribuição por bairro da densidade de moradores por domicílio

É conveniente explicitar que o número de homicídios na cidade de Santa Maria não é um dado muito expressivo. Na Figura 5 e Tabela 1, é possível comparar os dados sobre homicídios entre as cidades de porte médio do Rio Grande do Sul, verificando que Santa Maria não possui números significativos deste tipo de crime se comparado com as outras cidades analisadas, pois apresenta uma taxa de 5,6 homicídios a cada 100 mil habitantes - a menor taxa entre as cidades médias do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul apresentou a maior taxa, com 17,31 homicídios a cada 100 mil habitantes; Passo Fundo, 11,33; Rio Grande, 8,7; Pelotas, 7,59.

Se compararmos ainda, os dados de Santa Maria em outras escalas também se percebe que o número de homicídios é menor. A Tabela 9, retirada do livro “O mapa da violência” de Waiselfsz (2004), possui alguns números no âmbito nacional, com dados das capitais brasileiras (SIM/DATASUS<sup>54</sup>). Apesar destes dados pertencerem as capitais do país, pode-se ter uma base de como a espacialização dos homicídios vem se dando a nível nacional.

Através desses dados, verifica-se que Santa Maria apresenta um número de homicídios bem inferior aos números das capitais dos estados do Brasil. A média nacional das capitais ficou com uma taxa de 45,5 homicídios a cada 100 mil habitantes, com destaque para a cidade de Recife, com uma taxa de 90 homicídios a cada 100 mil habitantes. Em segundo lugar ficou a capital do Espírito Santo, Vitória com um número de 80,2 homicídios. Contudo, nada se compara à cidade de Foz do Iguaçu, cidade do estado do Paraná, fronteira com a Argentina e Paraguai, com uma taxa de 251,4 homicídios a cada 100 mil habitantes, a taxa mais alta do país em 2004, associada a sua condição de cidade fronteiriça eixo de contrabando e tráfico. A menor taxa deste tipo de crime, de acordo com a Tabela 9 está representada pela cidade de Natal, com 13,9 homicídios a cada 100 mil habitantes, e, mesmo sendo a taxa de menor significância entre as outras capitais, ainda assim representa o dobro das ocorrências de homicídios de Santa Maria.

Considerando estatísticas internacionais (Dados do Whosis/OMS<sup>55</sup>), o Brasil encontrava-se, em 2000, na 4ª colocação em número de homicídios, com uma média de 27,1 casos a cada 100 mil habitantes, ficando atrás apenas da Colômbia (68,0 homicídios), El Salvador (37,0) e da Federação Russa (28,4).

---

<sup>54</sup> SIM – Sistema de Informações sobre Mortalidade e DATASUS – banco de dados do Sistema Único de Saúde, disponível no site <http://www.ciosp.rs.gov.br>.

<sup>55</sup> Dados retirados do livro de Waiselfsz (2004).



Tabela 9: Número de homicídios a cada 100 mil habitantes das capitais do Brasil

<b>UF / Capitais</b>	<b>Números por 100 mil hab / 2002</b>
Belém	31,8
Boa Vista	38,2
Macapá	44,0
Manaus	26,5
Palmas	20,5
<u>Porto Velho</u>	<u>63,2</u>
Rio Branco	44,8
<b>Norte</b>	<b>34,2</b>
Aracaju	54,4
Fortaleza	31,8
João Pessoa	42,5
Maceió	61,3
Natal	13,9
<u>Recife</u>	<u>90,0</u>
Salvador	23,3
São Luís	21,4
Teresina	27,8
<b>Nordeste</b>	<b>39,3</b>
Belo Horizonte	42,9
<u>Rio de Janeiro</u>	<u>62,8</u>
São Paulo	52,6
<u>Vitória</u>	<u>80,2</u>
<b>Sudeste</b>	<b>55,5</b>
Curitiba	32,2
Florianópolis	24,4
Porto Alegre	40,5
<b>Sul</b>	<b>34,8</b>
Brasília	34,4
Campo Grande	34,5
Cuiabá	52,0
Goiânia	38,1
<b>Centro Oeste</b>	<b>34,4</b>
<b>Brasil (capitais)</b>	<b>45,5</b>

Fonte: Banco de dados do Sistema Único de Saúde (2002).

De acordo com Moser (2006), enquanto a média global de taxas de homicídios em 2000 alcançava 5 homicídios a cada 100 mil habitantes, na América Latina chegava a 27,5. O Brasil apresenta um índice similar à média da América Latina, com 27,1 homicídios. Em relação à Santa Maria, o índice de homicídios é comparável com o apresentado pelo Uruguai, que ocupa o 22º lugar no âmbito internacional com 5,5 homicídios a cada 100 mil habitantes.

Analisando a Figura 29, pode-se observar a espacialização dos homicídios na cidade de Santa Maria, verificando que, o número de crimes vinculados ao homicídio concentrou-se em especial no bairro Juscelino Kubitschek. Os bairros Itararé, Caturrita e Chácara das Flores também apresentaram alguns casos de homicídios. Muitos bairros não apresentaram dados deste tipo de criminalidade.

Denota-se que a ocorrência desse crime focaliza-se nas áreas periféricas da cidade – áreas menos favorecidas economicamente e em termos de infra-estrutura – ou seja, este tipo de delinqüência tem maior incidência nos bairros onde existem mais pessoas com uma renda inferior a dois salários mínimos, com baixa escolaridade e conseqüentemente com problemas de saneamento.

Considerando esta questão, como mencionado por Félix (1996, 2002), Francisco Filho (2004) e Beato (2005), os crimes contra o patrimônio tendem a ocorrer com maior freqüência nas áreas mais ricas das cidades e os crimes contra a pessoa tendem a ocorrer com maior intensidade nas áreas mais empobrecidas do espaço urbano. Segundo Beato (2005), estudos recentes mostram como os fatores espaciais e temporais relacionados aos tipos de crimes contra pessoa são completamente diferentes das ocorrências de crimes contra o patrimônio. Homicídios ocorrem mais freqüentemente nas regiões mais pobres das cidades, estados ou países, enquanto os crimes contra propriedade ocorrem em áreas mais ricas.

De acordo com Beato (2005), os diferentes tipos de crimes, sejam contra pessoa ou contra o patrimônio, podem se apresentar diferentemente, conforme as especificidades dos locais em que estão ocorrendo. No caso das taxas de homicídios, vários indicadores, fatores ou fenômenos explicam sua ocorrência.

Para exemplificar essa questão o autor analisou um trabalho sobre as taxas de homicídios em duas regiões metropolitanas brasileiras. Em 1996 a região metropolitana do Rio de Janeiro apresentou uma taxa de 59,35 homicídios por 100 mil habitantes e a região metropolitana de São Paulo apresentou uma taxa similar, de 55,58 homicídios (dados do SIM – Sistemas de Informações sobre Mortalidade). Conforme Beato, embora os dados apresentem uma quantidade de ocorrências praticamente igual, as causas são diferenciadas. No Rio de Janeiro a taxa de morte por homicídio com jovens entre 15 e 29 anos de idade foi 34% maior que a taxa do

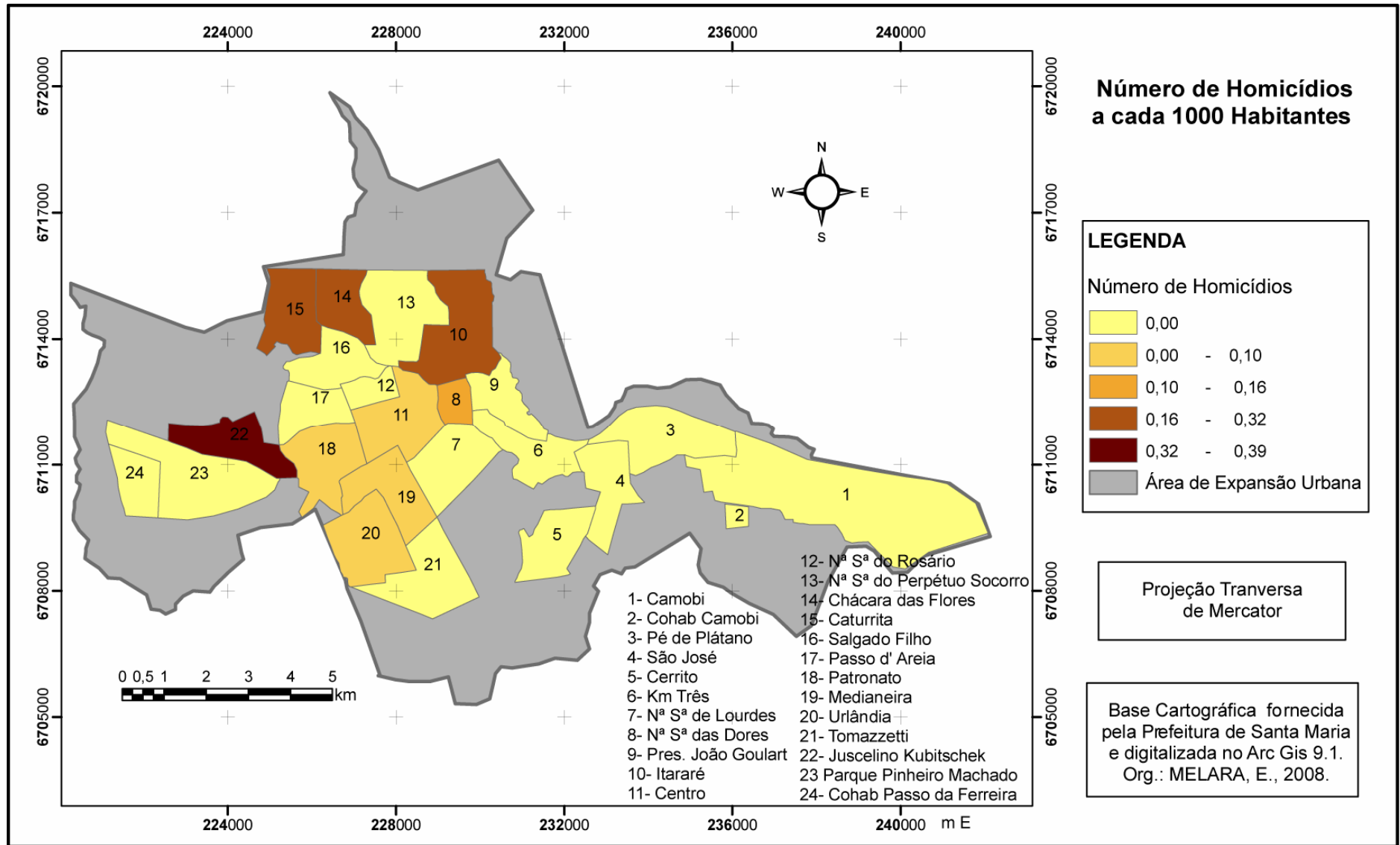


Figura 29: Distribuição por bairro das ocorrências vinculadas ao número de homicídios

mesmo grupo de idade em São Paulo. Além disso, as mortes por arma de fogo representam 87% dos homicídios no Rio de Janeiro, enquanto em São Paulo correspondem a 47% (BEATO, 2005).

Verifica-se que as duas cidades apresentam uma quantidade similar de ocorrências de mortes, mas percebe-se que as taxas de homicídios, embora semelhantes na sua quantidade, são diferentes se consideradas outras questões, como por exemplo, suas causas, características dos agressores e das vítimas, entre outras.

Sobre os homicídios, Beato (2005) fala ainda sobre as relações entre agressores e vítimas. Nesta perspectiva identifica quatro tipos de homicídios:

- homicídios primários resultantes de roubos;
- homicídios não-primários, resultantes de outros crimes;
- homicídios primários entre pessoas que não são conhecidas ou íntimas;
- homicídios primários entre pessoas que se conhecem.

Segundo o autor, na maioria dos casos, somente os homicídios primários estão vinculados a pessoas que já tinham uma relação prévia, isto é, relações familiares, de vizinhança etc, e estão correlacionados com indicadores sócio-econômicos, normalmente da mesma classe social. Os homicídios não-primários, ligados a roubos ou assaltos tendem a seguir o mesmo padrão de outras violações contra a propriedade, ou seja, acontecer preferencialmente nas áreas onde o poder aquisitivo da população é maior, entre pessoas de classe sociais diferentes e distantes espacialmente.

Em Santa Maria, como já foi visto, em 2005 a taxa de homicídios foi de 5,6 mortes a cada 100 mil habitantes. Uma taxa considerada baixa, se comparada com as taxas de outras cidades com características semelhantes, e bem inferiores se compararmos as capitais brasileiras. Pelos dados da Brigada Militar (Figura 29) analisa-se que os bairros mais periféricos apresentaram as maiores taxas desse tipo de crime, locais caracterizados por concentrar uma população de baixa renda e baixos níveis de instrução, com carências na infra-estrutura urbana, além de apresentaram um número elevado de ocupações clandestinas.

Consta, pelo trabalho de campo realizado na cidade, que os homicídios em Santa Maria, na maioria dos casos, são crimes não planejados. As maiores causas estariam ligadas a brigas entre vizinhos, rixas ou questões conjugais. As ocorrências

de homicídios tendem a ser primárias e entre pessoas conhecidas, moradores de bairros mais periféricos e pobres da cidade.

#### **4.4. Espacialização da Origem dos Presos de Santa Maria**

Em se tratando de violência, julgou-se importante mapear os bairros de residência dos presos da cidade de Santa Maria. Os dados foram fornecidos pelo Albergue Estadual de Santa Maria,<sup>56</sup> que contava com cerca de 317 albergados até maio de 2007 (sendo que não foram contabilizados os presos pertencentes ao meio rural ou a outro município da região). O número de albergados é quase a metade da população carcerária de Santa Maria.

Na Tabela 10, observa-se que os bairros Salgado Filho e Nova Santa Marta (antiga área de ocupação clandestina) destacam-se com o maior número de presos. A construção dessa tabela objetivou mostrar os números brutos dos locais de onde são provenientes os presos do albergue. Também permitiu evidenciar a importância do bairro Nova Santa Marta nas análises referentes à violência criminal em Santa Maria.<sup>57</sup>

Na Figura 30, espacializaram-se os dados a fim de verificar quais os bairros da cidade concentram a maior porcentagem de locais que eram residências dos presidiários albergados. Obviamente o bairro Salgado Filho obteve mais destaque, já que 44 presos são oriundos deste bairro e representam a maior concentração da origem dos presos da cidade. Os bairros Parque Pinheiro Machado e Passo d' Areia também apresentam taxas elevadas de detentos.

Analisando esses bairros em relação às variáveis sócio-econômicas percebe-se que são bairros que possuem elevadas taxas de pessoas recebendo menos que dois salários mínimos ou uma renda irrisória. Apresentam porcentagens elevadas de pessoas com um baixo grau de instrução e elevadas taxas de domicílios que não estão ligadas à rede geral de esgoto e que estão desprovidos de banheiros (Figuras 10, 12, 14, 16 e 21).

---

<sup>56</sup> No Albergue ficam os presos do regime aberto e semi-aberto, os quais já passaram pelo regime fechado, já que as penas são progressivas – conforme a Lei de Execuções Penais (Lei nº 7.210/84).

<sup>57</sup> O bairro Nova Santa Marta não está incluído na divisão de bairros utilizada no nosso trabalho já que a sua área somente foi institucionalizada como bairro a partir do novo Plano Diretor de 2006. No capítulo 5 são apresentadas as características do bairro e analisado em profundidade.

Como apontado no Capítulo 1, as leis são construídas por uma classe social e aplicadas a outra, como é o caso do Código Penal. Nas prisões brasileiras a maioria dos presos são pessoas de classe baixa, jovens e do sexo masculino. A sociedade criou as prisões baseadas no encarceramento do tempo das pessoas, ou seja, quanto mais grave for a pena mais tempo o preso ficará detido. Num regime fechado permanecem presos que praticaram crimes bem diferenciados, desde um simples furto de som de veículo até matadores profissionais, que convivem amontoados num espaço mínimo, visto que as cadeias brasileiras estão superlotadas. Nesse sentido, pode-se dizer que as prisões acabam destacando-se como “escolas do crime”.

Tabela 10: Número de presos por bairro

<b>Bairros</b>	<b>Número de presos</b>
Camobi	16
Caturrita	9
Centro	10
Cerrito	2
Chácara das Flores	14
Cohab Camobi	0
Cohab Passo da Ferreira	3
Itararé	2
Juscelino Kubistchek	17
<b>Nova Santa Marta</b>	<b>31</b>
Km Três	8
Medianeira	9
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> das Dores	0
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> de Lourdes	3
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> do Perpétuo Socorro	11
N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> do Rosário	8
Parque Pinheiro Machado	28
Passo d' Areia	23
Patronato	16
Pé de Plátano	0
Presidente João Goulart	6
<b>Salgado Filho</b>	<b>44</b>
São José	6
Tomazzetti	11
Urlândia	16
<b>Total</b>	<b>292</b>

Fonte: Albergue Estadual de Santa Maria (2007).

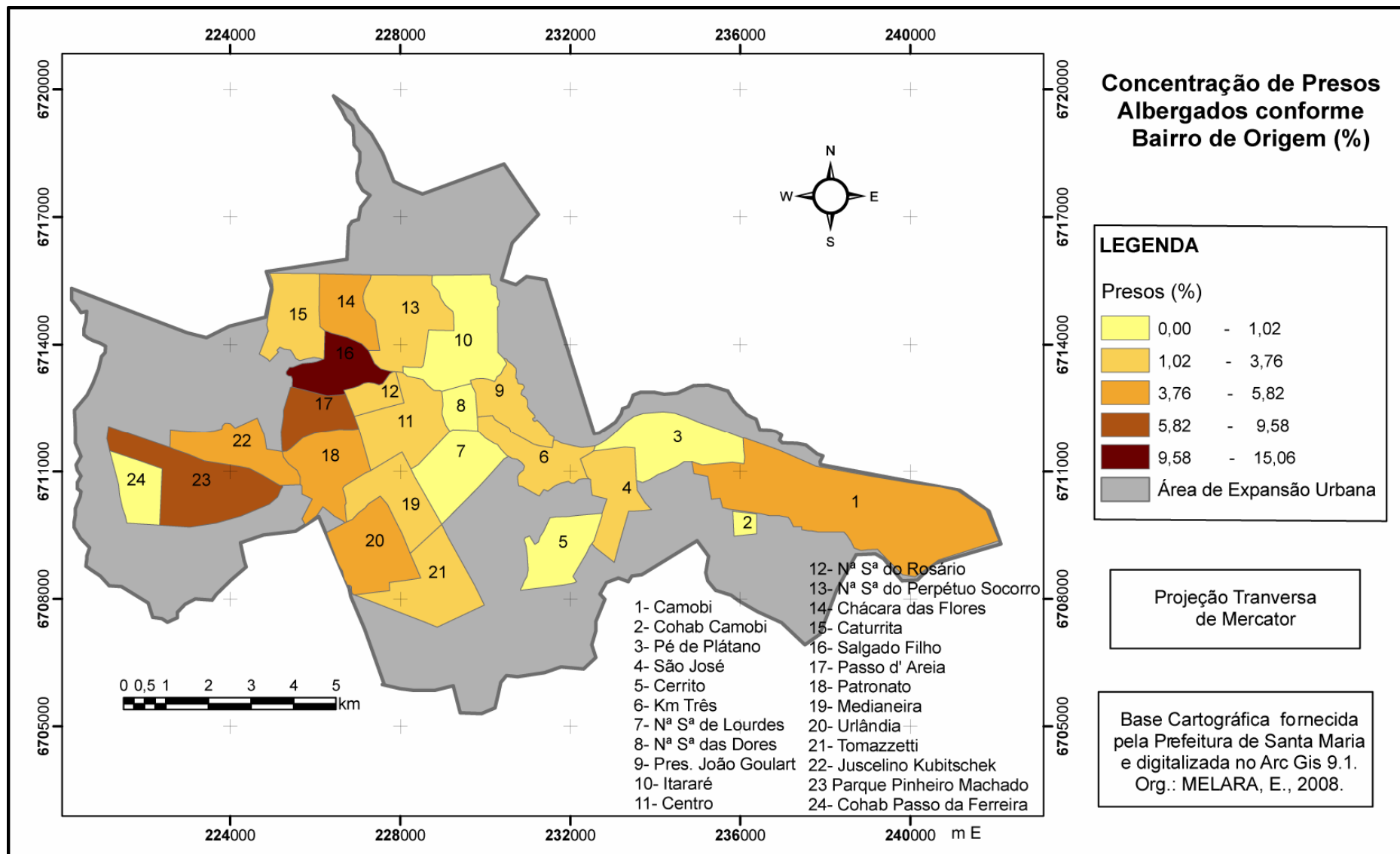


Figura 30: Distribuição por bairro dos presos albergados, de acordo com o bairro de origem

Segundo Misse (1995) em muitos casos pode-se dizer que uma das causas encontrada para o crime seja a miséria, a pobreza. Levando em conta essa análise, o autor afirma que a sociedade, o Estado, não tem interesse de acabar com a miséria, dessa forma inventou uma forma de controlá-la, através do aprisionamento dos pobres. Nas penitenciárias brasileiras podemos ver sempre os mesmos estereótipos de criminosos. Conforme pesquisado pelo autor, as estatísticas penitenciárias do Brasil, no começo da década de 1990, mostravam que as principais características dos presos eram: 97% homens, 95% pobres, 68% entre 18 e 25 anos, 89% sem trabalho fixo, 76% analfabetos ou semi-analfabetos, 65% negros ou mulatos. O autor continua o diagnóstico expondo que:

[...] Se por um lado esses dados (e sua realidade) foram produzidos por mecanismos institucionais de perseguição socialmente contaminados por uma associação pobreza-crime estereotipada, perversa, desigual e hipócrita, por outro eles apontam também para uma realidade criminal específica, não necessariamente violenta e organizada, cuja percepção social produz demandas de políticas de segurança distintas daquelas que se aplicariam aos "crimes dos ricos" (MISSE, 1995, p. 12).

Quando uma pessoa não “serve” ao sistema, no caso do atual sistema capitalista vigente, as prisões são uma forma de exclusão, na verdade os presos são as “sobras” do sistema. Pessoas com alto poder aquisitivo que infringem a lei, normalmente não são presas, ao contrário das pessoas da classe baixa. No tráfico de drogas, por exemplo, dificilmente o grande traficante é preso – os responsáveis pelo mercado do tráfico, representados pelo atacado –, ao contrário dos traficantes intermediários e dos pequenos traficantes (donos das bocas de fumo, olheiros, aviões), os quais são presos, ou mortos por policiais ou em confronto com outros traficantes de bocas de fumo em disputa. Retomando o que foi colocado por Misse (1995), as instituições de segurança e de justiça apresentam-se de modo diferente quando devem penalizar os crimes praticados pelos “ricos” e quando devem penalizar os crimes dos “pobres”.

Na cidade de Santa Maria, verifica-se que essa questão segue essa mesma lógica. Os bairros com taxas elevadas de presos são as áreas periféricas da cidade, onde se concentra um contingente populacional pertencente a classe baixa, segregado para áreas da cidade menos valorizadas, onde os terrenos são mais baratos e o acesso à infra-estrutura é precário.



A partir dos dados fornecidos pelo Albergue Estadual de Santa Maria, construiu-se a Figura 31 que mostra a quantidade de crimes cometidos pelos presos por modalidade criminal. Observam-se que os crimes que mais se destacaram foram, em ordem de quantidade: assaltos (59), furtos (57), tráfico (50) e porte de arma (33). Pode-se afirmar que muitos desses crimes podem estar interligados, num processo de causa e conseqüência, já que muitos roubos e furtos são decorrentes de pessoas envolvidas com o tráfico de drogas.

O bairro Salgado Filho, como já foi visto apresenta altas taxas de ocorrências criminais vinculadas ao tráfico de drogas, o que pode ser um indicativo de que muitos presos deste local sejam vinculados ao tráfico. Comprovando esta hipótese na Figura 32, tem-se um gráfico mostrando a quantidade de crimes cometidos (os crimes que mais se destacaram) pelos presos provenientes dos bairros Salgado Filho e Nova Santa Marta.<sup>89</sup>

Observa-se que no bairro Salgado Filho os crimes que mais colocaram pessoas na cadeia são os ligados ao tráfico de drogas, ou seja, o tráfico em si, o porte de armas, os assaltos e a receptação. No bairro Nova Santa Marta, os crimes vinculados aos assaltos e furtos são os que se sobressaem. Pelos dados, existe uma tendência de que os presos originados do bairro Salgado Filho sejam, principalmente, pessoas ligadas ao tráfico, ou seja, pequenos traficantes ou traficantes intermediários (os donos da boca de fumo, que fazem o intermédio entre os grandes traficantes e os pequenos traficantes). No caso dos presos procedentes do bairro Nova Santa Marta, os crimes que se destacaram foram os furtos e os assaltos, que podem estar relacionados ao consumo de droga, isto é, furtar ou roubar para adquirir meios para comprar drogas, visto que os moradores da Nova Santa Marta são pessoas, na sua grande maioria, muito pobres.<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> Escolheu-se estes dois bairros para representação pelo motivo de serem os bairros que mais se destacaram na origem dos presos albergados.

<sup>90</sup> No capítulo 5 far-se-á um estudo sobre o bairro Juscelino Kubitschek e sobre o bairro Nova Santa Marta.

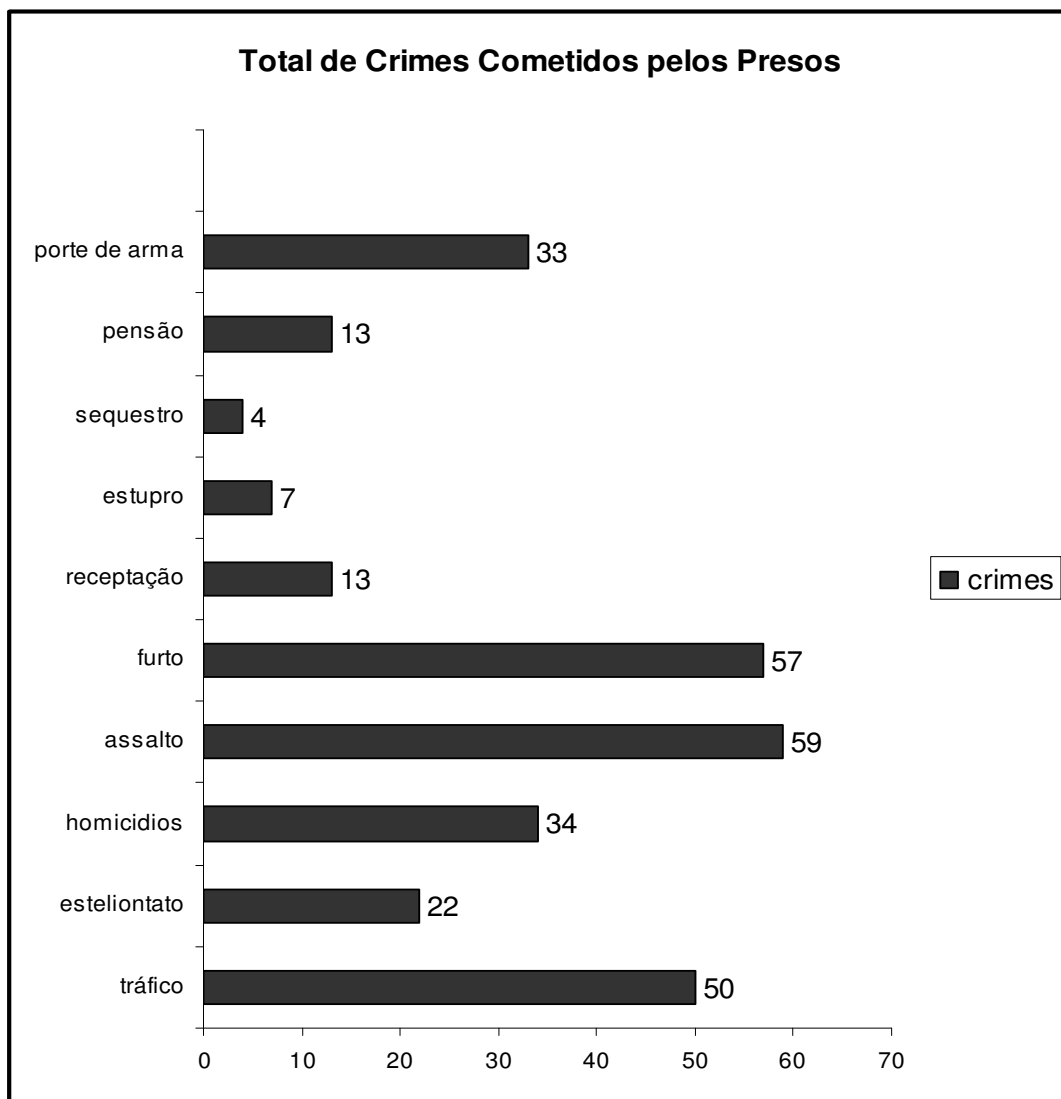


Figura 31: Gráfico representando o total de crimes cometidos pelos presos albergados  
 Fonte: Albergue Estadual de Santa Maria (2007)  
 Org.: MELARA, E., 2008

É claro que existem outras explicações para a prática desses crimes, como por exemplo, a falta de emprego, a necessidade de sustentar a família, ou, ainda, a falta de interesse por parte de algumas pessoas em trabalhar, buscando formas mais “simplificadas” de conseguir dinheiro, prestígio e poder.

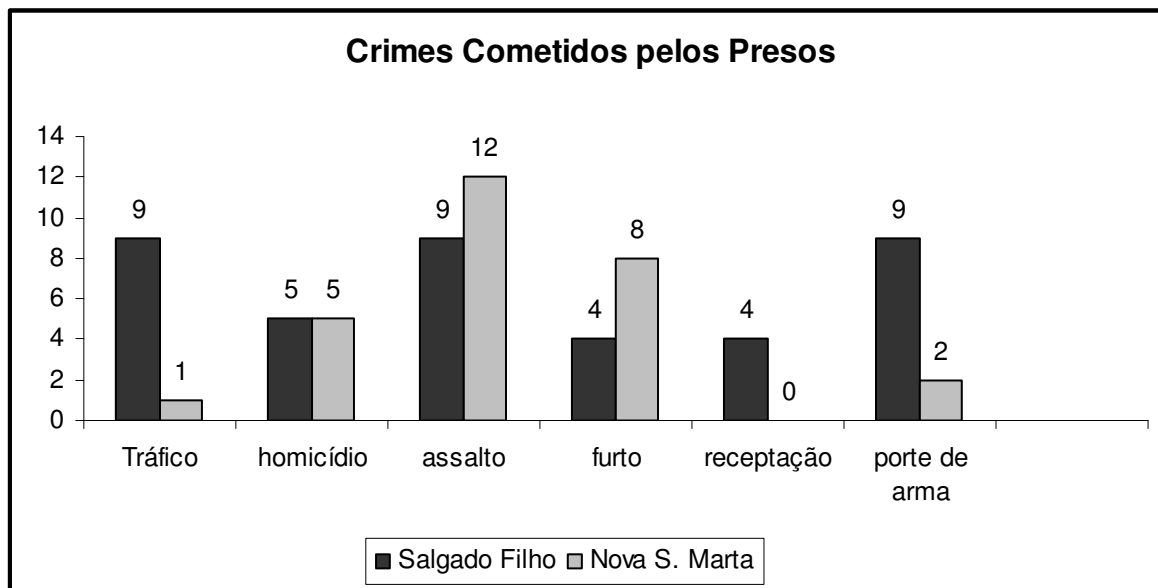


Figura 32: Gráfico representando o total de crimes cometidos pelos presos albergados provenientes do bairro Salgado Filho e do bairro Nova Santa Marta  
 Fonte: Albergue Estadual de Santa Maria (2007)  
 Org.: MELARA, E., 2008

Diante das questões analisadas, pergunta-se: porque tantas pessoas não possuem emprego? É justo uma pessoa trabalhar para receber um salário mínimo, que dificilmente possibilita adquirir bens e serviços básicos, permitindo-lhe apenas a sobrevivência, enquanto outra pessoa recebe mais de 25 salários mínimos, muitas vezes, de forma questionável (legal e/ou moralmente)?! Por que as pessoas “ricas” podem cometer crimes e saírem ilesas, e os “pobres” não?! Por que as formas de tratamento das instituições de segurança e de justiça em relação aos crimes cometidos pelos “ricos” são diferentes do tratamento direcionado para as classes menos favorecidas?!

Não se quer com estas questões justificar a prática de crimes, mas sim estabelecer uma análise estrutural sobre o sistema sócio-econômico vigente, no qual, em muitos casos, as pessoas são valorizadas pelo “ter” e não pelo “ser”. “Ter” representa ser aceito na sociedade e desfrutar das coisas boas que ela oferece, não “ter” representa ser excluído, segregado, separado. Não “ter” significa não “ser”. Mas, pode-se verificar que muitos crimes praticados contra os que “tem” parece ser uma forma de “distribuição de riqueza” realizada à “força” dos que “não tem” e contra os que “tem”.

A pobreza é funcional ao sistema, precisa-se de pessoas “pobres” para os cargos de baixo prestígio e de baixos salários, entretanto, existem pessoas que não aceitam essa condição, e acabam se voltando contra o sistema e contra as leis. Mas, não lhes é lembrado que “a corda sempre arrebenta do lado mais fraco”. É importante pensar, como exposto por Foucault (1994), as leis são formuladas por alguns e aplicadas a outros.

Wacquant (2001, p. 8), no seu livro “As prisões da miséria” expõe que:

Na ausência de qualquer rede de proteção social, é certo que a juventude dos bairros populares esmagados pelo peso do desemprego e do subemprego crônicos continuará a buscar o “capitalismo de pilhagem” da rua (como diria Max Weber) os meios de sobreviver e realizar os valores do código de honra masculino, já que não consegue escapar da miséria do cotidiano.

Sobre a política de penalização dos pobres, o autor acrescenta ainda que:

[...] é o complemento funcional indispensável à imposição do trabalho assalariado precário e sub-remunerado da redução draconiana da cobertura social, do qual os neotrabalhistas fizeram a pedra angular de sua pretensa “terceira via” entre capitalismo e a sócio-democracia. Desregulamentação econômica e sobre-regulamentação penal vão de par: o desinvestimento social acarreta e necessita do suprimento carcerário, único capaz de suprir os deslocamentos decorrentes do desmatelamento do Estado-providência e a generalização da insegurança material que inelutavelmente daí resulta na base das estruturas de classes (WACQUANT, 2001, p. 139).

Pesquisas comprovam que a maioria dos presos do país apresentam as mesmas características: são jovens, do sexo masculino e oriundos da classe baixa. No Brasil, os referenciais de idade também confirmaram as investigações gerais. Uma pesquisa desenvolvida pela FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, 1988) traçou o perfil do criminoso paulistano como: brasileiro, idade entre 18 e 25 anos, cor branca, instrução elementar e desempregado. Com abrangência estadual (Estado de São Paulo), o Censo Penitenciário de 1994 constatou maior presença de jovens entre os detentos, representado por 30% na faixa de 18 e 25 anos e 25% entre 26 e 30 anos (FELIX, 2002).

Em relação aos dados de Santa Maria, a situação não foi diferente, a maioria dos presos corresponde a jovens, com um baixo nível de instrução, que na maioria

das vezes estavam na condição de desempregados ou sub-empregados com uma renda baixa. Entre as profissões pesquisadas destacou-se: auxiliar de serviços gerais, comerciante (camelô), motorista (taxista, moto-taxi), pedreiro, pintor, servente e vendedor.

Sobre o nível de instrução e a idade dos albergados, observa-se que a maioria dos presos tem entre 18 e 35 anos e possuem apenas o ensino fundamental incompleto (Tabela 11). De 317 presos albergados 251 apresentaram um grau de instrução inferior ao ensino fundamental, e 205 apresentaram idades entre 18 e 35 anos.

Tabela 11: Idade e nível de instrução dos presos albergados

<b>Grau de Instrução/Faixas Etárias</b>	<b>&gt; 55</b>	<b>18 - 25</b>	<b>26 - 35</b>	<b>36 - 45</b>	<b>46 - 55</b>	<b>Total</b>
Alfabetizado	0	0	3	1	1	5
Analfabeto	2	1	3	3	0	9
Ensino Fundamental	1	5	15	12	7	40
Ensino Fun. Incompleto	4	54	81	46	12	197
Ensino Médio	1	5	11	6	2	25
Ensino Médio Incompleto	0	12	14	4	2	32
Superior Completo	1	0	0	0	2	3
Superior Incompleto	0	0	1	4	1	6
<b>Total por faixa etária</b>	<b>9</b>	<b>77</b>	<b>128</b>	<b>76</b>	<b>27</b>	<b>317</b>

Fonte: Albergue Estadual de Santa Maria (2007).

Para fechar este capítulo é importante colocar que estão sendo executadas algumas políticas públicas na cidade de Santa Maria, que objetivam diminuir a criminalidade e, deste modo, melhorar as condições de vida da população. A Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos e a Secretaria de Assuntos de Segurança Pública são responsáveis pelas políticas nesse sentido.

Numa entrevista realizada com o responsável pela Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos,<sup>91</sup> identificaram-se as principais ações desenvolvidas no âmbito municipal. A principal ação da secretaria consiste nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), os quais trabalham nos locais de vulnerabilidade social (locais pobres), enfocando a questão dos vínculos familiares e comunitários e a questão da geração de trabalho e renda.

Atualmente, existem dois núcleos, um no bairro Camobi, na vila Maringá (área de realocação de pessoas que moravam em áreas clandestinas), e outro na Vila Alto da Boa Vista (vila que faz parte da antiga ocupação ilegal da cidade, o bairro Nova Santa Marta). A meta é estabelecer mais dois núcleos, um localizado na zona norte e outro na zona leste da cidade.

Outra secretaria municipal que merece destaque é a Secretaria de Assuntos de Segurança Pública. Através desta instituição estão sendo encaminhadas políticas públicas com finalidade de pensar a questão da segurança na cidade.<sup>92</sup> No ano de 2007 foi criada a Lei Municipal nº 4964/2007, a qual dispõe sobre a criação do Conselho Municipal Integrado de Segurança Pública (COMISP) de Santa Maria e manutenção do Fundo Municipal de Segurança Pública.

Entre outras, ao COMISP competem as seguintes atribuições: estimular órgãos atuantes no combate à violência e a criminalidade, proporcionando desenvolvimento de medidas cívico-educativas e de caráter social, objetivando reunir esforços e recursos nessa área e requerer junto a entidades públicas ou privadas os dados necessários para traçar o perfil por região dos índices de violência e criminalidade.

O COMISP, juntamente com os Núcleos de Segurança, terá a finalidade de diagnosticar os principais problemas da cidade sobre a questão da segurança e construir medidas para interferir na sociedade a fim de assegurar maior segurança pública na cidade de Santa Maria. O Regimento Interno do Conselho Municipal Integrado de Segurança Pública de Santa Maria expõe sobre os Núcleos de Segurança, os quais serão instalados em quatro áreas da cidade: Núcleo 01 – NOROESTE; Núcleo 02 – SUDESTE; Núcleo 03 – NORDESTE; e Núcleo 04 – SUDOESTE.

---

<sup>91</sup> Foi entrevistado o diretor da Política de Assistência, Thiago Donadel.

<sup>92</sup> Entrevista com o gerente de projetos da secretaria, Rogier Menezes.

As finalidades dos Núcleos de Segurança são: descentralização dos debates nas comunidades; diagnóstico das demandas da Segurança Pública; discussão sobre políticas de prevenção em segurança pública; encaminhamento de propostas ao Conselho Municipal Integrado de Segurança Pública – COMISP –, para análise e discussão. Conforme o Art. 3º da Lei Municipal nº 4964/2007, o COMISP será composto por 15 membros do governo, 15 membros das instituições e 15 membros da comunidade.

Observa-se, nessas políticas, a preocupação com a segurança, bem como a participação de toda comunidade na construção de políticas de prevenção, na construção de diagnósticos e políticas para resolução dos problemas relacionados à violência. Pelo pouco tempo de funcionamento desses órgãos e políticas públicas não é possível fazer uma análise dos resultados, mas se avaliam como oportunidades de melhorar as condições de vida de uma parcela importante da população de Santa Maria.

Fazendo um balanço geral do capítulo 4, verificou-se que o bairro Juscelino Kubitschek e o bairro Centro destacaram-se na quantidade de ocorrências criminais. O bairro Juscelino Kubitschek apresentou um número elevado de ocorrências em praticamente todas as modalidades de crimes pesquisadas, sendo que os homicídios, as agressões e o furto qualificado obtiveram maior destaque. No bairro Centro, os furtos simples e roubos apresentaram as maiores taxas.

Em relação ao número de ocorrências relacionadas ao tráfico e consumo de entorpecentes, o bairro Salgado Filho obteve maior evidência. Na quantidade de presos provenientes dos bairros, o Salgado Filho e o Nova Santa Marta mostram-se com os maiores índices.

Diante dessas considerações optou-se por realizar, no capítulo seguinte, um estudo mais aprofundado do bairro Juscelino Kubitschek, em função da quantidade elevada de taxas de crimes ocorrentes e em virtude da variada tipologia de delitos, abarcando elevadas taxas de crimes contra pessoa, assim como crimes contra o patrimônio. A análise desse bairro, por sua vez, nos demonstrou a necessidade de também aprofundar o estudo do bairro Nova Santa Marta.



## **5. A DINÂMICA DA CRIMINALIDADE NO BAIRRO JUSCELINO KUBITSCHEK E NO BAIRRO NOVA SANTA MARTA**

---

Considerando o total das ocorrências policiais pesquisadas neste trabalho, constatou-se que os bairros Juscelino Kubitschek e Centro destacaram-se nesses números. O primeiro destacou-se com mais de 33 ocorrências a cada 1000 habitantes, já o segundo apresentou mais de 32 ocorrências. O bairro Juscelino Kubitschek se sobressaiu, principalmente, nos dados referentes a furto qualificado, agressões e homicídios. O Centro destacou-se nas ocorrências de roubo e furto simples.

Analisando esse contexto, já era esperada essa concentração de ocorrências no Centro, já que, como foi mencionado, é um bairro que reúne uma quantidade elevada de estabelecimentos de prestação de serviços, comerciais e financeiros, além de locais de lazer, como por exemplo, casas noturnas (danceterias e bares). Por esse motivo, a circulação de pessoas no centro é grande, existindo um fluxo de pessoas provenientes de todos os bairros da cidade. Além disso, como o Centro se caracteriza por uma população de um elevado poder aquisitivo, a ocorrência de crimes contra propriedade tende a ser um fenômeno constante. Muitos trabalhos pesquisados constataram esse fato (FÉLIX, 1996, 2002; FRANCISCO FILHO, 2004; BEATO, 2005).

Entretanto, no bairro Juscelino Kubitschek, apesar de apresentar uma quantidade elevada de ocorrências, a dinâmica do crime percorre caminhos diferenciados se compararmos com o Centro. O bairro Juscelino Kubitschek é um bairro periférico e a circulação de pessoas é bem inferior ao que ocorre no Centro da cidade. Constatou-se também que o bairro apresentou taxas elevadas de ocorrências criminais em todas as modalidades pesquisadas, tanto em crimes contra o patrimônio, como em crimes contra a pessoa. Sendo que o bairro se caracteriza por alojar pessoas de baixo poder aquisitivo, a ocorrência de crimes contra o patrimônio apresenta-se como um aspecto a ser pensado. Com o propósito de entender essas questões foi realizado um estudo mais aprofundado no bairro, através de um trabalho de campo baseado em conversas com os moradores.

Depois de algumas entrevistas informais, tornou-se importante pesquisar também o bairro Nova Santa Marta, que até 2006 era considerado a maior ocupação

ilegal de Santa Maria. Na Figura 33 pode-se observar a localização dos bairros estudados neste capítulo.

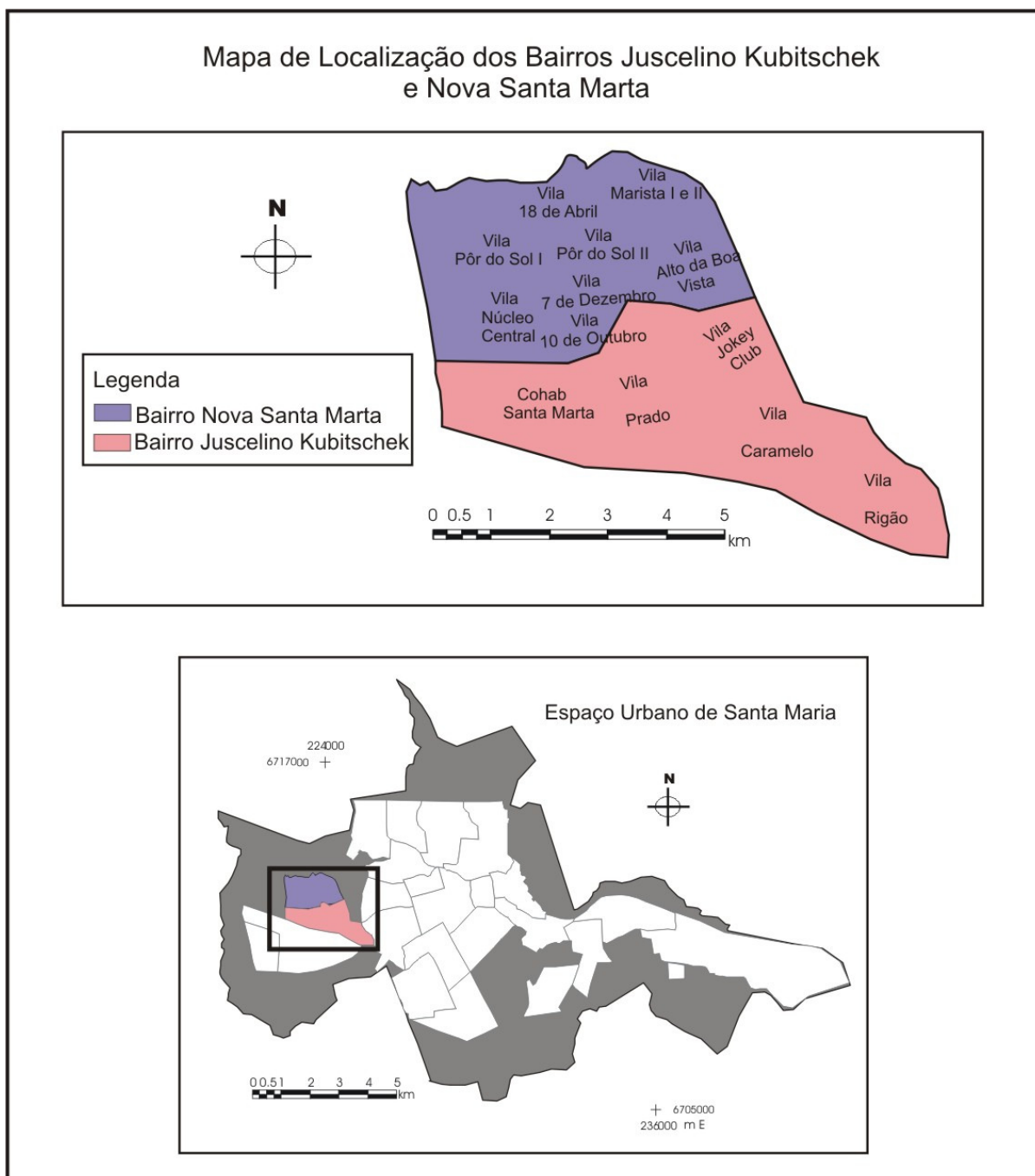


Figura 33: Localização dos bairros Juscelino Kubitschek e Nova Santa Marta na cidade de Santa Maria  
Org.: MELARA, E., 2008

### 5.1. O bairro Juscelino Kubitschek

O bairro Juscelino Kubitschek é ocupado por uma população de baixa renda, isto é, possui uma porcentagem elevada de responsáveis pelo domicílio recebendo menos de dois salários mínimos, ou até mesmo, sem qualquer rendimento mensal. Apresenta também uma porcentagem elevada de responsáveis pelo domicílio com um baixo grau de escolaridade.

Pelos dados do IBGE, e também pelo trabalho *in loco*, verificou-se que o bairro apresenta carências no que tange a coleta de esgotos e a construção de bueiros para o escoamento das águas das chuvas. Em relação às ruas, deve-se salientar que muitas delas encontram-se ainda sem pavimentação. Desse modo, quando chove a situação torna-se ainda mais precária, com valas abertas, esgoto a céu aberto e ruas alagadas. Muitas pessoas reclamaram que freqüentemente as águas da chuva invadem as suas residências. Nas Figuras 34, 35 e 36 pode-se observar essa situação, que está presente em várias áreas do bairro. As fotos representam as vilas Rigão, Prado e Jokey Club, respectivamente.

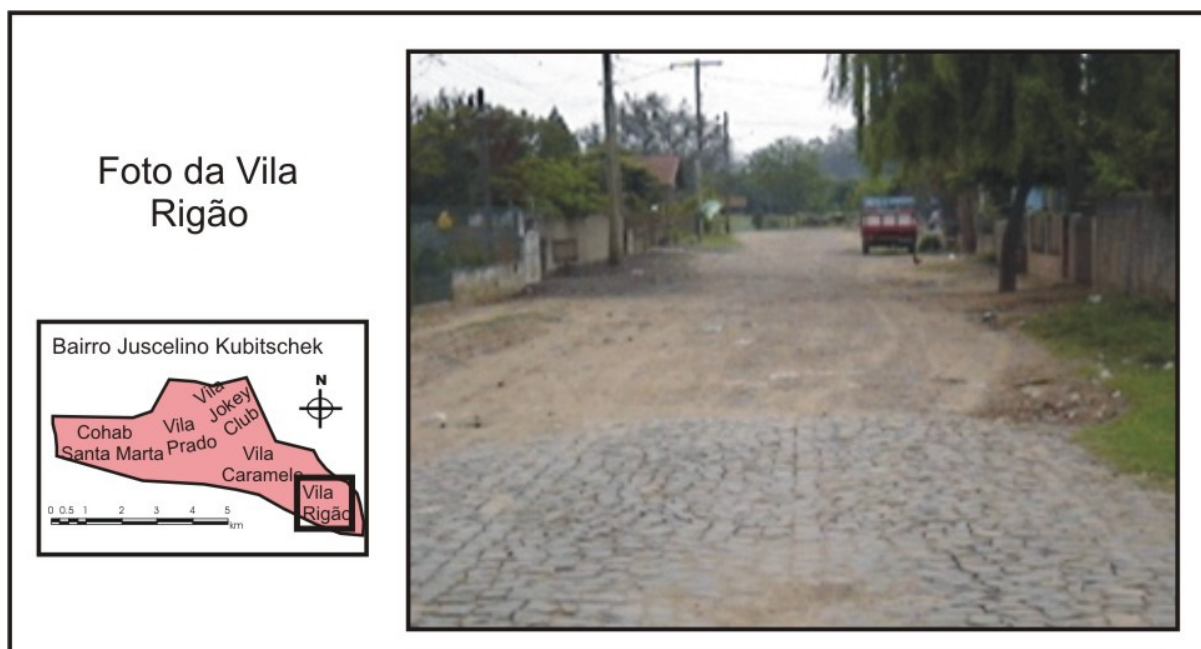


Figura 34: Foto da Vila Rigão – pavimentação precária e falta de bueiros  
Org.: MELARA, E., 2008

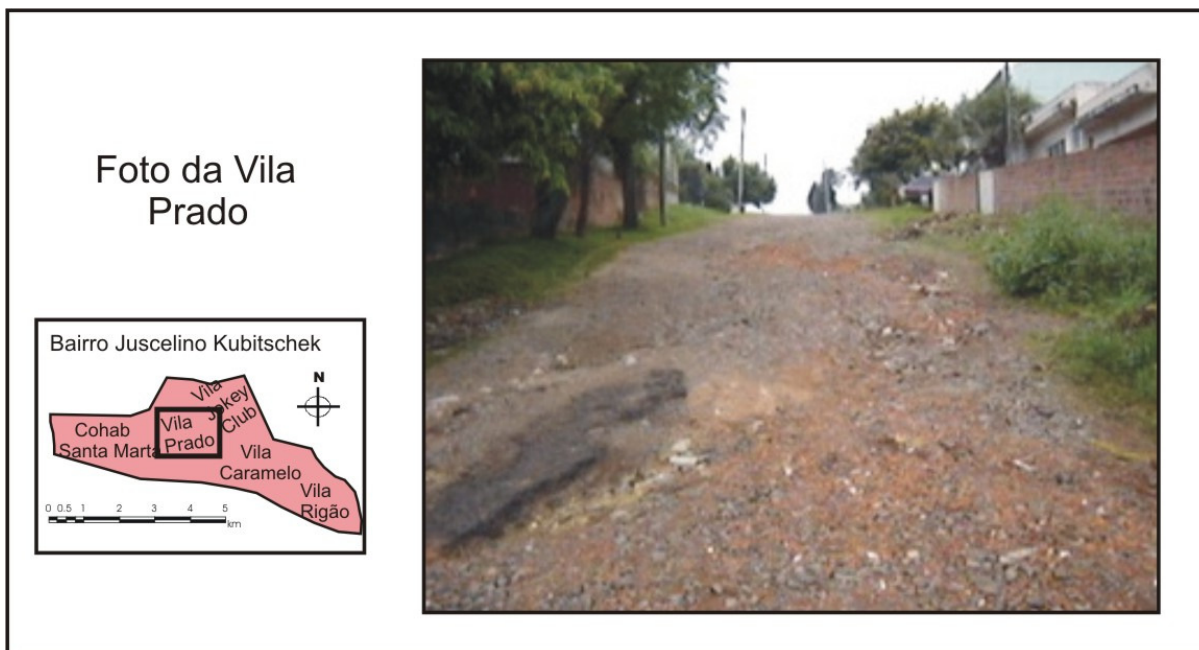


Figura 35: Foto da Vila Prado – pavimentação precária e falta de bueiros  
Org.: MELARA, E., 2008

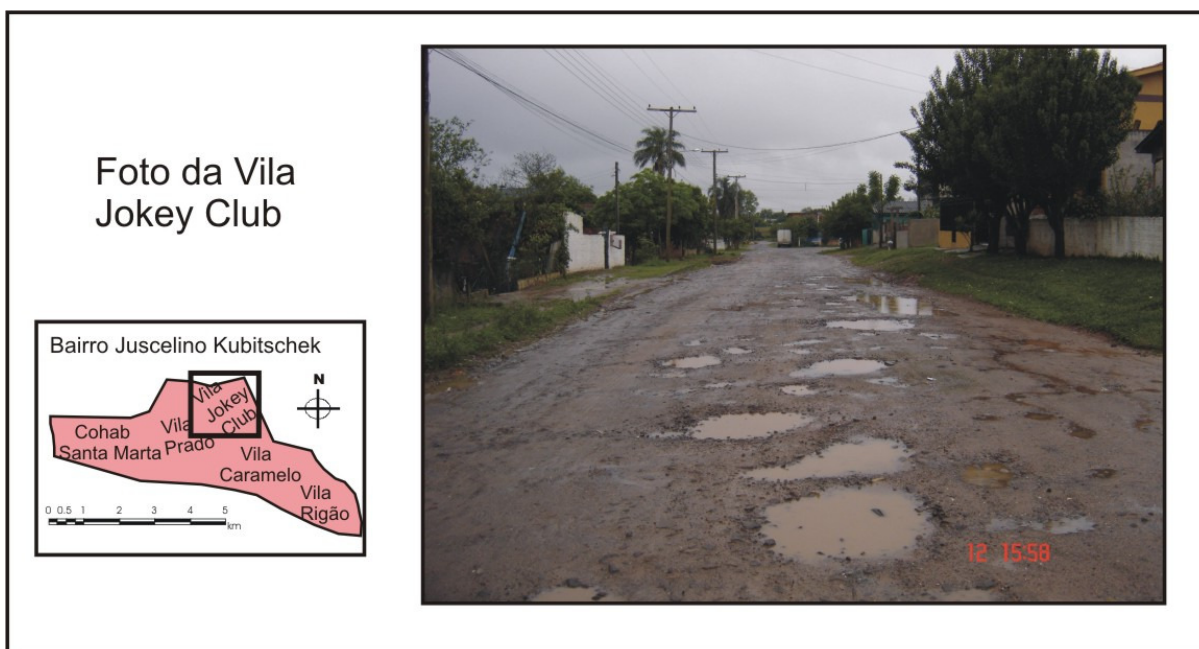


Figura 36: Foto da Vila Jokey Club – pavimentação precária  
Org.: MELARA, E., 2008

Ao mesmo tempo, o bairro possui áreas em que a infra-estrutura encontra-se em condições satisfatórias. A Cohab Santa Marta<sup>93</sup> foi umas das vilas do bairro que apresentou as melhores condições de infra-estrutura urbana, com ruas calçadas, bueiros bem construídos e, praticamente, não apresentou problemas relacionados com o escoamento do esgoto (Figura 37).

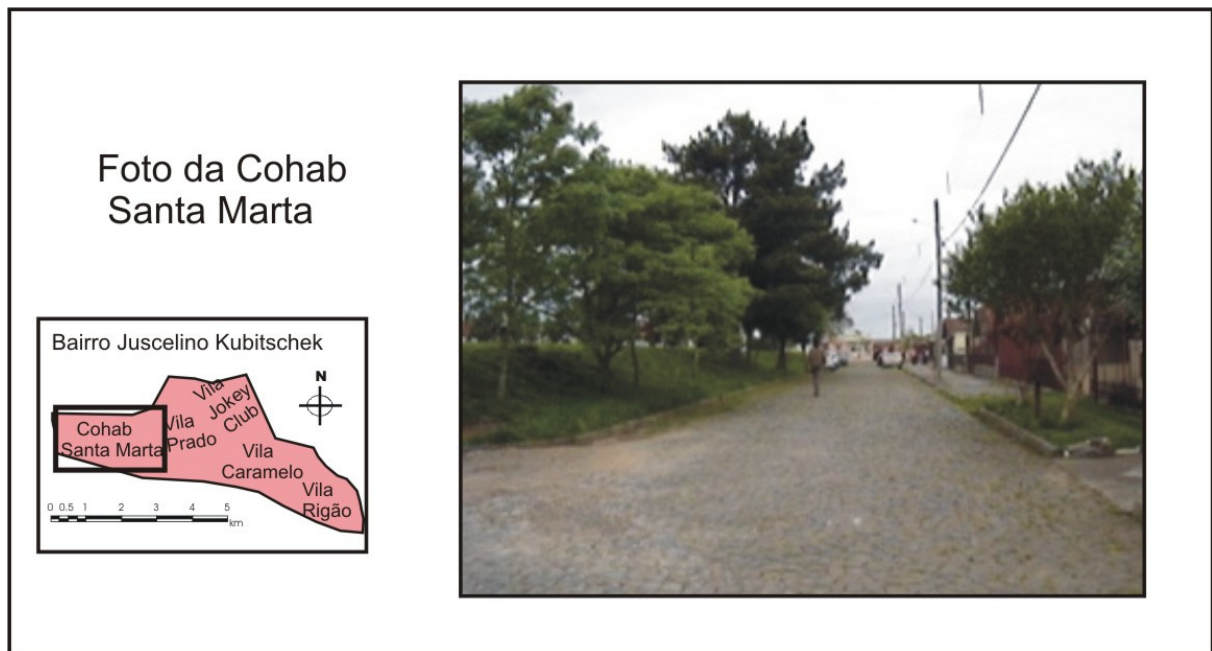


Figura 37: Foto da Vila Cohab Santa Marta – infra-estrutura urbana satisfatória  
Org.: MELARA, E., 2008

Durante o trabalho de campo, numa análise geral das conversas estabelecidas com os moradores do bairro Juscelino Kubitschek, percebeu-se que muitos deles moravam no bairro há vários anos (muitos vindos do meio rural), demonstrando apego ao local. Algumas pessoas, especialmente os moradores mais recentes, manifestaram o seu desejo de mudar de bairro, porém as condições econômicas não permitiam.

<sup>93</sup> A Cohab (Conjunto Habitacional) Santa Marta foi implantada em 1980, financiada pelo antigo Sistema Financeiro de Habitação (SFH). Sua implantação deu-se em terrenos da antiga Fazenda Santa Marta, desapropriada pelo Estado pela falta de pagamento de impostos. Essa fazenda foi dividida em dois setores: habitacional (Cohab Santa Marta) e industrial (CEDIC – Companhia Estadual de Desenvolvimento Industrial e Comercial) (MOURA & MELLO, 1994). Mais tarde, na década de 1990, inicia-se uma ocupação clandestina na área – no atual bairro Nova Santa Marta.

Sobre o tema da criminalidade no bairro, as pessoas entrevistadas expressaram opiniões diferenciadas. Algumas afirmaram que a ocorrência de crimes no seu bairro não representava um fenômeno freqüente, principalmente aqueles relacionados à agressões, homicídios e roubos. Entretanto, para outros esses crimes apresentavam uma evidência significativa, principalmente no que se refere ao furto qualificado, já que as reclamações foram freqüentes por parte de todos os entrevistados com relação ao furto qualificado em residências.

Para evitar a ocorrência desse crime, os moradores são obrigados a permanecer constantemente na moradia ou pagar um “caseiro” para ficar na habitação numa eventual necessidade de toda família ter que se ausentar do local. Segundo eles, dificilmente a casa é furtada se os “ladrões”<sup>94</sup> percebem que existe alguém presente. Muitos dos entrevistados já foram furtados e tiveram as suas casas arrombadas e a maioria conhece algum vizinho que passou por esse problema. Segundo as informações levantadas, são furtados, preferencialmente, televisores, aparelhos de som, eletrodomésticos, roupas e calçados.

Avaliando essa questão, infere-se que aqueles que praticam esses furtos sejam pessoas pobres, já que as vítimas também são pessoas de classe baixa, as quais possuem bens de baixo valor econômico. A vulnerabilidade das residências facilita esse tipo de ação criminal. O baixo investimento em segurança facilita o arrombamento das moradias, tornando-se um fato simples de realizar para àqueles que praticam o crime, visto que, as casas são protegidas com grades, algumas possuem sistema de alarme, mas na sua maioria não existe nenhum sistema de segurança eficaz. Isso ocorre porque a maioria dos moradores deste bairro são pessoas com baixo poder aquisitivo e dificilmente teriam condições de pagar por um sistema de segurança eficiente, como por exemplo, o sistema de segurança monitorado.

Sobre “quem seriam os supostos responsáveis” por estes furtos, alguns moradores “suspeitam” que pessoas do próprio bairro poderiam estar praticando esses crimes. No entanto, a maioria dos entrevistados afirmou que, os principais “suspeitos” seriam os moradores da “invasão”<sup>95</sup>, como corroboram os seguintes comentários de moradores do bairro: “*Depois que chegou os sem-teto (sic) a*

---

<sup>94</sup> Palavra utilizada pelos moradores para caracterizar àqueles que praticam crimes no seu bairro.

<sup>95</sup> Bairro Nova Santa Marta, antiga ocupação clandestina, que ainda continua sendo caracterizada pela população de Santa Maria, como “a invasão”.

*violência aumentou muito por aqui*"; *“aqui no nosso bairro é bem calmo, o problema é lá pra cima, na invasão e na Jokey”*.<sup>96</sup>

Nesses comentários, observa-se o preconceito que os moradores do bairro Juscelino Kubitschek possuem em relação ao bairro Nova Santa Marta. Muitos alimentam o preconceito até em relação à vila Jokey, que pertence ao próprio bairro Juscelino Kubitschek, por se localizar próxima de umas das vilas do bairro Nova Santa Marta – a vila Alto da Boa Vista, considerada, pelas pessoas entrevistadas a vila mais “perigosa da invasão”. Alguns moradores da vila Jokey também demonstraram preconceito em relação aos moradores do bairro Novo Santa Marta.

Caldeira (2000) no seu livro “Cidade de Muros”, com o propósito de analisar a percepção dos moradores em relação à violência, realizou entrevistas com pessoas de três bairros de São Paulo pertencentes a classes sociais diferentes. Nas suas considerações a autora verifica o preconceito das pessoas de classe média-alta em relação às classes baixas e favelados, mas também constata que as pessoas das classes baixas expressavam preconceito em relação às favelas. Segundo a autora:

[...] o universo do crime (ou transgressão de mau comportamento) oferece um contexto fértil no qual os estereótipos circulam e a discriminação social é moldada – não apenas em São Paulo, mas em qualquer outro lugar. Obviamente, esse universo do crime não é o único a gerar discriminação na sociedade contemporânea (CALDEIRA, 2000, p.10).

Conforme as entrevistas realizadas pela autora, as pessoas das classes média e alta correlacionam o crime com os moradores de favelas, cortiços. Os moradores das periferias, que são pobres, mas moram próximos às favelas também criam estereótipos. Explicam que pensam nas pessoas das favelas como pessoas honestas, mas na visão da autora, eles precisam de algum estereótipo em relação aos favelados, pois sua proximidade com os favelados exige que afirmem suas diferenças. Com algumas pessoas do bairro Juscelino Kubitschek parece haver uma situação semelhante, já que os moradores da periferia pobre criam preconceitos em entre si, com a finalidade de tentar se diferenciar.

Apesar do bairro Juscelino Kubitschek se destacar na quantidade de ocorrências criminais, de acordo com os dados da Brigada Militar, constatou-se que,

---

<sup>96</sup> Alguns comentários dos moradores do bairro (outubro de 2007).

em relação à percepção da maioria dos moradores entrevistados informalmente, apenas o furto qualificado merece destaque, pois nas suas opiniões os outros crimes ocorrem eventualmente no bairro. Alguns moradores mencionaram também sobre o tráfico e consumo de drogas, sendo que este fato ocorre com uma frequência relativa no local.

Levantam-se duas hipóteses a partir dessa constatação. A primeira, relacionada aos dados fornecidos pela Brigada Militar, que poderiam não estar representando o real contexto criminal do bairro<sup>97</sup>. A segunda, relacionada ao cotidiano dos moradores do bairro, que já estariam “acostumados” com a ocorrência de crimes, chegando a considerar isso, um fenômeno “normal”.

Pela bibliografia consultada (FÉLIX, 1996; FRANCISCO FILHO, 2004; BEATO, 2005) os crimes contra o patrimônio estariam mais focalizados nas áreas mais ricas das cidades, onde vítima e agressor estariam distantes geograficamente, seriam de classes sociais diferentes e não teriam relações mais próximas. No entanto, no bairro Juscelino Kubitschek verifica-se que, embora seja um bairro representado por uma população com um baixo poder aquisitivo, os crimes contra o patrimônio são freqüentes e existe uma tendência que vítima e agressor sejam da mesma classe social, estejam próximos espacialmente e, em muitos casos, sejam pessoas conhecidas ou vizinhos não muito distantes, sendo os bens furtados de baixo valor econômico.

Verificou-se ainda que uma parte importante dos moradores do bairro Juscelino Kubitschek considera que no Nova Santa Marta reside a maioria das pessoas que praticam crimes no seu bairro. Por isso, considerou-se importante aprofundar o conhecimento sobre o bairro Nova Santa Marta.

## **5.2. O Bairro Nova Santa Marta**

Em 1991, foram realizadas várias reuniões na cidade de Santa Maria, organizadas pelo Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN), com o objetivo de buscar alternativas para a falta de habitação que havia na cidade. Contudo, as

---

<sup>97</sup> No capítulo 1, sub-capítulo 1.2 foi comentado sobre as fontes de dados e as suas limitações.



reivindicações não foram atendidas (SCHERER<sup>98</sup>, 2005). Segundo o autor, diante da falta de interesse do governo pela situação, a executiva municipal do MNLM começou a organizar famílias sem moradias que estavam distribuídas em várias ocupações clandestinas da cidade.<sup>99</sup> De acordo com Scherer (2005), nas reuniões e plenárias do MNLM, concluiu-se que a área da Companhia Estadual de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul (Cohab-RS), localizada na antiga fazenda Santa Marta, seria ideal, pois em 1985 a área havia sido doada pelo Estado para a construção de casas populares, pela Cohab, no período de cinco anos.

Scherer (2005) explicita que a Nova Santa Marta teve como origem uma ocupação com um caráter reivindicativo, pois foi precedida de uma série de tentativas de negociar com o Estado ações concretas para solucionar o problema da falta de moradias populares. O movimento reivindicava a redução do nível salarial estabelecido para que as famílias pudessem participar dos programas de moradias da Cohab, pois era exigida a renda de dois salários mínimos e meio, o que não condizia com a realidade da maioria das famílias sem moradias. O movimento também exigia o começo de obras de expansão das Cohabs Santa Marta, Tancredo Neves e Fernando Ferrari, como forma de aperfeiçoar ações rápidas na área da habitação popular. O início da ocupação foi no dia sete de dezembro de 1991, momento em que foram cadastradas 357 famílias.

Até o ano de 1996 já existiam 10 mil pessoas vivendo na Nova Santa Marta, em situação de risco, visto que não havia fornecimento de água potável nem energia elétrica, recolhimento de lixo e esgoto, e o transporte público era realizado por uma única linha. Nesse ano apenas algumas residências contaram com o abastecimento de água e de energia elétrica (SCHERER, 2005).

A Nova Santa Marta, em 2005, tinha cerca de 21 mil moradores. Estima-se que atualmente tenha um total de 25 mil residentes,<sup>100</sup> uma quantidade considerável de pessoas, se compararmos com o número de habitantes dos outros bairros da cidade. O bairro tem um contingente populacional comparável com o Centro, o qual possui mais de 29 mil habitantes (Censo de 2000), isto é, o Nova Santa Marta é o

---

<sup>98</sup> Este autor pesquisado é estudante de geografia da UFSM, morador do bairro Nova Santa Marta e escreveu um folheto sobre o seu bairro.

<sup>99</sup> Mesmo com a ocupação Nova Santa Marta, a qual absorveu uma grande quantidade de pessoas das outras ocupações ilegais da cidade, segundo informações da prefeitura já mencionadas neste trabalho, no Capítulo 3, ainda existem muitas delas distribuídas por áreas ilegais dos bairros da cidade.

<sup>100</sup> Segundo entrevistas com integrantes do MNLM, a ocupação vem crescendo constantemente, pessoas de várias partes da cidade ainda estão procurando se realocar no Bairro.

segundo bairro mais populoso da cidade, o que contribuir para justificar a sua importância neste estudo. Com o Novo Plano Diretor da cidade de 2006, a ocupação, em termos formais, tornou-se bairro, mas a área ainda não foi reconhecida legalmente pelo município devido a divergências entre o Estado e o Município sobre a propriedade do terreno original.<sup>101</sup>

O bairro é composto de sete vilas: Sete de Dezembro, 10 de Outubro, Núcleo Central, Alto da Boa Vista, Pôr do Sol, Marista e 18 de Abril. De acordo com alguns moradores do bairro, seriam nove vilas, pois teria Pôr do Sol I e Pôr do Sol II, e Marista I e Marista II. No trabalho de campo realizado no bairro<sup>102</sup> constatou-se que a área continua com muitas carências na sua infra-estrutura, situação que se vê agravada porque até hoje a área ocupada continua aumentando.

Um dos motivos pelo qual muitas pessoas vieram morar neste bairro está relacionado à questão do aluguel, pois a impossibilidade de pagamento do mesmo, fez com que estas pessoas procurassem outro local para morar. Alguns chegaram e ocuparam uma área no bairro, outros afirmaram ter comprado seus terrenos de antigos ocupantes.<sup>103</sup> Constatou-se que algumas pessoas entrevistadas vieram para a cidade de Santa Maria de municípios próximos e do meio rural.

No geral, os moradores do bairro caracterizam-se por um baixo nível de renda, e muitos por um baixo nível de instrução. Contudo, existem no bairro três colégios, dois municipais e um particular. O colégio particular do bairro é o Colégio Marista, localizado na vila Pôr-do-Sol (Figura 38), que atende a educação infantil e algumas séries do ensino fundamental, sendo um colégio bem equipado, com muitos projetos de assistência às crianças do bairro.

Algumas vilas do bairro são mais equipadas que as outras, como é o caso do Núcleo Central, da vila Sete de Dezembro e da 10 de Outubro (Figura 39), devido ao fato de serem vilas mais antigas. Muitas ruas já se encontram pavimentadas e possuem um sistema adequado de escoamento das águas das chuvas. A maioria dos domicílios possui energia elétrica e abastecimento de água. Mas, alguns moradores afirmaram que a falta de água é um problema constante no bairro.

---

<sup>101</sup> Durante algumas entrevistas com funcionários da prefeitura responsáveis pela regularização da área, verificou-se que está sendo discutida a possibilidade de municipalização, ação apoiada pelo MNLM.

<sup>102</sup> Trabalho de campo realizado no mês de outubro de 2007.

<sup>103</sup> Numa das conversas com um dos integrantes do MNLM, falou-se sobre essa questão. Segundo ele, algumas pessoas não possuem condições de se manter e acabam “vendendo seus terrenos”, se realocando nas áreas mais periféricas do próprio bairro, ocupando clandestinamente outra área. Muitas vezes são pessoas muito pobres e desempregadas.



Figura 38: Foto do Colégio Marista, na Vila Pôr-do-Sol  
Org.: MELARA, E., 2008

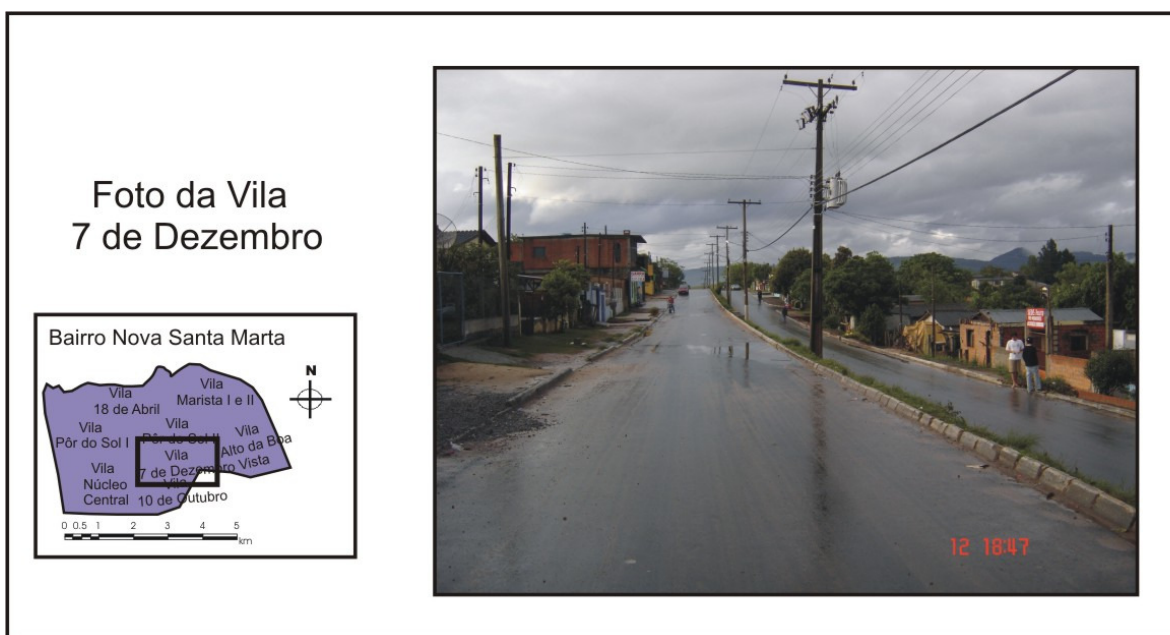


Figura 39: Foto da Vila Sete de Dezembro – ruas encontram-se pavimentadas  
Org.: MELARA, E., 2008

Mas, na maior parte do bairro observam-se problemas de infra-estrutura e saneamento básico. Muitas moradias não possuem água encanada nem mesmo energia elétrica. As ruas encontram-se em situação precária, sem pavimentação ou

bueiros. Os problemas de alagamento e de esgoto a céu aberto são freqüentes. Observa-se que são áreas insalubres: crianças dividindo o mesmo espaço com o lixo e o esgoto. Muitas residências apresentam condições precárias, algumas até em estado de risco (Figuras 40 e 41).

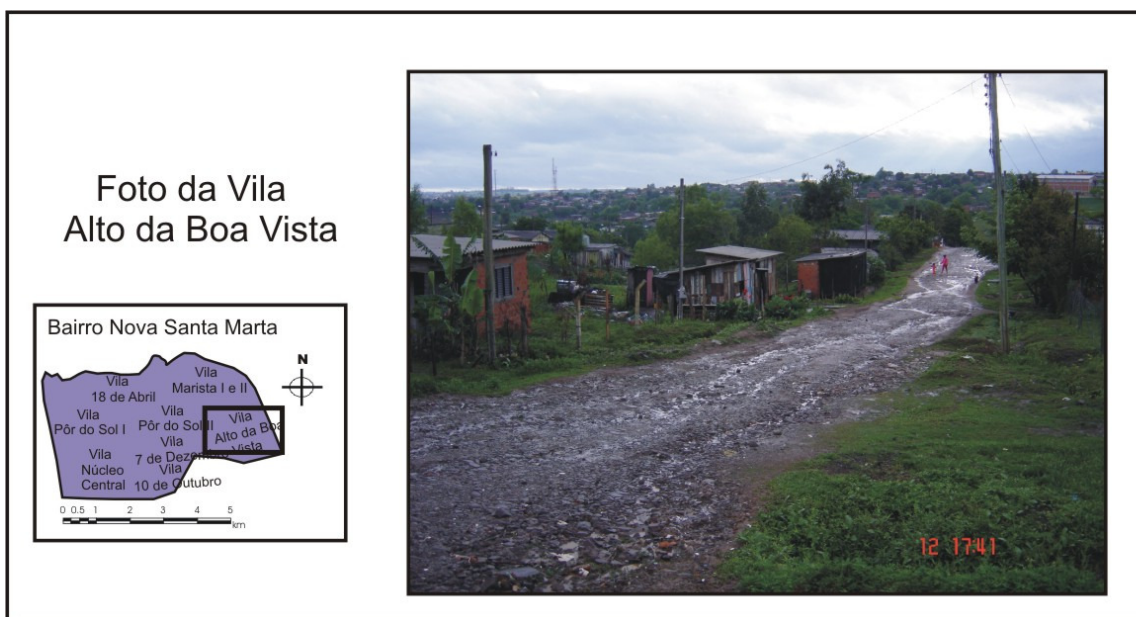


Figura 40: Foto da Vila Alto da Boa Vista – precárias condições de infra-estrutura urbana  
Org.: MELARA, E., 2008

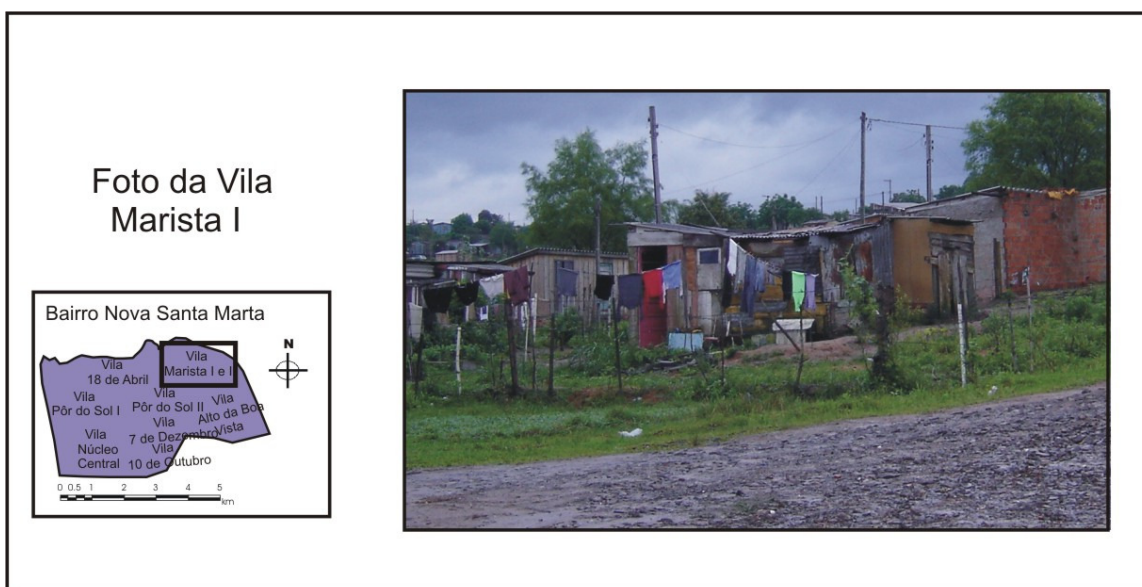


Figura 41: Foto da Vila Marista I – precárias condições de infra-estrutura urbana  
Org.: MELARA, E., 2008

Acredita-se que a situação do bairro pode melhorar se os investimentos anunciados no contexto do Programa de Aceleração do Crescimento<sup>104</sup> do Governo Federal chegarem a se materializar. Uma das metas desse programa refere-se à investimentos de cunho social, na infra-estrutura urbana, destinados à urbanização e ao saneamento de áreas periféricas das cidades. No Rio Grande do Sul foram anunciados investimentos para 39 municípios, entre os quais Santa Maria seria beneficiada com R\$ 138 milhões.

Na cidade várias áreas poderão ser favorecidas, entretanto para o bairro Nova Santa Marta vai ser destinado o maior investimento da cidade, chegando a cerca de R\$ 42 milhões. A título de comparação, na Tabela 12 pode-se ter uma idéia da quantia investida somente neste bairro, que é maior que muitos investimentos do Programa nas outras cidades do Rio Grande do Sul.

Tabela 12: Cidades beneficiadas pelo PAC

<b>Cidades</b>	<b>Investimento (milhões)</b>
Alto Feliz	0,4
Alvorada	24,3
Cachoeira do Sul	5,0
Canoas	59,5
Caxias do Sul	211,6
Charqueadas	4,8
Doutor Ricardo	1,4
Encantado	1,5
Esteio	2,0
Gravataí	34,8
Novo Hamburgo	25,8
Osório	21,6
Pelotas	40,7
Porto Alegre	401,4
Rio Grande	22,6
Rolante	1,1
Salvador do Sul	0,8
Santa Cruz do Sul	6,5
Santa Maria	138,6
Santo Ângelo	0,7
São Gabriel	0,7
São Leopoldo	95,0
Torres	7,2
Viamão	12,0

Fonte: PAC (<http://www.brasil.gov.br/pac>).

<sup>104</sup> Sobre o PAC consultar também o Capítulo 3.

A quantia investida somente no bairro Nova Santa Marta é equiparada ao investido em cidades de porte médio como Gravataí e Pelotas. Isso demonstra a necessidade que o município enfrenta na questão da infra-estrutura urbana, principalmente em relação à problemática das ocupações ilegais.

Após caracterizar o bairro Nova Santa Marta, torna-se importante para este trabalho falar sobre a questão da criminalidade no local. Dois motivos mostraram-se relevante para estudar a criminalidade no bairro, o primeiro vinculou-se ao preconceito atribuído pelos moradores do bairro vizinho – bairro Juscelino Kubitschek, e o segundo, a quantidade elevada de presos provenientes do local.

Numa reportagem realizada pelo jornal A Razão (1999),<sup>105</sup> pode-se perceber o preconceito da população da cidade de Santa Maria em relação às áreas ocupadas de forma irregular, fato que, como já foi verificado, acontece até os dias de hoje. Uma das reportagens intitula-se “*O desprezo da vizinhança / Endereços que condenam. Discriminados no centro da cidade, às vezes a própria vizinhança subestima as vilas*”. No conteúdo do jornal uma das entrevistadas pelo repórter desabafa: “*na Santa Marta<sup>106</sup> dizem que tomamos conta dos ônibus, das escolas, dos postos de saúde. Tem uma parada na Cohab que pegamos o ônibus que eles chamam de rodoviário do sem-teto*”. A associação com a violência também preocupa a comunidade. Conforme uma entrevistada: “*nem é tão violento, eu escuto na rádio as notícias e tem pouca ocorrência aqui*”. De acordo com outra entrevistada pelo repórter, quando a sua patroa descobriu o endereço de onde morava, a demitiu, pois era moradora da Nova Santa Marta (CASTRO, 1999).

Através do trabalho de campo realizado, verificou-se também a existência de preconceitos entre as próprias vilas do bairro Nova Santa Marta: “*Aqui não é violento, mas lá no Alto da Boa Vista o negócio é complicado*”.<sup>107</sup> Os moradores das vilas mais antigas (Núcleo Central, Sete de Dezembro e 10 de Outubro), que são vilas mais equipadas no que tange a infra-estrutura urbana e condição econômica dos moradores, mostraram-se preconceituosos em relação às vilas mais recentes, localizadas na periferia do bairro, portanto, vilas mais carentes.

Mas segundo a mesma reportagem citada anteriormente, apesar dos comerciantes desconfiarem no momento de efetuação de uma compra por parte dos

---

<sup>105</sup> Reportagem do Jornal A Razão ( 02 de fevereiro de 1999).

<sup>106</sup> A Cohab Santa Marta é uma vila do bairro Juscelino Kubitschek e faz divisa com a vila Núcleo Central do bairro Nova Santa Marta.

<sup>107</sup> Depoimento de um morador da vila Sete de Dezembro.

moradores da periferia pobre, a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) apontou que, os moradores das vilas mais estigmatizadas são os que mais pagam as contas em dia (CASTRO, 1999).

Analisando a reportagem e as falas dos moradores, assim como colocado por Caldeira (2000) e também como acontece no bairro Juscelino Kubitschek, verifica-se que não existe somente um estereótipo criado relacionando pobreza e criminalidade, das pessoas da classe média-alta contra as pessoas das classes baixas, mas existe um preconceito criado entre as pessoas pobres, estigmatizando umas às outras, tentando criar uma forma de diferenciação.

Constatou-se que a opinião dos moradores do bairro se divide na questão da criminalidade. Algumas pessoas expressaram estar satisfeitas com o bairro, negando que seja tão violento quanto falam, que a fama de violento é maior do que realmente é, que violência existe em todo lugar.<sup>108</sup>

Já algumas pessoas afirmaram que existem muitos “bandidos no bairro”<sup>109</sup>, que muitos estão presos, por isso a criminalidade está diminuindo no local. Muitos entrevistados reclamaram sobre a problemática de furtos à residência, a qual é freqüente na área. Apesar de, essas pessoas possuírem poucos bens a serem furtados, muitos disseram que a prática desse crime é constante, visando aparelhos de som, televisores, eletrodomésticos, roupas, etc. Comentou-se, principalmente, por parte dos pequenos comerciantes do bairro, sobre os assaltos que ocorrem constantemente. De acordo com os moradores e algumas reportagens de jornais da cidade, a vila Alto da Boa Vista é focalizada como local de assaltos a ônibus.

Muitos comentaram também sobre crimes contra a pessoa, considerando que discussões e agressões são freqüentes na área, acabando, algumas vezes, em homicídios. Também foi destacado que o consumo de álcool e outras drogas é visível no local, fato que desencadeia outros tipos de crimes, como furtos, assaltos, agressões e/ou mortes.

Uma reclamação identificada refere-se à presença policial, destacando que quando a polícia é chamada, dificilmente se prontifica. Nesse sentido, realizou-se uma entrevista com um policial que trabalha num dos postos da Brigada Militar localizado no bairro Juscelino Kubitschek, ao lado do bairro Nova Santa Marta. De

---

<sup>108</sup> Estes comentários vieram principalmente dos integrantes do MNLM, os quais lutaram pela ocupação desta área, expressando sentimento de valorização do local.

<sup>109</sup> Expressão utilizada por alguns moradores para caracterizar àqueles que praticam atos ilícitos de acordo com as leis.

acordo com o policial, existe uma dificuldade no patrulhamento do bairro devido às ruas e “becos” mal conservados. De igual forma foram identificados outros elementos que “explicam” a pouca presença policial, como a falta de investimentos pelo Governo do Estado, a não contratação de novos policiais e a falta de renovação e manutenção do armamento e das viaturas.

Na conversa estabelecida com o policial também foi explicitada uma avaliação sobre os motivos da criminalidade nos bairros Juscelino Kubitschek e Nova Santa Marta, que estaria, principalmente, relacionada com o tráfico de drogas e a sua influencia nos furtos e roubos.

Sobre aqueles que praticam crimes no bairro Nova Santa Marta, cogita-se que a maioria seriam pessoas do próprio bairro, muitos são consumidores de drogas que para sustentar o vício precisam praticar furtos e roubos. Considera-se ainda, que a prática de delitos poderia estar relacionada à falta de condições para se manter, a falta de emprego e a fome.

Nessa perspectiva, dois presos provenientes do bairro Nova Santa Marta foram entrevistados. A entrevista efetuou-se com a finalidade de ter uma compreensão mais aprofundada sobre a criminalidade no local. Um deles estava detido no Albergue Estadual da cidade; segundo o detento, foi preso pelo fato de ter roubado a bolsa de uma mulher no Centro da cidade. O motivo para o assalto seria a falta de dinheiro para o consumo de álcool. Estaria morando no bairro Nova Santa Marta há apenas um ano, anteriormente residia no bairro Camobi, na vila Jardim (antiga área de ocupação clandestina). O entrevistado aparentava entre 18 e 20 anos de idade, tinha ensino médio incompleto e afirmou estar trabalhando no momento que foi preso.

O segundo preso entrevistado era considerado pelos agentes penitenciários, um sujeito perigoso, “irrecuperável”. Ele já estava detido há 10 anos no Presídio Regional de Santa Maria, e os crimes praticados por ele foram: porte de arma, assalto, lesões corporais, receptação e uso de drogas. Uma das perguntas dirigidas ao preso foi em relação ao bairro Nova Santa Marta, questionando sobre o porquê da ocorrência constante de furtos e roubos no local:

*“Os caras que fazem isso são uns piá de merda, fazem isso para consumir droga... Às vezes o pessoal se troca, um bandido da vila Jokey cuida a casa do vizinho e avisa o bandido da vila Alto da Boa Vista que a barra tá limpa, e esse avisa o outro... O traficante troca a*



*droga por coisas roubadas... também para quem não tem grana para pagar, as pessoas pobres acabam comprando coisas roubadas, porque é mais barato, vem alguém te oferece uma televisão por 50 reais, e você não tem grana, você quer uma, você acaba comprando [...] O problema lá no bairro é a pedra (crack) quando vinham querer vender na minha banda eu não deixava, já disse pros meus parceiros que quando vier alguém lá é para atirar valendo [...] os bandidos de verdade ninguém pega [...] eu conheço um monte de gente que rouba e nunca foi preso, os bandidos grandes tão lá na Salgado, aqui só tem traficantezinho de merda [...] Eu não sou do tráfico, mas às vezes fumo uns baseados aqui na cadeia para me acalmar... a gente se irrita muito aqui dentro [...] os home (os agentes penitenciários) ficam fazendo a gente de bobo dando tapa e chute, isso magoa [...].<sup>110</sup>*

Nessas falas, apenas se confirma o que já foi detectado nas análises feitas em relação à dinâmica criminal no bairro Nova Santa Marta sobre a justificativa para ocorrências de furtos e roubos, que muitas vezes estão ligados ao consumo de álcool e drogas.

O segundo entrevistado fala sobre a problemática da receptação de produtos roubados, realizada pelos traficantes de droga, e, além disso, existem muitas pessoas que se tornam mercado consumidor para este tipo de mercadoria, já que os produtos são vendidos por um preço bem inferior ao mercado, facilitando a compra. O detento afirma que no bairro Nova Santa Marta existem pequenos traficantes, e que os grandes estariam no bairro Salgado Filho. Pelas colocações dos policiais entende-se que os traficantes do bairro Salgado Filho seriam traficantes intermediários, pois existiriam outras pessoas que poderiam ser identificadas como grandes traficantes, sendo pessoas de alto poder aquisitivo, e que provavelmente não estariam morando no bairro Salgado Filho, considerado um local de classe baixa. Percebe-se também, na fala do entrevistado a questão da agressão e até de homicídio, quando comenta que é preciso atirar nas pessoas que vão vender droga na sua “banda” como se ele controlasse sua área (morador da Vila Marista II).

De acordo com os agentes penitenciários<sup>111</sup> as afirmações dos presidiários serão sempre direcionadas para garantir sua inocência, como, por exemplo, explicitam que: “são coitadinhos, que não fizeram nada, que não foi por mal”. Na visão de alguns agentes penitenciários, os presos são culpados totalmente por seus atos, não existem justificativas para o crime e devem, portanto, pagar pelo delito

<sup>110</sup> Falas do preso (outubro de 2007).

<sup>111</sup> Nas visitas ao presídio e ao albergue, com a finalidade de entrevistar os presos, também foram realizadas conversas com alguns agentes penitenciários (outubro de 2007).

cometido. Consideram ainda que, em muitos casos, só a sentença de morte resolveria o problema. Pela fala dos agentes, verifica-se a veracidade das colocações do preso, pois muitos agentes não respeitam os apenados e possuem visões, de certo modo, limitadas sobre a contextualização da criminalidade.

Outros pontos foram apontados pelo presidiário:

*“Eu não assaltava na minha banda [...]. se é para assaltar tem que ser um negócio grande [...] assaltei no centro [...] Fui preso por porte de arma também, tenho que me defender [...] me meti numa bronca [...] tenho até vergonha de falar, me envolvi com uma mulher que tinha marido [...] levei três tiros, olha as marcas [mostrou as marcas [...]. agora tenho que me defender [...] e a polícia me prende por porte de arma [...] quando eu sai da cadeia vou ter que continuar usando arma [...] tenho que me defender né [...] eu penso alto, quero ter minha casa de dois andares [...] tenho dois irmãos casados que trabalham na construção civil [...] mas eu não gosto [...] serviço muito pesado [...] tenho um irmão mais novo que é do meu ramo [...] estelionato é coisa fácil de fazer e da pouco tempo na cadeia uns meses só e tu fatura uma grana [...]” (2007).*

Este preso vai ser solto em 2009, pelo que foi verificado no Presídio. Pelas falas percebe-se que, quando liberto da cadeia, voltará a cometer crimes, avaliando, dessa maneira, que o sistema penitenciário não obteve uma contribuição satisfatória na recuperação dessa pessoa. Soma-se a isso, o fato de que dificilmente uma pessoa que é presa consegue se reinserir no mercado de trabalho, pois, como já foi mencionado nos Capítulos 1 (1.4) e 4 (4.4), o desemprego é um problema grave no país, sendo que a inserção de ex-presidiários no mercado de trabalho formal torna-se uma tarefa bastante difícil.

O presidiário afirma ainda que ele tem *“ambição, que não quer trabalhar na construção civil, quer ter bens, quer ter uma casa confortável”*, diante destas colocações questiona-se: será que este preso tem uma visão incorreta sobre suas ambições? Será que ele está errado em praticar crimes? Será que a pessoa pobre não tem direito de sonhar em ter uma casa de dois andares? Pode-se inferir que esse presidiário se caracteriza como um exemplo de não aceitação das condições impostas pela sociedade, e, dessa forma, precisou ser segregado da sociedade, já que se constitui uma “sobra” e / ou um “empecilho” para o sistema.

Nesse sentido, analisa-se que o bairro Nova Santa Marta constitui-se num exemplo de segregação induzida. A falta de emprego e moradia expulsa as pessoas para áreas periféricas das cidades, onde as carências são abrangentes tanto nas

questões sócio-econômicas como de infra-estrutura. As pessoas do bairro Nova Santa Marta na sua maioria são simples, trabalham no mercado informal, na maior parte dos casos, empregos de baixa remuneração, como por exemplo, mecânicos, faxineiras, cozinheiras, catadores de lixo. Alguns poucos possuem estabelecimentos comerciais. Contudo, muitos não possuem emprego, ou “não aceitam trabalhar nos empregos que lhes restam”. Nesse contexto o uso de álcool e drogas torna-se uma realidade, acompanhado muitas vezes da prática de crimes. Como atestam os dados do Albergue Estadual, muitos dos presos provenientes do bairro Nova Santa Marta estão envolvidos em pequenos assaltos e furtos.

Dessa forma, pode-se afirmar que existe toda uma contextualização para a formação do “criminoso”<sup>112</sup> no bairro Nova Santa Marta. Esses criminosos praticam pequenos delitos, pois são pessoas pobres e com baixo nível de instrução, que se sujeitam a pequenos roubos e furtos na periferia pobre, no próprio bairro ou no bairro vizinho. Considerando o bairro Juscelino Kubitschek, pode-se dizer que é grande a probabilidade de pessoas do bairro Nova Santa Marta estar praticando crimes nesse bairro, mas não se pode descartar a idéia de que existam “criminosos” no próprio bairro, assim como eles poderiam ser provenientes de outros bairros da cidade.

---

<sup>112</sup> Criminoso é uma palavra utilizada pela sociedade para caracterizar as pessoas que praticam crimes. Colocou-se esta palavra entre aspas justamente para questionar essa denominação.

## **6. SÍNTESE DA DINÂMICA CRIMINAL NO ESPAÇO URBANO DE SANTA MARIA**

---

Com base em uma análise geral sobre as informações obtidas em relação à criminalidade na cidade de Santa Maria, verificou-se que os bairros que apresentaram as maiores taxas de ocorrências criminais (total de ocorrências) foram o Centro, caracterizado por um número elevado de pessoas pertencentes a uma classe média-alta, e o Juscelino Kubitschek, caracterizado por uma população de classe baixa. O primeiro destacou-se principalmente na ocorrência de crimes contra o patrimônio e o segundo obteve taxas elevadas de ocorrências em praticamente todos os tipos de crimes pesquisados. Na modalidade de crime tráfico e consumo de entorpecentes e sobre a origem dos presos da cidade, o bairro Salgado Filho obteve maior destaque. O bairro Nova Santa Marta se destacou na quantidade de presos oriundos do local. Os dois últimos são bairros onde a maioria da população pertence à classe baixa.

Para reforçar essa análise apresentamos alguns resultados de um trabalho desenvolvido na cidade de Santa Maria com o propósito de identificar os locais que apresentaram um número maior de pessoas em situação de risco.<sup>113</sup> Essa pesquisa tinha como objeto de estudo as crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social – abuso, violência sexual, física e psicológica; situação de rua; trabalho infantil; uso abusivo de substâncias psicoativas; medidas sócio-educativas não privativas de liberdade; egressos de medidas sócio-educativas e adolescentes gestantes.

Esse trabalho mostra as regiões<sup>114</sup> da cidade onde existe um número maior de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, fornecendo, desse modo, elementos importantes para entender a dinâmica da violência no espaço urbano de Santa Maria.

Nessa pesquisa foi feito um perfil das entidades de atenção à criança e ao adolescente em Santa Maria. Esses dados foram obtidos através de um questionário aplicado às instituições / entidades de Santa Maria: escolas, hospitais, creches, associações, abrigo municipal, conselhos tutelares, brigada militar entre outros. Os

---

<sup>113</sup> Estudo realizado pela Escola São Vicente de Paulo Pró-Reitoria de Extensão – UNIFRA; Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (2003).

<sup>114</sup> Palavra utilizada pelos autores para dividir o espaço urbano de Santa Maria.

dados não foram contabilizados por bairro, nesse estudo agruparam-se as informações por região – norte, leste, centro, oeste e sul. Na Tabela 13, tem-se a distribuição dos dados sobre as modalidades que representam estado de situação de risco das crianças e adolescentes.

Tabela 13: Características que representam situação de risco pessoal e social da criança e do adolescente em Santa Maria

Região	Maus tratos	Situação de rua	Trabalho Infantil	Drogas	Medidas Sócio- Educativas/ Egressos	Adolescentes gestantes	Total	%
Norte	83	28	58	26	36	25	356	<b>29,54</b>
Leste	65	11	14	19	79	26	214	17,76
Centro	13	1	1	7	57	13	92	7,63
Oeste	122	39	83	22	119	8	393	<b>32,61</b>
Sul	60	8	7	8	55	12	150	12,45
<b>Total</b>	<b>343</b>	<b>87</b>	<b>163</b>	<b>82</b>	<b>446</b>	<b>84</b>	<b>1205</b>	<b>100,0</b>

Fonte: UNIFRA, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (2003).

Diante das informações da Tabela 13, observa-se que as regiões norte e oeste foram os locais que apresentaram maiores porcentagens de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social.

Fazendo uma análise deste trabalho em relação a pesquisa em epígrafe, verifica-se que nas regiões apontadas pelo estudo como áreas onde a situação de risco de crianças e adolescentes está mais presente, estão localizados os bairros da cidade que apresentaram níveis significativos de criminalidade: o bairro Salgado Filho pertencente à zona norte da cidade e os bairros Juscelino Kubitschek e o Nova Santa Marta que se localizam na zona oeste de Santa Maria. Pode-se inferir que, de certo modo, a problemática das crianças e adolescentes em situação de risco pode ser um fator para o aumento da criminalidade.

Na Figura 42 elaborou-se um organograma identificando as áreas que mais se destacaram nos números relacionados à criminalidade em Santa Maria. Com propósito de generalização e síntese organizou-se a análise por zonas. Verifica-se pelo esquema, que sintetiza parte dos resultados desta pesquisa, que os problemas vinculados ao crime estão mais presentes na zona central, norte e oeste da cidade.

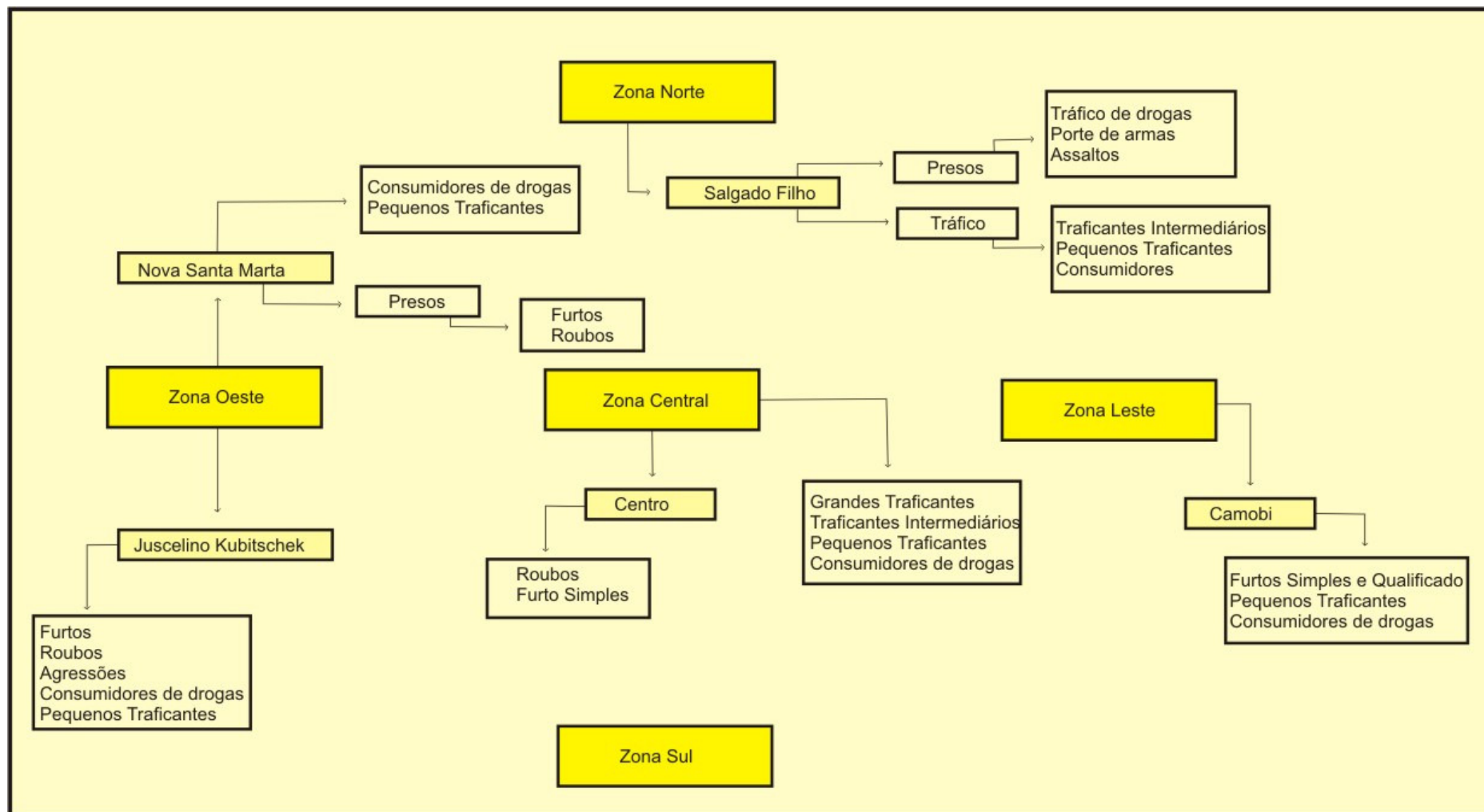


Figura 42: Organograma representando uma síntese da disposição da criminalidade na cidade de Santa Maria  
Org.: MELARA, E., 2008

Na zona norte, a problemática da criminalidade é representada, principalmente, pelo bairro Salgado Filho, o qual se destacou na quantidade elevada de presos oriundos do local e também na quantidade de ocorrências criminais ligadas ao consumo e tráfico de drogas. Sobre os presos, verificou-se que a causa da prisão estaria vinculada, principalmente, ao negócio da droga, isto é, tráfico de drogas, porte de armas e assaltos. Em relação ao tráfico de drogas estima-se que nesta zona da cidade estaria situada a maioria dos traficantes intermediários da cidade, além de pequenos traficantes e consumidores de drogas.

É importante colocar que o tráfico e consumo de drogas são crimes que apresentam maior visibilidade e manifestação nas áreas mais pobres das cidades, fato que ocorre também em Santa Maria, sendo que, o bairro Salgado Filho destaca-se nos números de ocorrências ligados a esse crime. Entretanto, sabe-se que os crimes vinculados ao tráfico e consumo de entorpecentes estão presentes também em outras áreas da cidade, embora se apresentem pouco perceptíveis, abrangendo pessoas de diferentes classes sociais.

Na zona oeste, a questão da criminalidade é representada principalmente pelos bairros Nova Santa Marta e Juscelino Kubitschek<sup>69</sup>. O bairro Nova Santa Marta apresenta quantidades elevadas de presos oriundos da sua área. As principais causas da prisão dos mesmos estariam atreladas às ocorrências de furtos e assaltos. Muitos desses crimes podem estar vinculados à questão do consumo de drogas. Estima-se que existam no bairro pequenos traficantes,<sup>70</sup> os quais podem ser, ao mesmo tempo, traficantes e consumidores de drogas. O bairro Juscelino Kubitschek destaca-se pela elevada quantidade de ocorrências criminais presentes no local relacionadas principalmente a furtos, roubos e agressões. As causas da quantidade elevada desses crimes podem, em parte, estar ligadas aos presos do bairro Nova Santa Marta. Pelo trabalho de campo realizado verifica-se também a existência, no bairro, de pequenos traficantes e consumidores de drogas.

É importante salientar que a zona norte e oeste da cidade se caracterizam por uma quantidade elevada de pessoas com um baixo nível salarial, baixos níveis de instrução e uma infra-estrutura urbana deficiente. Apresentam também um número

---

<sup>69</sup> O bairro Tancredo Neves (Cohab Passo da Ferreira) também apresentou números significativos de ocorrências criminais contra o patrimônio e contra a pessoa. O bairro Parque Pinheiro Machado também apresentou números significativos de presos oriundos da sua área. Ambos os bairros mencionados pertencem a zona oeste da cidade.

<sup>70</sup> Informações vinculadas ao trabalho de campo realizado no bairro e às entrevistas realizadas com os delegados da cidade e com a Brigada Militar.

elevado de ocupações clandestinas, as quais possuem características sócio-econômicas, condições de habitação e saneamento básico ainda mais precárias.

Nesse sentido, pode-se dizer que todos esses fatores, de certa forma, tendem a influenciar no processo de criminalidade nesses locais. Já foi visto que a “pobreza” é funcional ao sistema do tráfico de drogas e que muitos crimes decorrem deste, como é o caso de alguns tipos de furtos e de roubos. Verificou-se ainda que, na zona oeste, o crime que ocorre com maior frequência é o furto a residências, visando aparelhos de som, eletrodomésticos, bicicletas, calçados e roupas, os quais são objetos de pouco valor econômico, denunciando que os praticantes desses crimes seriam pessoas pobres e as vítimas, na sua maioria, seriam pessoas de classe média-baixa.

A zona central, representada principalmente pelo bairro Centro, apresentou elevadas quantidades de ocorrências ligadas ao furto simples e roubos.<sup>71</sup> Denota-se que os delitos que se destacaram são aqueles vinculados aos crimes contra o patrimônio, já que a área central da cidade é caracterizada por um grande número de pessoas que possuem um elevado poder aquisitivo, altos níveis de instrução e uma área que apresenta condições favoráveis de infra-estrutura urbana, logo, é um local que possui atrativos econômicos a serem alvos de assaltos ou furtos.

Esse fato, como já foi explicitado neste trabalho, também pode estar vinculado à elevada quantidade de pessoas que circulam pelo local. Nesse caso, infere-se que existe uma tendência de que os praticantes desses crimes seriam provenientes na sua maioria de outros bairros da cidade. É necessário comentar que nem sempre as pessoas furtadas ou roubadas residem no bairro, pois é um local de grande mobilidade, dessa forma, as vítimas desses crimes podem ser representadas tanto por pessoas que residem no Centro, como pessoas de outros bairros que estão circulando pelo local, assim como, as vítimas podem ser representadas tanto por pessoas da classe média-alta, como por pessoas da classe média-baixa.

É provável que alguns dos grandes traficantes<sup>72</sup> poderiam residir no centro, já que eles seriam pessoas com um maior poder econômico. Além disso, sendo o bairro Centro um local de grande movimento, principalmente à noite e nos finais de

---

<sup>71</sup> O bairro Patronato também se destacou na ocorrência desses crimes.

<sup>72</sup> É importante comentar que nesta pesquisa foi utilizada a expressão pequenos traficantes, traficantes intermediários e grandes traficantes, com o propósito de diferenciar a atuação dos mesmos na cidade, tentando fazer uma classificação “similar”, respeitando as escalas, com a realizada por Souza (1996) para as grandes cidades/favelas.



semana, com a presença de muitos locais de lazer e casas noturnas, o tráfico encontra campo propício para sua ação, por este motivo confere-se a presença de traficantes intermediários e pequenos traficantes no Centro da cidade, bem como, elevada quantidade de consumidores de droga.

A questão do crime na zona leste é representada, principalmente pelo bairro Camobi, o qual se caracteriza pela elevada ocorrência de crimes contra o patrimônio, tendo maior destaque o furto simples e o furto qualificado. Essa área concentra, na sua maior parte, uma população de classe média-alta, representada pela presença de professores, estudantes e militares, uma vez que, no bairro Camobi encontra-se localizada a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Base Aérea.

Segundo entrevistas com os delegados na cidade, o consumo de drogas por parte dos estudantes é um fenômeno freqüente, por esse motivo, identifica-se a presença de pequenos traficantes e consumidores de droga no bairro. Não existem fortes indícios da presença de grandes traficantes no local, mas, segundo o Delegado da Delegacia de Furtos, Roubos, Entorpecentes e Capturas, já foram presos grandes traficantes, e traficantes intermediários no bairro, os quais recebiam a droga do Paraguai e a distribuíam para os outros traficantes da cidade (traficantes intermediários), inclusive para os traficantes do bairro Salgado Filho.

A zona sul não obteve destaque em relação à visibilidade da violência, nem na quantidade de ocorrências criminais – em nenhum tipo de crime –, nem na quantidade de presos oriundos do local. É uma área caracterizada por uma população que apresenta baixos níveis salariais, baixo grau de instrução e precárias condições de infra-estrutura urbana, além de concentrar uma quantidade elevada de ocupações clandestinas.

Analisa-se que, se em alguns casos a exclusão social e a segregação espacial podem influenciar no processo da criminalidade, como é o caso da zona norte e oeste da cidade, em outras situações, esse fato pode não acontecer, como é o caso da zona sul da cidade de Santa Maria.

Para explicar este fato poderiam ser levantadas algumas hipóteses. É importante saber que, a denominação “zona sul” refere-se somente a dois bairros (Urlândia e Tomazzetti), representando uma pequena porcentagem dos habitantes da cidade (5,3%), o que ajudaria a entender a pouca visibilidade de crimes na área. A proximidade desses bairros com o centro tampouco deve ser omitida, já que a

facilidade para aceder aos serviços e empregos que o centro oferece pode minimizar as condições deficitárias desses bairros. Outra questão que poderia ser pensada é que esses bairros estão distantes das áreas onde existe um maior número de ocorrências e presos oriundos relacionados ao tráfico de drogas, pois, como já foi mencionado nesta pesquisa, esse tipo de crime tem o potencial de desencadear outras modalidades criminais. Também se deve pensar, como já foi explicitado, que os dados podem apresentar distorções, por este motivo não é possível pensar neles como fontes conclusivas para determinados fatos.

Ainda, pode-se pensar num futuro estudo sobre esse setor da cidade e também sobre os outros bairros a fim de aprofundar o entendimento das questões culturais, históricas, sociais, que poderiam estar influenciando na quantidade e na visibilidade dos crimes no espaço urbano de Santa Maria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Violência e criminalidade são termos que possuem significados complexos. Entende-se que a violência pode ser explicada sob vários aspectos e ser representada por diversas ações, entretanto, neste trabalho foi priorizado o que se denominou de *violência criminal*. Isso não impede que sejam utilizados outros termos, já que a dinâmica da criminalidade em Santa Maria envolve muitos fenômenos e significados. Assim é possível chamar a segregação sócio-espacial existente na cidade como um tipo de violência; a quantidade elevada de ocupações clandestinas e pessoas sem condições básicas de sobrevivência como uma forma de expressão da violência; as agressões e homicídios decorrentes disso como violência; violências gerando outras violências. Como colocado por Moser (2006), podem-se chamar esses fatos como violência social ou, ainda, como violência econômica, quando se tratar de tráfico de drogas, roubos e furtos. Chagas Rodrigues (2006) afirma que a complexidade e a dificuldade de conceituação da violência, nos remete para falarmos de violências. Dessa forma, em Santa Maria ou em qualquer cidade é possível falar de violência urbana, violência social, violência individual, violência intra-familiar, violência criminal etc.

Buscou-se, desse modo, estudar a temática da violência no espaço urbano de Santa Maria, sob uma perspectiva geográfica. Para a realização da pesquisa foi delimitada como principal meta a espacialização dos dados por bairro sobre as ocorrências criminais da cidade, realizando um mapeamento dos crimes explicitados pelo Código Penal.

De acordo com Cerqueira & Lobão (2004) é difícil construir modelos ou teorias que expliquem a ocorrência criminal, pois se trata de um fenômeno complexo e multifacetado. Para analisar a dinâmica da criminalidade deve-se considerar as especificidades do local onde a violência está ocorrendo, considerando também o tipo de violência e as suas mais variadas formas de expressão. Além disso, também devem ser consideradas as diferentes causas e efeitos da violência dependendo do tipo de crime e do local de ocorrência. Como por exemplo, duas cidades podem apresentar a mesma quantidade de um tipo de crime específico, mas as causas e conseqüências de sua ocorrência podem ser bem diferenciadas.

As pesquisas que vêm sendo realizadas nas últimas décadas têm enfrentado dificuldades para alcançar resultados satisfatórios que levem à formulação de hipóteses e modelos em relação à dinâmica da criminalidade. A precariedade, indisponibilidade e não-confiabilidade dos poucos dados existentes, os “desafios metodológicos inerentes à resolução do problema e à aferição das hipóteses”, fazem com que o pesquisador utilize “caminhos indiretos, que pressupõem uma série de hipóteses, às vezes muito simplificadoras”, elaborando diversas considerações gerais sobre a violência, mas que não explicam muitas especificidades dos crimes, na sua tipologia, na sua ocorrência no espaço e no tempo (CERQUEIRA & LOBÃO, 2004, p. 260).

A dificuldade de análise da dinâmica criminal na cidade, como comentado pelo pelos autores citados, depende de vários elementos, já que cada crime possui uma dinâmica na sua ocorrência no espaço, cada espaço tem a sua influência na tipologia da criminalidade, as causas e as conseqüências variam de um lugar para outro e também de um tipo de crime para outro. Essa complexidade também ocorre no espaço urbano de Santa Maria, por isso para realizar um estudo da criminalidade nesse espaço foi necessário trabalhar com diferentes vieses técnico-metodológicos, através de dados e conversas informais com diversos atores envolvidos na pesquisa. A principal fonte de informação para realização deste estudo foi representada pelas ocorrências criminais – dados fornecidos pela Brigada Militar de Santa Maria. As informações limitaram-se à quantidade de crimes e locais de ocorrência dos mesmos, não foi possível ter acesso a outras informações necessárias para o trabalho, como por exemplo, as características das vítimas e de seus agressores.

Além disso, deve-se estar consciente das questões que podem estar ocultas nesses dados. Primeiro porque os registros estatísticos variam no tempo e no espaço e estão condicionados aos procedimentos policiais e políticos e às regras de interpretação. Segundo, porque existe uma diferenciação entre determinados crimes, como por exemplo, o volume e o valor dos crimes de colarinho branco são bem superiores aos roubos e furtos comuns e cotidianos aos quais estão submetidas às áreas das classes dominadas. A distinção desses diferentes crimes poderia dar margem para outras explicações da dinâmica criminal na cidade. Terceiro, tem-se a questão do registro das ocorrências pelas vítimas, pois muitas vezes, diversos casos não são registrados, podendo distorcer as informações. Uns casos não são

registrados pela não credibilidade na ação policial, outros por sentimentos de vergonha ou por considerar o bem roubado ou furtado de pouco valor.

Pesquisas demonstram que muitas vezes o fato das ocorrências contra o patrimônio ocorrerem com maior frequência em locais onde está alocada uma população de alto poder aquisitivo, não significa que somente nesses locais exista esse tipo de crime. Pode ocorrer que sendo o bem roubado de elevado valor econômico o registro se faz importante para essas pessoas, ao passo que para as pessoas de classe baixa, o bem roubado represente um baixo valor econômico e, deste modo, muitas vezes o registro da ocorrência do crime é negligenciado. Em relação aos crimes contra a pessoa, eles tendem a ter maior visibilidade nas áreas mais pobres do espaço urbano, entre outras razões porque as famílias da classe média-alta que enfrentam a violência doméstica dentro de suas casas, para evitar constrangimentos sociais, não revelam esses acontecimentos. Já nas famílias de classe baixa o registro deste tipo de ocorrência é mais comum.

Analisa-se que, o número de ocorrências depende muito do registro feito pelas vítimas, de questões burocráticas dos órgãos responsáveis pelo registro, podendo omitir ou superestimar os dados. Por todas essas questões foi conveniente, além da utilização desses dados, contar com outros procedimentos para realização da pesquisa, caracterizando o espaço urbano de Santa Maria, e efetivando entrevistas informais com os diversos atores indispensáveis a pesquisa, objetivando alcançar uma visão mais completa da dinâmica criminal na cidade.

Ponderaram-se neste trabalho a importância de considerar a organização do espaço urbano de Santa Maria, suas características sócio-econômicas e de infraestrutura para a análise da criminalidade. Santa Maria é avaliada como uma cidade de porte médio, com cerca de 266 mil habitantes, sendo uma cidade ainda representada por uma estrutura centro-periferia. O bairro Centro e as áreas mais centrais são caracterizadas por concentrar estabelecimentos de prestação de serviços, comerciais, financeiros e de lazer. Além de alocar a população com um alto poder aquisitivo, com um elevado grau de instrução e condições satisfatórias de infraestrutura urbana. As áreas mais periféricas apresentam na sua maior parte pessoas de classe baixa, com baixos níveis salariais, grande quantidade de pessoas com um baixo grau de instrução e problemas de infraestrutura e saneamento básico. Além disso, pode-se falar da questão das ocupações ilegais da cidade, as quais estão presentes em várias partes da cidade, entretanto, concentram-se em

maior número nas áreas mais periféricas, alocando pessoas muito carentes, que enfrentam sérios problemas de saneamento básico.

Considerando esta contextualização, analisou-se a dinâmica da criminalidade em Santa Maria. Através da espacialização do total de crimes pesquisados verificou-se que os bairros Centro e Juscelino Kubitschek destacaram-se com as maiores taxas de ocorrência criminal. Muitos trabalhos realizados e referenciais bibliográficos pesquisados apontam para uma generalização, considerando que nas áreas melhor equipadas em termos de infra-estrutura, representadas por pessoas de alto poder econômico e intelectual seriam áreas onde os crimes contra a propriedade teriam maior destaque, e nas áreas mais periféricas, desprovidas de uma infra-estrutura de qualidade e caracterizadas por uma população de baixa renda e baixos níveis de instrução, seriam áreas caracterizadas por uma maior freqüência de ocorrências criminais contra a pessoa.

Pode-se dizer que em Santa Maria essa lógica não pode ser aplicada em todos os casos. O Centro, bairro representado por uma população de classe média-alta, destacou-se principalmente na ocorrência de delinqüências vinculadas aos furtos simples e roubos, isto é, crimes contra o patrimônio, seguindo, dessa forma, a lógica verificada em outros estudos. Entretanto, no bairro Juscelino Kubitschek a relevância criminal deu-se principalmente em relação aos furtos qualificados, as agressões e homicídios. Também apresentou taxas elevadas de crimes ligados a roubos e furtos simples. Então, verifica-se que o bairro apresentou números significativos de crimes tanto contra a pessoa, como crimes contra o patrimônio, mesmo caracterizando-se como um bairro de classe baixa.

Na zona norte destaca-se a problemática do tráfico e consumo de entorpecentes. É importante colocar que este tipo de crime apresenta maior visibilidade nas áreas mais pobres das cidades, fato que ocorre também em Santa Maria. O bairro Salgado Filho sobressaiu-se na dinâmica desse crime, entretanto, se sabe que os crimes ligados ao tráfico e ao consumo de entorpecentes estão presentes também em outras áreas da cidade, embora a manifestação nos outros bairros seja menos visível.

Os bairros Salgado Filho e Nova Santa Marta apresentaram números significativos de presos oriundos de suas áreas. No primeiro, as causas de prisão estavam mais atreladas à questão do tráfico de drogas, já que neste bairro localiza-se um número elevado de traficantes intermediários, pequenos traficantes e

consumidores de drogas. No segundo, os motivos da detenção vincularam-se principalmente às práticas de furtos e roubos, sendo que esses crimes podem estar ligados aos pequenos traficantes ou aos consumidores de drogas. É importante colocar que esses bairros são caracterizados por baixos níveis sócio-econômicos e precárias condições de infra-estrutura urbana, assim como apresentam uma quantidade elevada de ocupações ilegais nas suas áreas.

Nesse sentido, as condições sócio-econômicas apresentadas pelos bairros da zona norte (Salgado Filho) e zona oeste (Nova Santa Marta e Juscelino Kubitschek), podem influenciar no processo da criminalidade, já que, conforme a análise realizada, a “pobreza”, em muitos casos, constitui um elemento funcional ao sistema do tráfico de drogas, que tende a multiplicar a criminalidade, já que muitos crimes, especialmente os furtos e os roubos, podem ser decorrentes desse sistema ilegal.

Pode-se avaliar que, entre os crimes pesquisados neste trabalho, os de maior ocorrência são crimes simples, e, conseqüentemente, praticados por pessoas pobres. Os crimes contra o patrimônio – roubos e furtos –, na maioria das vezes estão relacionados a bens de pouco valor econômico e a pequenas quantias em dinheiro, sendo que as vítimas podem ser representadas por pessoas de classe média-alta, bem como por pessoas de classe média-baixa. Os crimes contra a pessoa têm maior evidência nas áreas mais periféricas e pobres da cidade, assim como o tráfico e consumo de drogas, o qual funciona como causa para outros tipos de crimes, como roubos, furtos e agressões ou até homicídios. O uso abusivo de álcool também reforça essa problemática.

Assim, acredita-se que em muitos casos, na cidade de Santa Maria, o processo de segregação sócio-espacial, o desemprego, a falta de perspectivas, a busca pelo dinheiro fácil, a sustentação de vícios, poderiam desencadear diversos tipos de criminalidade.

Entretanto, na zona sul da cidade, apesar de ser uma área caracterizada por precariedade sócio-econômica e de infra-estrutura urbana, não apresenta números significativos de violência criminal. Como colocado no Capítulo 6, um trabalho mais elaborado analisando questões culturais, sociais, históricas, entre outras, futuramente poderia explicar melhor a quantidade elevada de crimes em determinados bairros e a pouca visibilidade em outros, como é o caso da zona sul, representada pelos bairros Urlândia e Tomazzetti.

É importante colocar que entre os crimes estudados a manifestação perceptível da violência revelou-se, especialmente, entre as pessoas de baixo poder aquisitivo. Os crimes praticados por aqueles classificados como pessoas de classe média-alta, não apresentam maior visibilidade neste trabalho, embora sejam crimes que se caracterizam como os mais prejudiciais para a sociedade, desencadeando muitos outros tipos de violência. Entretanto, é bom salientar que muitas pessoas “ricas” praticam esses tipos de crimes estudados em Santa Maria, mas existe dificuldade para identificá-los. Um exemplo dessa realidade é o tráfico de drogas, no qual os grandes traficantes, muitas vezes, representados por pessoas com um alto poder aquisitivo, lucram muito às custas de seus subalternos – os traficantes intermediários, os pequenos traficantes e os consumidores de drogas –, os quais, na maioria das vezes, são presos pela polícia e taxados pela sociedade como marginais. Já os “ricos-criminosos-traficantes” dificilmente são presos ou responsabilizados pela prática de tais crimes.

Na contextualização desta pesquisa analisou-se que a violência “visível” pode influenciar no modo de vida das pessoas e na organização do espaço urbano. O medo da violência faz com que muitas pessoas modifiquem seus hábitos e se enclausurem em espaços fechados e controlados, como os condomínios. Em Santa Maria, o medo da violência não é um fenômeno muito explicitado pelas pessoas, e a presença de condomínios fechados é pouco representativa. Mas, de modo geral, ficou evidente que a organização do espaço urbano de Santa Maria, de forma segregada, influenciou e influencia o processo da criminalidade.



**REFERÊNCIAS**

---

ALENCAR, S. L. de S. Capitalismo, trabalho e tempo de prisão como pena. **Revista Psicologia Política**. Vol. 2. nº 3. p. 15-38. jan – jun 2002. Disponível em: [http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/psicopol/ver\\_volume.php?cod=45](http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/psicopol/ver_volume.php?cod=45) Acesso em: set de 2007.

AMORIM FILHO, O. B. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, T. A., SERRA, R. V. (org.). **Cidades Médias Brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001, p. 01-34.

ANDRADE, T. A., SERRA, R. V. (org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

BACKES, B. Tiroteio para reaver motos. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 21 maio, 2007. Polícia, p. 10.

\_\_\_\_\_. Carro arrombado todo dia. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 15 ago, 2007. Polícia, p. 16.

\_\_\_\_\_. O terror embarcou no Alto da Boa Vista. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 13 dez, 2006. Polícia, p. 13.

BEATO, C. **Crime e violence diagnostics and information for urban safety audits**. Washington: International bank for Reconstruction and Development / The World Bank, 2005. Disponível em: <[http://www.wds.worldbank.org/external/default/wdsContentServer/IW3P/IB/2006/02/28/000011823\\_20060228162820/rendered/PDF/35135.pdf](http://www.wds.worldbank.org/external/default/wdsContentServer/IW3P/IB/2006/02/28/000011823_20060228162820/rendered/PDF/35135.pdf)> Acesso em: nov de 2007.

BELÉM, J. **História do município de Santa Maria: 1797 – 1933**. Santa Maria: UFSM, 1989.

BICUDO, H. P. **Violência: o Brasil cruel e sem maquiagem**. São Paulo: Moderna, 1994.

BOISTEAU, C. **Securite, dynamiques urbaines et privatisation de l'espace a Johannesburg**, 2003. Diplôme d'études approfondies en études du développement délivré par l'université de Genève - Institut Universitaire d'Etudes du Développement,

Genève, Ville France. Disponível em : <  
[http://lasur.epfl.ch/cahiers/CahierLaSUR07\\_johannesburg.pdf](http://lasur.epfl.ch/cahiers/CahierLaSUR07_johannesburg.pdf)> Acesso em: out de 2007.

BOLFE, S. A. **Expansão urbana de Santa Maria-RS**: uma avaliação da adequabilidade do uso do solo, 1997. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BOLFE, S. A. **Transformações do espaço urbano de Santa Maria-RS – e sua região**: tendências e condicionantes, 2003. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRASIL. Lei nº 7210, julho de 1984. **Lei de Execução Penal** – LEP. Disponível em <[http://www.dji.com.br/leis\\_ordinarias/1984-007210-lep/lep164a170.htm](http://www.dji.com.br/leis_ordinarias/1984-007210-lep/lep164a170.htm)>. Acesso em: dez de 2007.

CALDEIRA, T. P. do R. **Cidade de Muros**: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. Tradução Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CARDIA, N.; ADORNO, S. & POLETO, F. Homicídio e violação de direitos humanos em São Paulo. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: USP, v. 17, n. 47, 2003.

CARLOS, A. F. A. **A reprodução do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

CASTRO, S. de. Endereços que condenam. **A Razão**, Santa Maria, 01 fev, 1999. Geral, p.12.

CERQUEIRA, D. & LOBÃO, W. Determinantes da criminalidade: Arcabouços teóricos e Resultados empíricos. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 47, nº 2, 2004.

CHAGAS RODRIGUES, T. N. H. **Contando as violências**: Estudo de narrativas e discursos sobre eventos violentos em Florianópolis (SC), 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1995.

DATASEG - Dados da Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul – Disponível em: <http://www.ciosp.rs.gov.br> Acesso em: mar de 2007.

DATASUS – Sistema de Informações sobre Mortalidade. Disponível em: < <http://www.datasus.gov.br/catalogo/sim.htm>> Acesso em: dez de 2007.

DE MATTOS, C.A. Transformación de Las Ciudades Latino americanas: ¿Impactos de la Globalización?. **EURE**, Santiago, v.28, n.85, p. 5-10, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.cl>>. Acesso em: jan de 2006.

DORNELLES, J. R. **O que é crime**. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

DUTRA, T. P. O perigo também viaja de ônibus. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 31 ago, 2004. Polícia, p. 10.

FELIX, A. S. Geografia do Crime. São Paulo. **Revista de Geografia**: Editora UNESP. V13, 1996.

FELIX, A. S. **Geografia do crime**: interdisciplinaridade e relevâncias. Marília: Marília-UNESP-Publicações, 2002.

FERNANDEZ, J. C.; MALDONADO, G. E. C. A economia do narcotráfico: uma abordagem a partir da experiência boliviana. **Nova Economia**. Belo Horizonte: v. 9, n. 02, dez. 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Tradução: Ramallete. R. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRANCISCO FILHO, L. L. **Distribuição espacial da violência em Campinas**: uma análise por geoprocessamento, 2004. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GLASSNER. B. **Cultura do medo**: por que tememos cada vez mais o que deveríamos temer e cada vez menos: crime, drogas, minorias, mães adolescentes, crianças assassinadas, micróbios mutantes, acidentes de avião, fúria no trânsito e muito mais. Tradução Laura Knapp. São Paulo. Francis, 2003.

GUARESCHI, et all. Práticas Psicológicas nas Políticas Públicas: um debate sobre a temática da violência. **Revista Psicologia Política** . vol. 5 . nº 9 . p. 47- 66 . jan - jun 2005. Disponível em <

<http://www.fafich.ufmg.br/%7Epsicopol/seer/ojs/viewarticle.php?id=4&layout=htm>>  
Acesso em: set de 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: jul de 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Tábuas Completas de Mortalidade – 2006. Disponível em: < [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1043&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1043&id_pagina=1). Acesso em: dez de 2007.

LERDERMAN, D & LOAYZA, N. What causes crime and violence? **LCR Sustainable Development Working**. Washington: Violence and social capital: proceedings of the lces. Moser, C. & Lister, S. The World / Latin America and Caribbean Region / Environmentally and Socially Sustainable Development SMU, 1999. Disponível em:< [http://www.wds.worldbank.org/servlet/WDSContentServer/WDSP/IB/1999/11/19/000094946\\_99110405535017/Rendered/PDF/multi\\_page.pdf](http://www.wds.worldbank.org/servlet/WDSContentServer/WDSP/IB/1999/11/19/000094946_99110405535017/Rendered/PDF/multi_page.pdf)> Acesso em : nov de 2007.

MARCUSE, P. Enclaves, sim; guetos, não: a Segregação e o Estado. **Revista Espaço & Debates**: Segregações Urbanas, São Paulo, v. 24, n. 45 – p.24-33, 2004.

MELGAÇO, L. de M. **A Geografia do atrito**: Dialética Espacial e Violência em Campinas-SP, 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MELLO, J. M. H. O.; GAWRYSZEWSKI, V. P.; LATORRE, M. O. Análise dos Dados de Mortalidade. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, vol. 4, n. 31, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v31n4s0/3134.pdf>. Acesso em: ago de 2006.

MINUSSI, F. Um “paredão” contra o crime. **A Razão**, Santa Maria, 7 dez, 2006. Polícia, p. 14.

MISSE, M. **Crime e pobreza**: velhos enfoques , novos problemas, 1995. Disponível em: < <http://www.ifcs.ufrj.br/~misse/crime.doc> >. Acesso em: ago de 2006.

MORAIS, R. de. **O que é violência urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOSER, C. O. N. Latin American urban violence as a development Concern: towards a framework for violence reduction. **World Development**, v. 34, n. 1, p. 89 – 112, 2006. Disponível em: <

[http://www.brookings.edu/articles/2006/01globaleconomics\\_moser.aspx](http://www.brookings.edu/articles/2006/01globaleconomics_moser.aspx) > Acesso em: nov de 2007.

MOURA, E. A. de. & MELLO, S. M. Z. **Diagnose sócio-econômica e análise dos equipamentos urbanos da Cohab Santa Marta, Bairro Juscelino Kubitschek, Santa Maria-RS, 1994.** Monografia (Graduação em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

NUNES, M. Contribuições para a discussão sobre cidades médias. II SIMPÓSIO INTERNACIONAL CIDADES MÉDIAS: DINÂMICA ECONÔMICA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO, 2005, Presidente Prudente-SP **Anais...**, Presidente Prudente: UNESP, 2005.

ODALIA, N. **O que é violência.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

OLIVEN, R. G. Chame o ladrão: as vítimas da violência no Brasil. In: Renato Raul Boschi *et al.* **Violência e cidade.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/pac/> > Acesso em: dez de 2007.

PERLMAN, J. **O mito da marginalidade:** favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

RAUFER, M. X. & HAUT, F. **Violences urbaines:** description & réponses institutionnelles. Paris: Centre de recherche sur les Menaces Criminelles Contemporaines - MCC. Institut de Criminologie de Paris, 1997.

RECCHIA, M. Tráfico é o mais denunciado. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 27 jun, 2003. Polícia, p. 13.

RIFIOTIS, T. **“Violência policial” na imprensa de São Paulo.** O leitor-modelo no caso da Polícia Militar na Favela Naval (Diadema), 2006. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~levis/Favela%20Naval.htm> Acesso em: julho de 2007.

RIO GRANDE DO SUL. Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS nº 8742, de 07 de dezembro de 1993. **Lex:** Porto Alegre. Secretaria da Justiça e do desenvolvimento Social, 2007.

ROCHA, L. H. M. da. **O papel de Santa Maria como centro de drenagem fundiária**, 1993. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis.

ROSENBERG, M. Violence as a public health problem. **LCR Sustainable Development Working**. Washington: Violence and social capital: proceedings of the Icses. Moser, C. & Lister, S. The World / Latin America and Caribbean Region / Environmentally and Socially Sustainable Development SMU, 1999. Disponível em: <[http://www.wds.worldbank.org/servlet/WDSContentServer/WDSP/IB/1999/11/19/000094946\\_99110405535017/Rendered/PDF/multi\\_page.pdf](http://www.wds.worldbank.org/servlet/WDSContentServer/WDSP/IB/1999/11/19/000094946_99110405535017/Rendered/PDF/multi_page.pdf)> Acesso em : nov de 2007.

SANTA MARIA. Lei Complementar nº 042, de 29 de dezembro de 2006. Cria unidades urbanas, altera a divisão urbana de Santa Maria, dá nova denominação aos bairros e revoga a Lei Municipal nº 2770/86, de 02/07/1986, Artigos 2º a 25 e dá outras providências. **Lex**: Prefeitura municipal de Santa Maria, 2006.

SANTA MARIA. Lei Municipal nº 2770, de 2 de julho de 1986. Altera o perímetro urbano, limites distritais e dispõe sobre a denominação dos bairros urbanos de Santa Maria. **Lex**: Prefeitura Municipal de Santa Maria, 2004.

SANTA MARIA. Lei Municipal nº 4964, de 05 de janeiro de 2007. Dispõe sobre a criação do Conselho Municipal Integrado de Segurança Pública de Santa Maria e manutenção do Fundo Municipal de Segurança Pública e dá outras providências. **Lex**: **Secretaria de Município de Assuntos de Segurança Pública (SMASP)**. Prefeitura municipal de Santa Maria, 2007.

SANTA MARIA. Lei Municipal nº 4964, de 05 de janeiro de 2007. Regimento Interno Conselho Municipal Integrado de Segurança Pública de Santa Maria. **Lex**: **Secretaria de Município de Assuntos de Segurança Pública (SMASP)**. Prefeitura municipal de Santa Maria, 2007.

SCHERER, M. de F. & CARDOSO, E. S. **Nova Santa Marta**: Uma evolução histórica. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Departamento de Geociências, Grupo de Pesquisa em Educação e Território, 2005.

SCHUSTER, A. A revolução do PAC. **Santa Maria Notícias**, Santa Maria, out, 2007, p. 1.

SOARES, B. Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização. **Formação**, Universidade Estadual Paulista FCT/UNESP, Presidente Prudente, n. 6, p. 55 – 63, 1999.

\_\_\_\_\_. As cidades médias brasileiras: os desafios e a complexidade do seu papel na organização do espaço regional (década de 1970). **Boletim de Geografia**, Departamento de Geografia, Universidade de Maringá, Maringá, vol. 1, 2000.

SOUZA, C., HARLOS, Z. A. & MARQUES, R. A. C. Muros que separam: um estudo sobre o processo de diferenciação social entre vizinhos de uma localidade de periferia urbana. VII REUNIÃO DE ATROPOLOGIA DA AMÉRICA LATINA, 2007, Porto Alegre-RS. **Anais...**, Porto Alegre: UFRGS, 2007.

SOUZA, M. L. de. As drogas e a “questão urbana” no Brasil: a dinâmica sócio-espacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos. In: Castro, I. E., Gomes, P. C. da C. & Corrêa, R. L. (org). **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. **Urbanização e desenvolvimento no Brasil atual**. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Desafio metropolitano**: Um Estudo sobre a Problemática Sócio-espacial nas Metrôpoles Brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. Clima de Guerra Civil? Violência e Medo nas Grandes Cidades Brasileiras. In: Edu Silvestre de Albuquerque (org). **Que País é Esse? Pensando o Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Ed. Globo, 2005.

SPOSITO, M. E. B.. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, M. E. B. (Org) **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: GAsPERR – FCT/UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. Mesa redonda: Estudos Urbanos e Cidades Médias. In: VI SEMINÁRIO LATINO AMERICANO DE QUALIDADE DE VIDA E V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS URBANOS, 2006. Belo Horizonte-MG, **Anais ...** Belo Horizonte: PUC Minas, 2006.

STRECK, L. L. Violência, criminalidade, segurança pública e a modernidade tardia no Brasil. In: SANTOS, J. V. T dos (Org.). **Violência em tempo de globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 456-474.

SUAS – Sistema Único de Assistência Social. Desenvolvimento Social: Ministério do desenvolvimento Social e combate à fome. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/suas/conheca>> Acesso em: dez de 2007.

TONETTO, E. Endereço do tráfico ainda é o mesmo. **A Razão**, Santa Maria, 20 jul, 2005. Polícia, p. 14.

\_\_\_\_\_. Oito ataques por mês a taxistas. **A Razão**, Santa Maria, 22 ago, 2007. Polícia, p. 18.

UEDA, V. O Mercado Imobiliário na Cidade de Porto Alegre (RS): Os novos Empreendimentos e as suas Transformações no Espaço Urbano. In: SILVEIRA, R.L.L.da, PEREIRA, C. X. & UEDA, V. **Dinâmica Imobiliária e Reestruturação Urbana na América Latina**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006. p. 92-117.

WACQUATN, L. **As prisões da miséria**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência IV: os jovens do Brasil**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

ZALUAR, A. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UFRJ, 1994.

\_\_\_\_\_. A globalização do crime e os limites da explicação local. In: SANTOS, J. V. dos. (Org). **Violência em tempo de globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 91-100.

ZANELLA, A. Cuidado com o Patronato. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 03 fev, 2006. Polícia, p. 16.



**BIBLIOGRAFIA**

---

CARLOS, A. F. A Cidade e a Organização do Espaço. São Paulo. **Revista do Departamento de Geografia**, v.1, p. 105-111, 1982.

COSTA, da M. E. Cidades Médias: Contributos para a sua definição. **Finisterra**, XXXVII, 74, p. 101-128, 2002.

GERARDI, L. H. de O. & SILVA, B. C. N. **Quantificação em Geografia**. São Paulo: Diefel, 1981.

HIDALGO, R., BORSDORF, A. & SÁNCHEZ, R. Os Megaprojetos de Bairros Fechados e as Novas Periferias nas Metrôpoles Latino-americanas – o Caso de Santiago de Chile. In: SILVEIRA, R.L.L.da, PEREIRA, C. X. & UEDA, V. **Dinâmica Imobiliária e Reestruturação Urbana na América Latina**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006. p. 64-91.

MISSE, M. **O final da cadeia**: Interpretações da violência no Rio. Conferência realizada no Centro Cultural do Banco do Brasil, 1998. Disponível em: < <http://www.ifcs.ufrj.br/~misse/foucault.doc> >. Acesso em: ago de 2006.

PEREIRA, P. C. X. Reestruturação Imobiliária em São Paulo (SP): Especificidade e Tendência. In: SILVEIRA, R.L.L.da, PEREIRA, C. X. & UEDA, V. **Dinâmica Imobiliária e Reestruturação Urbana na América Latina**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006. p. 45-63.

QADEER, M. A. Segregação Étnica em uma Cidade Multicultural, Toronto, Canadá. **Revista Espaço & Debates: Segregações Urbanas**, São Paulo, v. 24, n. 45 – p.34-45, 2004.

RIBEIRO, L. C. de Q. **Dos cortiços aos condomínios fechados**: As formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: IPPUR, UFRJ: FASE, 1997.

RODRIGUES, A. M. **Moradia nas cidades**. São Paulo: Contexto, 1994.

SEABRA, O. C. de L. Território do uso: cotidiano e modo de vida. **Cidades: Revista Científica / Grupo de Estudos Urbanos**, Presidente Prudente, vol. 1, n. 1, 2004.

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. **O Brasil; território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. **Pobreza urbana**. Hucitec/ufpe/cnpu. São Paulo, SP, 1978.

SILVEIRA, R. L. L. da. **Cidade, corporação e periferia urbana**: acumulação do capital e segregação espacial na (re)produção do espaço urbano. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

SILVEIRA, R.L.L.da, PEREIRA, C. X. & UEDA, V. **Dinâmica imobiliária e reestruturação urbana na América Latina**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

SOARES, P. R. R. Produção Imobiliária e Crescimento Urbano em Cidades Médias: Pelotas e Rio Grande (RS). In: SILVEIRA, R.L.L.da, PEREIRA, C. X. & UEDA, V. **Dinâmica Imobiliária e Reestruturação Urbana na América Latina**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006. p. 159-192.

SOUZA, M. A. A. de. **A identidade da metrópole**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SPOSITO, M. E. B. Novos Conteúdos nas Periferias Urbanas das Cidades Médias do Estado de São Paulo, Brasil. *Investigaciones Geográficas, Boletín del Instituto de Geografía-UNAM*, n. 54, 2004. p. 114-139. Disponível em: < <http://www.igeograf.unam.mx/instituto/publicaciones/boletin/bol54/b54art7.pdf> > Acesso em: dez de 2006.

VELHO, G. Violência, Reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. **Revista Cidadania e violência**, Rio de Janeiro: Editora UFRJ: FGV, 1996.

\_\_\_\_\_. A Globalização do Crime e os Limites da Explicação Local. **Revista Cidadania e violência**, Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1996.

ZALUAR, A. **Integração perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

## **ANEXO**

### **Tipologia de Crimes segundo o Código Penal Brasileiro**

**a) Crimes contra a pessoa:**

**- Homicídio**

1. Homicídio simples: Art. 121. Matar alguém. Pena – reclusão, de 6 a 20 anos

2. Homicídio qualificado: § 2º. Se o homicídio é cometido:

I – mediante paga ou promessa de recompensa, ou por outro motivo torpe;

II – por motivo fútil

III – com emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou de que possa resultar perigo comum;

IV – à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido;

V – para assegurar a execução, a ocultação, a impunidade ou a vantagem de outro crime.

3. Homicídio culposo: § Se o homicídio é culposo: Pena – detenção, de 1 a 3 anos.

Aumento da pena: § 4º No homicídio culposo<sup>73</sup>, a pena é aumentada de um terço, se o crime resulta de inobservância de regra técnica de profissão, arte ou ofício, ou se o agente deixa de prestar imediato socorro a vítima, não procura diminuir as conseqüências do seu ato, ou foge para evitar prisão em flagrante. Sendo doloso<sup>74</sup> o homicídio, a pena é aumentada de um terço, se o crime é praticado contra pessoa menor de 14 anos. § 5º Na hipótese de homicídio culposo, o juiz poderá deixar de aplicar a pena, se as conseqüências de infração atingirem o próprio agente de forma tão grave que a sanção penal se torne desnecessária.

4. Infanticídio: Art. 123. Matar, sob a influencia do estado puerperal, o próprio filho, durante o parto ou logo após.

<sup>73</sup> Culposo, quando o agente deu causa ao resultado por imprudência, negligência ou imperícia.

<sup>74</sup> Doloso, quando o agente quis o resultado ou assumiu o risco de produzi-lo.

**- Lesão corporal**

1. Lesão corporal de natureza grave:

§ 1º Se resulta:

I – incapacidade para ocupações habituais, por mais de 30 dias;

II – perigo de vida;

III – debilidade permanente de membro, sentido ou função;

IV – aceleração de parto;

§ 2º Se resulta:

I – incapacidade permanente para o trabalho;

II – enfermidade incurável;

III – perda ou inutilização de membro, sentido ou função;

IV – deformidade permanente;

V – aborto

2. Lesão corporal seguida de morte

§ 3º Se resulta morte e as circunstâncias evidenciam que o agente não quis o resultado, nem assumiu o risco de produzi-lo.

3. Lesão corporal culposa

**b) Crimes contra o patrimônio**

**- Furto** (crime praticado sem a presença da vítima).

1. Furto: Art. 155. Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel.

2. Furto qualificado:

I – com destruição ou rompimento de obstáculo à subtração da coisa;

II – com abuso de confiança, ou mediante fraude, escalada ou destreza;

III – com emprego de chave falsa;

IV – mediante concurso de duas ou mais pessoas.

3. Furto de coisa comum. Art. 156. Subtrair o condomínio, co-herdeiro ou sócio, para si ou para outrem, a quem legitimamente a detém, a coisa comum.

**- Roubo**

Art. 157. Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência.

**c) Crime contra os costumes**

- **Estupro:** Art. 213. Constranger mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça.

**d) Tráfico e consumo de entorpecentes** (Legislação complementar)

Art. 1º É dever de toda pessoa física ou jurídica colaborar na prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica.

Art. 2º Ficam proibidos em todo território brasileiro o plantio, a cultura, a colheita e a exploração, por particulares, de todas as plantas das quais possa ser extraída substância entorpecente ou determine física ou psíquica.